

Paulo Souto Maior



ASSUMIR OU NÃO ASSUMIR

O LAMPIÃO DA ESQUINA E AS
HOMOSSEXUALIDADES NO BRASIL
(1978-1981)



LAMPIÃO da esquina
Ano 2 Nº 18 Rio de Janeiro/novembro, 1979 - C\$ 25,00
Lançado para leitores de 18 anos

Povo Gay já pode falar

JUSTIÇA ARGUIVA INQUÉRITO CONTRA LAMPIÃO

Não Se pode esperar 70 anos pra ter um orgasmo

QUANDO SE FAZ O TIRAO

CHANTAGEM NO BANHEIRO

AS GAYES DE DANIELA GLÓRIA

FLOR CAY

LAMPIÃO da esquina
Ano 2 Nº 24 Rio de Janeiro, maio de 1980, C\$ 8,5000
Lançado para leitores de 18 anos

HOMOSSEXUAIS, A NOVA FORÇA

NO ENCONTRO EM SÃO PAULO, GAYS E LESBICAS OCUPARAM O PRÓPRIO ESPAÇO. AS VIRAM A MESA E TIRAR OS TRAVESTIS

grátis, LAMPIÃO Nº 2

na pg. 9

Φ



Convido a todos a abrir este livro e, com ele, a se abrirem para novas maneiras de viver e pensar a vida e a sexualidade. Num momento em que a sociedade brasileira volta a respirar ares bastante carregados, em que cresce a intolerância e os microfascismos se espalham pelo cotidiano, quando os homossexuais são novamente pressionados a se fecharem em seus armários, quando não a negar-se a si mesmos, a sumirem da paisagem, em que há uma clara ameaça de fechamento da ordem democrática no país, em que grupos religiosos e políticos se articulam para fazer regredir os direitos conquistados pelos homossexuais, após muita luta, da qual este livro conta apenas um capítulo, é fundamental abrir este livro e, com ele, abrir a cabeça, a consciência, a racionalidade, para nos prepararmos política e subjetivamente para os embates que se avizinham contra as forças da noite, das trevas, da escuridão, aquelas que preferem que os homossexuais retornem para o breu da história. (...) Este livro serve para que façamos uma reflexão sobre o que os homossexuais conquistaram política e existencialmente na sociedade brasileira nas últimas décadas, e sobre como o fizeram, para alimentar a luta por novas conquistas, para nos encorajar para os embates que se travam nesses dias de incertezas e ameaças que vivemos no país. Para não sumir há que assumir, aprendizado político e existencial que faremos com essa história e neste livro, de excelente qualidade.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior
(UFRN/UEPB)



Assumir ou não assumir:
o Lampião da Esquina e
as homossexualidades no Brasil
(1978-1981)

Direção Editorial

Lucas Fontella Margoni

Comitê Científico

Prof. Dr. Durval Muniz de Albuquerque Júnior
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Prof.^a Dr.^a Joana Maria Pedro
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof.^a Dr.^a Regina Beatriz Guimarães Neto
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Assumir ou não assumir

**O Lampion da Esquina e as homossexualidades no Brasil
(1978-1981)**

Paulo Souto Maior



Diagramação: Marcelo A. S. Alves

Capa: Carole Kümmecke - <https://www.conceptualeditora.com/>

O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto Souto.

Assumir ou não assumir: o Lâmpião da Esquina e as homossexualidades no Brasil (1978-1981) [recurso eletrônico] / Paulo Souto Maior -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020.

222 p.

ISBN - 978-65-5917-082-1

DOI - 10.22350/9786559170821

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Lâmpião da Esquina; 2. homossexualidades; 3. Ditadura; 4. Estado; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 900

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900

Para Maria, minha mãe,
Para o Guilherme, meu companheiro.

Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue
Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado
Esse silêncio todo me atordoa
Atordoado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa.

*Cálice, Chico Buarque
1973(censurada), 1978(lançada).*

Quando a vida humilha a vida,
a vida resiste e se rebel.

Jorge Larrosa.

Vocês estão se tornando verdadeiros deuses para nós, porque vocês estão dando colorido às nossas vidas. A história dos nossos dias do homossexual brasileiro poderá ser contada em duas etapas bem distintas, muito bem distintas. Antes e depois (a partir...) do jornal LAMPIÃO.

*Jota Elle (Recife)
Lampião da Esquina, agosto de 1979*

Palavras iniciais

Este texto é fruto da dissertação de mestrado defendida na tarde de 09 de fevereiro de 2015, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob orientação do professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior e por uma banca composta pela professora Joana Maria Pedro e Regina Beatriz Guimarães Neto.

Nos últimos cinco anos, hesitei se deveria ou não publicá-la em formato de livro, ao mesmo tempo estudantes de graduação, mestrado e doutorado que estudavam a temática ou a fonte aqui analisada, me procuravam solicitando o texto.

Com o passar do tempo, autores passam a querer fazer modificações em seus textos e comigo não foi diferente. Porém, convenhamos, modificar um texto com meia década de existência é modifica-lo quase por inteiro, gerar outro livro, distinto do que foi inicialmente. Nesse sentido, optei com conservar a versão inicial do texto, depositada na biblioteca da UFPE, com breves modificações. Assim, o/a leitor/a tem em mãos uma versão quase original da minha dissertação de mestrado. E, acrescento, o que me foi possível fazer naquela já distante etapa da minha vida acadêmica.

Boa leitura.

Agradecimentos

Agradecer sempre acaba sendo uma forma de esquecimento, seja de um colega de turma a sugerir uma ideia diferente, seja do senhor que vende água na porta do CFCH-UFPE que me dizia sem cessar: “É meu *fi*, tem que estudar pra ser alguém na vida”. Pois bem, arrisco-me a esquecer de algum nome, mas não teria chegado até aqui sem grandes colaborações.

Agradeço ao professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior por ter aceito assumir o compromisso da orientação deste trabalho. Conhecemos pessoalmente no começo de agosto de 2011, quando o visitei no seu apartamento em Natal. Ele abriu a porta e me abraçou com o seu peculiar sorriso nos lábios, embalado pelo olhar esverdeado e certo. Ele, como dizia Manoel de Barros, poeta que tanto gosta, tem preguiça de ser sério. Agradeço pela sua leitura atenta, zelosa, criteriosa. Sem ele este trabalho jamais teria sido possível. Agradeço pelo seu pensamento, seus artigos, seus livros que atravessam minha vida acadêmica e pessoal. Enfim, sou grato pela sua amizade.

Agradeço à professora Ângela Maria Carneiro Araújo (Departamento de Ciências Políticas da UNICAMP) pela ajuda no projeto de pesquisa que resultou nesta dissertação e pela colaboração dada neste texto. Impressiona-me a sua leitura capaz de identificar rapidamente problemas e buscar solucioná-los.

Agradeço aos colegas e amigos da turma de mestrado em Cultura e Memória da UFPE, notadamente Joana Lucena, Dirceu Marroquim, Tasso Brito, Karem Almeida, Arthur Lira, com quem tive mais contato. Aos colegas que cursavam o curso de doutorado, especialmente Fábio Silva (Mob), Claudia Cavalcante (esses dois leram parte do primeiro capítulo e fizeram várias colaborações) e Fernanda Karoline, pelos conselhos e risadas que partilhávamos, principalmente nas manhãs de quarta-feira, no trajeto

Campina Grande-Recife; e também ao Jonas pela leitura atenta e minuciosa que fez do segundo capítulo.

A UFPE será uma etapa inesquecível na minha trajetória intelectual, devido ao seu corpo docente. Agradeço ao professor Antônio Torres Montenegro pelo curso de Teoria e Metodologia da História e pelas suas colaborações atentas para nos ver fazer um bom trabalho.

Agradeço a professora Regina Beatriz Guimarães Neto, uma das pessoas mais inteligentes com quem convivi. Cursei com ela três disciplinas consecutivas e tentava extrair o máximo possível do seu domínio teórico e metodológico. Além disso, ela estava disponível a colaborar com o trabalho dos alunos. O clima de suas aulas se completava pela amizade e atenção. Ela possui aquele estilo “mãezona” e trata os alunos em situação de respeito e igualdade, sem as conhecidas hierarquias acadêmicas.

Agradeço ainda ao professor Flávio Weinstein Teixeira que participou da banca de qualificação fazendo uma leitura atenciosa e dando sugestões que tentei seguir para a redação final.

Ah, o meu muito obrigado para Sandra e Patrícia, secretárias do PPGH, que dia a dia fazem um excelente trabalho naquele programa, facilitando a vida de professores e alunos.

A banca de qualificação permitiu conhecer algumas questões que estavam passando despercebidas, mas foram destacadas pela professora Cristina Scheibe Wolff (PPGH-UFSC), que também fez importantes sugestões. Agradeço pela sua leitura.

Agradeço as dicas da minha querida professora, tutora do PET-História da UFCG (grupo que integrei) e orientadora de graduação, Regina Coelli Gomes Nascimento. Todos meus trabalhos acadêmicos lembrarão o seu nome, exemplo de ética, amizade, ventura, docência e afeto.

Agradeço aos meus familiares: ao meu pai e ao meu irmão pela torcida, vibração positiva e crença de que eu conseguiria concluir este trabalho; agradeço a minha madrinha Dôra pela torcida e ajuda em vários momentos da minha vida; agradeço a vovó, aos primxs e tixs; agradeço a Lourdinha pela revisão do texto.

Agradeço pela torcida e amizade de vários amigos, os que permaneceram, os que chegaram e os que já se foram. Notadamente, meus

agradecimentos à amizade de Vanessa Cavalcanti, Janaína Maia e Eduardo Albuquerque que leram parte desse trabalho e fizeram perspicazes sugestões. Agradeço também pela leitura de Kyara Almeida. E, sem dúvida, a ajuda incansável de Miguel Zioli, historiógrafo de uma empresa em São Paulo que entrou na minha vida para ficar, ajudar, colaborar e viver bons momentos e agradáveis conversas.

Agradeço aos queridos Odimar Bonfim pelas indicações de referências bibliográficas, muitas risadas e por ter me apresentado ao Paulo Roberto de Almeida, que comprava e assinava o *Lampião da Esquina* nos distantes fins dos anos 1970 e que me emprestou toda a versão impressa para elaboração desta dissertação e ainda dos cerca de cinquenta livros, muitos deles esgotados, que me concedeu para ajudar neste trabalho.

Agradeço, principalmente, às duas principais pessoas da minha vida. Minha mãe, razão maior de tudo o que fiz e faço. Espero que esse trabalho possa orgulhá-la, pois ele só foi possível com a sua colaboração, o seu carinho, o seu amor. E, evidentemente, a um rapaz de nome Guilherme Figueiredo da Silva, meu lindo companheiro, meu amante, meu amor, meu melhor amigo, a melhor pessoa que pude encontrar para dividir a vida. Agradeço a ele pela paciência, muita mesmo! Pelo incentivo, por me encorajar sempre, por desejar meu sucesso, por querer ter comigo uma família, enfim, por dar sentido e contornos necessários a minha vida, que, aliás, é nossa.

Agradeço, por fim, ao CNPq por conceder uma bolsa de pesquisa para a realização desta dissertação, pois sem ela as condições de elaboração deste trabalho teriam sido mais difíceis.

Sumário

Entre o sumir e o assumir	17
Durval Muniz de Albuquerque Júnior	
Introdução	23
Capítulo I	42
A invenção dos corpos homossexuais	
1.1) A via crucis do corpo: o Lampião da Esquina como <i>acontecimento</i>	42
1.2) A emergência de um novo discurso sobre as homossexualidades	76
Capítulo II	115
Assumir-se: por quê? O dispositivo de confissão das homossexualidades no Brasil	
2.1) Aprender a nomear-se: a máquina de elaborar confissões.....	115
2.2) Tensões na ordem dos discursos: Trevisan e Aguinaldo Silva.....	149
Capítulo III.....	169
O volume do silêncio: As cartas e as subjetivações diante do assumir-se	
Considerações finais.....	207
Referências.....	210

Entre o sumir e o assumir

Durval Muniz de Albuquerque Júnior

Após a longa noite em que vivera o país, o imperativo era que tudo viesse à luz, tudo fosse feito às claras. Nos últimos anos do longo período de ditadura, que se iniciara em 1964, diversos grupos sociais, diversas forças políticas se posicionavam em defesa da liberdade de ação e pensamento. Após um período de fechamento se reivindicava e se construía um período de abertura política. Um período em que tudo deveria ser aberto e em que todos deveriam se abrir. Após anos de chumbo, anos de uma atmosfera carregada, de ares rarefeitos, o Brasil parecia ganhar novos ares, as mentes pareciam ou se queriam mais arejadas. Aquilo e aqueles que estiveram por muito tempo fora da cena, invisíveis, padecendo nos porões da vida cotidiana ou nos porões do regime, buscavam ganhar visibilidade, queriam ocupar a cena, sair dos guetos e prisões onde estiveram encerrados. Ao lado da campanha por uma anistia ampla, geral e irrestrita, outras vidas, outros sujeitos emergiam na cena pública, reivindicando, eles também, a aceitação ampla da sociedade em relação ao seu comportamento, ao seu desejo, à seu corpo, à sua vida. Após o longo período em que qualquer um poderia, por motivos políticos e ideológicos, mas também por questões morais, vir a sumir, a desaparecer, a tornar-se um desaparecido, novos lugares de sujeito emergem a partir do imperativo político e ético de assumir, de assumir-se.

Nos anos finais da ditadura civil e militar que infelicitou a vida brasileira por cerca de vinte e cinco anos, o sujeito homossexual emergiu na cena pública, na vida política brasileira. Foi no chamado período de abertura política que homossexuais das classes médias, que homossexuais ligados às atividades artísticas e intelectuais, resolveram se abrir

publicamente, confessando e afirmando a sua condição, o seu desejo, o seu corpo, a sua opção na vida sexual e afetiva. O movimento homossexual brasileiro se constituía inspirado na movimentação política dos homossexuais nos Estados Unidos e em alguns países da Europa, onde alguns desses fundadores do movimento homossexual no país estiveram exilados e puderam conhecer uma experiência de organização política e constituição do sujeito público homossexual. Em momentos de abertura política, esse grupo de homens homossexuais resolveram criar um jornal, um pequeno periódico voltado para esse público, no mesmo instante em que participavam da fundação dos primeiros grupos de militância política dos homossexuais, visando abrir os armários em que estiveram escondidos por muito tempo. O sair do armário, o assumir-se publicamente como sujeito homossexual, o revelar o seu desejo, as suas preferências eróticas e afetivas tornou-se, para o discurso emitido por esse periódico, uma espécie de imperativo categórico, de obrigação política para os homossexuais.

O livro que vocês têm em mãos, intitulado (aqui coloque o título final), escrito como dissertação de Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Pernambuco, por Paulo Souto Maior, analisa esse período da história brasileira, o chamado período de abertura política, a partir da emergência do movimento homossexual e, mais detidamente, a partir da emergência do enunciado que, ao mesmo tempo, se impunha como uma tarefa política e ético-moral do assumir-se. Para isso ele se deteve na análise dos discursos veiculados pelo jornal *Lâmpião da Esquina*, o primeiro periódico publicado no país voltado para o público homossexual que conseguiu ter ampla circulação e visibilidade social. A partir da análise das diversas colunas e dos editoriais que compunham o jornal, em todo o curto período em que circulou, cerca de quatro anos, Paulo trata da fabricação discursiva do que poderíamos chamar de dispositivo do armário, para usar um conceito de Michel Foucault, uma das referências teóricas de seu trabalho, ao mesmo tempo em que se fabricava, que se inventava o imperativo do assumir-se, o dispositivo “sáida do armário”. Visando convocar os homossexuais a virem a público, a

se constituírem como sujeitos públicos, como sujeitos políticos, o jornal *Lampião da Esquina*, denunciou e, ao mesmo tempo, delineou, definiu, deu visibilidade e dizibilidade ao que seria uma vida no armário, a uma vida submetida ao dispositivo do armário, submetida a regras, códigos, práticas, instituições, saberes e poderes voltados para manter as experiências homossexuais e homoafetivas na clandestinidade, na invisibilidade, relegadas aos espaços privados e íntimos, reduzidas a experiências furtivas e realizadas no anonimato, encobertas pela vergonha e pelo estigma, realizadas sob o signo da culpa e da autopunição.

Ao mesmo tempo, os discursos que circulavam através do jornal, sejam de seus colunistas, de seus entrevistados, ou de seus leitores, através da seção de cartas enviadas à redação, iam delineando também o imperativo do assumir-se, iam colocando como uma atitude política e, ao mesmo tempo, uma atitude existencial, o sair do armário, o abrir a porta de saída de uma vida de clausura e clandestinidade. Num momento definido como de abertura política o jornal apresenta como um imperativo o abrir-se publicamente, atualizando aquilo que Michel Foucault nomeou de dispositivo da confissão. Acreditava-se que o confessar publicamente, que o ato de abrir sua vida, que o ato de torná-la pública significava um gesto de liberdade e empoderamento. Num momento em que a liberdade era uma reivindicação de grande parte da sociedade brasileira, os homossexuais davam a esse conceito novos significados e novos conteúdos ao associar liberdade política, liberdade democrática com liberdade dos corpos, dos desejos, como o libertar-se de códigos morais, de valores e costumes que significavam um limite e um estorvo para a vida daqueles cujos desejos nomadizavam em direções não previstas nos códigos sociais dominantes, que não estavam configurados conforme as normas. O livro mostra que, embora o imperativo do assumir-se seja praticamente uma unanimidade entre aqueles que fazem o jornal, há divergências marcantes em como fazê-lo e em que condições e oportunidades isso devia se realizar. Nessas divergências delineiam-se diferentes perfis de como deveria ser esse

sujeito homossexual assumido, esse sujeito homossexual militante, esse sujeito homossexual público, cidadão.

Para sujeitos que se constituem, desde muito cedo, em torno do dilema da abertura ou do não abertura, de se abrem ou não abrem o seu corpo, a sua vida, a sua fala, para novas experiências, para novas experimentações, para novos conceitos acerca de si mesmo ou dos outros, o surgimento de uma experiência coletiva, de uma experiência que podia ser partilhada, que não precisava mais ser vivida sozinha, em grande medida escondida, silenciada, negada, recusada até para si mesmo, configuram novas maneiras de se ser sujeito, novas maneiras de produzir a si mesmo, de se subjetivar, de praticar o si mesmo, de cuidar de si mesmo, de escrever a si. O assumir-se, ao mesmo tempo que aparece como um imperativo moral e político, como a inauguração do sujeito público e político homossexual, como a entrada em cena na macropolítica de um sujeito homossexual, que logo se denominará como “gai”, numa importação de um conceito norte-americano para figurar um sujeito da alegria e do riso em contraposição ao imaginário em torno da homossexualidade que a associa à infelicidade, à tristeza, à melancolia, à doença física e psíquica, aparece como um processo de subjetivação, como um modelo de sujeito que emula e estimula a entrada de dados corpos e desejos numa outra micropolítica. À medida que essa politização se dá através dos corpos, do desejo, ela implica em mudanças na vida, no comportamento, na maneira de se ver e se dizer de cada indivíduo que se coloca como sujeito dessa ação, desse imperativo de assumir-se. O gesto de sair do armário implica, não apenas, a formulação e simulação de um sujeito coletivo, mas implica num trabalho de si para consigo, num trabalho de redescrição e redefinição do si mesmo, num trabalho de reelaboração de um eu, de um si mesmo que se abre para novos devires, para novos fluxos do desejo, para novos agenciamentos, para novas experimentações à medida que abre as portas do armário e deixa o ar e a luz entrarem em suas vidas de bonecas ou de bichas enrustidas.

Ao mesmo tempo que surgem, no país, locais destinados à sociabilidade do público homossexual, no mesmo momento em que os

homossexuais passam a ser considerados como consumidores, como um público do qual pode se extrair lucro e em torno do qual pode-se constituir um mercado, a reivindicação política de saída do armário reforça esse processo de saída da clandestinidade das vivências e experiências homoeróticas e homoafetivas. Ao mesmo tempo que reivindicam o sair à luz do dia, a publicização e a publicidade de um sujeito homossexual, gay, as travestis, as bonecas montadas, as drag queens brilham sob as luzes dos espetáculos, das apresentações em casas de show, boates, até nos auditórios de programas televisivos. A leitura desse livro é importante, ela se torna indispensável para que compreendamos que os acontecimentos históricos, que os processos históricos estão sempre carregados de ambiguidades e virtualidades incontrolláveis. Ele nos mostra o quanto foi decisivo para a mudança da sociedade brasileira, da vida dos homossexuais a luta política empreendida pela movimento homossexual brasileiro, o quanto foi importante para muitas vidas o enunciado e o imperativo político e ético do assumir-se, do sair do armário, mas, como, ao mesmo tempo, esse processo está carregado de armadilhas, como o assumir-se, o confessar publicamente a homossexualidade está passível de capturas pelo mercado, pela economia capitalista, pela ordem jurídica e administrativa dominante, como esse processo de construção de um homossexual cidadão pode resultar na normalização e controle crescentes sobre as vidas daqueles que se reconhecem como sujeitos homossexuais, como o sair do armário pode não ser necessariamente libertador, à medida que investe na inclusão na ordem social e jurídica de comportamentos e desejos antes vistos e vividos como transgressivos.

Convido a todos a abrir esse livro e, com ele, a se abrirem para novas maneiras de viver e pensar a vida e a sexualidade. Num momento em que a sociedade brasileira volta a respirar ares bastante carregados, em que cresce a intolerância e os microfascismos se espalham pelo cotidiano, quando os homossexuais são novamente pressionados a se fecharem em seus armários, quando não a negar-se a si mesmos, a sumirem da paisagem, em que há uma clara ameaça de fechamento da ordem democrática no país, em que

grupos religiosos e políticos se articulam para fazer regredir os direitos conquistados pelos homossexuais, após muita luta, da qual esse livro conta apenas um capítulo, é fundamental abrir esse livro e, com ele, abrir a cabeça, a consciência, a racionalidade, para nos prepararmos política e subjetivamente para os embates que se avizinham contra as forças da noite, das trevas, da escuridão, aquelas que preferem que os homossexuais retornem para o breu da história. Numa época em que se oferece e se reivindica a “cura gay”, é estimulante, é fortificante, é quase um remédio, ler um livro que fala de como os homossexuais se livraram da culpa, como se confessando gay se livraram do cura, do padre, do confessor, do médico, do psicanalista. Ele nos fornece um aprendizado, uma experiência que nos estimula, agora, a resistirmos ao pastor, ao psiquiatra, ao deputado e senador, as “fadinhas da floresta”, aos “bolsonazi”, aos “mala sem alça”, aos “infelícios” que tentam novamente fazer a vida e os desejos homoeróticos e homoafetivos se cobrirem de culpa, vergonha e estigma, no delírio fascista que os move de fazer com que essa “espécie de pecadores ou doentes” suma. Novamente parece se colocar o dilema entre o sumir e o assumir para os homossexuais, os desejos de extermínio (do qual o nazismo deu mostra definitiva) estão novamente em circulação. Esse livro, surge, portanto, num momento oportuno e estratégico, pois a volta ao passado, a narrativa da história só tem sentido quando incide concreta e decisivamente no presente. Não escrevemos a história por causa do passado, mas visando o presente. Esse livro serve para que façamos uma reflexão sobre o que os homossexuais conquistaram política e existencialmente na sociedade brasileira nas últimas décadas, e sobre como o fizeram, para alimentar a luta por novas conquistas, para nos encorajar para os embates que se travam nesses dias de incertezas e ameaças que vivemos no país. Para não sumir há que assumir, aprendizado político e existencial que faremos com essa história e nesse livro, de excelente qualidade.

Introdução

O ano de 1978 pode ser considerado como um marco significativo e um dos pontos de inflexão na história das homossexualidades no Brasil. Em abril daquele ano chegava às bancas de revistas o número zero de *Lampião da esquina*, primeiro jornal escrito por um grupo de intelectuais homossexuais e que circulou nacionalmente durante os derradeiros anos do regime militar, mais especificamente entre 1978-1981.

Nas páginas de *Lampião* encontram-se relatos significativos do período em que os homossexuais tomaram a palavra para si, argumentaram, ocuparam um espaço conquistado pela força de uma escrita na primeira pessoa do singular ou do plural, gestada em condições históricas ainda difíceis para abordar um tema até então considerado impróprio de ser mencionado no dia a dia, quanto mais impresso nas páginas de um periódico.

As páginas de *Lampião* trazem uma ferrenha luta para inverter o sentido, negativo, que se tinha quando se pensava em homossexualidade. Seus editores lutavam, em outra frente, não apenas contra o silêncio que se lhes era imposto, salvo nas páginas literárias de alguns autores que ousaram abordar o tema, mas também para fazer frente aos discursos da medicina, que lhes estigmatizava como portadores de uma doença.

Em um primeiro momento, a ideia de seus criadores era a de lutar contra todos os tipos de estigmas em prol das “minorias”, isso porque *Lampião* foi fundado em meio à luta de outros grupos que, sentindo-se marginalizados em seus direitos, buscavam espaço na sociedade civil, lutando por igualdade e o fim do preconceito. Entre os mais ativos estavam as “feministas”, os “negros”, os adeptos da causa ambiental, os indígenas e, devido ao *Lampião*, os homossexuais.

Os escritos que *Lampião* fez circular, permitem lançar luz sobre um momento significativo da história das homossexualidades no Brasil, na passagem dos anos 1970 para os anos 1980. Ali se encontram outros textos, sobre os mais diversos assuntos, cuja leitura nos ajuda a perceber quais as condições sociais e políticas que permitiram seu florescimento naquele momento.

Possivelmente, quando as suas edições mensais chegavam aos leitores, não houvesse apenas satisfação com a leitura de temas que lhes diziam respeito, mas igualmente certo espanto diante de outros, inéditos, ali abordados, como a relação entre homossexualidade e religião.

E, foi durante a leitura desse e de outros tantos temas, que se tornou possível perceber como o jornal insistia na temática da confissão da sexualidade, expressa e contida na palavra “assumir-se”. À medida que lia, ia percebendo como a construção da identidade do homossexual, na contemporaneidade, está baseada na ideia de aceitar-se e de se assumir homossexual numa sociedade majoritariamente heterossexual.

A proposta do *Lampião* de trabalhar o tema das homossexualidades de forma positiva continua, ainda hoje, mais de trinta anos depois, em pauta, pois, embora as condições históricas tenham se alterado, trata-se de um tema atual, como recentemente foi possível perceber pela polêmica causada diante de um personagem homossexual em novela de sucesso na televisão¹.

Lampião durou apenas três anos, mas a luta pela construção de uma identidade homossexual prosseguiu. Na década de 1990, precisamente a partir de 1996, mais um passo foi dado. Era fundada a *Edições GLS*, uma editora especializada em publicar títulos voltados ao público homossexual. Não por acaso, o primeiro título publicado se chamava *Tornar-se gay: o caminho da auto-aceitação*². No mesmo período, grandes veículos de comunicação, como a Folha de S. Paulo começaram a abrir espaço para os

¹ Estou me referindo ao personagem vivido por Matheus Solano, o Félix, na novela *Amor à Vida* (2011), de Walcyr Carrasco, exibida pela Rede Globo. Na trama, Félix era o vilão e depois que houve a exposição pública da sua homossexualidade, a personagem se torna o mocinho da novela.

² Ver: ISAY, Richard A. *Tornar-se gay: o caminho da auto aceitação*. São Paulo: Edições GLS, 1998.

homossexuais. Cabe destacar aqui a Coluna Gay veiculada na Revista da Folha e inicialmente escrita por André Fischer. E, desde o final dos anos 1990, com o início da era da Internet, canais virtuais³ também têm levado adiante o exercício de se assumir, ora incentivando, ora aconselhando quais as atitudes mais adequadas nesse processo.

Comecei a refletir sobre como teria se constituído esse discurso a respeito da identidade homossexual, especificamente no Brasil. Queria compreender, portanto, de onde vem essa construção discursiva que pode estar na raiz da identidade homossexual: o assumir-se publicamente. Importava compreender em que momento se deu a *emergência*⁴ dessa ideia.

Esboça-se a necessidade de estudar como ocorreu a naturalização do pensamento de que o homossexual precisa assumir a homossexualidade, isso dentro de uma área de estudos ainda pouco formulada teoricamente: a história das homossexualidades no Brasil. Procurei relacionar essa temática aos textos que lia no *Lampião da Esquina* e se formulou o objetivo desta dissertação: investigar em que momento e que condições históricas permitiram a ocorrência e a emergência do imperativo de assumir-se homossexual ou daquilo que chamo, também inspirado nos escritos de Michel Foucault, de dispositivo da confissão da homossexualidade.

A construção de modelos e normas de ser/estar homossexual tem a sua história: elas aparecem em determinadas relações de espaço-tempo, emergem em precisos momentos e obedecem a relações de saber-poder que ditam, esboçam maneiras que se pretendem corretas de se comportar. Desse modo, tal construção visa a objetivos e colaboram com a constituição de atitudes, normas, leis, conselhos, subjetividades, maneiras de se enquadrar em campos delimitados, deixando-se afetar ou não pela força dos

³ Conforme é possível conferir em <http://pt.wikihow.com/Se-Assumir-Gay-ou-L%C3%A9g%C3%A9sima>. Acessado em 04 de julho de 2014.

⁴ A noção de emergência em Foucault se diferencia da noção de origem porque, dentre outras razões, ela traz a ideia de autenticidade, de verdade, de essência e de exatidão. Seria “querer retirar todas as máscaras para desvelar enfim uma identidade primeira”. Não se trataria, portanto, de negar a origem, mas de problematizá-la e, para isso, Foucault, inspirado em Nietzsche, propõe operar com a noção de emergência que não tem um nascimento exato, surge no descontínuo, fruto da ação de um conjunto de forças que faz com que algo aconteça. Para mais informações, ver: FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In.: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

enunciados, pois a imprensa articula e aciona, na esfera de sua historicidade, políticas de verdade⁵.

Para integrar o objetivo principal, ou seja, a análise do dispositivo de confissão das homossexualidades foram estabelecidas algumas metas nesta investigação. Delineou-se, a partir da leitura das fontes, a preocupação em se analisar a hipótese de que naquele momento histórico passava a ser construída discursivamente uma nova figura para os homossexuais, longe dos estereótipos forjados pelos discursos que dele se ocupavam até então, que procuraram relacioná-lo à delinquência ou mesmo a uma patologia.

Parece ter sido no final da década de 1970 que ocorreu o início de uma construção imagético-discursiva que procurava dar corpo e sentidos próprios aos homossexuais. Para isso, procurei ler os textos escritos por editores e colaboradores do periódico, preocupados em formular uma maneira de ser e estar para os homossexuais. Com isso, o *Lampião* passava a ter uma função particular a alguns periódicos, funcionar como *acontecimentos* históricos úteis e necessários na fabricação de novos mundos e na modelagem de subjetividades inéditas para os sujeitos que os leem.

Lampião tem sido fonte para autores que têm se debruçado sobre aspectos da história das homossexualidades no Brasil, levantando questões pontuais. Entretanto, esses trabalhos não abordaram a questão do discurso do assumir-se no periódico.

Um desses trabalhos foi *Além do Carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*, de 1889-1985, do brasilianista norte-americano, James Naylor Green, publicado em 2000. Sua pesquisa tornou-se referência para os trabalhos sobre gênero no país. Ele aborda a conjuntura que levou ao surgimento do movimento homossexual na década de 1970. Para Green, foi entre 1969 e 1980 que ocorreram as condições históricas e sociais para o florescimento de certo tipo de imprensa gay⁶. Além

⁵ NJAINE, Kathie; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Análise do discurso da imprensa sobre rebeliões de jovens infratores em regime de privação de liberdade. *Ciência & Saúde Coletiva*, São Paulo, v. 7, n.2, 2002.

⁶ Para maiores informações consultar: GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil (1889-1980)*. São Paulo: Unesp, 2000.

disso, esses pequenos jornais eram influenciados por algumas publicações editadas nos Estados Unidos. Desde os anos 1960, aponta Green, essa influência da cultura homossexual já se fazia presente no Brasil por meio de um jornal gay de curta duração intitulado *Gente Gay*. O *Lampião da esquina* seria uma publicação inspirada nos periódicos norte-americanos voltados para o público homossexual, especialmente o jornal *Gay Sunshine*.

No entanto, o autor sustenta que a preocupação do grupo que criou o *Lampião* era sair do gueto, romper com estereótipos de que o homossexual deveria viver escondido e cercado de poucos amigos também do meio. Devido a isso, o periódico passou a influenciar organizações de homossexuais. O *Somos, Grupo de Afirmação Homossexual*, foi uma delas. O destaque conferido por Green aos discursos do *Lampião* deve-se à inovação no modo de escrever e ver as relações entre pessoas do mesmo sexo, rompendo com os textos médico-legais, tão característicos da primeira metade do século XX.

O estudo de Facchini, *Sopa de Letrinhas*⁷, sobre a dinâmica do movimento homossexual valendo-se de processos de elaboração de identidade coletivas, critica o trabalho de Green, pelo fato de ele, de acordo com as palavras de Facchini, ter adotado uma perspectiva “evolucionista” para explicar o início do movimento gay, ou seja, o fato de ter havido vários pequenos fatos, a contar com a publicação de jornais e espaços de sociabilidade, que permitiram condições amadurecidas para o movimento. Facchini trabalha com o *Lampião da Esquina* visando a mostrar como o vínculo do grupo contribuiu para dinamizar a rede social do movimento homossexual brasileiro, ressaltando a sua importância na criação de identidades.

Lampião teve uma sessão de cartas de leitores em todos os seus números. Conhecida como *Cartas na mesa*, essa seção constituiu objeto de análise da dissertação de Márcio Leopoldo Bandeira intitulada “*Será que*

⁷ FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

ele é?’ Sobre quando o Lampião da Esquina colocou as Cartas na Mesa”⁸. A leitura que o autor faz tem dois objetivos: a análise da construção das subjetividades dos indivíduos no ato de escrever cartas e da atitude de se reconhecer homossexuais, através da escrita dessas correspondências enviadas ao jornal.

Bandeira não abdica do seu lugar de historiador: ele contextualiza, situa, demarca. Aí a fonte aparece associada também aos ideais jovens da contracultura norte-americana e europeia com variadas formas de tratar o erotismo, os “valores morais” e os comportamentos vigentes. Mais do que isso: para Bandeira, o *Lampião da Esquina* insere o homossexual numa relação igualitária junto a outros discriminados. A análise da sessão de cartas do jornal sugere que havia pessoas apoiando a afirmação homossexual em diversos lugares do país.

Há outro trabalho sobre o *Lampião*: “*Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil contemporâneo*”⁹, dissertação elaborada por Cláudio Roberto da Silva, com o qual esta pesquisa traçará vínculos maiores. O projeto de Silva debruça-se quase exclusivamente sobre os relatos orais, entrevistando membros do corpo editorial do *Lampião da Esquina*, a fim de historicizar o movimento político desencadeado por essa publicação e a constituição de movimento homossexual no país. Confere destaque à constituição identitária do movimento homossexual que teria se dado, especialmente, devido ao autoexílio de pessoas que moraram no exterior e se tornaram locutores importantes das mudanças da época, influenciados, segundo a visão do autor, pela *abertura política* do regime militar e por movimentos como a contracultura.

A fonte usada nesta dissertação permite ler aspectos de sociabilidades em algumas cidades do Nordeste, o que fez o artigo *Trilhas urbanas, armadilhas humanas: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos*

⁸ BANDEIRA, Márcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?: Sobre quando Lampião da Esquina colocou as cartas na mesa*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da PUC-São Paulo, 2006.

⁹ SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil Contemporâneo*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, 1999.

*setenta e oitenta*¹⁰. Valendo-se da História Cultural, os autores, Durval Muniz de Albuquerque Júnior e Rodrigo Ceballos, recorrem a periódicos, como o *Lampião da Esquina*, e ao *Jornal do Comércio*, de Pernambuco, a fim de cartografar como vinham se constituindo espaços de lazer e diversão para culturas homossexuais em algumas cidades do Nordeste, sem deixar de reconhecer a existência de ambientes onde a violência contra os homossexuais se fazia presente.

Dentre os locais de sociabilidade, os autores enumeram praias, bicos, bares, discotecas e banheiros públicos, evidenciando-se, de fato, a conquista de vários ambientes, o desejo de ser aceito em locais de sociabilidades não somente gays. Daí o problema formulado pelos pesquisadores: muitas das propagandas e informações sobre os espaços de sociabilidade se referiam ao Nordeste, região construída historicamente como machista e conservadora em seus costumes. Assim, recorrem ao *Lampião da Esquina* para, no terreno das sociabilidades, desconstruir o argumento de um Nordeste como espaço apenas para machos.

Desse modo, de acordo com meus estudos, a pesquisa da confissão da sexualidade no jornal era uma lacuna que agora, espero até de forma pretençiosa, possa ser preenchida por esta dissertação. Pretendo alcançar esse objetivo por meio de uma análise arqueológica de toda uma formação discursiva¹¹ sobre o tema nas páginas do *Lampião*.

O ato de escrever é endereçado, escreve-se para alguém, ainda que para si mesmo. Assim, dar e atribuir são dois verbos que se aproximam dos objetivos daqueles que exercem a escritura e com o *Lampião* isso não foi diferente. Ao dar aos homossexuais o direito à voz, ele lhes dava também o direito a um corpo. Até então, os homossexuais não elaboravam os discursos sobre si mesmos, esses discursos eram “construídos” por outras

¹⁰ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: A construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In.: SChPUN, Mônica Raissa. *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc 2004.

¹¹ Entendemos formação discursiva como algo que é regular num conjunto de discursos, para isso é necessário realizar uma história serial para compreender o que se repete, bem como as rupturas que irão modificar o que estava se repetindo. Ver: FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

esferas discursivas e, por tal razão, parte de sua história permaneceu inserida na história da medicina.

Fazer falar as homossexualidades e trabalhar para o assumir-se pode ter sido uma maneira de libertar os homossexuais. As constantes referências sobre o assumir-se nas correspondências enviadas ao *Lampião* nos levam à hipótese de que se tratasse de um tema que ganhava relevância entre os homossexuais. Apesar das cartas serem selecionadas pela equipe editorial, concentravam-se nesse tema. Ou talvez, por tratarem desse tema é que os editores as selecionassem.

É nesse sentido que procuro pensar essas questões relativas ao se assumir gay, à luz de uma literatura americana pensada por nomes ligados à teoria *queer*, como Eve Kosofsky Sedgwick¹² e David Halperin¹³.

Esses teóricos preocuparam-se em discutir os perigos do dispositivo de sexualidade para os homossexuais que recorreu à confissão como um importante mecanismo de controle dos corpos dos indivíduos, limitando a vida e a possibilidade de novas formas de criação. Além disso, eles parecem não corroborar com o imperativo de assumir-se, analisando-o criticamente.

Ambos, Sedgwick e Halperin, perceberam que a confissão da homossexualidade estava distante de uma garantia de felicidade. Pelo contrário, aproximava-se bem mais de uma relação de poder com objetivos de aprisionar os homossexuais dentro de uma identidade única e estática que, talvez, se colocasse acima de várias outras e seria representada pela frase “eu sou homossexual”.

A questão do assumir-se homossexual durante o regime militar no Brasil foi estudada por Pedro de Souza em *Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade*. Nesse livro o autor elege como

¹² Sedgwick defende a ideia de que assumir a homossexualidade não é garantia de felicidade e a vida dentro do armário também pode ter uma felicidade. Mais discussões do livro serão feitas ao longo do trabalho. Ver: SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do armário. In: MISKOLCI, Richard e SIMÕES, Júlio (org). *Cadernos Pagu* “Quererer”, V.28, p. 19-36, 2007.

¹³ Este autor defende que o assumir-se é uma relação de poder porque, dentre outras razões, por meio de alguns discursos se induz alguém a fazer falar a sexualidade. Para ver mais: HALPERIN, David. *San Foucault: Para una hagiografía gay*. Buenos Aires: El cuenco de plata, 2007.

material de análise as cartas enviadas ao grupo *Somos* para estudar de que modo elas funcionam como um canal de confissão de si. Souza destaca que falar sobre a sexualidade é geralmente um processo que envolve medos e dúvidas¹⁴.

Edward MacRae situou pela primeira vez a preocupação do jornal com o tema do assumir-se. No livro, fruto de sua tese de doutorado, *A construção da Igualdade*, MacRae aborda o momento histórico e as características da militância homossexual na passagem dos anos 1970-80. Aí ele diagnostica que o tema do assumir-se foi muito utilizado tanto no *Lampião* quanto no grupo *Somos*, citando inclusive que parece ter ocorrido desavenças na redação do jornal em relação a essa temática. Tanto o trabalho de MacRae como o de Souza tocam *en passant* no assumir-se. Com este trabalho, espero contribuir para aprofundar um pouco mais essa questão.

Na efetivação do que proponho realizar, procurou-se dialogar com as noções de acontecimento, corpo, confissão e dispositivo, aproximando-os do debate historiográfico.

A atual discussão em torno do acontecimento o retira do campo do óbvio, do que é colocado pelas fontes como evento localizado e datado e passa a ser historicizado, passa a ser encarado como a irrupção do novo. Um dos resultados desse debate é a aproximação do historiador dos eventos e dos seus atores com a atenção voltada ao heterogêneo que surge das configurações sociais e identitárias. Significa dizer, portanto, que desse ponto de vista o acontecimento pode ser entendido como a narrativa do que irrompe e, por sua vez, instaura diferenças.

A questão do acontecimento no debate historiográfico atual não corresponde a uma relação causal com o passado, conforme se via na historiografia do século XIX, nem com a dimensão acontecimental na vida de um indivíduo, uma vez que as sociedades constroem o campo da

¹⁴ Souza alertou para o fato de que o ritual de se dizer homossexual publicamente envolvia necessariamente o reconhecimento e a identificação do indivíduo consigo mesmo. Consultar: SOUZA, Pedro de. *Confidencias da carne: o Público e o Privado na Enunciação da Sexualidade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

política por meio de acontecimentos históricos. A relação entre acontecimento e historicidade deve ser entendida nas rupturas no tempo.

De acordo com François Dosse, o acontecimento não deve se perder na narrativa historiográfica, sem a qual, por sinal, ele não existe. Pelo contrário, o acontecimento, singular que é, deve caminhar junto à narrativa; ele vem em paralelo, não trazendo consequências, mas chamando a atenção às singularidades que ele propõe. A narrativa acontecimental precisa necessariamente deixar-se surpreender, perceber o que está por vir, pontua Dosse, que aconselha o historiador a não deixar de fazer revisão de suas interpretações.

Entre o impactante e o emotivo¹⁵, pois está ligado ao campo do sensível que afeta as vidas humanas, o acontecimento solicita atenção redobrada. Pode seduzir em demasia por estar, de um lado, entre o intempestivo, o que antecipa, e, do outro, o da experiência, o que se lembra, emociona, às esferas ligadas aos sentimentos, posto que funcionam como reação dos atores a algum acontecimento. O acontecimento, circunscrito numa dispersão, para usar a expressão de Foucault, exige atenção minuciosa do historiador¹⁶.

A discussão de acontecimento tratada nesse estudo foge das formulações de parte da historiografia francesa dos anos 1980. Segundo Jean Lacouture¹⁷, “o acontecimento é definido por ruptura e conhecimento”[...] “mas se for preciso avaliar como uma sociedade se move, como uma mudança coletiva se dá, constataremos que o ‘acontecimento’ não raro é apenas o criador de emoções passageiras”¹⁸. Para o autor, essa discussão está associada ao que chama história imediata, ou seja, história do tempo presente com uma função de diferenciar a prática do acontecimento entre

¹⁵ Ver: DOSSE, François. *Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix*. São Paulo: Editora UNESP, 2013, p.145.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Para essa breve discussão lançamos mão do texto A história imediata de Lacouture, disponível em: LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

¹⁸ LACOUTURE, Jean. A história imediata. In.: LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990, p.311

o jornalista e o historiador, dado que para este o acontecimento parece ser apenas um elo a ligar as experiências dos sujeitos.

Em discussão mais recente, o acontecimento parece ora maligno, por nunca ir embora, ora, esperançoso, devido às suas possibilidades de sempre estar na ordem do dia, modificando o transcurso dos tempos, demarcando sua singularidade. Foge da mera narrativização e exige a construção do seu sentido. “Cabe ao nosso tempo afirmar a força intempestiva do acontecimento na qualidade de manifestação da novidade, aprendido como começo”¹⁹.

Quando a historiografia diagnostica a invenção de determinada prática ou saber, apesar do pouco consenso acerca do termo invenção entre os historiadores, busca, aproximando-se dos estudos de Foucault²⁰, contemplar o singular, o descontínuo. É também uma produção que parte do presente “mesmo quando analisa as várias camadas de discursos que o construíram ao longo do tempo, pois esta historiografia é atravessada pelo tropo da ironia, que traz a participação do discurso do historiador na construção da realidade que narra para o centro da reflexão”²¹.

A invenção do corpo homossexual no jornal se dá com os editores escrevendo suas opiniões e modificando visões da homossexualidade até então naturalizadas no Brasil. Passaram a fazer isso lançando mão do corpo homossexual, inventando-o discursivamente. Compete à história recorrer a esses corpos, estudá-los como máquinas de guerra²² e discursivas, operar sobre ele um *desvio*²³ de elementos naturais para um campo cultural, tornando-os históricos.

¹⁹ DOSSE, François. Op. cit, p.13.

²⁰ FOUCAULT, Michel. Ibidem, p.12

²¹ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007, p.26.

²² Considerar o corpo máquina de guerra é vê-lo como uma potência em constante fazer e estar nômade. Semelhante a uma máquina, o corpo é marcado por conexões, mas também por desejos. De acordo com Deleuze e Guattari “um fluxo de guerra absoluta que escoo de um pólo ofensivo a um pólo defensivo e não é marcado senão por quanta (forças materiais e psíquicas que são como que disponibilidades nominais da guerra). Ver: DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Felix. *Mil Platôs*: volume 3. São Paulo: Editora 34, 2010, p.97. Para os autores toda criação passa por uma máquina de guerra

²³ CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In.: *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2010, p.79.

Uma história de mudanças nas concepções de corpo encontra-se em desenvolvimento com a contracultura dos anos 1960 e o feminismo da década seguinte, afirmou Roy Porter²⁴. Porque esses acontecimentos e os que deles se derivam questionam hierarquias levando a uma série de transformações culturais. Porter recorda o surgimento de livros abordando a temática do corpo num sentido cultural, como foi o caso de *Rabelais and his world*, de Mikhael Bakhtin, cujo estudo toma o corpo como resistência aos poderes oficiais.

Em 1970, um número da revista dos *Annales* trazia para o debate a história biológica, especialmente os estudos de François Jacob. Pouco depois, Le Goff aconselhava os historiadores a realizar um estudo das culturas e das sociedades através do corpo²⁵. Porém, é com os estudos de Michel Foucault sobre a *História da Sexualidade* e a formulação do estudo do poder relacionado ao enquadramento, disciplinamento e correção dos corpos que a discussão se intensifica.

Os historiadores, ao elegerem o corpo como objeto de estudo, precisavam detectar que “a distribuição da função e da responsabilidade entre o corpo e a mente, o corpo e a alma, difere extremamente segundo o século, a classe, as circunstâncias e a cultura, e as sociedades com frequência possuem uma pluralidade de significados recorrentes”²⁶. A efetivação dessa área de estudo emerge no campo da história das mentalidades, a partir do diálogo com outras áreas de conhecimento. A Sociologia e a Antropologia, cada uma ao seu modo, atentaram para os símbolos fabricados na relação corpo-sociedade. A história demográfica produziu estatísticas fundamentais nas pesquisas de classe e cultura.

Os cinco sentidos constituintes do corpo – tato, olfato, paladar, visão, audição – são artefatos da cultura. Eles existem por meio das discursividades e o tocar, o sentir, o cheirar, o degustar, o ver não se operam por

²⁴ PORTER, Roy. História do corpo. In.: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

²⁵ DEL PRIORE, Mary. A história do Corpo e a Nova História: Uma autópsia. *Revista de História* (USP), 1994, p.48-55. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26974>. Acessado em 01/01/2004.

²⁶ PORTER, Roy. Op.cit, p.308.

significados sem um aparato cultural. Objeto da ciência, da medicina, da justiça, o corpo homossexual é manipulado pelo Estado por meio da biopolítica, ao permitir ou proibir *o que pode um corpo*²⁷.

Michel Foucault mostrou o poder do corpo durante a modernidade. Foi por meio do corpo que se construiu um conjunto de saberes para adestrar o comportamento sexual do indivíduo. O corpo se tornou o protagonista do dispositivo de sexualidade, virou palco de um conjunto de discursos que adestrou maneiras de se portar com relação à sexualidade. Foi naquele momento histórico, em fins do século XVIII, que o homossexual surge como espécie, um doente que precisa ser curado. As falas sobre o corpo têm a potência de criar e modificar realidades e práticas que se constroem discursivamente. Ao construir textualmente os homossexuais, *Lampião* trouxe questões relativas à homossexualidade para a ordem do dia, dialogando e debatendo questões ligadas ao corpo homossexual. Corpo esse que é pensado aqui como produção discursiva a construir novos comportamentos para esse personagem, sobretudo a partir de 1978.

A Segunda Guerra Mundial pode ser considerada um divisor de águas na história dos corpos. Com ela, as sociabilidades e suas derivações se modificam. Os homens deixam as áreas rurais e as pequenas cidades, sobretudo nos Estados Unidos, e vão para os campos de batalha e suas esposas passam a administrar a casa, gerindo seu sustento em atividades externas ligadas ou não diretamente à guerra e mais tarde entram efetivamente no mercado de trabalho. Nos anos 1940, a população de vários países do Ocidente, entre os quais os Estados Unidos e o Brasil, começam a deixar os campos em direção às cidades. Nesse cenário, as mulheres passam a ter um papel cada vez mais decisivo nessas mudanças sociais. Parte de seus maridos, talvez desejosos da presença feminina, talvez carentes do amparo que a mulher, símbolo de delicadeza e atenção, pudesse lhes dar, travestem-se para os companheiros realizando atividades ligadas ao feminino²⁸.

²⁷ SPINOZA, Benedictus. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

²⁸ TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges(orgs). *História da virilidade 3: A virilidade em crise séculos XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013.

Após a Guerra, foi a vez de Kinsey, médico americano, em 1948, divulgar seus estudos que abalam certezas construídas anos a fio: a heterossexualidade não era tão maioria quanto se pensava. Isso porque, graças ao caráter performático das identidades, muitos “homossexuais” se faziam passar por “heterossexuais”, dentre outras descobertas, inclusive relacionadas à bissexualidade. O estigma levou os homossexuais a se valem de uma série de estereótipos para encobrir um dos seus maiores medos: a descoberta de sua preferência sexual. Mas ao longo dos anos 1950, a cultura norte-americana assistiu a uma inversão das imagens dos homossexuais que passaram a construir pequenas publicações, organizar reuniões objetivando alterar o lugar a eles reservado na sociedade, lutar para sair das malhas do discurso médico²⁹.

Ao lançar mão do periódico, como fonte e objeto dessa caminhada, sua abordagem não se dará como se fez comumente em certos modelos de análise histórica. Tal modelo pedia a autenticidade da fonte; dizia-se a verdade ou não; daí seria possível usá-la como voz de um passado. Esse tipo de história pedia continuidade nos acontecimentos. Nosso objetivo, ao contrário, é, seguindo Foucault, “esse deslocamento do descontínuo: sua passagem do obstáculo à prática; sua integração no discurso do historiador”³⁰.

O *Lampião da Esquina* será pensado como uma formação discursiva, por desconsiderar ideias de casualidade e de tradição. O meu foco na fonte foi pensá-la criticamente a partir das condições de possibilidade para a existência dos discursos do *assumir*, percebendo-o em relações de saber-poder.

Certamente, o eixo desta pesquisa é o estudo de uma formação discursiva, conceito trabalhado também por Foucault na sua obra *A Arqueologia do Saber*, segundo a qual os estudos devem partir não do sujeito ou do objeto, mas do discurso, por entender que as palavras instituem *saberes* sobre o objeto de que falam.

²⁹ Para maiores informações, ver: RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de identidade*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2011.

³⁰ FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p.10.

A formação discursiva versa sobre as condições de possibilidades de um discurso desde sua construção e procurando identificar as estratégias de saber que o engendram. Deseja-se conhecer a possibilidade de ordem, a partir da qual determinada prática se forma; localizar a transformação de dado objeto. A leitura exercida aqui é feita como uma prática discursiva que é organizada, produzida para o exercício da função enunciativa e ganha sentido pela sua capacidade de produzir verdades e de serem apropriadas pelos sujeitos. Ainda quando do trato desse conceito, procura-se descrever um domínio de associações que está constituído pelas relações que podem ser estabelecidas entre enunciados que compartilham de um mesmo estatuto. Simultaneamente, ajuda a perceber o espaço onde os objetos se transformam, pois,

a formação dos objetos depende das relações que se estabelecem entre superfícies de emergência, instâncias de delimitação e grades de especificação e essas relações não são alheias ao discurso. Elas não explicam como o objeto está constituído, e sim por que em uma determinada época começou-se a falar, por exemplo, de determinados comportamentos e condutas³¹.

Vale deixar claro que a singularidade do enunciado - mesmo que esse faça parte de uma formação discursiva qualquer - não permite que ele se veja enclausurado na racionalidade de tal formação. Isso seria como dizer que um enunciado se conecta e se resume a uma ideologia, encaixando-se em suas delimitações lógicas, o que não é o caso, nem nas formulações de Foucault, tampouco aqui.

Outro conceito que percorre todo esse trabalho é o da confissão, lido numa História Cultural ancorada em análise discursiva de investigação dos começos³², da tentativa de análise de textos em constantes confrontos e, daí, fazendo emergir condições de interpretação do mundo. Aqui é convidativo visualizar como se dão os movimentos da história, personagens

³¹ CASTRO, Edgardo. *Vocabulário Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p.178.

³² Trata-se do modelo de uma história genealógica pensado por Foucault no texto "Nietzsche, a Genealogia e a História", cuja discussão investe nas descontinuidades, em perceber as lacunas, opondo-se a uma história metafísica. Ver: Foucault, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2010.

envolvidos, o que está em pauta e o que parece inocente nos textos dessa imprensa, com relevo importante na construção de identidades. Então, se em dado momento se evidenciaram discursos de assumir a sexualidade no *Lampião*, tal atitude provavelmente emergiu para controle dos sujeitos, como se verá nos capítulos desta dissertação.

O conceito de *confissão* situa melhor uma direção diante do problema principal deste texto, o *assumir-se*. Confissão é um termo datado historicamente na extração de *uma verdade* do interlocutor e utilizado por vários filósofos, mas para efeito da problematização que aqui se pretende, entende-se ser melhor lançar mão da noção foucaultiana, por situar mudanças nas técnicas de confissão no Ocidente.

Edgardo Castro mapeia a historicização efetuada por Foucault, ao tratar da confissão. Foi a partir do cristianismo primitivo, e não na Antiguidade, que emergiu essa vontade de falar de si mesmo e se tornou fundante na história do Ocidente. Posteriormente, no medievo, esteve relacionada à prática da penitência. Em seguida, assistiu-se, em tempos de Reforma e Contrarreforma, ao binarismo do permitido e do proibido para que pudesse chegar a uma *scientia sexualis*, meio pelo qual a confissão é extraída num eixo saber-poder.

Desta feita, a confissão se dissemina em inúmeras áreas das práticas sociais: na escola, na família, no hospital, na prisão e não deixou de ocorrer. O conceito de confissão abre possibilidades de refletir uma sociedade que articulou o difícil saber do sexo, não na transmissão do segredo, mas em torno da lenta ascensão da confiança. A confissão permanece como a matriz geral que rege a produção do discurso sobre a verdade do sexo, mas ela se transformou. No problema abordado neste estudo recorre-se ao modo como Foucault entende a confissão, um conjunto de técnicas utilizadas para produzir e extrair um discurso verdadeiro sobre o sujeito³³.

Outra importante ferramenta teórica nesta pesquisa será o uso do conceito de subjetividade, entendendo-o como costumaram pensar os

³³ Idem, *ibidem*, p.264.

conhecidos filósofos da desconstrução, notadamente Michel Foucault e Gilles Deleuze. A subjetividade, na esteira aberta por esses autores, tem a ver com um processo que os sujeitos efetuam sobre si mesmos, modificando suas práticas e atitudes quando do contato com saberes que circulam na sociedade. Esses processos de subjetivação são transitórios, estão constantemente se modificando, atualizando-se e são significativos das atitudes dos sujeitos. Portanto, o uso desse conceito estará atrelado notadamente ao modo como os leitores do *Lampião*, através de suas cartas enviadas à redação, modificavam-se diante dos discursos do assumir-se divulgados no periódico.

Do ponto de vista metodológico, da operacionalização com as fontes, impressas, de modo geral, esta dissertação lida com análises dos discursos. O pesquisador deve buscar por que, em quais circunstâncias, onde, em que época, sob quais relações de poder emergiram esses discursos. Porque um momento “não preexiste aos enunciados que a exprimem nem as visibilidades que a preenchem”³⁴.

Localizada e selecionada a fonte, coube, durante a pesquisa, realizar a sua leitura criticamente e recortar textos pertinentes a este estudo. Cada um dos textos escolhidos foi examinado pensando sua associação com as entrevistas de cada edição, com os eventos que divulgavam, as notícias que vinculavam, o espaço ocupado pelas entrevistas e os entrevistados. Coube, sobretudo, historicizar as práticas discursivas presentes no jornal.

As regras formuladas para trabalhar com periódicos já conta, no Brasil, desde a década de 1970, com uma quantidade considerável de pesquisas, conforme vemos em Biroli, 2008; Charaudeau, 2006; Foucault, 1977; Luca, 2005; Njaine & Minayo, 2002; Samara & Tupy, 2007. Porém, para os procedimentos de análise deste projeto foram utilizadas a divisão e a metodologia cunhada por Durval Muniz de Albuquerque Júnior, ao propor uma análise externa e uma análise interna com esse tipo de fonte. O olhar externo do qual nos fala Albuquerque Júnior merece uma

³⁴ DELEUZE, Gilles. Um novo cartógrafo. In.: *Foucault*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1988, p.58.

investigação das relações sociais e do eixo espaço-tempo, no qual está inserida a fonte³⁵. Num caminho foucaultiano, deve-se perguntar pelas condições de emergência de um determinado enunciado, quando ele irrompeu, no nosso caso o *Lampião da Esquina*. Trata-se de fazer uma cartografia do momento histórico e das relações de poder-saber desse discurso.

Quanto à análise interna, não se trata somente do que circunscreve a fonte. O discurso é, em si mesmo, outro acontecimento e, valendo-se dessa máxima, o *Lampião da Esquina* será tratado como um acontecimento com características próprias, existência particular, com regras de produção características de periódicos, atentando como e por que algo foi dito.

Com o propósito de também situar o *Lampião da Esquina* a partir do seu lugar de fala, é pertinente analisá-lo como um discurso de mídia. Esse diálogo com a fonte inspirou-se em Patrick Charaudeau, que entende a mídia, não como transmissora do que ocorre na realidade social, mas aquela que dita a própria percepção do espaço público³⁶. Assim, no caso do *Lampião*, é importante ater-se às condições de produção também numa análise sócio-discursiva associada às falas que o constituem.

Essa perspectiva evidencia a notícia, não somente associada ao saber, mas igualmente ao poder dado à autoridade do que diz, a aptidão do que informa e a legitimidade daquilo que julga pertinente transmitir. Daí, ver para esta pesquisa a ordem e desordem desse discurso, a fim de mapear a fabricação intencional de suas enunciações, que fornecem informações como propulsor de desejos do consumo da informação³⁷.

Baseado nesses aportes teórico-metodológicos, o **primeiro capítulo**, *A invenção dos corpos homossexuais*, irá trazer uma discussão sobre o acontecimento *Lampião da Esquina*, tomando o jornal como uma ruptura e modificação com a realidade dos homossexuais. Assim, estaremos

³⁵ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Discursos e Pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia. In.: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (orgs). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012.

³⁶ CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

³⁷ Idem, *ibidem*.

preocupados em mostrar quais as condições de emergência que permitiram a possibilidade da fundação e distribuição do jornal. De modo geral, esse caminho da pesquisa será oportuno na problemática geral do capítulo, a de que naquela época se inventou um corpo homossexual, isto é, foi dito, construído, formulado e lido por sujeitos que se autodeclaravam homossexuais.

O **segundo capítulo**, *Assumir-se: Por quê? O dispositivo de confissão da homossexualidade no Brasil*, tratará de diagnosticar a emergência do dispositivo de confissão da sexualidade no Brasil. *Lampião* esteve preocupado em difundir um conjunto de enunciados a respeito do assumir-se homossexual. Iremos mostrar as estratégias desses discursos, como eles funcionavam e as disputas internas da redação em torno da problemática do *assumir-se*.

Por fim, no **terceiro capítulo**, *Escritas de si como um sopro de vida: As cartas e as subjetivações diante do assumir-se*, irá estudar de que modo os discursos do assumir-se passavam a fazer parte das subjetividades dos leitores. Lançaremos mão como fonte as cartas de leitores enviadas ao jornal. Acreditamos que elas são importantes ferramentas para o que chamaremos de dispositivo de confissão da homossexualidade por duas razões: 1) a sua seleção não é ingênua por parte dos jornalistas do *Lampião*; 2) os sentimentos e angústias que elas expressam mostram como esses sujeitos estabelecem relação direta no seu cotidiano com o assumir-se.

Espero que você, leitor, goste da leitura.

Capítulo I

A invenção dos corpos homossexuais

1.1) A via crucis do corpo: o Lampião da Esquina como *acontecimento*

Ao sair perambulando pela rua, talvez tentando não “dar pinta”, talvez lembrando de mais um amigo assassinado, ou, quem sabe, recordando o cara que paquerava na parada de ônibus e nunca mais aparecera, encontra algo inesperado na banca de revistas. Eis o jovem Antônio Cabral Filho, movido pela surpresa de encontrar na banca de revistas aquele corpo, um tanto pequeno mas extremamente atrativo. Antônio o lê e entendia que aquela leitura devia ser compartilhada. Talvez, por isso, tenha escrito: “divulguem este herói, porque ele é o único com estas características”³⁸.

Sabia que com poucos dias pelas ruas, o sucesso dele foi crescente e um novelo de emoções se teceu rapidamente. Não hesitou em escrever sobre a sensação trazida pela novidade:

Dirijo-me a este jornal com o intuito de trazer-lhes um mínimo do enorme sucesso que está sendo a sua criação. Digo isto de coração, porque o interesse que tenho notado na multidão guei acerca deste arauto de uma legião proscrita é digno de ser transmitido, para que, senão todos, pelo menos alguns, os mais inteligentes, compartilhem desse prazer imenso³⁹.

Desde o outono de 1978, esse corpo estava nas ruas, Brasil afora. Ele não fora o primeiro, mas suas páginas traziam cumplicidade. Trazia mais: esperança, despertava desejos, criava possibilidades. Em cores e marcas

³⁸ FILHO, Antônio Cabral. Nós: ‘heróis’ e ‘arautos’. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, 25 de junho de 1978, p.14.

³⁹ Idem p. 14.

atrativas, foi alvo de especulações, de amizades e de disputas. Passava de mão em mão, era emprestado, sobretudo para aqueles envergonhados, ou impossibilitados de ir buscá-los diretamente nas bancas. A leitura de seu conteúdo abria possibilidades de se discutir assuntos até então silenciados.

Seu diferencial estava não apenas na variedade de temas ali contidos, mas na seriedade com que esses conteúdos eram abordados. E assim ele agradou a muitos, não deixando de despertar, ao mesmo tempo, a ira daqueles que condenavam tal ousadia. Tratava-se de textos e fotos que convidavam à ação, à aceitação de si, à ideia de que os desejos de seus leitores pudessem ser externados sem culpas. Textos e fotos convidavam, enfim, sem meias palavras, ao “assumir-se”. No fim dos anos 1970, aquele periódico funcionava como caleidoscópio, cada gesto era singular e, por isso, ou melhor, a partir disso, aquele corpo surgia com a intenção de escrever mais um capítulo da história da homossexualidade, mas procurando reescrevê-la a contrapelo⁴⁰, devido à sua singularidade como acontecimento, ou seja, aquilo que irrompe em determinado momento e provoca uma série de modificações nos lugares pelos quais passa.

Esse corpo do qual falamos é o *Lampião da Esquina*, periódico produzido e publicado por homossexuais, cuja circulação iniciou-se em abril de 1978. A edição inicial contava com dezesseis páginas e trazia seções variadas, entre as quais *Cartas na mesa*, espaço de publicação das correspondências de leitores; *Tendências*, geralmente com informações sobre filmes, peças de teatro, lançamento de obras literárias, espaço para trechos de livros ou poemas; e *Esquina*, seção com assuntos destinados ao comportamento homossexual.

À medida que o jornal tornava-se conhecido entre leitores e assinantes, não apenas nos grandes centros, mas também nos mais distantes rincões do Brasil, outras seções foram surgindo. É o caso de *Bixórdia* que trazia histórias protagonizadas por homossexuais. O jornal explicava aos leitores que o título da seção tinha o objetivo de abrir espaço para a

⁴⁰ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *Obras Escolhidas volume 1: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 2010.

“representação do que é livre, autopermittido”⁴¹ porque no seu conteúdo “se misturam viados, bichas, perobos, tias, sobrinhas, primas, entendidos, gueis, transadores, mariconas, paineleiros, frescos, frutas e xinbugos”⁴².

Embora a década de 1970 já estivesse próxima de seu fim, só então os homossexuais começavam a escrever sua história de maneira positiva, residindo aí, talvez, por um lado, o espanto de ler histórias protagonizadas por si mesmos como, a dificuldade de encontrarem um termo único que se lhes definisse. Diante da profusão de termos apresentados, muitos deles tomados do discurso daqueles que lhes pretendiam ofender, os mais utilizados pelo grupo foram: homossexuais, gueis ou gays, este último importado diretamente do idioma inglês e disseminado nos Estados Unidos.

A primeira capa do *Lampião* trazia como matéria central o dilema vivido pelo jornalista Celso Cury e tinha como chamada *Celso Cury processado. Mas qual é o crime deste rapaz?* O processado era repórter do jornal paulista *Última Hora*, jornal no qual assinava uma coluna intitulada, *Coluna do Meio*. Naquele espaço, Cury procurava abordar o *homossexualismo* como um tema comum, longe dos estereótipos que haviam contribuído para solidificar a imagem da minoria homossexual na sociedade.

Embora Cury tenha sido oficialmente demitido do jornal por “contenção de despesas”, sua saída valeu-lhe um processo contra a moral e os bons costumes, segundo o artigo 17, da Lei nº 5.250 (Lei de Imprensa), fato que colocava em dúvida a alegação do jornal. Daí, o questionamento na matéria então publicada.

Cabe lembrar aqui que um episódio como esse ocorreu em um período em que o país ainda vivia em estado de exceção política, com parte significativa dos direitos civis tolhidos pelos Atos Institucionais⁴³, que

⁴¹ Bixórcia. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro: outubro de 1978, p.12.

⁴² Idem.

⁴³ Atos elaborados durante a ditadura militar (1964-1985). Geralmente o que propunham deveria ser posto em prática de imediato. Para ver mais, consulte: <http://www4.planalto.gov.br/legislacao/legislacao-historica/atos-institucionais>. Acessado em 23-02-2014.

foram configurando o autoritarismo do regime, a partir do golpe de estado de 1964 e no qual parcela significativa da sociedade ainda acreditava que a homossexualidade fosse uma doença.

Celso Cury e sua coluna foram denunciados por promoverem “a licença de costumes e o homossexualismo especificamente”⁴⁴, segundo o registro do superintendente do Departamento Regional de São Paulo. Por outro lado, trata-se de um episódio significativo porque foi justamente naquele mesmo período que os homossexuais começavam a produzir, com mais publicidade, um discurso redigido pelo próprio grupo, não apenas para dialogar com outros setores sociais, mas, principalmente, para questionarem temas controversos, como o da demissão de Celso Cury.

Ao propor uma discussão como essa, já em sua primeira edição, *Lampião* desenhava um dos seus lugares de fala, em especial o da visibilidade e das práticas homossexuais e as consequências provocadas por esse ousado ato. Até então os discursos de construção da imagem da homossexualidade vinham sendo elaborados pela literatura, pela pintura e pelas artes em geral, mas de forma intermitente, assim como pela medicina e pelo direito.

O Lampião propunha discutir a homossexualidade, um tema sempre tão controverso na sociedade brasileira, de forma clara, ampla e direta. Assim, modificava visões dadas sobre a homossexualidade na época.

“Acreditar no mundo significa principalmente suscitar acontecimentos, mesmo pequenos, que escapem ao controle, ou engendrem novos espaços-tempo, mesmo que de superfície ou volume reduzidos”, destaca Deleuze⁴⁵. Essa parece ter sido a ideia central do grupo que editou o *Lampião da Esquina*, entre abril 1978 e junho de 1981, um jornal alternativo, com uma escrita e uma literatura que, a seu modo, contribuíram para a invenção de uma sensibilidade em torno do corpo homossexual.

⁴⁴ TREVISAN, João Silvério. Demissão, processo, perseguições. Mas qual é o crime de Celso Cúri? *Lampião da esquina*. Rio de Janeiro, abril de 1978, p.6.

⁴⁵ DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.218.

Este estudo toma o *Lampião da Esquina* não apenas como fonte, mas como produtor de *acontecimentos* significativos na história da homossexualidade no Brasil, porque procurou romper com as formas até então propostas de escrever e de se referir à homossexualidade. É o que se pode perceber também pela leitura das matérias ali contidas sobre temas diversos, com especial destaque para as lutas de grupos estigmatizados pela sociedade. Na produção do periódico, os assuntos selecionados para virar notícia, assim como o engajamento social dos seus editores em tempos de repressão, podem ser apontados como alguns dos aspectos singulares de sua trajetória, diferente de quase tudo que se havia publicado sobre o tema.

Além disso, faz-se necessário aqui uma ressalva: ao lado da crença de que era possível dar voz aos homossexuais, não se pode esquecer de que a produção do *Lampião* só foi possível devido à implantação, em 1970, do método *off-set*, uma forma de impressão à frio com a possibilidade de cópias a baixos custos e pequenas tiragens⁴⁶. Foi esse pequeno, mas fundamental avanço da técnica que permitiu ao *Lampião* atingir mais de quinze mil exemplares mensais, em praticamente todo o Brasil. Quanto à sua distribuição em bancas e o envio para os endereços de seus leitores – seja para as caixas postais ou para suas residências – também só foi possível porque àquela altura os Correios, paradoxalmente, um dos orgulhos dos militares, atingiam um padrão de qualidade muito mais elevado do que o conhecido até então.

Outro fator a ser lembrado aqui é o fato de que o jornal emergia em um momento em que a psicologia produzia um discurso que se contrapunha ao discurso médico sobre o *status* da homossexualidade⁴⁷. Assim, um dos objetivos deste capítulo é procurar evidenciar as condições históricas que permitiram a emergência de *Lampião*. O segundo objetivo é mostrar

⁴⁶Ver: BANDEIRA, Marcio Leopoldo Gomes. Op.cit, p.54.

⁴⁷ Respectivamente em 1973, a homossexualidade deixou de ser considerada doença pela Associação Americana de Psiquiatria. Em 1975, a Associação Americana de Psicologia também a retirou do quadro de doenças. No Brasil, apenas em 1985, a Associação Brasileira de Psiquiatria deixa de considerá-la como um desvio sexual. Ver: FILHO, Fernando Silva Teixeira. Disponível em <http://www.assis.unesp.br/Home/Instituicao/Congregacao/564%20%20Oficio%20do%20Dr.%20Fernando%20Silva%20Teixeira%20Filho.pdf>. Acessado em 15 de julho de 2014.

o periódico como um *acontecimento* histórico no campo das homossexualidades.

A ideia que suscitou a fundação de um jornal homossexual, tomado aqui como um acontecimento, ocorreu em 1977 por ocasião da visita ao Brasil de Wiston Leyland, editor do *Gay Sunshine*, revista gay norte americana que contou com colaborações de significativos nomes das letras norte-americanas, como o do teatrólogo Tennessee Williams (1911-1983) e do escritor Truman Capote (1924-1984)⁴⁸ ao Brasil.

A viagem de Leyland objetivava reunir textos de escritores brasileiros para uma coletânea de literatura gay latino-americana. Por conta disto, João Antônio Mascarenhas (1927-1988), conhecido, como se diz atualmente, ativista homossexual, organizou uma reunião com alguns jornalistas no seu apartamento em Copacabana. Alguns dos convidados compareceram àquela reunião e, enquanto a tarde caía e o mar se acinzentava progressivamente, Mascarenhas lançou a proposta de criarem um jornal homossexual no Brasil. Passado o espanto diante de inusitada e ousada proposta, os onze convidados começaram a discutir uma forma de viabilizar a proposição de Mascarenhas. Um deles propôs um jornal que falasse das minorias. Durante a reunião esta ideia teria prevalecido, mas, na prática, *O Lampião* acabou sendo um veículo composto de textos com temáticas voltadas sobretudo aos homossexuais.

Em abril do ano seguinte, chegava às bancas o número zero do *Lampião*. Apenas na edição de número um passou a ser denominado de *Lampião da Esquina*, um título propositalmente ambíguo, pois uma esquina sugere a possibilidade de se seguir por vários caminhos assim como lhes parecia ocorrer com a própria sexualidade.

Quanto à palavra *lapião*, também vinha carregada de significados, pois sugeria a iluminação de um espaço escuro, remetendo, no caso dos homossexuais, à ideia da obscuridade do universo homossexual e da clandestinidade de suas relações, além de, em uma segunda hipótese, estar

⁴⁸ *Jornal Visão*, 17 de abril de 1978. Trata-se de um recorte parcial da matéria, o que torna incompleta a citação bibliográfica.

diretamente ligada à atitude dos michês⁴⁹, que no final dos anos 60 começaram a se postar nas ruas do centro de São Paulo e do Rio de Janeiro e de outras capitais brasileiras à espera de “clientes” e de suas propostas sexuais. A palavra *lapião* é também uma alusão provocativa à figura do mítico cangaceiro Lampião, símbolo, por excelência, da masculinidade e da virilidade, sobretudo no Nordeste brasileiro.

Com o *Lapião*, o homossexual ganhava um corpo expresso discursivamente. Esse corpo passou a existir falando de si mesmo, ao construir escritas de si, num caleidoscópio de alegrias, dores, temores e sonhos. Esse jornal procurava dar voz aos corpos homossexuais que desejassem se assumir numa sociedade construída sobre os moldes de uma ciência sexual⁵⁰ criativa, formulada no Ocidente do final do século XIX. Tal ciência condenava os indivíduos a policiarem seus desejos, suas práticas, seus atos, a anularem suas existências em obediência a um conjunto de regras que acabou por transformar a sexualidade numa disciplina, com instruções de usos, permissões e proibições.

A partir de abril de 1978, com *Lapião*, os homossexuais começaram a produzir e divulgar um discurso que se contrapunha aos discursos jurídicos e médicos formulados sobre as suas práticas. Traziam assim, para o centro do debate sobre a homossexualidade novas questões. Sobre esse corpo buscam construir um novo saber para a homossexualidade na história do Brasil

“Mas um jornal homossexual, para quê?”⁵¹, perguntava o editorial da primeira edição, delineando a invenção histórica dos corpos homossexuais. Uma das razões era, como já foi expresso aqui, construir outra imagem do homossexual, agora não mais oculto nas trevas do silêncio que se lhes

⁴⁹ Essa hipótese se baseia na obra de Néstor Perlongher, que estudou a prostituição na cidade de São Paulo. Seu trabalho, defendido como dissertação de mestrado e publicado nos anos 1980, tornou-se uma referência nos estudos de sexualidade e desejo. Talvez uma das razões esteja nas fontes, ao entrevistar clientes, michês, entendidos, um dos termos usados na época para se referir à homossexualidade. Nessas entrevistas identificou que a constituição identitária desses sujeitos são construídas de acordo com determinadas situações. Para maiores informações, consulte PERLONGHER, Nestor. *O negócio do Michê: A prostituição em São Paulo*: Fundação Perseu Abramo, 2008.

⁵⁰ FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade volume 1: A vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2009.

⁵¹ O conselho editorial. Saíndo do Gueto. *Lapião da Esquina*. Rio de Janeiro, abril de 1978. p. 2.

era imposto, mas iluminado pela luz de um lampião, do *Lampião*. O que se procurava inicialmente era abordar a situação do estigma social sofrido por eles, defender o direito de existir numa sociedade que sempre pretendeu-lhes negar isso.

O primeiro editorial, intitulado *Saindo do gueto*, explicitava o propósito de derrubar as fronteiras que buscavam manter o corpo e a voz dos homossexuais à margem da sociedade civil organizada. Para os editores, tornava-se necessário sair das zonas obscuras, do segredo, do anonimato social. Cabe lembrar aqui que *Lampião* foi criado em momento de enfraquecimento do regime militar⁵², durante a presidência do general Ernesto Geisel (1974-1979), quando se iniciou o projeto de distensão política, lenta e gradual, que permitiria ao governo conduzir o processo de abertura política, clamado cada vez mais intensamente pela sociedade civil organizada.

Foi naquele período que surgiu uma imprensa denominada “nanica”⁵³, destinada a produzir impressos, geralmente com poucos recursos de produção, comparada aos grandes veículos de comunicação, a maioria em formato tabloide, tratando de temas ainda pouco debatidos, tais como *Pasquim*, *Ovelha Negra*, *Versus*, mas que ganharam as ruas das cidades brasileiras.

O grupo que fundou o *Lampião*, conhecido como *Senhores do Conselho*, um título alusivo à seriedade diante do uso do pronome de tratamento. Pois, quem são estes indivíduos? Adão Costa, jornalista e pintor, responsável pela tradução de textos do inglês para o português; Aguinaldo Silva, jornalista, com experiência na imprensa alternativa e autor de livros sobre assuntos policiais⁵⁴; Clóvis Marques, jornalista, tradutor

⁵² Com duração de 1964-1985, a Ditadura Militar no Brasil caracteriza um momento de repressão, censura, prisão e assassinato das oposições ao regime, mesclado a um interstício de avanço econômico, além do fim das eleições diretas para presidente da república. Sobre a campanha de censura durante esse período, consulte FICO, Carlos. Represión durante la ditadura militar brasileña (1964-1985): violencia y pretensión pedagógica. *Revista de Estudios Latinoamericanos*. Volume 1, p. 17-41, 2009

⁵³ Imprensa nanica passava a caracterizar uma produção caseira e em menor escala cujo objetivo geralmente era um público leitor específico. Em fins dos anos 1970 a imprensa nanica ainda se encontrava muito próxima dos grupos de esquerda. Ver ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; CEBALLOS, Rodrigo. Op.cit.

⁵⁴ Aguinaldo Silva, natural de Carpina, Pernambuco, atualmente é muito conhecido como autor de novelas. Dentre os seus sucessos, destacam-se: Roque Santeiro (1985), Vale Tudo (1988), Tieta (1989), Fera Ferida (1993), Senhora do Destino (2004).

e importante crítico de cinema; Darcy Penteadado, artista plástico e escritor, “foi o primeiro intelectual brasileiro a defraudar publicamente a bandeira de luta contra a discriminação e o preconceito em relação aos homossexuais”⁵⁵; Francisco Bittencourt, jornalista, escritor e crítico de arte, membro da Associação Internacional de Críticos de Arte (seção Brasil); Gasparino Damata⁵⁶, jornalista, escritor “com passagens pela diplomacia”; Jean-Claude Bernadet⁵⁷, crítico de cinema, professor com participação na imprensa alternativa; Antônio Chrysóstomo⁵⁸; João Antônio Mascarenhas advogado, jornalista e tradutor; João Silvério Trevisan, cineasta e escritor; Peter Henry Fry⁵⁹, professor, com doutorado na Inglaterra, onde lecionou na Universidade de Londres. As informações dadas sobre cada um refletem um lugar de formação, uma experiência narrando participação social, destacando o lugar de seriedade e compromisso circunscrito àquela produção. A sede do jornal ficava no Rio de Janeiro e era comandada por Aguinaldo Silva e a sucursal de São Paulo era comandada por Trevisan.

Um outro indício da movimentação dos corpos homossexuais eram as fotos publicadas no *Lampião da Esquina*, conforme mostramos na *figura 01*. Posar para uma foto já é a manifestação pública de uma identidade porque ela sugere não apenas uma temporalidade e um espaço, mas é o congelar de um momento, é a manifestação de que algo ou alguém existe, e pode-se dizer que foi, naquela ocasião, uma forma de afirmar publicamente a existência das homossexualidades, dos homossexuais. Na

⁵⁵ O conselho editorial. Saíndo do Gueto. *Lampião da Esquina*, edição número zero, Rio de Janeiro, abril de 1978. p.2

⁵⁶ Do mesmo modo que Aguinaldo, Gasparino Damatta era pernambucano de Catende, nascido em 1918. De infância humilde, precisou trabalhar para investir nos estudos. Em 1940, após concluir o atualmente Ensino Médio, transferiu-se para Recife. Sete anos depois seguiu para o Rio de Janeiro, onde fixou residência, fazendo-se estudante de jornalismo e escrevendo para algumas revistas. Portanto, antes de ingressar no *Lampião*, tinha experiência no jornalismo. Ver DAMATTA, Gasparino (org). *Antologia da Lapa*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.

⁵⁷ Nascido na Bélgica, Bernadet, veio para o Brasil com treze anos de idade. Fez a sua formação superior na França e no Brasil e, ainda muito jovem, começou a escrever críticas de cinema para o jornal *O Estado de São Paulo*. Apesar de escrever ficção, seus principais títulos são acadêmicos e versam sobre cinema.

⁵⁸ Antônio Chrysóstomo antes de trabalhar na imprensa alternativa passou por maiores veículos de comunicação nos anos 1970, a revista *Veja* e o jornal *O Globo*, por exemplo.

⁵⁹ O inglês Peter Fry veio para o Brasil em 1970 como convidado para lecionar na Universidade Estadual de Campinas. Sua área de pesquisa é a política, religiões africanas e línguas africanas. Atualmente, segue na vida como professor universitário da UFRJ.

foto aparece um grupo de senhores sorridentes, certamente alegres com o evento que se passava



Imagem 01: Lâmpião da Esquina, Rio de Janeiro, maio de 1978, p.9.

Na sequência da esquerda para a direita: Peter Fry, João Silvério Trevisan, Celso Cury, Aguinaldo Silva, Francisco Bittencourt, Gasparino Damata, João Antonio Mascarenhas e Darcy Penteadó. In: Lâmpião da Esquina, maio de 1978. Edição 1, p.9

Esta foto foi tirada no dia do coquetel de lançamento do jornal, realizado na Livraria Cultura, em São Paulo. Possivelmente algumas pessoas seguiram entusiasmadas, fosse de carro, de ônibus, ou perambulando pelos arredores da Avenida Paulista, para o evento do lançamento do jornal que, segundo a mídia da época, era diferente de tudo o que se tinha visto em termos de homossexualidades.

Devido ao prestígio intelectual dos integrantes do grupo fundador do jornal, ao lançamento compareceram vários jornalistas, entre os quais Milton Hatoum, que, apesar de cursar arquitetura nos anos 1970, também exercia atividades jornalísticas. A presença de Aguinaldo Rayol, cantor de grande sucesso à época, também é indício de que se tratava de uma noite especial. A contar com essas presenças e um número significativo de convidados, percebemos que os editores do jornal conseguiram o apoio de importantes segmentos da imprensa geral, como foi o caso da revista *Istoé*.

Na **figura 01** é possível perceber, não apenas a alegria, mas, sobretudo o orgulho do corpo editorial. O cenário da foto, não deixa dúvidas de que se tratava de um grupo de intelectuais disposto a iniciar um projeto baseado na força da palavra.

A festa daquele dia não terminou na livraria, os editores e convidados continuaram a festejar o evento durante jantar realizado no restaurante Circus. Em seguida, rumaram para bares do Largo do Arouche e casas noturnas como Homo Sapiens, Men's Country, conhecidas pela presença de homossexuais, divulgando exemplares do jornal, pregando novas ideias, lançando seus corpos em palavras que, associadas, fizeram surgir outros organismos, outras vidas, outros corpos, outras homossexualidades.

A foto com alguns dos editores do jornal acaba por mostrar um conjunto de homens assumidamente homossexuais, em momento decisivo para a historiografia gay brasileira. Ela indicia a ocorrência de um evento⁶⁰: o lançamento do jornal. Ela mostra, por sua vez, que esse jornal possuiu os seus idealizadores, um grupo de intelectuais que não apenas se mostram, numa clara visibilidade pública da homossexualidade, mas aparecem politicamente, encarando firmemente a câmera, parecendo mirar quem o olha e possivelmente convidando a juntarem-se a eles.

Alguns estudiosos destacam que o jornal *Lampião* e o Grupo Somos são apontados como precursores do movimento homossexual no Brasil. A importância, conta-nos o antropólogo Júlio Simões⁶¹, não é por serem somente os primeiros a abordar seriamente a homossexualidade, mas porque, sendo alvo de diversos estudos acadêmicos - MacRae, Green⁶², Fry

⁶⁰ A produção fotográfica pensada nesse texto procura abordá-la não somente como “o resultado de um encontro entre um evento e um fotógrafo; tirar fotos é um evento em si mesmo, e dotado dos direitos mais categóricos - interferir, invadir ou ignorar, não importa o que estiver acontecendo”. Ver SOTAG, Susan. *Sobre fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p.21.

⁶¹ SIMÕES, Júlio Assis. Antes das letrinhas: homossexualidade, identidades sexuais e política. In.: COELHO, Clair Catilhos, LAGO, Mara Coelho de Souza, LISBOA, Teresa Kleba, TORNQUIST, Carmen Susana (orgs). *Leituras de resistência: corpo, violência e poder*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2009.

⁶² GREEN, James. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

& MacRae⁶³, Facchini⁶⁴, Simões Júnior⁶⁵, dentre outros, foi possível analisar suas dinâmicas, constituições, objetivos, disputas internas, além da ação de militância. Acrescente-se que, geralmente, os veículos anteriores ocultavam os nomes dos seus autores ou criavam pseudônimos femininos. Peter Fry enumera duas razões para o esconder da identidade: homens homossexuais costumavam ser chamados de “bichas”, associando-se ao papel do gênero feminino; evitar prejuízos à vida profissional e/ou familiar⁶⁶. A proposta do jornal era quebrar esse postulado.

Seu surgimento virou notícia nas páginas da *Revista Istoé* e no jornal *Visão*⁶⁷. A primeira delas, escrita pelo jovem jornalista Milton Hatoum, que esteve no coquetel de lançamento na Livraria Cultura do Conjunto Nacional. A matéria da revista, em 19 de abril de 1978, de título “Saiu ‘Lampião’. Alegre, mas provocador”, sugeria a contestação dos padrões sociais que conferia aos homossexuais um lugar marginalizado ou, como ele mesmo escreveu, “*Lampião* já vem à luz, portanto, com uma clara determinação de independência e combatividade”⁶⁸.

Nessa mesma notícia, Hatoum alertava para a questão do segredo da sexualidade ao mencionar que o jornal chegaria à casa dos assinantes sem identificação e fazendo uso de pseudônimo. Assim, poder-se-ia adquiri-lo sem receios de ser identificado, o que revela, por sua vez, as dificuldades sociais enfrentadas pelos homossexuais. Na realidade, havia a consciência de que, se havia ousadia em levar adiante aquele projeto, também seus leitores haveriam de ser ousados até que conseguissem adquiri-lo.

É pelas palavras de Hatoum que é possível perceber o caráter inovador do periódico: “*Lampião* saiu da sombra sério e provocador”. Destacava ainda os atributos intelectuais dos “senhores do Conselho Editorial do

⁶³ FRY, Peter; MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1985.

⁶⁴ FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

⁶⁵ SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. *E havia um lampião na esquina: memórias, identidades e discursos homossexuais*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO, 2006.

⁶⁶ MACRAE, Edward. *A construção da Igualdade*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1990. p.66.

⁶⁷ Jornal *Visão*, 17 de abril de 1978.

⁶⁸ HANTOUM, Milton. Saiu “Lampião”. Alegre, mas provocador. *Revista Istoé*, 19/04/1978.

Lampião”, todos professores universitários, artistas ou jornalistas. Não foi por acaso que o autor da matéria procurou destacar as profissões dos editores. Seu objetivo era deixar claro que os membros daquele grupo estavam diretamente ligados à atividade intelectual e “portanto, não se deve confundir o creme de intelectualidade gay do país com outras manifestações (e até publicações) que tentam glamourizar o travesti ou promover o mercado do sexo homossexual”. Sem dúvida, a equipe de *Istoé* apoiava a iniciativa dos editores de *Lampião*, mesmo que, paradoxalmente, estigmatizando os travestis, tema que foi abordado criticamente no jornal. Nessa mesma matéria, Hatoum desafiava leitores não homossexuais a folhear o jornal, usando para isso a seguinte frase, “tente ler este jornal, se você for homem”⁶⁹.

Nas páginas da *Visão*, a divulgação do *Lampião* contou com trechos de entrevistas realizadas com Aguinaldo Silva e Darcy Penteado. Ambos falaram sobre a proposta e a efetivação da ideia inicial de um jornal voltado para homossexuais, mas logo substituída em busca de um público mais abrangente que pudesse ler os escritos sobre homossexualidade. As razões de um debate relativo à questão das minorias é novamente mencionada por Aguinaldo, conforme fez em *Isto É*; já Darcy Penteado é mais incisivo ao declarar: “o homossexual brasileiro é muito desinformado”⁷⁰.

O apoio de *Visão* e de *Istoé*, ao *Lampião* sugeria o minucioso trabalho que levou ao seu parto. A troca de correspondências dos editores com pessoas de vários estados, homossexuais na grande maioria, desejosos de um espaço de discussão através da mídia, foram importantes no surgimento do jornal.

Ao apontar para discussões políticas de luta por direitos das minorias⁷¹ e o fim do preconceito, as páginas de nossa fonte se tornavam,

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Homossexualismo levado a sério. *Jornal Visão*, 17 de abril de 1978.

⁷¹ O termo “minorias” foi cunhado pela imprensa da época. Ver TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2000

concomitantemente, contemporâneas⁷² dos debates pela redemocratização do país e do movimento mais amplo da sociedade civil organizada na luta por direitos cívicos e políticos.

Desse modo, é possível perceber que o editorial referido dialogava com outros movimentos de contestação contemporâneos ao mensário. A voz dos demais movimentos das denominadas “minorias”, como a dos negros e a das feministas, começava a ganhar relevância, e também eles lançavam publicações, com o propósito de propor mudanças na realidade brasileira. Em relação aos homossexuais, o vento das mudanças vinha de Londres, Paris e Nova York, cidades que contavam com movimentos de libertação homossexual. Começava-se a produzir discursos que lembravam, por exemplo, as mortes de 125 mil homossexuais nos campos de concentração nazista, durante a Segunda Guerra Mundial, conforme publicava em editorial o jornal *The New York Times*⁷³, um dos mais conceituados do mundo.

Quanto ao teor do discurso produzido, o que se percebe é que procuravam expressar-se em uma linguagem ambígua e leve. Conforme escreveu Francisco Bittencourt, o que pretendia era produzir “um jornal que se quer engraçado e alegre, mas também sério em matérias fundamentais, como o direito ao prazer e à alegria de viver”⁷⁴. Alegre porque o homossexual até então havia sido condenado a viver na solidão e na tristeza, frutos do silêncio que se impunha à sua sexualidade. O que se propunha era discutir alegremente as rupturas necessárias para mudar essa situação adversa pelo debate público engajado.

Enquanto isso, a política do Brasil estava mergulhada nos efeitos da crise do milagre brasileiro. Esse milagre foi característico da administração do general e presidente Médici. O seu governo marcou a economia do país com taxas de crescimento de dois dígitos (13,3%, 11,7%, 14,0%,

⁷² Estamos entendendo esse conceito conforme pensou Agamben: “A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias. In: AGAMBEN, Giorgio. *O que é um contemporâneo?* E outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, 2009.

⁷³ B., F. Lembrando o triângulo rosa. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, abril de 1978, p. 5.

⁷⁴ BITTENCOURT, Francisco. Deus nos livre do “boom gay”. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, abril de 1980. p.4.

respectivamente em 1971, 1972, 1973). O crescimento econômico decorria em grande sentido do investimento estrangeiro, uma vez que o setor de bens duráveis era dominado por empresas estrangeiras, mas que dividia espaço com elevadas taxas de inflação.

A Doutrina de Segurança Nacional e Desenvolvimento, responsável pelo sistema de informação e repressão, incentivou o crescimento econômico do país, com destaque para regiões do interior, mas os reflexos do progresso não atingiu a melhoria de vida da maioria da população, com exceções entre a classe média, como afirma a cientista política Maria Helena Moreira Alves⁷⁵.

O clima do milagre se arrefeceu em meados da década de 1970, devido ao primeiro choque do petróleo, que ocorreu em 1973, quando países do Oriente Médio perceberam o caráter não renovável do petróleo. Isso gerou uma crise mundial, afetando o Brasil, à medida que os países consumidores dos produtos nacionais reduziram suas compras. Na realidade, o fato de os países consumidores diminuírem a exportação desses produtos ocorreu porque, com a disparada dos preços dos barris, houve um desequilíbrio na balança comercial desses países. Enquanto isso, os países periféricos do sistema capitalista sofreram ainda mais, porque dependiam tanto da importação do petróleo quanto da exportação dos produtos primários.

Nesse hiato, o regime passou a temer uma volta mais contundente das oposições ao regime militar. Em documentação do governo de Geisel - presidente da República em exercício quando do lançamento de *Lampião*, seu mandato se estendeu de 1974 até 1979 - consultada por Ângela de Castro Gomes⁷⁶, evidencia-se a preocupação dos militares e dos ministros em solucionar questões trabalhistas para evitar greves. Tal solução abria espaço, com ressalvas, para organizações sindicais.

⁷⁵ ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.

⁷⁶ GOMES, Ângela de Castro. Abertura política e controle sindical: trabalho e trabalhadores no Arquivo Ernesto Geisel. In: CASTRO, Celso e D'ARAÚJO, Maria Celeina (orgs). *Dossiê Geisel*. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 108.

Não queremos, com isso, inferir o fim da repressão, pois continuavam os desaparecimentos de presos políticos e mortes suspeitas durante o governo Geisel. Sua administração ficou marcada por vários crimes e desaparecimento de presos políticos, dentre os quais Vladimir Herzog, mais conhecido por Vlado, Stuart Jones e sua mãe Zuzu Angel⁷⁷. Por outro lado, Carlos Fico destaca a diminuição de vigilância militar, especialmente no que diz respeito à censura impressa.

Lampião não foi o primeiro jornal produzido por e para homossexuais no país. Na década anterior, entre 1963 e 1969 havia circulado *O Snob*, que revelava traços da homosociabilidade carioca, calcado no modelo das relações “bicha-bofe”. Esse modelo era conhecido das práticas homossexuais nos anos 1960. Segundo James Green⁷⁸ os bofes não adotavam a identidade homossexual, alguns tinham namoradas, mas não excluía relações com as bonecas. Essas, por sua vez, iam atrás dos seus bofes, mesmo sabendo que parte deles os deixaria para trilhar os caminhos da heterossexualidade.

A identidade homossexual parecia estática em meados dos anos 1960. Isso porque nesse padrão bicha-bofe era incompreensível que duas bonecas ou dois bofes mantivessem uma relação sexual. No entanto, vale destacar, esse padrão não era consenso entre os homossexuais. Agildo Guimarães, idealizador de *O Snob*, destacou para Green que nem todos aceitavam a ideia pregada por esses papeis. Um pouco mais tarde, coube ao *Lampião* quebrar de vez esses modelos.

A identidade construída pelo *O Snob* expressava-se não apenas pela forma, mas também pelo seu conteúdo. Informava sobre concursos de miss, publicava fotos de homens travestidos de mulher, dava dicas de

⁷⁷ Estes são alguns nomes de pessoas presas e mortas no período. Vladimir Herzog era um jornalista que foi assassinado no DOI-CODI de São Paulo, devido à sua posição política expressa na TV Cultura, local onde trabalhava. Foi espancado de modo semelhante a alguns de seus colegas de profissão até a morte. O espancamento tinha o intuito de fazê-lo expor possíveis acordos entre o MDB, o PCB e os “liberais” do regime. Stuart Jones foi integrante do grupo revolucionário MR-8 e, devido às suas atividades, acabou assassinado. Zuzu Angel, mãe de Stuart e estilista brasileira, ficou conhecida por lutar contra a ditadura depois da morte do seu filho, cujo corpo nunca foi encontrado. Zuzu morreu num suspeito acidente de carro semelhante a outros acidentes do período.

⁷⁸ GREEN, James. Op.cit

maneiras e de artifícios de como conquistar os “bofes”, bem como regras de viver para as bonecas. Uma matéria de 1964⁷⁹ trazia *Os dez mandamentos da bicha* e deixava claro o seu papel em quesitos como: “amar todos os homens; fingir sempre que ama um só; não querer as mariconas; casar só por uma hora”⁸⁰. Na década seguinte circularam outros periódicos do gênero, como o *Bondinho*, em São Paulo, em 1970, o *Verbo Encantado*, na Bahia; e *Flor do Mal e Presença*, no Rio de Janeiro, ambos de 1971.

Lampião da Esquina diferenciava-se de seus antecessores, não apenas pela sua tiragem, que chegou a expressivos quinze mil exemplares, mas pela sua periodicidade e pelo seu corpo editorial, como já foi dito aqui. Caracterizava-se, sobretudo, pelo discurso que procurava construir, trazendo à tona temas relacionados à sexualidade, para serem debatidos com a sociedade, temas entendidos, até então, como inapropriados para um periódico considerado sério. Por todos esses fatores, é fonte fundamental para investigar a invenção dos corpos homossexuais no Brasil.

No Brasil dos anos 1940-1950 teremos ainda uma visão médica e clínica da homossexualidade. Ainda em 1947 era apresentado na Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil um trabalho para a disciplina de Medicina Legal, *Homossexualismo Masculino* de autoria de Jorge Jaime. Em seguida, foi publicada e, em 1953, já contava com uma segunda edição. Nas décadas seguintes, o controverso tema seria cada vez mais debatido por psicanalistas, psicólogos, médicos e juristas. Publicações como *Aberrações do comportamento homossexual* do médico e especialista em psiquiatria Frank S. Capri, em 1968, era reeditado pela terceira vez no país como um volume da biblioteca de *Sexologia* da Editora Ibrasa, abordando numa visão psicanalítica conflitos entre homossexuais e seus pais, casos de depressão ligados ao triste convívio familiar e depoimentos homossexuais, agora sobre um ponto de vista menos médico, mostrando os avanços e retrocessos que o tema suscitava. Era sobre e contra esse discurso que *Lampião* pretendia avançar.

⁷⁹ O Snob, v.2, n.3, 29 de fevereiro de 1964, p.1 *apud* GREEN, Op.Cit, p.305.

⁸⁰ Trata-se de uma gíria ainda usada no meio gay para se referir aos homossexuais mais velhos.

Estigmatizados, os homossexuais procuravam formas variadas de sociabilizarem-se. Eram muito frequentes festas e reuniões particulares. Também, com o passar do tempo, transformaram determinados espaços públicos, como praças, cafés, restaurantes, banheiros públicos, em territórios livres para seus encontros, notadamente em São Paulo. A pesquisa realizada por José Fábio Barbosa da Silva, intitulada *Homossexualismo em São Paulo*, monografia de especialização defendida em 1960 e pesquisa pioneira em estudos homossexuais no Brasil, refletiu esta prática longe das classificações de anormalidade. Além disso, observou que os indivíduos autovigiam suas atitudes na tentativa de parecer heterossexual e geralmente levavam uma vida em grupo com outros homossexuais. A sociabilidade com outros homossexuais permitia “encarar de outra forma a opção, que passa a significar a sua afirmação pessoal como homossexual, prendendo-o cada vez mais a essa categoria”⁸¹.

Alain Corbin, em coletânea por ele organizada, *História do corpo*, utiliza a expressão fábrica social do corpo para se referir “a um conjunto de regras, um trabalho cotidiano das aparências, do complexo rituais de interação, a liberdade de que cada um dispõe para lidar com o estilo comum, com as posturas, as atitudes determinadas, os modos de olhar, de portar-se, de mover-se”⁸². Para ele, o século XX, devido à Psicanálise, opôs corpo sujeito e corpo objeto, corpo individual e corpo coletivo. Assumindo múltiplas configurações, o corpo torna-se uma ficção contemporânea e palco de acontecimentos culturais, sociais e políticos. Mostrar-se num jornal homossexual é colocar em questão a sexualidade, quando não admitir-se ator desses desejos, conforme fez Ney Matogrosso na imagem 02.

⁸¹ GREEN, James e TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

⁸² CORBIN, Alain; VIGARELLO, Georges; COURTINE, Jean-Jacques. *História do corpo*. São Paulo: Editora Vozes, 2009, p.8.

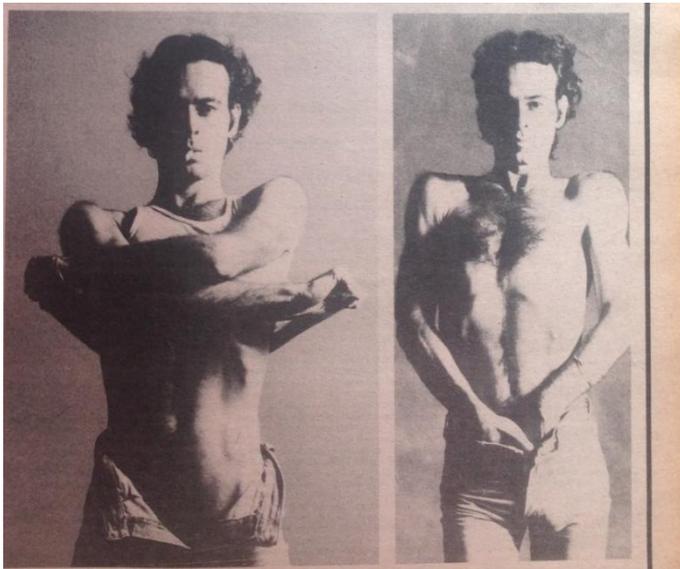


Imagem 02 In: Lampião da Esquina, novembro de 1979. Rio de Janeiro, edição 18, p.3.

Apesar do clima de ditadura, houve no começo dos anos 1970 uma reviravolta cultural no Brasil, caracterizada principalmente por certos grupos musicais. Assim, ligar os aparelhos televisivos na época era se deparar com Caetano Veloso, recém-chegado do exílio, dançando vestido de mulher e executando uma performance semelhante a de Carmem Miranda. Os *Dzi Croquettes* foi outro grupo conhecido no momento. Mesclando pêlos no peitoral e maquiagem, salto alto e meias de futebol, o grupo “chocava” o público. Houve ainda o *Secos e Molhados*, caracterizado por Ney Matogrosso, Gérson Conrad e João Ricardo que subiam aos palcos maquiados e faziam certa crítica à ditadura e à moral sexual. Os *Secos e Molhados* lançou o primeiro álbum em 1973, vendendo cerca de setecentas mil cópias.

Essas performances caracterizam uma brusca ruptura com os padrões sociais estabelecidos. Esses grupos contribuíram para romper a estrutura do modelo de família nuclear. Paralelamente, isso ocorria numa época de expansão da televisão, entrando, com isso, nas casas das famílias brasileiras e reeducando olhares e percepções acerca do que é ser homem e do que é ser mulher na cultura brasileira.

Quando o *Lampião* escreve e mostra uma fotografia de Ney Matogrosso, ele está dialogando diretamente com um símbolo das modificações nas concepções de corpo e sexualidade daquele momento. Mostrar Ney é um ato político, em vez de meramente ilustrativo.

Trazer uma imagem como essa aparece como uma dupla estratégia: a política, posto que assumir o corpo homossexual é, sobretudo, uma maneira de tentar mostrar o número abrangente de uma “minoria” que contém artistas, por exemplo e estética, já que o jornal precisou modificar um pouco as suas edições, trazendo fotos sensuais e, mais tarde, em época de crise financeira do mensário, de nus masculinos, como uma das alternativas para atrair um público cioso também de imagens de nus. Portanto, uma estratégia para aumentar as vendas que vinham diminuindo. Simultaneamente, via-se a popularização de uma indústria erótica no Brasil.

Coube ao corpo ser personagem de todas essas modificações tanto nos campos do erótico, quanto em territórios de militância. Já nos anos 1960, o corpo se modifica no tocante às homossexualidades. Surgiam boates e saunas destinadas exclusivamente ao público gay, trazendo novos espaços para as sociabilidades. Alguns eventos do período contribuíram na aparição pública da homossexualidade, dentre os quais o retorno de Caetano Veloso do exílio, os shows dos *Dzi Croquettes* e dos *Secos e Molhados*. Angela RôRô em seu shows mesclava músicas com histórias de amores lésbicos; Gal Costa cantava sobre o desejo de beijar uma índia da pele morena⁸³; Maria Bethânia interpretava “É meio-dia, é meia-noite, é toda hora/Lambe olhos, torce cabelos, feiticeira vamo-nos embora”⁸⁴, em música que se tornaria hino lésbico, na segunda metade dos anos 1970. Parte dessas (con)figurações do corpo foram discutidas no *Maiô de 1968*.

Outro acontecimento memorável foi o Maio de 1968, notadamente o de Paris. Michel de Certeau, em discussão recente ao evento, esclarecia “um acontecimento não é o que é possível ver ou saber dele, mas aquilo

⁸³ Referência à canção *Índia* cantada por Gal Costa. Disponível em: <http://letras.mus.br/gal-costa/46112/>. Consultado em 01/01/2014

⁸⁴ Trecho da canção *Mel* interpretada por Maria Bethânia. Disponível em <http://letras.mus.br/maria-bethania/80452/>. Consultado em 01/01/2014.

que ele se tornará (e sobretudo para nós)⁸⁵. A frase permite pensar o balizamento de um momento, mas, sobretudo uma artimanha pouco questionada, o acontecimento na história. Ao colocar que a operação historiográfica intermedeia o mundo dos vivos e dos mortos, Certeau incrementa o rompimento com um modelo investigativo causal com destaque no século XIX, como Foucault já esboçara em *A arqueologia do saber*, e privilegia a atenção para as modificações sucessivas do acontecimento. Por outro lado, Certeau aludia a uma série de modificações que ocorreriam quando das famosas barricadas de Paris.

Mil novecentos e sessenta e oito abalou o mundo⁸⁶. Esse evento se singularizou pelas minúcias que provocou em diversos campos da sociedade e em diversos lugares do Ocidente. Nada de planejamento, nem organização, as metas se concretizavam no momento. De um lado, direitos civis, contestação ao autoritarismo do Estado, guerra do Vietnã envolvendo os EUA entravam em cena ao lado da geração do sexo, drogas e *rock and roll*, do outro, assassinatos de líderes, como Martin Luther King, Bobby Kennedy. Inclusive, dentre os milhares de estudantes que saíram às ruas contra o governo De Gaulle, estava o ex-diplomata brasileiro Sérgio Vieira de Melo, na época estudante da Sorbonne, que, por ocasião do confronto, fechou as portas pela primeira vez, depois de setecentos anos⁸⁷. Tomamos como foco as barricadas de Paris apoiado em certa historiografia sobre o tema⁸⁸, mas alertamos também que nesse mesmo ano ocorreram rebeliões em Praga, Nova York, Roma, Tóquio, Cidade do México, Varsóvia e Brasil.

Os manifestantes eram leitores de *Eros e a Civilização*, de Herbert Marcuse (1898-1979). Esse livro revisita a obra de Freud para criticar parte dos neofreudianos e relacionar as formulações de Freud a um aspecto

⁸⁵ CERTEAU, Michel *apud* DOSSE. Op. cit, p.179.

⁸⁶ KURLANSKY, Mark. 1968, *o ano que abalou o mundo*. Rio de Janeiro: José Olympo, 2005.

⁸⁷ POWER, Samantha. *O homem que queria salvar o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

⁸⁸ Tomamos por referência: NAIR, Tom e QUATTROCCHI, Angelo. *O começo do fim*: França, maio de 1968. São Paulo: Editora Record, 1998; COHN, Sergio; PIMENTA, Heyk (orgs). *Maiô de 68*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008; JOYEUX, Maurice; HERNANDEZ, Hélène; LENOIR, Hugues; DUTEUIL, Jean-Pierre. *Maiô do 1968: os anarquistas e a revolta da juventude*. São Paulo: Imaginário, 2008.

social e aproximá-lo do marxismo clássico⁸⁹. O livro escrito nos anos 1950 trazia uma discussão inédita sobre sexualidade, porque lançou mão de conceitos psicanalíticos, na tentativa de compreender a repressão sexual na sociedade. É claro, havia outros temas, também questionados nas barricadas de Paris: crítica ao trabalho alienado; crítica à sociedade capitalista, especialmente ao mundo burguês; resistência aos poderes políticos.

Tais temas junto a outros, como corpo, sexualidade, movimentos de trabalhadores, debates ecológicos, assuntos abordados em toda a trajetória do *Lampião*, jamais seriam os mesmos após o *acontecimento* de 1968.

Alguns intelectuais participam ativamente do acontecimento. Deleuze e Guattari, participaram do evento e lançariam em seguida *O anti-Édipo*, refletindo a possibilidade de uma psicanálise não edipiana e causando discordâncias no meio intelectual francês, inclusive entre os leitores de Marcuse. O movimento francês trouxe vários slogans, o “sejamos realistas, exijamos o impossível”, ou, “quando penso em Revolução quero fazer amor”, por exemplo. Apesar de ser considerado como um fracasso do ponto de vista político, 1968 colocou em discussão a relação desejo e repressão. *O Anti-Édipo* propôs, por exemplo, que o inconsciente é produtivo e não representativo; o inconsciente não se constitui no campo individual-familiar, como queria Freud, mas no campo social. Guattari, em texto contemporâneo ao livro, esclarece “entramos num tempo em que as minorias do mundo começam a se organizar contra os poderes que lhes dominam e contra todas as ortodoxias”⁹⁰.

Um ano mais tarde, 1969, após as barricadas, um vento frio quebrava o veraneio estadunidense, enquanto corpos homossexuais caminhavam pela Christopher Street, em Nova York, rumo ao bar Stonewall Inn⁹¹. Naquela noite, emergiu na história da homossexualidade uma reação através do corpo: era a *Revolta de Stonewall*. Quando já era tarde da noite, a polícia

⁸⁹ MARCUSE, Herbert. *Eros e a civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 1975.

⁹⁰ GUATTARI, Félix. *Trois milliards de pervers. Recherches*, n.º:12, 1973, p.2-3.

⁹¹ Maiores informações sobre o evento podem ser encontradas em SPENCER, Colin. *Homossexualidade: uma história*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

chegou prendendo alguns clientes e ferindo outros. Eles chegaram com o poder, mas aqueles corpos abjetos⁹² resistiram, ao produzirem um pensamento outro, de contestação, de resistência.

Este evento teve efeitos imediatos porque no dia seguinte, 28 de junho de 1969, em Greenwich, cerca de 400 homossexuais saem às ruas em protesto contra frequentes batidas e prisões policiais em espaços para o público gay. Os policiais avançam novamente, ocorrendo o combate direto. Os corpos homossexuais exerciam a função de máquina de guerra.

Um conhecido poeta americano, Allen Ginsberg, assistiu ao evento e pontuou que “os caras estavam lindos – tinham perdido aquele ar ferido que todas as bichas tinham, 10 anos atrás”⁹³. Esse episódio, por seu ineditismo, e por ter ocorrido em uma cidade como Nova York, tem sido reverenciado como o marco inicial da luta dos homossexuais pelos seus direitos e não por acaso passou a ser conhecido como o “Dia do orgulho gay”.

Essa história é contada no *Lampião*, visando a uma conscientização do homossexual brasileiro e também porque foi um evento que teve reflexo sobre o grupo que fundou jornal. Alguns dos editores foram contemporâneos desses acontecimentos e isso se evidencia na familiaridade que possuem com certos assuntos. Na edição de julho de 1980, narra-se a tentativa de uma comemoração em nível nacional, objeto que foi pauta de reunião no Iº Encontro de Grupos Homossexuais Organizados (EGHO), em São Paulo. Ao final do texto é dito que, a partir daquele ano, os gays do Brasil se integrariam ao movimento mundial e executariam a função fática da linguagem, “entre nessa festa você também”⁹⁴, com o propósito de sintonizar os homossexuais brasileiros com o movimento internacional; homossexuais deveriam usar os corpos como ferramenta para reinvidicação por direitos e combate ao machismo. Portanto, os acontecimentos

⁹² De acordo com Butler, trata-se de corpos que não deveriam existir, por não possuírem reconhecimento nem legitimidade porque ameaçam certa matriz cultural, no caso, a heterossexualidade.

⁹³ SPENCER, Colin. Op. Cit. p.44.

⁹⁴ MOREIRA, Antônio Carlos. 28 de junho: entre nessa festa. *Lampião da esquina*, julho de 1980. Rio de Janeiro, julho de 1980, p. 14.

que sucedem as barricadas de Paris suscitam uma série de mudanças sentidas através da mídia escrita e visual.

Ideias debatidas no Maio de 1968, trouxeram igualmente uma série de modificações nas maneiras de conceber o corpo, o sexo, os desejos. Nos anos 1970, no Brasil, sobretudo em meados da década, discussões que tocam o corpo por debate afloraram inclusive na imprensa nanica. Por isso, matérias, notícias, reportagens nas páginas do *Lampião* divulgavam um novo direito ao corpo, o direito de ter um corpo sem ser eliminado pelo *estado de exceção*, que cuida e gere a vida de parte da população, mas exclui outras vidas, os corpos perigosos, doentes, anormais, depravados. Uma vez excluído do Estado, esse corpo não faria diferença nenhuma.

A Ditadura Militar no Brasil recorrendo à violência e à censura, instituiu a exclusão e eliminação de diversos corpos que se opuseram ao regime, à medida que se preocuparam em fazer funcionar um biopoder que tratasse os opositores da ditadura e os *desviados* do padrão normal, especialmente os homossexuais, como vidas sem importância, vidas quaisquer, vidas que tiveram os seus direitos suspensos, o que Giorgio Agamben chamou de *vida nua*⁹⁵.

Nesse período da história do Brasil, os homossexuais também fizeram parte da exceção do Estado. Este, por sua vez, desejava corpos submissos, corpos que confirmassem o ideal de progresso do “Brasil: ameo ou deixe-o”, corpos em harmonia com o padrão de família nuclear; os corpos desejados pelo Estado estavam distante daqueles moldados discursivamente no *Lampião*. Sobretudo porque o jornal colocava nas ruas uma política de direito ao corpo, mas também de autodefesa, dado os crimes contra homossexuais.

O *Lampião* reivindicou *habeas corpus*⁹⁶ para as minorias, conforme se percebe na *figura 03*. Cartas enviadas aos editores não deixaram de

⁹⁵ Para maiores informações, consulte AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2012.

⁹⁶ Essa expressão latina foi utilizada pela primeira vez na Inglaterra em 1215 na Magna Carta Liberation, quando os nobres exigiram do rei a prisão de qualquer cidadão. Que tenhas teu corpo, seria a tradução direta do latim para *habeas corpus ad subjiciendum*, a expressão completa. O conceito chegou ao Brasil, em 1821, com D.João VI sendo

mencionar “acho os artigos variados e ao gosto de todos. É realmente o jornal de que estávamos precisando”⁹⁷ ou “é realmente um prazer tomar conhecimento que há uma revista com um conceito tão bom quanto o Lampião”⁹⁸. A seleção de textos como esses ocorre não apenas devido à contemporaneidade do jornal no debate em torno da sexualidade mundo afora. Ao ser escolhida pela redação, sugere as positivities e aceitação daquelas páginas por corpos de todo país, desejosos em encontrar um discurso que falasse mais sobre si mesmos, que os retirasse do espaço de saber do senso comum, que falasse de territorialidades onde o corpo pudesse desfrutar de desejos. As significações da imagem a seguir afirmam o debate em torno do direito ao corpo.



Imagem 03: **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, Outubro de 1979, p.5.

incluído na Constituição Brasileira de 1891. Para mais informações, acesse <http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/2862/Habeas-Corpus>. Consultado em 10/01/2014.

⁹⁷ C.C. Curitiba, alone. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, outubro de 1979, p. 19.

⁹⁸ CANADÁ, Sandra. Simone ocupada. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, novembro de 1979, p. 18.

Essa imagem aparece numa reportagem sobre preconceito contra as minorias e especialmente contra os homossexuais. A sua aparição no jornal mostra a proximidade com o que se deseja para o corpo homossexual, o direito de possuir esse corpo, utilizá-lo ao bel prazer dos desejos, trazer as asceses⁹⁹ que ele permite.

A imagem está inserida num debate com a questão carcerária e a situação dos presos. Dialoga, portanto, no correr de 1979, com a anistia política, visando a discutir a realidade de outro grupo, convidando o leitor a uma espécie de luta geral dos grupos excluídos socialmente. Mas, na página anterior à imagem, lemos a notícia de um presidiário gay no estado do Novo México, nos Estados Unidos. *Lampião* publica a carta dessa vítima narrando as condições do cárcere.

*Na jaula (A história de um presidiário guei)*¹⁰⁰ traz uma carta de Christopher Lemmond relatando a situação de violência na qual os homossexuais são vítimas naquele país. Ele recusou ser mais uma *bicha* para os demais desafogarem seus desejos, optou por uma cela minúscula, 1,80 por 2,70 m. Ao seu redor, olhares cercados de ódio, olhares violentos, olhares desejosos de retirar a vida daquele que não aceitou ser mais uma “bicha de mictório”. O resultado? Os outros presos tentaram queimá-lo vivo. Além do tormento causado por palavras certamente nada agradáveis atiraram-lhe fezes e urina. Com tudo isso, sequer o preso homossexual tem direito a tratamento psicológico ou a quaisquer programas de reabilitação. Por meio de Christopher, ficamos sabendo que nas celas norte-americanas no estado do Novo México nada se fazia para modificar a realidade dos homossexuais, muitas vezes submetidos, não somente a uma cela, mas a uma escravidão sexual.

Por que a publicação dessa carta no jornal? Para trazer ao debate outra discussão: o homossexual prisioneiro. Valendo-se de uma carta que

⁹⁹ A partir de Foucault, compreendemos por ascese o processo de “auto-relacionamento, na forma do cuidado, do trabalho do indivíduo sobre si”, seria, portanto, “uma forma de resistência ao poder subjetivante, constituindo assim seu programa político”. Ver ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999. p.51.

¹⁰⁰ LEMMOND, Christopher. *Na Jaula (A história de um prisioneiro guei)*. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, outubro de 1979, p.4.

reflete a situação em outro país, pretende-se trazer essa reflexão ao leitor brasileiro, o que se esclarece numa entrevista na mesma página. *Lampião* transcreve o trecho de uma entrevista com Ruy da Costa Antunes¹⁰¹, professor de Direito Penal na Universidade de Pernambuco. A entrevista informa ao leitor homossexual o que significa a prática para a lei brasileira. Informa que não há na legislação brasileira uma lei que puna a homossexualidade, bem como não há nenhuma proibição para que os homossexuais exerçam atividades no mercado de trabalho, com exceção das carreiras militares. A imagem 03 e o texto que a precede têm uma importância decisiva. Talvez, pela primeira vez um periódico brasileiro tenha se preocupado em discutir a homossexualidade na prisão. E, nesse movimento, *Lampião* alerta para algumas questões que se referem à relação entre a homossexualidade e a lei. Isso traz o livre exercício de ter um corpo, *habeas corpus*, e usá-lo como lhe convier, contra o aparelho do Estado, o que se percebe no argumento de Trevisan “estamos reafirmando nosso direito de ter nosso corpo e de movimentá-lo em liberdade. Até quando ainda for possível”¹⁰².

Quando falamos de corpo homossexual, o tomamos como invenção discursiva gestada por meio de um conjunto de enunciados que, produzidos no *Lampião* circulando país a fora, lançou diferentes possibilidades de pensar as relações de gênero na história. Para isso, pensa-se sexo e gênero diferentes da perspectiva de uma metafísica da substância, ou seja, naturalizados, mas, em vez disso, reflete-o nos caminhos abertos por Butler, “sexo e gênero são construções culturais fantasmáticas que demarcam e definem o corpo”¹⁰³.

Essa construção singular na história do Ocidente, subjetivação do corpo homossexual público, foi possível devido a uma narrativização de si, sem a qual, guardadas as devidas proporções, os ganhos em termos de

¹⁰¹ ANTUNES, Ruy da Costa. Às portas da Lei. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, outubro de 1979, p.4.

¹⁰² TREVISAN, João Silvério. Que tu tenhas teu corpo (*habeas corpus*). *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, outubro de 1979, p. 5.

¹⁰³ BUTLER, Judith *apud* SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p.72.

sexualidade, igualdade entre os sexos e direito ao corpo teriam se tornado difíceis de se deslocar e se reinventar.

O que queremos mostrar são os corpos entrando em cena. São vários corpos, diversos, diferentes, inusitados. Eles muitas vezes desconcertam. Alteram alguma coisa em quem olha, quebram algumas certezas. Esses corpos são discursivos, antes de tudo. Constituem-se pela linguagem, pelas imagens que veiculou, nos hiatos entre os estratos discursivos, nas palavras que usam para si e que a eles são atribuídas.

Entendendo o corpo como uma miríade de significados e espaços sensíveis e atuantes na (des)invenção de outros mundos, o homossexual aparecia em fins do regime militar, notadamente a partir de 1978, divulgando seu corpo, permitindo-se ser fotografado, bem como enviando os endereços para constar nas páginas do *Lampião da Esquina*, na seção *troca-troca*. Essa seção passará a compor parte do jornal na edição de número 20, de janeiro de 1980, e se constituía de pequenos anúncios de perfis brasileiros, a maioria de homossexuais, mas também de heterossexuais. Finda a descrição, seja física e/ou pessoal, deixava-se o endereço para que correspondências fossem trocadas e assim era possível tecer uma rede de amizades.

Porém, em cidades já conhecidas nos anos 1970 pela sociabilidade homossexual, destaque para Rio de Janeiro e São Paulo, há maior liberdade para o homossexual subjetivar seu corpo. Ah, as cidades! Lugar de fantasmagoria do público que se relaciona com pessoas do mesmo sexo, lugar de sensibilidade e sociabilidade, de pertencimento, de ser cidadão, de se constituir por palavras, músicas, imagens. Daí, as cidades como lugares onde “as coisas” - leia-se, para os sujeitos da pesquisa, conversas, namoros, amizades, ambientes como bares, discotecas, saunas, movimento contestatório - acontecem e, é bom lembrar, as cidades maiores acabavam por atrair indivíduos de zonas interioranas.

As cidades constituem um lócus de possibilidades e surpresas, basta uma esquina para que um impensável ocorra: uma esquina a proporcionar o encontro de olhares masculinos capturados já no primeiro encontro e

ciosos de protagonizar “*uma aprendizagem ou o livro dos prazeres*”; um quarteirão do Rio de Janeiro próximo ao conhecido Jardim Botânico onde era possível avistar o conhecido casal Lota de Macedo Soares, paisagista, e Elizabeth Bishop, poetisa americana ambas amantes da bossa nova; ou, ver um grupo de jovens adentrar pela primeira vez numa avenida com um receio acentuado pela escuridão da noite, lá no fim encontrar a discoteca Sótão, badalada das noites cariocas naquele momento, e curtir a noite fosse numa performance do corpo, fosse num metamorfosear frenético de identidades ao som de dancing days, de um corpo pronto a atender ao pedido “abra suas asas/ solte suas feras,/ caia na gandaia/ entre nessa festa”¹⁰⁴.

As novelas tiveram importância na divulgação da vida nas capitais. Tornaram-se vitrines do que significa ser moderno¹⁰⁵. As novelas mesclavam, atrelada ao milagre econômico, a imagem “do futuro” ao tom melodramático. Se elas divulgam tipos tradicionais de estrutura familiar – marido e esposa – vão colocando cenas de beijos ardentes e simulação de orgasmos em espaços urbanos repletos de carros, grandes edifícios, becos diversos, bairros de bares noturnos. Mostravam a possibilidade de anonimato na cidade grande. As tramas das telas contavam histórias de pessoas que trocavam o *habitat* rural pelo urbano. Ao mostrar as possibilidades das grandes cidades, as novelas, em sintonia com os discursos dos jornais, possivelmente tenham influenciado no deslocamento dos homossexuais para as capitais, onde talvez era possível viver longe dos olhares das famílias e dos conhecidos.

Possivelmente o “lá” quando usado por homossexuais em referência ao local do seu passado, ao local onde viveu a infância ou a juventude, contenha atenção, cuidado e, sobretudo um policiamento constante de si, dos (tre)jeitos, dos olhares. O “lá”, embaixo do cajueiro da casa de Dona Maria,

¹⁰⁴ Música Dancing Days. Disponível em <http://www.vagalume.com.br/as-freneticas/dancing-days.html>. Consultado em 01/01/2014.

¹⁰⁵ HAMBURGER, Esther Imperio. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz (org). *História da vida privada no Brasil volume 4: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p.160.

na esquina da escola, no terraço da própria casa pode ter trazido faces de olhares estranhos, olhares de ódio e não menos de agressão verbal, marcando a consciência, dizendo o que se é, quando às vezes nem se sabe, mas o olhar do outro, a voz do outro institui e diz ser errado, ou ainda da agressão física com manchas rochas no corpo, músculos inchados, arranhões ou sangue. Didier Eribon, amigo desses afetos, pontua que, ocasionalmente, não é preciso de um gesto sequer, a aparência ou as roupas bastam para desencadear o ódio. É oportuno, e a literatura gay, seja internacional ou nacional, permite pensar, constituir as subjetividades distante desses canteiros produtores de lembranças tristes e um dos lugares mais atrativos são as capitais dos estados, na época, especialmente o eixo Rio-São Paulo, cujos espaços são mais amenos na vivência desses desejos.

Discotecas, praias, saunas passam a constituir o lugar de sociabilidade desses corpos, por tantos anos sem poder aparecer publicamente e se fazerem porta-vozes de seus direitos¹⁰⁶. Vozes, por outro lado, a gritar os sons tocados no dance da discoteca Sótão ou a sussurrar o nome para um estranho com quem se flertou parte da noite ou ainda para sentir a volúpia de prazeres em “amassos” pela madrugada. Segundo alguns de seus frequentadores, essa boate nada devia para os famosos clubes de Paris e Nova York. Edson e Nel, proprietários, um deles, por sinal, solicita não divulgar o seu sobrenome para que não haja problemas na família, que seriam demasiados, dizem que o local é território livre e justificam “temos frequentadores homossexuais e heterossexuais. Só não admitimos os preconceituosos declarados que entram para criar casos homéricos. Cada um faz o que quer, menos brigar”¹⁰⁷. Antônio Chrysóstomo, responsável por essa matéria, seleciona esse trecho da entrevista por sugerir um triplo caminho: primeiro, a ocultação do sobrenome indica um corpo que se mostra sem o seu nome “oficial” e permite uma maré de identidades

¹⁰⁶ Sobre a homossexualidade no eixo Rio de Janeiro ver MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto Souto ALMEIDA, Kyara Maria. “Onde a gente que é gente se entende”: rastros da homossexualidade masculina no Rio de Janeiro (1960-1970). *Anais do Seminário Nacional de Fontes e Pesquisa Histórica* realizado na Universidade Federal de Campina Grande em 2010. Disponível em: http://www.ufcg.edu.br/~historia/iisnfdph/index.php?option=com_content&view=article&id=89:anais&catid=34:publicacoes&Itemid=38. Consultado em 10/01/2014

¹⁰⁷ Discoteca, sauna, clube: um admirável mundo novo? *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, maio de 1978, p.5

usadas em diferentes situações; segundo, apesar de ser conhecido espaço para homossexuais, lá também se encontram heterossexuais, de modo que é possível conviver juntos, em que pese a heterogeneidade sexual; terceiro, é um espaço que deseja diversão e alegria, evitando brigas a todo custo.

O Rio de Janeiro, já no começo da ditadura, passa por consideráveis transformações urbanas com alargamento das avenidas, novos cinemas e o bairro de Copacabana se tornava conhecido pelas novidades que se vivia naquele calçadão, quebrando costumes estabelecidos. Esses espaços eram mesclados com restaurantes populares (ou não), a tocar música ao vivo e, entre eles, ficou conhecido o Restaurante Alcázar, por receber homens e mulheres homossexuais e porque recepcionavam também prostitutas e boêmios. Havia ainda algumas boates em fins dos anos 1970, a exemplo da *266 West*, que era exclusivamente gay e conhecida em Copacabana por festas originais como a Noite do Havaí¹⁰⁸. São Paulo também contou com uma *266 West*, vizinha à famosa boate *Homo Sapiens*, conhecida da noite paulistana na década seguinte, na rua Marquês de Itu.

As sociabilidades homossexuais ocorriam em praias ou nas reuniões em casas de alguns conhecidos. Aliás, foi comum nos anos 1960, como assinalou a historiadora Nádia Nogueira, a respeito das sociabilidades lésbicas, que apartamentos fossem pontos de encontros; ou bares de Copacabana, como o bar da Fernanda, que pertencia também à Laura, ambas eram namoradas; ou o bar Alfredão, no Posto Seis de Copacabana. Sobre o lugar, Heloísa (67 anos), frequentadora entrevistada por Nogueira, enfatiza: “O Alfredão tratava todas muito bem, em um ambiente muito eclético. Havia todo tipo de gente, inclusive gente que não era do ‘meio’ ficava do lado de fora observando para ver quem frequentava”¹⁰⁹.

Os rastros dessas sociabilidades são manifestações que permitem o acontecimento de um jornal destinado em boa medida ao público homossexual, o *Lampião da Esquina*. Na sua singularidade histórica de quebrar

¹⁰⁸ Idem.

¹⁰⁹ NOGUEIRA, Nadia. Códigos de sociabilidade lésbica no Rio de Janeiro dos anos 1960. In.: COSTA, Horácio; BENTO, Berenice et al. *Retratos do Brasil Homossexual: fronteiras, subjetividades e desejos*. São Paul: Edusp e Imprensa Oficial, 2011, p. 349.

com padrões estabelecidos, tanto entre heterossexuais quanto homossexuais, ao questionar papéis sexuais, *Lampião* foi um acontecimento que trouxe rupturas consideráveis e decisivas com relação ao que se formulava a respeito da homossexualidade. Considerar o periódico como acontecimento é perceber que, com ele, os homossexuais tomaram a palavra e passaram a articular outro lugar na história. Isso porque o acontecimento transcende a ele mesmo, o acontecimento na sua singularidade aponta para o depois, o que se segue, o que permite, não apenas o movimento de ver, ler ou saber dele.

O histórico do acontecimento só se evidencia quando é possível diagnosticar a produção dos efeitos e sentidos suscitados por ele. As teias do acontecimento proliferam na sociedade, cabendo ao presente refletir a alteridade dos seus significados. Com esse debate, *Lampião*, ao ser acontecimento decisivo na construção da sensibilidade homossexual no fim dos anos 1970, construiu, formulou, instituiu um lugar para as homossexualidades. O lugar da linguagem, do discursivo, do texto mais acadêmico ao mais poético, das vidas lidas e de outras dadas a ler.

Os significados dos códigos sobre as homossexualidades emergidos naquele momento proporcionavam quebrar o medo da população com relação a ela, mostrando outras características do homossexual à medida que construía outros modelos de “ser/estar” gay¹¹⁰ e de se dizer gay.

O modelo divulgado pelo *Lampião* mesclava alegria, voz própria, conhecimento, diálogo com a imprensa gay internacional, conselhos, matérias que funcionavam como “auto-ajuda”, militância política, não deixando de fora entrevistas com celebridades da época, quando assuntos tabu como emancipação feminina, questão ambiental e movimento homossexual marcavam presença garantida. Por essas e várias outras razões, tornou-se um dos principais jornais da chamada imprensa nanica

¹¹⁰ É importante relembrar que o termo *gay*, existente desde o século XIX, considerado mais neutro, designava uma cultura específica e positiva. Mas só começará a ser utilizado a partir da década de 1960 nos EUA, quando surge o Movimento Gay.

brasileira, chegando a ser citado no *L'Humanité*, um órgão do Partido Comunista da França¹¹¹.

Mas ele foi também alvo da polícia. Antes de o jornal completar o primeiro aniversário, os doze editores começam a sofrer um inquérito da Polícia Federal, a fim de checar se a equipe estaria publicando material que atentava contra a moral e os bons costumes. Ora, o que ocorria? O Brasil já havia possuído outros jornais gays: um ano antes do *Lampião* vir à tona, circulou, em 1977, em Salvador e Rio de Janeiro, o *Entender*, mimeografado. Por que a polícia estaria incomodada com o *Lampião*?

O corpo editorial do mensário, os assuntos noticiados, o aumento da tiragem em um curto intervalo de tempo para atender a uma demanda crescente, chamou a atenção da Polícia Federal. O governo se sentiu incomodado quando o *Lampião* se decidiu a favor dos presos políticos, ao abordar a campanha em favor da anistia. Além disso, aquelas páginas ajudavam a construir uma subjetividade do homossexual um tanto consciente do seu papel na sociedade. Somam-se a isso os assuntos que ele noticiava, não apenas destinados a gays, mas recorrendo a problemas de outras minorias como negros, mulheres, índios e michês que foram capas de algumas matérias.

Todas essas razões elencadas até aqui constam no texto “*Enfim, um jornal-maravilha*” de Nando Ramos¹¹², ao difundir um discurso consciente de homossexualidade, engajada, não mais submissa, mas, ao contrário disso, buscando vias de se reinventar, recriar-se, dizer-se de outra forma, por uma voz que outrora lamentava, mas que passara a se orgulhar da sua sexualidade. Eis o caráter desse texto-defesa de Ramos: elencar as positivities do que se tornariam capítulos da história da homossexualidade no Brasil que passavam a se compor. Metamorfoses criadas e sentidas por estes sujeitos que agora são narradores e personagens de suas histórias, nas quais o corpo homossexual passa a ser dito e mostrado com orgulho. Os corpos homossexuais engajados na luta pelas minorias. Corpos

¹¹¹ RAMOS, Nando. Enfim, um jornal-maravilha. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, maio de 1979, p.4.

¹¹² Idem.

homossexuais que se exibem, que diz a que veio. Corpos homossexuais que participam não apenas dos bailes de carnaval. Corpos homossexuais que procuram debater sua condição na universidade, na sociedade. Corpos homossexuais de identidades fluidas. Corpos homossexuais numa multiplicidade de subjetividades. Corpos homossexuais performáticos.

Ao acionar várias possibilidades para jogar, brincar, trabalhar o corpo, *Lampião* conjuga uma série de atos performáticos. Performatividade, porque o corpo é uma encenação de uma identidade. O corpo performativo pode brincar, desfazendo binarismos mais comuns (homem *versus* mulher) ou mais teóricos (sexo *versus* gênero), abandonando a identidade de gênero como consequência do sexo biológico e passando a vê-la como “corporificação do tempo com marcas de gênero”¹¹³. Algo semelhante ocorria com as identidades homossexuais daquela época: redefiniam-se e se modificavam nas subjetividades teatralizadas nos corpos. Se, para Butler, gênero é ato performativo e que produz significado, o mesmo se pode dizer do corpo, cartografia de todas essas performatividades, espaço das construções de uma estilística da existência. Performatividade indicada no próprio modo de se referirem aos homossexuais. Usavam-se as palavras *viado*, *boneca*, *bicha*. Houve reações dos leitores ao uso desses termos pelo jornal e Aguinaldo Silva redigiu um texto resposta justificando que “o uso é para retirar o lócus pejorativo” das expressões e “resgatá-las do vocabulário machista para, em seguida, desmistificá-las”¹¹⁴.

Compete-nos verificar os discursos que construíram toda uma formação discursiva a respeito desse corpo homossexual. Agora, iremos mostrar a *água viva* daqueles textos, tentaremos analisar de que maneira os discursos do *Lampião* constroem novos significados para a homossexualidade. Deste modo, estabelece-se a questão: como os discursos do

¹¹³ BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p.200.

¹¹⁴ SILVA, Aguinaldo. As palavras: para que temê-las? *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, julho de 1978, p. 5

Lampião, narrado por homossexuais, inventam um novo corpo discursivo para os adeptos desses desejos?

1.2) A emergência de um novo discurso sobre as homossexualidades

Fazia muito frio. Na Campina Grande de 1978, o inverno chegou mais cedo, mais forte. O relógio ainda não marcava dezoito horas, mas já havia anoitecido. M.C.L., morador(a) daquela cidade conhecida no interior do Nordeste, caminhou na calçada da Praça da Bandeira. No seu rosto, um olhar de coragem mesclava-se a um suspiro de receio. Determinado(a) e atento(a), caminhava firme em direção à Livraria *Livro 7* para adquirir o novo número do *Lampião*. Saiu da livraria, observou o comércio fechando. Sentiu a noite. Uma noite fria e pouco iluminada pelas nuvens pesadas embaçando o céu. Caminhou em direção ao seu fusca vermelho, modelo 1976. Lá mesmo se deleitou na leitura.

Extasiado(a) com o que tinha em mãos, com o conteúdo daquelas páginas, escreveu ao jornal implorando “digam que não estou sonhando, confirmem que *Lampião* chegará a Campina Grande todos os meses, garantam”¹¹⁵. A escolha dessa carta pelos organizadores da edição apontam para a voz de um sujeito, do qual sabemos apenas as iniciais, permanecendo oculta sua identidade; sua transcrição explicita o desejo de ler o jornal, a localização aponta para uma cidade de interior, o que é sugestivo, há homossexuais em todos os lugares, e onde os houvesse, o *Lampião* se esforçava para chegar.

Ora, mas que textos seriam esses, quais as rupturas, as novidades, do que se tratava naquelas páginas, indaga o leitor ansioso. No jornal, criaram-se outros discursos sobre os corpos e sobre as homossexualidades e, fraturando certezas inabaláveis, inventaram-se maneiras outras de abordar e escrever as homossexualidades. Se, para os estudos de gênero mais atuais as identidades performáticas são absolutamente mutáveis, talvez,

¹¹⁵ L, M. C. Cartas que vieram de longe. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, agosto de 1978, p.15.

no recorte temporal dessa pesquisa, o foco do discurso do jornal *Lampião da Esquina*, tenha consistido em brincar com as palavras, a fim de dizer-se, construindo uma nova modalidade de existência para esses afetos e desejos até então inéditos no país.

No jornal analisado aqui os homossexuais puderam se tornar portavozes de si mesmos, caminhar em trajetórias demarcadas por eles mesmos, brincar com os desejos referentes à sexualidade, discutir múltiplas questões do seu tempo. *Lampião*, soube pertencer às minorias, colocar em questão a política do momento. Mas, o sabor do arquivo destaca histórias de amor, narrativas de alegrias, de encontros, de bem-querer, de desejos, de apoio. O fim dos anos 1970 no país singularizou-se também pelo som das vozes de personagens ainda não conhecidas na história do Brasil, os corpos homossexuais que se escrevem na sua própria linguagem.

Houve, é claro, entraves a esse projeto. O discurso religioso investia pesado contra as mudanças culturais referentes à sexualidade. Em paralelo, os corpos homossexuais foram capturados pelo biopoder, um sistema de disciplinarização, onde a vida passa a ser regulada no âmbito do Estado, uma vez que este anuncia o que é permitido e proibido, além de formular um conjunto de regras, visando a adequar aqueles que se desviam do padrão exigido.

Pois bem, é no entremeio das décadas 1970-1980 que se inventa discursivamente os corpos homossexuais dotados do direito de se reformular e se recriar, ao longo das edições do *Lampião*. Essa emergência está ligada ao movimento de abrandamento da censura; ao retorno de intelectuais exilados; à criação de uma imprensa alternativa; à contestação dos valores da família nuclear através do uso de anticoncepcionais; da discussão sobre o aborto; da inserção da mulher no mercado de trabalho; e pelas novas teorias do conhecimento, vindas especialmente da França, país que recebeu muitos exilados brasileiros em decorrência do golpe de 1964.

Para entender a trajetória deste corpo na cena social do país há de se considerar os discursos formulados no mensário, apontando na direção da questão da fabricação discursiva dos corpos homossexuais, e de que forma

os enunciados se referem à problemática do corpo. Atentar, pois, nos *cosmos e porquês do Lampião*, noticiar o ontem, contar o passado, apontarem o futuro naquilo pelo qual sonhavam e lutavam. O jornal, na condição de mídia impressa, é compreendido e pensado menos como mera transmissão da realidade social e mais como uma imposição do que elegem escrever sobre o espaço público¹¹⁶.

Um artigo de opinião, *Nossas gaiolas comuns*, que circulou no jornal, sugere algo nessa direção:

A primeira tarefa parece ser então a que está sendo muito lentamente tentada nos bares, nos cinemas (na tela e fora dela), nas universidades, nos pequenos jornais onde essas tentativas se expressam, na vida de todos os dias: a de tornar possível o que todos veem mas que permanece na sombra, a de nomear a voz alta o que todos conhecem mas sobre o que se calam. Em suma, comparando experiências concretas, *concentrar e definir um conhecimento difuso e vago, mas ainda assim uma forma de saber sobre nós mesmos – seres individuais e sociais – que todos possuímos*. Esta não é uma tarefa tão fácil como poderia parecer à primeira vista. Em primeiro lugar, porque temos o hábito de nos deixar pensar por outros e, depois, porque é só no momento de experimentar as definições que começam a surgir as múltiplas possibilidades de cercá-las. Cada um tem seu próprio mapa do caminho a percorrer. Como desvendar as diferenças, sem transformá-la em marcas de desigualdade? Como organizar uma fala sobre o específico que não ignore o geral?¹¹⁷ (*grifos nossos*).

Aqui se encontra um significado constante em toda a produção do periódico, a construção de uma nova identidade. Mariza, de quem só sabemos ser colaboradora da edição, atribui o título do texto, *Nossas gaiolas comuns*, a um poema de João Cabral de Melo Neto, *Mulher vestida de gaiola*, que também compõe a página. Este discurso, por constar no segundo número do periódico, deseja ainda esclarecer para o público alguns objetivos do *Lampião*, o que se atesta pelo uso do pronome possessivo na primeira do plural, *nossas*. Tenta-se criar um canal de conexão com o

¹¹⁶ CHARAUDEAU, Patrick. Op, cit, p.16.

¹¹⁷ MARIZA. *Nossas gaiolas comuns*. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro; maio de 1978, p.2.

leitor, atraí-lo, persuadi-lo, convidá-lo. Os verbos e a arquitetura do discurso acima explicitam a ideia de se criar um *nós*, recorrendo à seguinte estratégia: falar de si, valendo-se de outros significados.

Deseja-se - a fonte permite ler isso - criar um conhecimento do indivíduo e do social, tarefa complicada, segundo a continuação do texto, e da qual a homossexualidade “que começa a definir-se claramente, tem importância para iluminar a problemática mais geral da sexualidade humana”. Isto é, o corpo homossexual na sua construção histórica passava a ser dotado de uma importância geral, ou seja, esclarecer aspectos relacionados à sexualidade que fugisse dos ditos padrões biológicos. Com isso, realizava uma análise crítica da sua condição de opressão bem como da própria sociedade.

Tais posições aproximam o texto da contestação social dos negros e especialmente das mulheres. Sem deixar de negligenciar uma luta maior que deveria envolver diversos grupos igualmente chamados “minorias”, o discurso do *Lampião*, ao fazer essas conexões, espera ainda se destinar a outros debates, não ficando circunscrito apenas aos homossexuais. Ao ser colocado na segunda página, o texto de Mariza não se encontra somente num lugar de destaque na arquitetura do impresso, toma toda a página. Trata-se de um assunto que exige atenção e destaque, demarcando um pacto de leitura importante na construção de um novo saber sobre o corpo, o corpo que também busca um lugar, o de ser aceito.

Na dissertação ‘...*E havia um lampião na esquina*’- *Memórias, identidades e discursos homossexuais no Brasil do fim da ditadura (1978-1980)*, Almerindo Cardoso Simões Júnior, por meio de uma considerável leitura do conceito de *memória* em Pollak e de *lugar de memória* em Pierre Nora, defende como o jornal foi responsável por uma “(re)afirmação homossexual”, tentando circunscrever os processos de construção dessa identidade. Ao tomar a fonte como lugar de memória, opera uma divisão dos anos de vida do jornal, acoplando-os em certas temáticas: 1978, a afirmação de uma identidade homossexual; 1979, o homossexual político; 1980, o movimento homossexual organizado.

No entanto, parece que houve uma leitura um tanto apressada da fonte, deixando de fazer uma análise mais profunda, o que termina por deixar a discussão acerca da época histórica do objeto um tanto solta, sem relacioná-la diretamente com temas referentes à sexualidade. Além disso, e mais preocupante, Simões Júnior sugere a *reafirmação* de uma identidade, quando historicamente a identidade homossexual não tinha ainda sido afirmada e sequer havia sido construída, finalizada. Pelo contrário, ela vinha se construindo com o *Lampião*. Assim, discordamos da divisão operada pelo autor, envolvendo os anos de circulação do impresso, porque o homossexual político, colocado pelo autor no ano de 1979, percorre toda a história do jornal. Em 1978, não há afirmação de uma identidade, mas sim a tentativa de sua construção. Afinal, a afirmação da identidade evocada pelo autor requer significados para a homossexualidade e não apenas a afirmação identitária, já que esta ainda não era formada.

Na invenção desse corpo homossexual, o diálogo travado com as mulheres permeou todo o jornal. Discutia-se o machismo na sociedade brasileira, faziam-se traduções de importantes textos estrangeiros como, por exemplo, *Heterossexualidade: perversão ou doença?* de James Lindesay, psiquiatra inglês, onde ele ironizava saberes médicos e psicológicos referentes à homossexualidade, preocupava-se, igualmente, com a abordagem da homossexualidade na escola, na tentativa de combater o preconceito naquele ambiente. A questão da homossexualidade no ambiente escolar aparece em entrevista com a psicóloga Marta Suplicy que diz ser importante os pais mencionarem “que relações com pessoas do mesmo sexo não impõe nenhuma característica anormal”¹¹⁸. Naquele momento, algumas escolas da cidade de São Paulo desenvolviam pela primeira vez um programa de educação sexual, o que levou pais, professores e psicólogos a discutirem a questão.

Constrói-se, a partir desses discursos, um saber sobre as homossexualidades que perpassa várias esferas da cultura. Incursiona-se pelo

¹¹⁸ SUPLICY, Marta. Sexo nas escolas? Só papai-com-mamãe, e olhe lá! *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro: outubro de 1979, p.10.

machismo, traz a homossexualidade para o debate e se preocupa com uma educação sem preconceitos. Este saber a respeito das homossexualidades aparece na construção de abordagens pouco tratadas em publicações no Brasil. Longe de ser anormal, o homossexual não se fixa apenas nos seus desejos, ele luta por um lugar social, para a inclusão na sociedade dessa categoria próxima ao preconceito e distante das normas construídas socialmente como corretas. Há uma preocupação de situar estes corpos em relação a outros movimentos da época, em relação à efervescência cultural do momento, como os debates acerca do lançamento de livros de Aguinaldo Silva, por exemplo, ao compor contos literários protagonizados por homossexuais, bem como noticiar o lançamento da *História da sexualidade* de Michel Foucault ou resenhar os dois primeiros trabalhos acadêmicos a abordar a homossexualidade no Brasil: *Homossexualismo em São Paulo* – mencionado anteriormente – e *O homossexual visto por entendidos*, de Carmen Dora Guimarães.

A dissertação de mestrado de Carmem Guimarães foi defendida em 10 de novembro de 1977 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRJ. Nele, desenvolveu-se uma pesquisa de campo num *network*, palavra usada para designar um grupo de homossexuais da Zona Sul do Rio de Janeiro. A dissertação antecede ao *Lampião* e situa algumas das questões que serão abordadas pelo periódico, como a da necessidade de se atentar para algumas particularidades dos corpos homossexuais que estavam prestes a se metamorfosear.

Aparece constantemente nas falas dos entrevistados de Guimarães o problema da acusação/aceitação pública da homossexualidade durante a adolescência. Segundo a pesquisa, a aceitação ocorre com frequência a partir da inclusão dos *entendidos* num grupo homossexual, ocorrendo “na descoberta de outros semelhantes, uma primeira ruptura com a condição de estigmatizado”¹¹⁹. O estigma se desenvolvia na família e a solução era se distanciar, migrar para outro lugar, no caso, o Rio de Janeiro. Esta era

¹¹⁹ GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004, p.55.

uma cidade culta e educada, mencionam os entrevistados, que esclareceram detalhes sobre a prática sexual, dizendo que “acontece de tudo numa transa”. Os seus relatos mostram uma quebra na dicotomia passivo/ativo, bem como com a ideia de uma vida sexual livre, porque há no grupo aqueles desejosos de viver um amor homossexual.

A pesquisa de Guimarães inova em termos de reflexões teóricas, por desenvolver uma nova analítica das relações abordadas entre homossexuais, recorrendo às análises de Michel Foucault em *La volonté de savoir*, cujo texto ainda não havia sido traduzido. É certo que a obra dialoga com os estudos de Erving Goffman, que contava com dois livros publicados no Brasil: *A representação do eu na vida cotidiana* e *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. De Foucault, ela recorre ao dispositivo de sexualidade para refletir sobre o mito do silêncio acerca da homossexualidade.

Desde a década de 1960, especialmente nos EUA e não menos no Brasil, ganhava destaque o debate público em torno do corpo. Lá, essa discussão e a das sexualidades se intensificaram à medida que as lutas estudantis influenciadas pelos movimentos em Berkley, em 1968, contra a Guerra do Vietnã, os hippies, o movimento “Black Power” se modificavam, lançando mão de temas como corpo e sexualidade. Por aqui, um grupo chamado *Doces Bárbaros*, protagonizado por Gilberto Gil, Caetano Veloso, Maria Bethânia e Gal Costa, ganhava destaque com performances inusitadas, atitudes pouco comuns em público e uma produção musical influenciada pelos Estados Unidos. Atentava-se para a vontade de potência do corpo. Em e-mail enviado à historiadora Margareth Rago, Norma Teles, feminista brasileira conhecida por travar lutas contra a sociedade patriarcal já nos anos 1970, é categórica: “ontem fui dormir pensando que o mais importante, o mais novo para mim em 1974 foi a questão do corpo, os trabalhos e a noção de que mexendo no corpo, podem-se alterar humores e até comportamentos”¹²⁰.

¹²⁰ RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismo, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

Se Rago lembra que no começo da década de 1970 o marxismo era a reflexão teórica mais utilizada entre os intelectuais, Edward MacRae, por outro lado, situa que, no fim da década, o aprofundamento da reflexão em torno do corpo, do erotismo e não menos do uso de drogas, e da psicanálise deixam de ser abordados do ponto de vista marxista. Conforme pontua o antropólogo, “o marxismo fica estigmatizado como ‘caretime’ e difundia-se uma nova noção – não existia a possibilidade de uma revolução ou transformação social sem que ocorresse também uma transformação individual”¹²¹.

Percebem-se modificações nas posturas teóricas de compreensão da sociedade. Concomitantemente, o movimento estudantil vivencia alterações no modo de agir da militância. Começava a se desenvolver uma crítica da esquerda tradicional, poderoso grupo de contestação que não deu a devida atenção às modificações culturais da juventude. Os movimentos filosóficos passam a incrementar discussões ligadas ao pós-estruturalismo e se formula uma nova concepção do poder recorrendo à jurisprudência, caminho traçado por Foucault em *Vigiar e Punir*¹²², obra de 1975, demarca Rago¹²³. O livro quebra a noção de verticalização do poder, propondo, em vez disso, uma horizontalização posto que o poder está em toda sociedade, atuando por relações entre poder e resistência.

O *Lampião* ao formular um discurso a respeito dos desejos homossexuais efetua diálogos com o grupo *Somos* (Grupo de Afirmação Homossexual), criado pouco depois do *Lampião*. Preocupado com a luta política pelo fim do preconceito, *Somos* era uma associação que pensava maneiras de ação política, debatia textos sobre sexualidade e respondia às cartas a eles enviadas, falando do medo e temor que precede a confissão

¹²¹ MACRAE, Edward. Op.Cit, p.21.

¹²² O que há no livro é uma transmutação do foco no poder. Vale frisar que as reflexões que operam no livro entre a prisão e o poder talvez não tivesse seguido se não fosse a participação de Foucault no GIP (Groupe Information Prisiones). Na obra é importante considerar a diferença entre práticas discursivas ou enunciados e outras não-discursivas ou de meios. Os dois campos são heterogêneos e a prática dessa teoria estaria especialmente nas abordagens em torno do poder. Ver mais em FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

¹²³ RAGO, Margareth. Op.Cit.

da homossexualidade, bem como das consequências negativas dessa experiência.

Anteriormente, houve outros grupos preocupados em discutir o tema da homossexualidade. Em 1976, por exemplo, João Silvério Trevisan organizou um deles que contava com poucas pessoas e teve duração efêmera. Um dos textos discutidos na ocasião trazia a temática do machismo sendo originário da Frente de Libertação Homossexual da Argentina. Uma das razões para o rápido fim do grupo estava na não aceitação da homossexualidade, vendo-a como uma prática anormal porque, possivelmente próximo de uma visão religiosa, não possibilitava a procriação das espécies e desajustava a ideia do homem feito para a mulher, também cara à narrativa bíblica.

Em abril de 1978, a revista *Versus*, então sob controle da organização trotsquista Convergência Socialista, sediou uma reunião para debater assuntos políticos, na Semana do Movimento da Convergência Socialista. No dia destinado a debater a imprensa alternativa, estava lá um representante do *Lâmpião*, cuja primeira edição tinha saído naquele mês. Mas a equipe da Convergência Socialista, julgando a presença de assuntos homossexuais pouco relevante, alegou que não conseguira entrar em contato com representantes do *Lâmpião*.

Escreveu-se uma carta protesto em relação ao ocorrido e a discussão sobre homossexualidade e política ocorreu ainda no evento em meio ao preconceito dos organizadores do encontro. Para MacRae, a importância desse acontecimento está na primeira atitude de discussão política em torno da homossexualidade¹²⁴.

Apesar desses eventos, o então Núcleo de Ação pelos Direitos Homossexuais assumiu protagonismo em fevereiro de 1979 ao participar da semana de debates dos movimentos emancipatórios, organizados pelo curso de Ciências Sociais da USP. Lá o grupo foi rebatizado como *Somos*. Além de ser um palíndromo sugestivo do “assumir a homossexualidade”,

¹²⁴ MACRAE, Edward. Op. Cit.

iria ser uma característica forte do movimento¹²⁵, havia sido o nome da Frente de Libertação Homossexual na Argentina.

Verifica-se o começo de uma militância organizada por homossexuais. Com as informações sobre encontros e associações divulgadas no *Lampião*, vemos a ligação entre ele e o grupo. Indiscutivelmente os corpos homossexuais elaborados no jornal estavam preocupados com a questão política das suas sexualidades. Ao trazer notícias de algumas reuniões organizadas por e para homossexuais a produção discursiva do *Lampião* tinha um objetivo, politizar esse corpo.

É o que se percebe numa manhã de domingo no Rio de Janeiro. Quem disse que o azul do céu prometia tempo limpo pelo resto do dia enganou-se. Mais tarde, naquele 16 de dezembro de 1979, trovoadas, chuva e ventania compunham o cenário da cidade. Debaixo de um céu que se embaçava com o passar das horas, o debate iniciado pela manhã na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) seguia com entusiasmo. Parece que o foco, segundo aponta a matéria, eram os militantes e a atuação social. Vinhos de Sorocaba, Guarulhos, Brasília, São Paulo, Belo Horizonte, Caxias e Rio de Janeiro, totalizavam 60 homossexuais no público. Quem nos informa sobre esse encontro é o *Lampião* por meio de uma matéria longa e que também foi capa da edição de janeiro de 1980.

Segundo a reportagem apresentada no jornal a respeito do evento, houve inicialmente a apresentação dos grupos, talvez para deixar claro que passava a surgir outras associações e estas buscavam se engajar num movimento de combate ao preconceito. O fato de estarem reunidos em um evento como esse comprova a necessidade de mudanças. Leila Mícolis, colaboradora do *Lampião*, nos apresenta o AUÊ/RJ. Em seguida, o Beijo Livre/Brasília com fins principalmente políticos, depois veio o EROS/SP, posteriormente o Liberto/Guarulhos, logo após o Somos/RJ, que deu a vez para o Somos/SP, Grupo Lésbico Feminista (Somos/SP), Grupo de

¹²⁵ Idem, *ibidem*, p.104.

Atuação e Afirmação Gay GAAC/Caxias e, por fim, o Somos/Sorocaba¹²⁶. Quanto aos mineiros, estavam ali articulando forças e informações para fundar um grupo em Belo Horizonte.

O evento surgiu em uma das reuniões entre *lampiônicos*, maneira ocasionalmente usada pelos editores para referir-se a si mesmos, em associação com militantes do grupo *Somos* do Rio de Janeiro. O jornal havia criado um fundo financeiro, a fim de sediar e custear o evento. As vendas do jornal crescia a olhos vistos. Em decorrência dessa reunião entre os produtores/jornalistas do *Lampião* e dos membros do grupo, ficou a sugestão de ter chegado a um encontro com sentido mais militante. O *Somos* já não era o único grupo de militância homossexual no país, de Belo Horizonte a João Pessoa, grupos surgiam Brasil a fora.

No primeiro ano de existência do grupo *Somos*, a caixa postal recebeu um número expressivo de cartas de organizações de todo o país. Alguns com objetivos mais direcionados, a exemplo do Grupo Gay da Bahia (GGB), outros ainda dando passos iniciais e modestos. Esses escritos sugeriam eventos de militância, solicitavam informações sobre a atuação pública dos homossexuais ou simplesmente visavam a estabelecer um contato entre grupos e pessoas situados e vivendo em regiões muito distantes, eventualmente sem nenhum encontro pessoal, mas com um ponto em comum: a busca por melhores condições para os homossexuais. Esse é um dos principais objetivos do saber que emergia tangenciando o corpo homossexual.

Se o jornal cobria eventos como esses, havia uma intenção clara já dita anteriormente, mas que, reafirmamos, era a de construir uma conscientização homossexual. Os textos elaborados tratando dos corpos homossexuais investem no direito ao prazer, ao desejo, bem como na luta e combate por esses valores. Era uma construção que se fazia lançando mão de recursos linguísticos, como a ironia e a sátira, construção que

¹²⁶ MICCOLIS, Leila. Na hora da festa, conosco ninguém pode. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, janeiro de 1980, p.9.

articula militância e alegria, uma luta apaixonada pelos seus ideais, luta também com um sorriso nos lábios.

Leila Mícolis situou as emoções provocadas por ocasião do Primeiro Encontro dos Homossexuais Militantes. A sua lembrança destaca já de início: “Emoção, sim. Tinha pessoas emocionadíssimas, juro que vi com esses olhos que a terra há de comer. Era tanta a alegria pela reunião, que até gente doente, com febre e tudo, estava presente para prestigiar”. Tais sensibilidades parecem ir ao encontro de uma reflexão de Foucault, conforme lembra a historiadora Susel Oliveira da Rosa: “não imagine que precise ser triste para ser militante, mesmo que a coisa que se combata seja abominável. É a ligação do desejo com a realidade (e não sua fuga, nas formas de representação) que possui uma força revolucionária”¹²⁷. Os escritos do jornal estavam preocupados em modelar os corpos homossexuais com objetivos revolucionários e contestatórios, atentando para a potência dos seus discursos em produzir agenciamentos e modificações na vida dos homossexuais.

Denise Bernuzzi de Sant’Anna ao indagar se é possível uma história do corpo, chama atenção para o fato deste permear ora a geografia do biológico ora a do simbólico. Assim, o corpo é biocultural. Devido à dimensão e à ambiguidade do tema, Denise Bernuzzi aconselha-nos: “é viável realizar investigações sobre algumas das ambições de governá-lo e organizá-lo conforme interesses pessoais ou coletivos”¹²⁸. A autora reflete, especialmente, sobre parte do século XX, momento em que se deu a tentativa de os indivíduos libertarem os corpos dos vínculos que o prendiam no passado, vínculos religiosos, morais e genéticos.

Os efeitos dos discursos do *Lampião*, pleiteando a liberdade do corpo, chegaram aos estudantes da Faculdade de Psicologia de Itatiba, no Estado de São Paulo. O resultado foi um convite formal para que homossexuais pudessem participar de um debate sobre a disciplina de Psicopatologia

¹²⁷ ROSA, Susel Oliveira da. *Mulheres, ditaduras e memórias*: “não imagine que precise ser triste para ser militante”. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2013, p.241.

¹²⁸ SANTANA, Denise Bernuzzi de. *É possível realizar uma história do corpo? In.: SOARES, Carmem Lúcia(org). Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2004, p.4.

Clínica que tratava de uma *doença* chamada homossexualismo. A matéria divulgada, explícita a importância do *Lampião* e de grupos, a exemplo do Somos, na busca por modificar a visão patológica da homossexualidade. Os homossexuais que ali estavam foram tratados com respeito conforme se percebe diante da advertência colocada no anteceder da apresentação: “aqueles que se comportassem de modo inconveniente seriam retirados do auditório” e durante a fala os militantes mostraram que “a homossexualidade é um dado normal e nosso objetivo básico é a luta pelo direito à nossa sexualidade”¹²⁹.

Essa matéria, por sua vez, consta no começo de uma das edições e é de autoria do Grupo *Somos*, mostrando a relação de proximidade entre ambos. Os discursos preocupados em conferir legitimidade aos corpos homossexuais no fim da ditadura dialogam com seus contemporâneos, estabelecem relações com grupos militantes e garimpam seus discursos, objetivando a formação de um saber sobre a homossexualidade.

O saber sobre os corpos homossexuais moldado pelo *Lampião* adquire relevo em seções de opinião - leia-se artigos de opinião - cuja estrutura consiste na exposição de pontos de vista e argumentos sobre quaisquer temas, objetivando o convencimento do leitor. Opor-se ao autoritarismo era apenas uma das metas do homossexual brasileiro no transcorrer dos anos 1970-1980. Eles contestam e se situam num momento quando a censura à imprensa diminui e, então, colocam:

A gente aplaude (e continua apoiando) o começo do fim do autoritarismo e da ditadura. Porém, a gente quer mais. Não nos basta essa água morna e parada, esse não trepa nem sai de cima. A gente quer é mais. Muito mais. A gente quer é Liberdade de viver, comer, trabalhar, descansar, morar, ter saúde, estudar, transar. A gente quer que todos sejam realmente iguais, verdadeiramente livres. A gente quer uma sociedade igualitária sem injustiças. A gente quer é poder ser humano. (...). Não estamos formando guetos não, nem fugindo da luta comum a todos os seres humanos. Somos contra o gueto e somos lutadores¹³⁰.

¹²⁹ Grupo Somos. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, julho de 1979, p.2.

¹³⁰ CARNEIRO, João. Esquerda, direita, um dois. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, abril de 1980, p.2.

Nesse sentido, rompia-se uma hierarquia e se invertia uma norma discursiva que descrevia os homossexuais como indivíduos perversos e que pensam apenas em sexo. O jornal trata de diversos temas da época. Vibrava-se com a redução do autoritarismo, tanto na vida cotidiana quanto nos meios de comunicação, engendrava-se um rompimento com o passado da homossexualidade a se fazer contar nas páginas da ciência, do crime, das causas da *doença, da inversão*. Vejamos que, embora o tema do texto seja a questão *guei* por excelência, há momentos de conexão com um debate maior, o tema da anistia.

Porém, esse texto escrito por um representante do Grupo Somos/RJ, João Carneiro, é também um manifesto, é uma reivindicação, traz uma exigência, diz “ao que se veio”. A liberdade pleiteada, a liberdade escrita com “L” maiúsculo, característica não neutra, aponta na direção da homossexualidade fora do segredo, adentrando o cotidiano, manifestando-se em sintonia com a contestação do momento, combatendo injustiças e lembrando, em certa medida, *O discurso da esperança*, de Harvey Milk, conhecido militante homossexual norte-americano, pronunciado dois anos antes e dotado de um cunho prioritariamente político para as questões homossexuais.

Estamos lendo o fragmento acima como um *discurso*, ou, como gostava de dizer Deleuze, estratos, que para o autor consiste em *formações históricas, positivities ou empiricidades*. Formações históricas porque se inserem numa relação, sobretudo espaço-temporal, positividade, pois constrói, formula, molda, inventa algo e empiricidade, uma vez que estão relacionadas a formas de conhecimento. Na verdade, as palavras são perpassadas por relações de poder que fazem algo acontecer, sair do escrito para o real, do enunciável para o visível.

É pertinente destacar que as palavras, os textos do jornal, em toda sua trajetória, 1978-1981, o fragmento acima igualmente, são analisados e pensados aqui de forma fenomenológica e não epistemológica. E justamente por isso, nada precede as palavras; o campo do visível e do

enunciável, no qual elas se exercem, é próprio para cada formação histórica. As palavras formulam o saber que formam, constroem, inventam. Elas não se separam da sua historicidade, dos valores dos quais são contemporâneas, distribuem-se em vários espaços, ocupam e preenchem telas em branco e transformam outros espaços já marcados por crivos de escritos anteriores. Devido a isso os discursos do *Lampião* passaram a produzir efeitos, o que contava, narrava, se preocupava em destacar, em esclarecer, tornava-se um agenciamento prático, ou seja, trazia modificações¹³¹.

É por isso que defendemos aqui a noção de que o conceito de homossexualidade é, antes de tudo, um produto de discursos. A historiografia tem nos ajudado a compreender a homossexualidade como uma categoria datada historicamente e só possível num espaço-tempo. Sem dúvida, os estudos do Foucault genealógico¹³² inauguram uma fase de reflexões da sexualidade como construção cultural. Quase paralelamente, os estudos gays avançam nesse sentido e novas teorias de gênero, em fins dos anos 1980, lendo Foucault mas também Derrida, quebram os binarismos dos estudos de gênero, produtores de hierarquia, classificação, dominação e exclusão entre os sexos¹³³.

Embora, na primeira metade do século XX, a sociedade brasileira estivesse preocupada com a cura da homossexualidade, posto que era tida como uma prática desviante do padrão normal da sociedade, é apenas nos anos 1970, com a tradução de algumas obras – discutidas a seguir – que passou a se configurar um projeto de criação de um saber diferenciado para a homossexualidade, saber este fundamentado numa discursão teórica, distante do caráter biologizante e mais próximo das explicações

¹³¹ DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

¹³² A genealogia do poder é a segunda fase do pensamento de Foucault, conhecido pelos livros publicados nesse momento, *Vigiar e Punir e A vontade de saber*, primeiro volume da História da Sexualidade. Nesses livros é desenvolvida uma analítica do poder na modernidade através de mecanismos criados por instituições disciplinares em regular e controlar o comportamento dos indivíduos. Isso se encontra atrelado a uma política que emerge na modernidade relacionada ao fazer viver, ou seja, o Estado, antes preocupado em excluir vidas pouco adequadas à utilidade da sociedade, fabrica a vida, corrige os corpos, adentra as pessoas. É nesse momento, por exemplo, que o homossexual passa a ser objeto do discurso médico com vias a cura e reenquadramento na sociedade. Ver: VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

¹³³ LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2004, p.45.

culturais. Nesse sentido, é oportuno lembrar três livros publicados no Brasil nesse momento e que foram apresentados no *Lampião: A contestação homossexual; Sexualidade e criação literária; O estigma do homossexual passivo*.

A contestação homossexual, traduzido em 1980 e publicado pela editora Brasiliense, foi escrito por Guy Hocquenghem, filósofo e participante da Frente Homossexual de Ação Revolucionária, na França. O discurso do livro oscila entre argumentos acadêmicos, de reflexão teórica, e uma linguagem militante, afinal Hocquenghem participou de organizações políticas e, ao mesmo tempo, dialogou com o pensamento de Michel Foucault, mais especificamente com o livro *A vontade de saber*. A sua obra é uma coletânea de diversos textos publicados pelo autor e versa, desde o primeiro ensaio, a respeito de como o autor se “tornou” homossexual, como veio a se perceber homossexual, simultaneamente toca em uma característica estruturante das vidas homossexuais, a relação familiar. Circunscrito a isso, a obra se preocupa em pensar os homossexuais públicos, ou seja, aqueles que falam abertamente da sua sexualidade, sem escondê-la.

Não por acaso, o autor declara que os homossexuais estariam fazendo sua revolução no mundo ocidental desde os anos setenta, colocando-se nas ruas, assumindo a palavra; passavam a falar na primeira pessoa, seja do singular ou do plural, ato que por si só já os situa como sujeitos pertencentes à determinada categoria, daí porque ser importante o autor formular a seguinte questão no começo da obra: “em que momento e através de que excesso de peso, característico de tal designação, alguém mergulha no papel homossexual público”¹³⁴.

As razões apontadas para tais alterações, segundo Hocquenghem, teriam sido o Maio de 1968 e uma espécie de cultura homossexual estadunidense, ambos eventos teriam colaborado para a ocorrência de rupturas decisivas na vida dos homossexuais. Com isso, os homossexuais

¹³⁴ HOCQUENGHEM, Guy. *A contestação homossexual*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980, p.12.

se contrapuseram aos esforços da psiquiatria em colocá-los no silêncio, eles, junto às feministas, põem as minorias na visibilidade. A questão do dizer-se encontra razões de ser em: “não existe homossexualismo que não se declare”¹³⁵. Resistir aos padrões sociais cujo poder barra as paqueras, os desejos, são ideias formuladas pelo autor, cujo objetivo é dar liberdade aos afetos homossexuais. Na última edição¹³⁶, o *Lampião* trazia uma entrevista com Hocqueghem e tradução de um dos capítulos do livro.

Outro livro divulgado na seção *Biblioteca Universal Guei* foi *Sexualidade e criação literária*, 1980, onde Wiston Leyland compila algumas entrevistas divulgadas no jornal por ele organizado, o *Gay Sunshine*. Há ali entrevistas com Roger Peyrefitte (1907-2000), William Burroughs (1914-1997), Allen Ginsberg (1926-1997), Christopher Isherwood (1904-1986), John Rechy (nascido em 1931), Gore Vidal (1925-2012) e Tennessee Williams (1911-1983). Os temas tratados se referem a diversos assuntos: visão religiosa, construção das personagens homossexuais nos romances e, é claro, movimento gay e feminista, conforme indica algumas perguntas formuladas por Leyland.

Evidente que essas entrevistas tiveram um papel decisivo no aparecimento público de temas ligados à homossexualidade. O livro falava de histórias de amores homossexuais e de livros onde a temática era recorrente, alertava para os maus tempos vividos por homossexuais no período das guerras mundiais. Mas também passava-se a contestar a “moral sexual do Ocidente”, que, na visão de Burroughs, escritor e repórter, baseia-se na Bíblia e nos ensinamentos de São Paulo¹³⁷. E, no calor do momento, lia-se sobre a descoberta da sexualidade. Ginsberg tinha o seu assumir-se homossexual questionado por um repórter, para quem responde “eu me assumi em Columbia, em 1946. A primeira pessoa com quem me abri foi Kerouac, porque estava apaixonado por ele”¹³⁸. Os assuntos trazidos na

¹³⁵ Idem, *ibidem*, p.12.

¹³⁶ HOCQUEGHEM. *Contra a bicha institucionalizada. Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro: junho de 1981, p.7.

¹³⁷ BURROUGHS, William S. COLLISSON, Laurence e BAKER, Roger. In.: LEYLAND, Wiston. *Sexualidade & Criação Literária*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980. p.41.

¹³⁸ Idem, *ibidem*, p.75.

entrevista alertavam sobretudo para a existência de outro mundo, caracterizado pela liberalização dos costumes, que deveria, sem dúvida, influenciar uma movimentação semelhante no Brasil.

Em 1979, a editora Achiamé, do Rio de Janeiro, publicava *O estigma do homossexual passivo*, de Michel Misse. Trata-se de um livro pequeno, escrito em 1974, para uma disciplina da graduação em Sociologia no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro e que se baseia numa pesquisa de campo, onde o autor realiza perguntas a exemplo de: “você é passivo?”, e, em seguida, “você é passivo sexualmente?”. Há o questionamento não apenas da identidade homossexual, mas de uma categoria já naquele momento excluída dentro da homossexualidade: a de ser passivo. O passivo, percebe o autor, seria semelhante à mulher, teria por função na relação apenas servir.

A publicação desse livro mostra que essa esfera da homossexualidade se tornava atrativa e, ao mesmo tempo, convida a perceber igualmente a discussão desse campo dentro das universidades. Na realidade, nesses três livros, contemporâneos do *Lampião*, ia se tornando possível criar elementos para um estudo da homossexualidade que a retirasse do campo dos estereótipos, aos quais estava constantemente relacionada. Ao serem divulgadas no *Lampião*, tais obras colaboraram na invenção discursiva de novos corpos homossexuais, invenção dos enunciados que passam a mapear novos padrões para a homossexualidade, novos por sua função estratégico-discursiva de romper com o que se tinha anteriormente.

Portanto, a homossexualidade ganhava espaço nos debates e estudos acadêmicos, aos poucos saía do campo da medicina para se tornar objeto de estudo em debates sociológicos e antropológicos. É o caso dos três livros. Há uma razão clara para divulgação desses livros no periódico, eles falam do corpo homossexual, inscrevendo-o em outros saberes, efetuando sobre eles uma escrita de autoria própria. Estes autores, embora estrangeiros, são junto ao *Lampião*, os construtores de novos saberes a respeito dos homossexuais que passa a existir, a partir da entrada dos corpos na cena pública, na reação a uma condição histórica marginalizada, que era

preciso ultrapassar em detrimento dos tempos da anistia, da redemocratização, do direito à expressão do corpo.

Estes corpos são, portanto, uma máquina de guerra posto que abalam modelos e padrões institucionalizados, colocando algo novo em ação¹³⁹, mas também uma máquina imagético-discursiva de rupturas com a homossexualidade centrada nos becos da noite, no anonimato, na apatia política. Ela se ilustra, agora, no combate com um passado sem existência e voz própria, um passado de *scientia sexualis*, ou seja, com regras e leis a gerir os corpos dos indivíduos, conforme passou a existir no século XIX, um passado sem direito ao corpo físico, ao corpo privado, ao corpo público, sem direito a um saber que parta de si. Por isso, quebrar instâncias diversas relacionadas à homossexualidade consistiu numa das principais tarefas do *Lampião*.

Mas que coisa é essa, o homossexualismo?, questionava Darcy Pen-teado.

Pelo menos, uma coisa é certa e relevante: os psiquiatras modernos, na impossibilidade de curar (?), trabalham no sentido de ajustar os pacientes à sua homossexualidade, o que já é tarefa difícil, considerando as barreiras da sociedade de predominância heterossexual, que tem obrigado o homossexual em viver em mutismo a sua verdade, o circunscrito aos limites do “gueto” da tolerância coletiva. Por essa razão a maioria dos homossexuais tem desejado ser “normal” e durante toda a vida recalca e esconde seus sentimentos verdadeiros, numa tentativa de condicionamento nessa “normalidade”.

Mas... sob o ponto de vista psicológico, será o homossexualismo um mal à sociedade? Os da linha dura do machismo e da desinformação dirão que sim: “são uns imorais”, “são desequilibrados mentais”, “são anormais” etc. Mas o que é normal? Consulto o pequeno Dicionário da Língua Portuguesa: Normalidade – qualidade em estado de Normal. Normal – que é seguido a norma. Norma – regra, modelo, preceito, lei. Recorro então ao padre católico, médico e sociólogo francês Marc Oraison e no seu livro “La question homosexuelle” encontro “Mas de que lei falamos?... Toda cultura é fundada, em efeito, sobre uma certa representação do homem e dos seus relacionamentos com o mundo,

¹³⁹ Para ver mais: DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Felix. *Mil platôs, Capitalismo e Esquizofrenia* (volume 3). São Paulo: Editora 34, 2012.

e aquele que não se assemelha a essa representação é chamado anormal. Mas essa “lei cultural” é normativa, o mesmo que dizer imperativa: ela obriga a ser “normal” para que o indivíduo encontre seu lugar na cultura em questão”. (...) Como ficamos então, em relação ao homossexualismo? Por que a questão está aqui, agora, palpitante e presente! As rejeições e as desculpas que a nossa sociedade cultural usou anteriormente como estacas de sustentação, estão podres e desmoronando, desde que a medicina e psiquiatria não têm mais aqueles elementos que ela sempre usou para seu apoio e acomodação.

Quando Marc Oraison conclue no seu livro que “o homossexualismo é um fato”, está a meu ver constatando uma verdade que até agora a sociedade tentou manter adormecida; mas essa constatação é conformista, porque ela apenas estabelece um marco, um limite. E os limites devem ser transpostos, quando a área delimitada não oferece razões e condições de subsistência.

Mais do que um fato, o homossexualismo é condição humana. E como tal, mesmo sendo atributo de uma minoria, está exigindo o seu lugar atuante numa sociedade, com o direito de uma existência não mistificada, limpa, confiante, de cabeça levantada. Porque só a tolerância, como foi dada até agora, não obrigado! É muito pouco¹⁴⁰.

Na tentativa de criar um novo corpo homossexual, o artigo, primeiro texto de uma das edições, espécie de editorial, informa as opiniões, e igualmente procura formar as opiniões dos leitores, acerca das características da homossexualidade e alude para algumas questões e premissas colocadas no *Lampião*. Por funcionar como editorial, a escrita de Darcy Penteado se aproxima de uma opinião (com)partilhada entre os demais integrantes do grupo que publica o jornal. Com isso, identificamos não apenas relatos de um passado. Ali está a opinião de quem transmite concepções sobre as homossexualidades.

O texto narra problematizações acerca das teorias da sexualidade indicando que há algum tempo a medicina considerava doença e prescrevia aplicação de hormônios ou de eletrochoques no órgão sexual do *pederasta*. Narra igualmente certa psiquiatria moderna a tratar não mais do *problema* da homossexualidade, mas sim da sua aceitação, de tratar o homossexual para que lide bem com seus desejos. Assim, com o *Lampião*

¹⁴⁰ PENTEADO, Darcy. Homossexualismo: que coisa é essa? *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, junho de 1978, p.2.

os homossexuais passam a ter para si um outro tempo, o seu tempo, conquistado a duras penas, a certos riscos, na mirada de olhares descontentes que poderiam apedrejar as bancas que vendiam o jornal¹⁴¹.

A citação de Penteado recortada acima desenha um corpo homossexual como aquele atento com as interpretações e explicações a respeito do seu desejo, com posições teóricas acerca dos seus afetos, procurando entendê-los culturalmente, fruto de um conjunto de elementos que partem do social. Mas se apossa deles na tentativa de efetivar outra gramática, a das regras de si, como um grito dos seus *quereres*. Isto explica, de certa forma, uma das razões do impresso, criar um homossexual com direitos e deveres.

A arquitetura do texto acima efetuava um diálogo com outras áreas de saber, a exemplo da sociologia e da ciência médica. Assim, estamos diante de um editorial conectado a um conjunto de estudos contestando o passado dos homossexuais, marcado por silenciamento e demarcando o rompimento com outras visões que passam a explicar a homossexualidade centrada em base cultural, como faz Darci Penteado.

Esse discurso define o homossexual na medida que enumera significados da sua gramática afetiva, valendo-se de um grito de alerta, um grito que parece dizer “estamos aqui”, um grito a solicitar o que deseja, o direito de exercer publicamente a homossexualidade. Tal direito se manifestaria numa “existência não mistificada, limpa, confiante, de cabeça levantada”. Há também um grito mais alto, parece ecoar periódico adentro, que aflora em outros momentos. Grita-se, não! Não à tolerância, porque essa ideia se vale da noção de não se importar com o outro, a tolerância parece mesmo sugerir que o problema não existe e, desse modo, apenas se tolera. Querer-se-ia a aceitação de si, dos corpos homossexuais, dos desejos desses corpos. Desejos que saem dos corpos, ora para se efetivar num veraneio carioca, ora para ser narrado, tramado, elaborado em páginas do *Lâmpião*, a fim de modificar visões naturalizadas de outrora.

¹⁴¹ MACRAE, Edward. Op.Cit.

É sob essas alterações que a masturbação também vai aparecer no jornal. O prazer consigo mesmo, estimulado num fluir frenético de atos corporais mesclados à imaginação, deixa o campo da vergonha e da culpa, passando a fazer parte do curso “natural” da vida, passa a ser publicizada positivamente através dos discursos do *Lampião*.

Masturbação que podia ser vivida através das páginas do jornal. Em sintonia com as modificações das roupas de banho, os rapazes do verão carioca, mostrado na capa da sétima edição, dezembro de 1978, marcavam presença na praia com sungas curtas, incitando desejos por seus corpos magros e não definidos. A escolha dessas fotos foi uma resposta à revista *Manchete* que costumava trazer notícias do verão apenas com fotos de mulheres. Apesar de a foto anunciando a reportagem preencher o lugar central da capa, elas aparecem em uma única página do jornal com pouco conteúdo escrito, porque o foco nos primeiros números do jornal eram outros temas: noticiar casos de crimes homossexuais, a situação da homossexualidade em outros lugares do mundo, sobretudo onde o movimento homossexual avançava a passos largos, nos EUA, por exemplo. Trazia entrevistas com celebridades da época versando especialmente sobre homossexualidade, cartas de leitores que passavam a ler e se identificar com as matérias, debatia a situação do homossexual na cultura brasileira, contribuía para desmistificar a visão machista e não menos o peso religioso na questão homossexual. Portanto, a partir dessa sétima edição é que o jornal começa a trazer fotos de caráter mais sensual.

No entanto, *Lampião* trouxe fotos de homens pelados. Inicialmente, em março de 1980, na edição 22, apareciam homens nus, sem mostrar o pênis. Finalmente, em agosto de 1980, a capa da edição número 27 trazia uma chamada, “Enfim: o nu frontal”, e um dos nus escolhidos foi o de Ney Matogrosso.

Os textos abordando a masturbação em *Lampião*, retiram a prática do status de tabu. Havia um objetivo claro nisso, diminuir o estigma do homossexual, grupo conhecido por ser adepto desses prazeres. Isso ocorreu especialmente na matéria *Masturbação: O prazer da maioria*, que

desestabilizou algumas certezas. Na reportagem, foram entrevistadas cerca de oito pessoas, quando se constatou que a prática se fazia mais de uma vez por semana, podendo inclusive ocorrer várias vezes num mesmo dia.

A.R., um dos entrevistados, recorda, na juventude dos seus 16 anos, uma noite de chuva forte quando se dirigiu à varanda para sentir a água desvendar sua pele, suas curvas, seus pêlos, eriçando-os no calafrio resultado da sua imaginação. Os trovões, a escuridão mesclada a a água que lhe tocava, deixou-o excitado. Instantaneamente, estava no quarto da mãe, em frente ao espelho, descobrindo partes cujas outras funções lhe eram desconhecidas. Masturbou-se! “Foi a partir daí que me dei conta que meu próprio corpo me excitava”¹⁴². A masturbação passava por dupla ruptura: não era praticada apenas ou em grande maioria por homossexuais; ao separá-la da ideia de pecado, valeu-se da noção de descoberta e usos do corpo.

Era possível ler o aspecto clínico da masturbação em livro publicado uma década antes da matéria. Tratava-se da tradução de uma obra escrita pelo médico Frank S. Caprio, *Aberrações do comportamento homossexual*¹⁴³; médico psiquiatra renomado no Ocidente de meados do século XX, especialmente devido aos estudos clínicos a respeito da homossexualidade. Nos seus estudos abordou o “abuso” do “vício solitário”, a masturbação, que, segundo seus pacientes, apontava relações entre a prática constante na juventude a problemas na vida adulta. Por outro lado, debatendo com as descobertas de Alfred Kinsey, aparece uma visão mais clínica e descritiva dos casos de homossexualidade masculina e feminina, nitidamente arraigada à questão da psicanálise edipiana e tenta desfazer “alguns dos arcaicos preconceitos morais que ainda persistem”¹⁴⁴. Menos preconceituosa, sem por isso tratá-la como aspecto “natural” da vida.

¹⁴² S.F. *Lampião da esquina*. Rio de Janeiro, dezembro de 1980, p.4.

¹⁴³ CAPRIO, Frank S. *Aberrações do comportamento sexual: estudo psicodinâmico dos desvios de várias expressões do comportamento sexual*. São Paulo: Ibrasa, 1968.

¹⁴⁴ Idem, *ibidem*, p.17.

O combate ao preconceito realizou-se em ataques aos programas televisivos. O que antes parecia apenas um motivo para o riso, inverte-se e vira pauta na discussão de como a homossexualidade vinha sendo abordada na mídia, sobretudo na Rede Globo. Assim, o *Lampião* destina uma página inteira da sua edição para tratar do programa “Os trapalhões” numa reportagem que contou com imagens de Renato Aragão e Dedé Santana, atores no programa. A matéria declarava:

O suprassumo da inocência praticada contra os homossexuais, concentra-se no programa Os trapalhões, onde a trupe ignóbil de Renato Aragão apresenta a única imagem do homossexual que o sistema admite que seja divulgada: a da bicha louca, histérica e doentia. As Carmens Mirandas, tão bem interpretadas por estes “bobos da corte”, reforçam o conceito patológico de que todos os homossexuais têm uma grande fixação em tornarem-se mulheres, uma generalização perigosa.

Levando-se em conta que Os trapalhões é assistido por um público exclusivamente infantil e adolescente, que desde cedo é forçado a assimilar os dogmas da sociedade machista, contribuindo assim para a perpetuação da moral do sistema, concluímos que: tal violentação e indução a práticas sexuais de que tanto somos acusados de praticar contra as crianças, não passa de um argumento falacioso, pois na realidade são os heterossexuais que aliciam e violentam as crianças em nome de suas práticas tidas ‘normais’. E além da televisão, seu melhor precursor, como não poderia deixar de ser, é a tão consagrada família, grande responsável pela reprodução da ideologia dominante¹⁴⁵.

O grupo “Os Trapalhões” foi um programa humorístico brasileiro cuja primeira exibição na Rede Globo se deu em março de 1977, ia ao ar aos domingos, antes do Fantástico, exibido até hoje. O riso ficava por conta de Didi Mocó (Renato Aragão), Dedé Santana, Zacarias e Mussun¹⁴⁶. Porém, antes disso o programa já era exibido na TV Tupi. Para fazer rir, eles satirizaram os idosos, as mulheres e os homossexuais, o riso parecia nascer dos *problemas* dos outros. Então, passa a haver uma crítica a essas

¹⁴⁵ MOREIRA, Antônio Carlos. Bichices na Tevê (plim, plim). *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, abril de 1980, p.11.

¹⁴⁶ Sobre essa breve contextualização, ver <http://www.ostrapalhoes.net/sobre-nos/>. Consultado em 05/01/2014.

produções humorísticas, mas também aos padrões sociais das relações entre gêneros.

A leitura do fragmento acima ensina ao leitor a necessidade de fabricar corpos homossexuais que percebam as maneiras pelas quais alguns veículos vêm tratando da questão. Uma das estratégias utilizadas pelo programa na tentativa de levar o riso é a bicha-louca, personagem caricaturada em *Os trapalhões*. Esse modelo da bicha louca e histérica, divulgado em *O snob*, em 1968, ocorre devido à associação do homossexual com a figura da mulher, cujo estereótipo de histeria também é conhecido. Assim, na época, o objetivo da bicha-louca é assimilar características femininas, talvez tentar se tornar mulher. Tal característica no texto humorístico vira deboche, riso, piada, escárnio, desdém. *Os trapalhões* ensinam a rir da homossexualidade porque o riso é um fenômeno determinado pela cultura e “o humor quase sempre reflete as percepções culturais mais profundas e nos oferece um instrumento poderoso para a compreensão dos modos de pensar e sentir moldados pela cultura”¹⁴⁷.

Essa questão, quando o evento aparece, põe em evidência uma crítica aos programas de humor, a poderosa emissora de TV do momento, a um programa que era sucesso. Mas a esse programa o *Lampião* se contrapõe por veicular uma imagem dos corpos homossexuais diante da sátira, afinal se trata de um modelo que não correspondia às realidades divulgadas no impresso. Pois diz não aos estereótipos, não às imagens preconceituosas, não a esse padrão. O discurso, na sua função de crítica, simultaneamente, constrói uma maneira de ser/estar homossexual. A própria crítica deixa antever uma informação, a abordagem da homossexualidade, segundo *Os Trapalhões*, disseminava vários estereótipos na televisão, um canal comunicativo com relevante abrangência na época.

Há que se considerar que, quando o texto foi escrito, a TV já ocupava lugar de destaque na vida de parte dos brasileiros. Fosse na capital ou no interior, a TV chegava divulgando novos padrões de consumo, de cultura

¹⁴⁷ DRIESSEN, Henk. Humor, riso e o campo: reflexões da antropologia. In.: BREMMER, Jane ROODENBURG, Herman (Orgs). *Uma história cultural do humor*. São Paulo: Record, 1997, p.251.

e espalhava Brasil afora o que se produzia nos grandes centros urbanos. Assim ia colaborando na criação de novas identidades. Por meio dela o exterior chegava na vida privada, chegava na família que se reunia na sala com olhos vidrados no aparelho. Essa arquitetura da vida privada, agora ocupada por ela, substituía aos poucos os aparelhos de rádio e os santuários característicos das famílias brasileiras.

Exemplo ímpar dos atrativos da televisão foram as telenovelas lançando ideias do que é ser contemporâneo, observa Hamburger, que também lembra ser no início dos anos 1970 o “boom” econômico para a Rede Globo. Nessa década, há um salto do número de aparelhos de TV nos domicílios do país; 24% das residências possuíam ao menos um aparelho televisor, estatística considerável devido ao valor do produto¹⁴⁸. Na realidade, a chegada da TV durante os anos 1960-70 também teve caráter positivo nas alterações sócio-culturais do momento. Um deles, sem dúvida, foi contribuir para a modificação da própria estrutura da casa. A sala passou a ser o lugar mais importante da casa e não a cozinha e a copa, onde eram realizadas as refeições da classe média.

Passava-se a vivenciar outro comportamento da homossexualidade no que concerne aos afetos e na relação com a sociedade. Isso significa uma modificação acentuada do padrão binário do homem e mulher, o bofe e a bicha, o ativo e o passivo que vai cedendo lugar ao heterossexual e ao homossexual. Ocorriam mudanças sensíveis nas relações heterossexuais e também entre casais heterossexuais “onde se desloca a ênfase dos detalhes do ato sexual (quem penetra quem) para o relacionamento visto de maneira mais abrangente, isto é, só importa com quem o indivíduo se relaciona, se com pessoas do seu próprio sexo ou não”¹⁴⁹.

No debate internacional, embora com o avanço da homossexualidade nas pautas públicas, principalmente no pós-1968, Florence Tamagne reflete a analogia do homossexual ao homem fracassado no teste de sua

¹⁴⁸ HAMBURGER, Esther Imperio. A expansão do “feminino” no espaço público brasileiro: novelas de televisão nas décadas de 1970 e 80. *Revista Estudos Feministas*. Volume 15, nº:1, 2007. pp.153-175.

¹⁴⁹ MACRAE, Edward. A homossexualidade. In.: COSTA, Ronaldo Pamplona e GAIARSA, José Angelo. *Macho, masculino, homem*. São Paulo: LP&M, 1986.

virilidade. Talvez por isso surgisse no cenário homossexual norte-americano a figura do clone, “jovens brancos saídos da classe média, eles se identificavam com um modelo recorrente de virilidade emprestado da classe operária”¹⁵⁰. Esse corpo compõe o modelo do “gay macho” que, por sua vez, se consideram homens verdadeiros. O machismo era uma resposta ao estigma do padrão da heterossexualidade compulsória. De jeans e camisetas modelando o corpo, a imagem do clone ganhou as ruas de São Francisco nos anos 1970, difundindo-se nos Estados Unidos e, em virtude do *american way of life*, para o Ocidente, inclusive o Brasil, cujo modelo gay homossexual macho foi abordado introdutoriamente no *Lampião*.

Os discursos noticiados sobre a homossexualidade nos Estados Unidos incluíam tradução de livros acadêmicos – a exemplo de *Homossexualities*, em 1978, escrito por Alan Bell, psicólogo e Martin Weinberg, sociólogo –, romances, notícias do movimento homossexual, as sociabilidades em saunas e boates e, sobretudo, informações de luta política, de filmes. *Word is out* foi um documentário norte americano estreado em Nova York em 1978 onde “26 homossexuais contam suas vidas, mudanças, sofrimentos, alegria e, sobretudo ‘a forma através da qual fazem ato da presença ante a sociedade’”¹⁵¹. O periódico realizou traduções de textos sobre tendências gays contemporâneas naquele país, os EUA, a exemplo de *Gay-Macho: uma nova tragédia americana* onde Seymour Kleinberg analisa o fenômeno do clone, formulando um artigo para a revista *Christopher Street*, depois republicado no jornal *Gay News* e traduzido no *Lampião*.

Durante o primeiro ano de circulação do jornal quase todas as edições trouxeram várias notícias sobre os Estados Unidos. Essa familiaridade não foi à-toa e tem suas razões históricas: por que se falou de temas ligados a homossexualidade nos Estados Unidos? Porque o país já havia encabeçado desde o pós-Segunda Guerra, e com mais intensidade nos 60, uma série de produções ligadas à discussão da homossexualidade. Em 1947,

¹⁵⁰ TAMAGNE, Florence. Op. Cit, p.436.

¹⁵¹ SILVA, Aguinaldo. Histórias de pessoas comuns. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro; maio de 1978, p.8.

surgia o periódico *Vice-versa*, seguidos por *One*, 1953, *Mattachine Review*, 1956, *The Ladder*. Todos eles são publicações destinadas ao público homossexual norte-americano com objetivos de informar, instruir e debater assuntos relacionados à homossexualidade. O surgimento de algumas associações como a Mattachine Society em Los Angeles ao discutir a homossexualidade na sociedade, mesmo com uma culpa internalizada, colabora na modificação das maneiras de ver e viver a homossexualidade¹⁵². Foi a partir da Segunda Guerra que os rapazes gays, ao serem convocados como recrutas, acabaram se encontrando no exército americano e percebendo que não eram tão minorias quanto pensavam. Parece ter começado ao final da guerra a corrida para as grandes cidades americanas, em especial São Francisco e Nova York.

Suas propostas, estruturação e metas lembram o *Lampião* porque continham lista de livros publicados, cartas de leitor, textos sobre a homossexualidade e discussão política. Dessa forma, noticiar os caminhos homossexuais nos EUA é se deparar com um projeto de visibilidade que ganhava destaque ao apontar avanços em lutas políticas por causa de comportamentos como assumir a sexualidade. É dar crédito para uma experiência de Revolução Sexual que trazia a possibilidade de sonhar com um mundo diferente, conta João Silvério Trevisan. Ainda segundo Trevisan, o jornal em que trabalhava se assemelhava ao “Gay consciousness raising group” americano, este preocupado com uma identidade como grupo social¹⁵³. Soma-se que alguns editores do *Lampião* mantinham correspondências constantes com grupos norte-americanos, como o Gay Liberation Front.

O debate acadêmico nos estudos de gênero naquele país formulava questionamentos decisivos na formulação de pesquisas vindouras. Lá se discutia a construção da homossexualidade oposta à heterossexualidade num aglomerado de relações de poder perpassando os discursos. A

¹⁵² RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2010, p.27.

¹⁵³ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. São Paulo: Editora Record, 2007.

existência da heterossexualidade se dá através da repressão a lésbicas, mulheres e homens homossexuais, defendia Monique Wittig em “El pensamiento heterossexual”, texto de 1978. A opressão, segundo a autora, se dá por não poder falar de si. Wittig afirma:

Esta tendencia a la universalidad tiene como consecuencia que el pensamiento heterossexual es incapaz de concebir una cultura, una sociedad, en la que la heterossexualidade no ordena no sólo toda las relaciones humanas, sino su producción de conceptos al mismo tiempo que todos los procesos que escapan a la conciencia. Estos procesos inconscientes se tornam, por otra parte, historicamente cada vez más imperativos en lo que nos enseñan sobre nosotras mismas por médio de los especialistas. Y la retórica que los expresa, revisitiéndose de mitos, recurriendo a enigmas, procedendo por acumulaciones de metáforas, cuyo poder de seducción no subestimo, tiene como función poetizar el carácter obligatorio del ‘tú-serás-heterossexual-o-no-serás’¹⁵⁴.

Tomar a construção de um saber da homossexualidade através do corpo, seja no debate acadêmico ou social, não é vê-lo como construção neutra. Pelo contrário, seu desenvolvimento traz em si imagens e enunciados, fruto de várias estratégias de poder que se cruzaram historicamente.

A explosão desse saber homossexual, no Brasil, ocorria num momento em que as discussões e debates em torno da anistia política abria espaço para outros clamores da sociedade civil. Desde 1974, no governo Geisel, o Brasil vivia em clima de distensão, caracterizada por avanços e recuos. Em discurso de março 1974, Geisel esclarecia uma condição: apagar a “contestação de minorias trêfegas e transviados”¹⁵⁵.

Não se pode esquecer de que outros atores políticos como a Igreja Católica, movimento dos bairros e favelas e de profissionais liberais também intensificavam sua luta contra o governo. A Igreja, desde os anos 1960, contou com grupos de inspiração esquerdista, que entraram na luta política do país e mais tarde “adotou posturas de luta contra o arbítrio, em

¹⁵⁴ WITTIG, Monique. El pensamiento heterossexual. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Manifiestos gays, lesbianos y queer: testimonios de una lucha (1969-2004)*. Barcelona: Icaria Editorial, 2009.

¹⁵⁵ FIGUEIREDO, Lucas. *Ministério do silêncio: a história do serviço secreto brasileiro de Washington Luís a Lula 1927-2005*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p.239.

apoio aos trabalhadores, aos camponeses, aos estudantes e, em muitos casos, envolvendo-se diretamente com as lutas populares e os movimentos sociais de oposição”¹⁵⁶. Os movimentos de bairro e favelas resultaram na criação de algumas associações como a Faferj (Fundação das Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro) e na Famerj (Federação das Associações de Favelas do Estado do Rio de Janeiro) que eram politizadas, contavam com ativos militantes de esquerda e algumas produziram pequenos jornais, objetivando difundir suas ideias. Os profissionais liberais em meados dos anos 1970, sofrendo as perdas econômicas e salariais trazidas pelo fim do “milagre econômico”, saíram da aparente neutralidade de outrora e entraram na luta contra o Regime, colaborando com a divulgação de opiniões contrárias à política vigente e denunciando torturas e crimes do período.

A anistia transformou-se na bandeira de luta da oposição e conseguiu unir praticamente todos os segmentos sociais contrários ao governo. Depois de quase uma década de lutas, já no governo Figueiredo, finalmente em 28 de agosto de 1979, a Lei de Anistia foi promulgada embora com “alcance restrito, excluindo de seus benefícios os condenados pela ‘prática de crimes de terrorismo, assalto, sequestro e atentado pessoal’. Por outro lado, incluía os acusados de ‘crimes conexos’, isto é, de tortura, assassinato” (LEMOS, 2002; p. 295).

Assim, ao informar sobre a anistia, *Lampião*, um jornal editado por homossexuais assumidos, singulariza-se uma vez mais, pois o grupo utiliza-se da situação política para demonstrar que o jornal não se preocupava apenas com questões voltadas à sexualidade e ao mundo homossexual em si, mas também com as questões mais amplas da cidadania.

Por outro lado, ao denunciar as torturas, humilhações e assassinatos de homossexuais, o jornal também contribuía para a inserção dos homossexuais na sociedade. Se antes, crimes desse tipo recebiam pouca ou nenhuma atenção da mídia, com o *Lampião*, tais casos ganharam um

¹⁵⁶ ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Lutas democráticas contra a ditadura. In.: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão. Revolução e democracia (1964...). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.338.

espaço onde eram relatados e se discutia a impunidade dos criminosos e providências da Justiça. Segundo dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), o número oficializado de mortes de pessoas homossexuais entre 1970-1979 foi de quarenta e uma pessoas¹⁵⁷, evidentemente os números eram maiores, mas destituídos de atenção da polícia e de parte significativa dos segmentos midiáticos.

Um desses casos foi publicado sob o título de *Crimes Sexuais*. No Rio de Janeiro, um dos redutos de gays de todo o país, vivia-se momentos difíceis entre as esquinas e árvores de Copacabana. Certo dia, caído no chão, envolto em sangue, espancado e com a cabeça quebrada, um rapaz de mais ou menos vinte anos se tornou vítima de um crime, mais uma vida nua no estado de exceção característico do contexto político brasileiro na época. A ausência de chuva no começo daquele distante verão deixou as marcas de sangue se petrificarem no chão e irem perdendo o vermelho intenso com o passar dos dias, esvaindo-se, excluindo os vestígios do crime, que provavelmente não tenha ganho atenção da polícia. Parece que as *amigas pintosas* eram o alvo preferido da violência contra os homossexuais. Este grupo parece ser visto como uma vida que se pode deixar morrer, uma vida não merecedora de existência, na realidade, uma vida indigna de ser vivida¹⁵⁸.

Um crime ocorrido no Nordeste também foi divulgado. Tratava-se do cadáver de Marcos José de Moura, encontrado no edifício Holiday, em Boa Viagem, no Recife, em 4 de agosto de 1980, já em estado de decomposição. A causa do óbito foi trauma contuso. As pistas apontavam para um homem chamado Fernando, amigo da vítima, visto saindo do edifício dirigindo o carro de Marcos. A polícia tomou conhecimento do caso, outro suspeito foi apontado e a matéria termina questionando se mais esse crime vitimando um homossexual ficaria esquecido¹⁵⁹.

¹⁵⁷ Ver <http://homofobiamata.wordpress.com/estatisticas/relatorios/>. Consultado em 07/01/2014.

¹⁵⁸ Essas formulações contornam um “conceito político, no qual está em questão a extrema metamorfose da vida matável e insacriável do homo sacer, sobre a qual se baseia o poder soberano”. Ver: AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer: o poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Minas Gerais, 2013, p.137.

¹⁵⁹ CARNEIRO, João. Recife: mais uma bicha executada. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, setembro de 1980, p.3.

Ao noticiar tais crimes, o jornal procurava formular novas questões sobre os homossexuais, procurando legitimar socialmente demandas até então silenciadas, como no caso das agressões e das impunidades que em geral se lhes sucedia. Tratava-se de elaborar um discurso capaz de sensibilizar os próprios homossexuais para que se mobilizassem em busca de seus direitos como cidadãos, discutir o fato de que o assassinato de um homossexual não dizia respeito somente aos próximos da vítima, mas igualmente a todos aqueles que se identificassem com tais desejos. A qualquer momento, em qualquer lugar, poder-se-ia ser mais um.

Os discursos do *Lampião* sobre a violência sofrida pelos homossexuais traziam ainda a oportunidade de contestar outros discursos, como o do colunista do *Diário de Pernambuco*, Néelson Chaves, por dizer que “o homossexualismo é sempre acompanhado do tóxico: andam juntos” e solicitar em nome da “sociedade e das famílias” que houvesse uma representação às bichas e às lésbicas.

O discurso de *Lampião* tenta chamar os homossexuais à luta, fazendo uso ora da ironia, “afinal, não dizem tantos cavalheiros que as bichas têm mais é que morrer?”¹⁶⁰, ora do apelo informando de uma passeata “guei” que reuniu mais de duzentas e quarenta mil pessoas em San Francisco, em junho de 1978¹⁶¹. Convidam porque estão construindo paulatinamente novos corpos homossexuais, corpos que devem possuir uma singularidade comum, lutar contra a sociedade machista e preconceituosa, demarcando um lugar de ator social, de modificação da realidade.

É oportuno destacar que pela primeira vez na história do Brasil emergia uma discussão séria em relação aos travestis, outros corpos homossexuais. Estes marcaram presença na manchete principal em duas edições do jornal: *Travestis! Quem atira a primeira pedra?; Brasil, campeão mundial das travestis.*

¹⁶⁰ Idem., *ibidem*, p.3.

¹⁶¹ COSTA, Adão (tradução e adaptação). Passeata guei reúne 240 mil. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, setembro de 1978, edição 64, p.3.

Estes discursos a respeito das travestis aparecem em certo momento, respondendo a críticas circunstanciais. A primeira matéria a respeito das travestis é uma resposta a uma autocrítica feita pelo próprio “Conselho editorial” – que na fonte aparece em letra maiúscula criando uma nomenclatura de destaque para o grupo e situando novamente o “nós” do discurso – sobre o porquê do desprezo às bichas pintosas e às travestis. Coube a João Antônio Mascarenhas, expor as razões disso:

1 – Julgo que não devemos dividir os homossexuais a fim de não os enfraquecer; afigura-se imprescindível que as minorias oprimidas revelem eventuais divergências para emprenharem-se, coesas, na luta contra a desinformação, uma das causas dos preconceitos;

2 – Se eu, como lampiônico, sou contra os preconceitos, que geram o desprezo dos mal informados, seria contraditório que agisse da mesma forma que os preconceituosos, considerando-me superior aos que não têm procedimento idêntico ao meu;

3 – Eles até merecem minha simpatia, pelo fato de ostensivamente assumirem a própria situação, arrastando os problemas daí decorrentes e, também, o meu respeito por forçarem os que não querem ver e admitir a existência do homossexualismo e, ainda, merecem a minha admiração, por rebelarem-se contra a rigidez dos padrões sexuais impostos pela casta dominante

4 – Se, pelos motivos acima, tanto as bichas pintosas como as travestis credenciam-se ao meu apreço, há facetas de procedimento deles que, na minha opinião, são inconscientemente machistas e, portanto - sempre no meu entender – erradas.¹⁶²

A elaboração desse discurso aparece logo após a primeira matéria sobre as travestis e, por sua vez, indica toda a complexidade que o termo homossexual traz, ao revelar não se tratar de um grupo coeso e, sim, fragmentado, como quaisquer grupos sociais. Por outro lado, oferece a possibilidade de dialogar com outra esfera da homossexualidade. Falar das travestis, em relação às quais o preconceito era mais explícito do que aos demais homossexuais, parece ter sido estratégico ao tentar integrá-los na discussão sobre o preconceito e o machismo evocados pelo jornal.

¹⁶² MASCARENHAS, João Antônio. Sobre tigres de papel. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, setembro de 1978, p.9.

Apesar de Mascarenhas ter uma visão de que os atos performativos de dar bandeira, “dar gritinhos e requebrar os quadris” eram atitudes, segundo o autor, usadas por machistas “que se negam a admiti-lo como homem comum”, a efeminação da bicha pintosa e da travesti se desencadeia “porque interiorizou os valores machistas, e os interiorizou a tal ponto que passou a considerar que, por ser homossexual, precise dar bandeira, mostrar a todos que constitui parte de um grupo anatematizado”¹⁶³. Mesmo com essa opinião, que segue argumento favoráveis às travestis como o fato de elas “assumirem a própria situação”, o texto finaliza enfocando o papel do *Lampião* em apoiar todos os grupos oprimidos.

O corpo homossexual estava inserido no fenômeno de uma nova cultura popular de massa. O historiador Marcos Napolitano aponta uma dicotomia entre cultura de massa valorizada e cultura de massa desvalorizada. Nascia naquele momento a música cafona com nomes como Odair José, Waldick Soriano, Agnaldo Timóteo e Amado Batista que caíram no gosto da classe menos favorecida economicamente ao cantar relações amorosas de operárias e empregadas domésticas. De modo análogo, chegava às TVs os programas de auditório de Sílvio Santos e de Chacrinha, programas que, se por um lado traziam atrações exóticas, com referências ora mais ora menos sutil “aos viados e bichas”, eram baluartes do conservadorismo.

As canções produzidas no período de 1975-1982 são conhecidas como as canções que cantaram a abertura, verificou Napolitano, proferindo sensibilidades de jovens da classe média. O ano de 1979 começava com a revogação do AI-5, em 1º de janeiro, dando possibilidade a um “Começar de Novo”, como cantou Ivan Lins, um Brasil com a existência social de corpos outrora tolhidos em suas cidadanias. Já Beto Guedes¹⁶⁴ cantou aquele momento metaforicamente como “Sol de Primavera”.

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ NAPOLITANO, Marcos. MPB: a trilha sonora da abertura. *Revista Estudos Avançados* (USP), v.69, p.389-404, 2010.

As músicas aqui citadas, entre muitas, somam-se àquelas músicas de protesto hoje lembradas como das mais significativas na luta contra o regime militar. Chico Buarque homenageou Zuzu Angel com a canção “Angélica”. Pouco antes de morrer, a estilista deixou uma carta aos amigos alegando que, caso aparecesse morta, a culpa deveria ser atribuída aos militares. Zuzu lutou até o último suspiro na tentativa de fazer justiça ao filho morto na ditadura. A letra fazia alusão ao sofrimento dessa “mulher/ que canta sempre esse lamento/ Só queria lembrar o tormento/ Que fez o meu filho suspirar (...)/ Queria cantar por meu menino/ Que ele já não pode mais cantar”¹⁶⁵. Belchior também deu sua contribuição ao compor “você não sente e não vê/ Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo/ Que uma nova mudança em breve irá acontecer”¹⁶⁶. Como apropriadamente percebeu o historiador Marcos Napolitano, tais letras de músicas aludiam a uma liberdade que ainda não era plena, mas já se podia constatar ao mesmo tempo que o medo já não era mais dominante¹⁶⁷.

Chico Buarque compôs também nesse momento uma música que se tornou bastante conhecida: *Cálice*, composta em 1973 para um show que ocorreria no Palácio das Convenções do Anhembi, em São Paulo, em maio daquele ano sob organização da gravadora Phonogram (atual Universal). A música fazia referência ao silêncio imposto pela ditadura a diversos segmentos da sociedade, em decorrência da ausência de democracia. Talvez o *Lamião* se aproxime dessa canção porque ele procurou excluir os silêncios em torno dos temas das homossexualidades, querendo romper com um tempo duradouro, onde era “difícil acordar calado/ se na calada da noite/ eu me dano/ quero lançar/ um grito desumano/ que é uma maneira de ser escutado”¹⁶⁸.

¹⁶⁵ BUARQUE, Chico. Angélica. Disponível em <http://letras.mus.br/chico-buarque/45106/#>. Consultado em 16/01/2014.

¹⁶⁶ BELCHIOR. Velha roupa. Disponível em <http://www.radio.uol.com.br/#/letras-e-musicas/belchior/3494>. Consultado em 16/01/2014.

¹⁶⁷ Idem, p.108.

¹⁶⁸ BUARQUE, Chico. Cálice. Disponível em <http://letras.mus.br/chico-buarque/45121/>. Consultado em 16/01/2014.

No clima “tudo céu azul, tudo céu, tudo azul e furta-cor” se exigia “nada dessa cica de palavra triste em mim na boca”, o corpo falava, os desejos pulsavam, Caetano Veloso cantava “os pelos dessa/ Deusa tremem ao vento ateu”. E o *Lampião* abraçava “a necessidade de assumir o prazer como um dos direitos fundamentais do homem”. Havia uma proposta do jornal em quebrar os discursos ditos da moral e dos bons costumes. No projeto de defender outras minorias, realiza uma atividade inovadora na imprensa, o apadrinhamento do desejo combatendo o anonimato da homossexualidade:

Por causa deste silêncio é que se criaram, e vêm sendo mantidos, muitos mitos em relação ao homossexualismo. Um deles, que este jornal desde o começo pretende desmoralizar, é aquele segundo o qual os homossexuais são criaturas pervertidas, sempre dispostas a corromper e a aliciar; se o homossexual vive grande parte de sua vida nas sombras, não é que ele goste disso; é que lhe foi imposto; se ele compensa sua insegurança e sua instabilidade transformando-se às vezes em uma caricatura do que a sociedade lhe apresenta com padrões ideais ideais – é o caso do sapatão e da bicha louca – não é porque isso lhe seja natural, mas sim, porque nem sempre ele é capaz de resistir às pressões, sucumbindo aos que rejeitam sua preferência sexual como apenas mais uma das formas através das quais se manifesta o esforço humano. A este respeito é sempre bom citar os especialistas; lembremos Charlotte Wolff, da British Psychological Society, que falando sobre o comportamento dos homossexuais mais pintosos, escreveu: ‘Convém lembrar que as reações psicológicas exageradas, neuróticas ou não, são consequência dos agravos passados’.

Numa tentativa de evitar que estes agravos se perpetuem é que LAMPIÃO veio à luz¹⁶⁹.

A ordem do discurso acima indica uma preocupação em demonstrar, explicitar, deixar claro os objetivos do jornal, tanto no seu aspecto de defesa quanto no aspecto combativo. Sua produção demarca um lugar importante nos objetivos do periódico dado ter sido assinado por Aguinaldo Silva, editor-chefe. Sem dúvida, a sua escrita é permitida em meio à

¹⁶⁹ SILVA, Aguinaldo. Para o Brasil do ano 2000 os “bons costumes” do século XIX. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro: Fevereiro de 1979, p. 5.

efervescência cultural contestatória ao regime, esboçada ao longo do capítulo e a uma produção intelectual no Ocidente que, ao abordar as homossexualidades, as contornava numa outra visão, menos patológica e voltada mais para a aceitação desse grupo. Portanto, o *lugar* de pertencimento dessas palavras sobrevém de um jornal escrito e destinado, em grande maioria, aos homossexuais.

O novo corpo homossexual é possível através de um conjunto de enunciados e agenciamentos que se aglutinam numa formação discursiva, incluindo um comum nas homossexualidades, o seu cotidiano, as questões de lutas diárias, o direito de existir, de dizer sim à existência, de trazer para o debate traduções de artigos de psicólogos e estudiosos da homossexualidade, da preocupação com as DSTs do momento.

O surgimento de todos esses discursos significa que em dado momento da história do Brasil, na passagem dos anos 1970-80, foi lícito se gestar uma série de discursos capazes de elaborar uma imagética singular, até então, para as homossexualidades. Os diversos tipos de homossexuais mostrados romperam com o silêncio de vários assuntos relacionados à homossexualidade. Falar de travestis, dos michês, da masturbação consistiu numa estratégia de tocar os temores e sonhos dos sujeitos homossexuais. Dialogar com o movimento indígena, negro, ecológico e feminista também não foi à toa, falava-se de si, mas simultaneamente dos outros, todos juntos constituíam a grande luta, luta das minorias, dizia a imprensa da época. Os discursos indicam que os gays podem falar, conforme a capa de uma das edições, na imagem 04.



Imagem 04: Lampião da Esquina, Rio de Janeiro, novembro de 1979, capa.

Na edição de novembro de 1979, uma afirmação aparecia como chamada de capa: “Povo gay já pode falar”. A frase confirma que com o Lampião os homossexuais passam a ter o direito a formular um discurso deles mesmos, diferentemente do que lhes ocorria anteriormente, quando eram formulados discursivamente por outros campos de saber. Pela primeira vez a palavra gay, grafada em seu original inglês, aparece numa capa de periódico brasileiro, o que talvez tenha passado despercebido na edição, uma vez que nessa edição na mesma palavra aparece no título de outras notícias e escrita no português.

O *já pode falar* também se associa ao arquivamento do inquérito policial do jornal. A escolha da imagem de Fernando Gabeira numa chamada de capa se aproxima do discurso de contestação e da sexualidade. Conhecido por aparecer na praia de Ipanema com uma pequena sunga de crochê em fins dos anos 1970, era igualmente um jornalista exilado do país durante a ditadura. O seu retorno, ou melhor, a fala escolhida para figurar

na capa está em debate direto com os discursos criados no *Lampião* a respeito dos corpos homossexuais.

Ora, os corpos reivindicam liberdade, desejos, volúpias; um corpo não pode esperar para ter um orgasmo. Não pode esperar no gueto, não pode esperar com medo, seja da polícia seja da política. À medida que esse saber vai moldando o corpo homossexual, dotando-o de outras sensibilidades, outros afetos, outras particularidades, dotando-o também da possibilidade de viver seus desejos, o país avançava na luta pela redemocratização.

Ao surgir em abril de 1978, *Lampião*, abriu um canal com propósitos de construir e fazer falar o corpo homossexual. Faz-se necessário ressaltar a necessidade de situar esse discurso numa teia de saber-poder, que o costura, o tece, atribuindo uma imagem diferente do seu passado, de uma história em que a imagem e a voz homossexuais vinham de fora. O período abordado ao longo deste trabalho é marcado pela feitura de uma nova fase da história da homossexualidade, agora elaborada pelos próprios homossexuais, agora protagonistas de seu próprio discurso.

A partir do final dos anos 1970, como emissores do discurso, novas questões começam a ser elaboradas. Como os homossexuais lidam com seu desejo diariamente? Como deveriam colocar-se publicamente sobre o assunto? Deveriam ou permaneceriam no gueto? Como se diziam pertencentes da homossexualidade, quais sensibilidades desencadeiam essa *confissão*? Historiar a confissão da homossexualidade é cena para o próximo capítulo.

Capítulo II

Assumir-se: por quê?

O dispositivo de confissão das homossexualidades no Brasil

2.1) Aprender a nomear-se: a máquina de elaborar confissões

A madrugada avançava devagar num dia desconhecido da segunda semana de junho de 1978. Finalmente, mais uma edição do *Lampião* estava concluída. Geralmente, essa atividade era realizada por Aguinaldo Silva que tomava de empréstimo a redação de outro jornal na execução do trabalho. Em diversos lugares do Brasil, leitores esperavam os próximos números. Esperavam aprender um pouco mais sobre um tema que pouco se sabia até então, as homossexualidades. Esperavam a coragem de ir à banca comprá-los. Esperavam a coragem de um dia, quem sabe, escrever para o periódico. Esperavam ainda as palavras sobre si, as palavras de si, as palavras a dizer-lhes, as palavras a contorná-los, as palavras a ensinar-lhes, as palavras a nomear-lhes.

Na edição número três do *Lampião* é possível perceber a recorrência à temática da visibilidade da homossexualidade. Desse modo, acreditamos, seja possível situar nos anos 1970 a emergência histórica de um conjunto de discursos preocupados em formar e informar sobre o assumir-se, constituindo o que chamaremos de dispositivo de confissão das homossexualidades no Brasil, um conjunto de discursos que acionam maneiras de visibilizar a sexualidade.

Os textos do jornal incentivavam a uma confissão da homossexualidade. Eles estavam recorrentemente sugerindo a importância pessoal e política dessa atitude. Viver-se-ia melhor assim. Ao livrar-se do segredo,

rompia-se o círculo de desconfianças, alcançava-se certo alívio do medo de ser descoberto. Os textos do jornal, em conjunto, podem, sem dúvida, ser lidos como um discurso persuasivo. E é a isso que se deve observar, a relação entre tais enunciados e a formação de uma experiência¹⁷⁰ da confissão, de um imperativo de assumir a homossexualidade.

Neste segundo capítulo o objetivo é investigar como os discursos a respeito do *assumir-se* apareciam nas matérias e analisar de que modo passou a ser elaborado um discurso de confissão das homossexualidades.

O texto a seguir, assinado por Antônio Mascarenhas, é exemplar nesse sentido, pois preocupou-se em trazer as possibilidades que a visibilidade da sexualidade traria à vida dos homossexuais:

Assumir-se? Por quê?

Assumir-se, no caso, significa o processo de aceitar com naturalidade a condição de homossexual, sem alardeá-la, mas sem escondê-la. Isso não se consegue nem rápida nem facilmente, mas, em geral, a duras penas. Depois de angústias e frustrações. Valerá o esforço? Creio que sim. Não pretendo enumerar todos os motivos, mas alguns deles:

1º: Sentimo-nos desobrigados de fingir, livrando-nos do peso da mentira e da tensão provocada pelo terror de sermos descobertos;

2º Dispensamo-nos da hipocrisia de participar do jogo dos outros, do eu-faço-que-escondo-e-você-faz-que-não-vê; via de regra simulam ignorar o homossexualismo dos que a rodeiam para, assim, mantê-los sob domínio, para que eles conheçam os seus lugares, não se manifestem, sigam as regras, curvem-se calados, gratos, até pelo bom tratamento;

3º Impedir a ocorrência de chantagem de parte de indivíduos com quem mantivemos relações sexuais; de repórteres sensacionalistas da imprensa marrom; de companheiras de serviço, de todo círculo de criaturas com quem convivemos, até mesmo do círculo familiar, onde às vezes um outro tipo de chantagem ocorre, a chantagem afetiva – talvez a mais terrível de todas – que, surda, implacável, prenhe de ameaças, traumatiza tanta gente;

4º Fazer com que fiquemos a salvo da necessidade de subornar certos policiais inescrupulosos, que fingem desconhecer que o homossexualismo não é

¹⁷⁰ Entende-se por experiência a relação entre saber, normatividade e produção de subjetividades. Ver FOUCAULT, Michel. Modificações. *História da sexualidade, volume 2: O uso dos prazeres*. São Paulo: Edições Graal, 2010.

punível na legislação brasileira e procuram submetermos a todos os vexames sob ameaça de uma acusação qualquer;

5º Saber que neutralizamos os nossos opressores machistas, porque os privamos de utilizar a única arma de que dispunham contra nós, a ameaça de descobrir-nos, quando, na impossibilidade de acusar-nos de qualquer deslize, utilizam-se desse recurso para manter-nos amedrontado; obviamente essa gente nada pode fazer contra um homossexual assumido;

6º Dá, pelo nosso exemplo, apoio moral aos homossexuais desejosos de assumirem-se, mas com receio de fazê-lo; infelizmente não raro jovens se suicidam porque não suportam o estigma imposto pela sociedade;

7º Também pela nossa atitude ajudar os familiares que se indignam quando percebem o homossexualismo de um parente, a questionarem a validade da posição de repúdio por eles adotada e ao auxiliá-los a darem-se conta dos preconceitos de que são portadores; na medida em que mais e mais homossexuais assumidos impuserem-se, pela qualidade do trabalho, na indústria, comércio, política e outras atividades, haverá maior aceitação por parte dos heterossexuais; o processo já se acha em andamento; não aumentará percentualmente o número de homossexuais mas provocará uma queda de máscaras;

8º Sentir que estamos batalhando para a construção de um mundo melhor, onde os direitos humanos e os das minorias sejam respeitados, pois o assumir se constitui um ato essencialmente político, através do qual o indivíduo reconhece-se como integrante de um grupo oprimido, primeiro indispensável passo para lutar contra a opressão. Evidentemente quem teme defender-se, pelo receio de identificar-se não se encontra preparado para fazer-se respeitar (...)

9º Maior auto respeito, pela ausência do sentimento de culpa;

10º Aumento de segurança, pois nos vemos livres de tensões e angústias;

11º Melhor relacionamento com nossos parentes e amigos pela maior franqueza;

12º Possibilidade de plena realização pessoal e profissional pelo conjunto de condições acima¹⁷¹.

Inaugura-se, também com o texto acima, uma nova era para as subjetividades homossexuais, a era da confissão. Ora, dirá o leitor, os homossexuais não já tinham que confessar os seus pecados à Igreja, por exemplo? Nesse caso, a que se deve esse ineditismo? Passa a haver uma

¹⁷¹ MASCARENHAS, João Antônio. Assumir-se? Por quê? *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, junho de 1978, p.2.

positividade no assumir-se. O seu emissor não teria uma punição, uma moral a minar essa atitude. Assume-se para poder viver melhor, segundo as várias razões enumeradas pelo autor. Assume-se para colocar em xeque uma relação de opressão, objetivando ganhos pessoais, políticos e sociais.

Dizer ‘sim’ ao assumir-se, lançar mão desse discurso constituiu um desejo de romper com a dupla identidade imposta pelas barreiras morais vigentes. Ao afirmar-se, o homossexual saíria da zona sombria que lhe era imposta, desnudava o jogo de faz de contas – você sabe, mas finge não saber e eu sei que você sabe e finge não saber – e assim assumia um papel social que não podia mais ser solenemente ignorado.

Não se tratava, e não se trata, ainda hoje, de uma decisão fácil de ser tomada. Dela decorrem uma série de questões que Mascarenhas não deixou de abordar. Mas o texto deixa claro que, por mais problemáticas que trouxessem as novas questões decorrentes do ato de se assumir, valia a pena executar esse ato uma vez que nada pior do que a série de chantagens a que o homossexual estaria exposto, quer seja no trabalho quer seja no âmbito familiar.

No texto de Mascarenhas, o assumir-se, que não deixa de ser uma forma de se revelar pela confissão, ganha uma nova dimensão, já que aparece fora do âmbito da tradição confessional cristã¹⁷². Se até então a confissão homossexual pressupunha algum tipo de punição, uma vez que o cristianismo não via com bons olhos tais práticas, agora ela passa a ter uma dimensão pública e libertadora. Confessa-se para poder deixar o

¹⁷² No ocidente a confissão está intimamente ligada com a fundação do Cristianismo. A Teologia Moral elaborada pela Patrística procurou investir na proibição do prazer sexual e valorização do matrimônio, constituindo um dos principais pilares do cristianismo. Valorizava-se igualmente a continência. Em decorrência do IV Concílio de Latrão, no século XIII, essa questão ficava bem delimitada. Houve ainda alguns teólogos da Patrística que incentivaram na visão que a Igreja construiu do sexo. Na passagem dos séculos IV-V, conta Lana Lima (1996), com Santo Agostinho, associou-se pecado original e sexo. Com isso, era inaugurado efetivamente um combate eclesialístico contra o prazer sexual. Nos séculos XI e XIII esses prazeres passam a ser classificados e recebem o nome de luxúria. Concomitantemente começa a circular manuais de confissão. Mais tarde, no século XVI, Martín de Azpilcueta Navarro, em *Manual de Confessores e Penitentes* defende que a loucura é um vício do homem. Esses manuais tiveram a função de lembrar os confidentes de suas faltas. Segundo Bartolomeu dos Mártires em *Tratado de Confesión*, livro de 1564, o confessor deveria deixar o confidente expor suas “faltas” sem intervir, em seguida começa o interrogatório. “Longe de ser apenas a repetição de um discurso estereotipado, a prática confessional aparece como espaço que permite a apresentação de conflitos particulares” (LIMA, 1996; p.41). In.: PARKER, Richard; BARBOSA, Rogéria Maria. *Sexualidades Brasileiras*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: ABIA: IMS/UERJ, 1996.

gueto homossexual e deixar de ser passível a chantagens de variada ordem.

Foram discursos como esse, inéditos até sua circulação, os responsáveis por trazer à tona algo até então inédito a respeito da homossexualidade no país: uma cultura da confissão, positivando a prática. Não se tratou de um movimento isolado. É preciso lembrar aqui que o Ocidente, em especial os Estados Unidos e a Europa Ocidental, passava por uma revolução social já nos anos 1960. E foi naquele movimento, influenciado pela agitação das “minorias” que questões relacionadas à sexualidade deixaram o espaço privado em direção ao público. As mulheres passaram a reivindicar o direito de dispor de seus corpos e os gays começaram igualmente a tomar consciência de que somente assumindo um papel social é que passariam a existir social e politicamente. A sexualidade começava a deixar de ser uma questão de Igreja ou de Estado para tornar-se uma questão de foro íntimo.

O texto de Mascarenhas aponta para um projeto de futuro. Escreve-se sobre o passado num presente que ao mesmo tempo aponta para o futuro. De que modo? Atentemos para o item de número oito das razões enumeradas no artigo. Alude-se a uma perspectiva política na construção de um novo mundo. Por se tratar de um “grupo oprimido”, parece útil compor uma voz de luta com propósitos de questionar e excluir todos os preconceitos sofridos na sociedade.

Estamos tratando de uma temporalidade na qual o homossexual tornava-se personagem de mais um projeto a modelar sua existência, o de dizer-se ou não, assumir-se ou não, calar ou falar sua homossexualidade. Eis mais um binarismo com o qual precisou aprender a lidar cotidianamente através de textos e imagens do *Lampião*, que criaram modelos e regras em torno de diversos temas ligados aos homossexuais, principalmente o assumir-se.

Tomando por análise o assumir-se numa perspectiva da teoria queer¹⁷³, David Halperin observa que a experiência de tornar visível e dito que se é homossexual, comprova a ideia foucaultiana do poder¹⁷⁴ em todas as partes; ele se alastra pelos caminhos mais ínfimos da vida social, faz-se presente em diversos espaços e se desenvolve horizontalmente. Embora estar no armário seja uma forma de proteção numa sociedade moldada na heterossexualidade compulsória, pode também se referir a um outro imperativo imposto aos homossexuais por esta mesma sociedade que para se proteger da sexualidade “desviante” elabora um silêncio a respeito das sexualidades fora da norma.

De acordo com a discussão da visibilidade da homossexualidade colocada por David Halperin, “não é possível pensar o armário como uma experiência da liberdade”¹⁷⁵. Isto é, estar no segredo, manter oculta a preferência sexual, pode trazer ganhos sociais só possível devido ao sujeito se fazer passar por heterossexual. Além do mais, assumir-se pode permitir aos heterossexuais, por exemplo, “projetar todas as fantasias que tem

¹⁷³ A teoria *queer* procura pensar as diferenças sexuais longe de categorias binárias e da noção de tolerância, conforme se fez comumente nos estudos gays e lésbicos, ou seja, é uma maneira de conceber e pensar os estudos de gênero de um modo contrário ao que faziam os estudos gays e lésbicos, pautados em binarismos. Este modelo de reflexão quer pensar as múltiplas formas de diferenças sexuais. Desde o seu surgimento, nos Estados Unidos, entre os anos 1970-1980, os queers passam a designar uma luta política e um pensamento teórico influenciado pelo feminismo e pelos estudos gays. Um dos desafios dos queer é entender e desconstruir os estigmas de grupos vistos como sexualmente desviantes. O tema queer por si só já procura romper com as palavras “gay” e “lésbica”, que até então funcionavam como “a” identidade de certos sujeitos. Assim, o foco dos queers é também resistir e contestar o modo como alguns saberes e práticas se constituem e se tornam normas *corretas* e que devem ser seguidas. Porém, como esclarece Berutti (2010, p.30) “a teoria queer não se restringe apenas a discutir questões relativas à sexualidade. Essa teoria objetiva também problematizar questões relativas à identidade”. Para mais informações, consulte: LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005; MISKOLCI, Richard. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012; BERUTTI, Eliane Borges. *Voz, olhar e experiência gay: Resistência à opressão*. In: *Gays, lésbicas, transgênderes: o caminho do arco-íris na cultura norte-americana*.

¹⁷⁴ É com Deleuze que aprendemos: “o poder não tem homogeneidade, antes se define pelas singularidades, pelas pontes singulares através das quais passa”. O poder não vem de cima, do Estado, por exemplo, ele opera onde exercem um papel produtor. Em *Vigiar e Punir* o foco no poder nos esclarece que as sociedades modernas eram sociedades disciplinares. Então faz-se necessário compreender o que seria disciplina. Deleuze dirá que disciplina é um aparelho que permite, possibilita o poder. Além do mais, não há uma localização particular para o poder devido a própria palavra local ter sentidos diferentes. Ora se refere ao global, ora não é localizável posto que difuso. Isto porque o poder é operatório entre um conjunto pois o próprio nome “relações de poder” significa que há mais de um sistema em evidência. A relação de poder não ocorre sozinha e “é o conjunto dos relacionamentos de forças, conjunto que não passa menos pela força dominada que pelas dominantes, umas e outras construindo singularidades”. Ver: DELEUZE, Gilles. *Um novo cartógrafo*. In.: *Foucault*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1998, p.56

¹⁷⁵ Fizemos uma tradução no texto. No original consta: “no es posible pensar el closet como una experiencia de la libertad”. Consultar: HALPERIN, David. *San Foucault: Para uma hagiografia gay*. Buenos Aires, 2007, p.49.

sobre os gays e parecer que cada gesto, frase, expressão, opinião sejam marcados de modo irrevogável pela importância social esmagadora de uma identidade reconhecida publicamente”¹⁷⁶. Percebe-se que os debates em torno da publicização da homossexualidade levam em consideração o lugar ocupado pela heterossexualidade que precisa se reafirmar e se colocar superior por meio do seu oposto, a homossexualidade.

Mas, retomando as razões do assumir-se colocadas anteriormente, atentemos para os receios de assumir a homossexualidade, algo que Mascarenhas conhece bem. Afinal, quando próximo aos trinta anos ainda vivia no seu “pequeno mundo individual”¹⁷⁷. Ao decidir morar no Rio de Janeiro encontrou certa liberdade para exercer os seus desejos mas “apesar de ter aceitado minha homossexualidade, não tive, de chofre, a coragem de assumi-la publicamente(...) Entre a faca e a parede, abria o jogo, mas empenhava-me em evitar a necessidade de uma definição”.

Mascarenhas mencionou, dentre as razões de assumir, a impossibilidade de sofrer chantagem por viver no segredo. No momento em que esboçava suas razões do assumir, o tatear das teclas na máquina de datilografar *Olivetti*, marca famosa na época, lembrava de si. O “eu-faço-que-escondo-e-você-faz-que-não-vê” tem uma interpretação particular e biográfica, como esclareceu em entrevista a Claudio Roberto Silva (1999). Nesse relato, toca no assunto do receio dos outros perceberem a sua homossexualidade: “Esta situação vinha me aborrecendo. Percebia que aquilo dava aos outros a oportunidade de chantagem (...). Fosse no ambiente de trabalho, familiar, entre amigos (...). Havia a possibilidade de alguém dizer ‘ – Olha que eu sei! Olha que eu conto!’”¹⁷⁸.

As doze razões mencionadas anteriormente por Mascarenhas vem à tona em virtude de um processo de leituras realizadas, possivelmente, desde 1972 ou 1973 quando passa a assinar o *Gay Sunshine*, um jornal gay

¹⁷⁶ Idem. Do original em espanhol “proyectar todas las fantasias que tienes sobre los gays y padecer el hecho de que cada gesto, frase, expresión, opinión sean marcados de um modo irrevocable por la abrumadora significación social de una identidad reconocida públicamente”, p.54, 55.

¹⁷⁷ MASCARENHAS, João Antônio. Entrevista a Claudio Roberto da Silva (1999). p.264.

¹⁷⁸ Idem.

norte-americano editado por Wiston Leyland, mencionado no capítulo anterior. A publicação surpreendia pelo conteúdo, dicas de livros acadêmicos e de romances que se uniam numa abordagem cultural e política da homossexualidade. Não era apenas um mundo de leituras, era um mundo de sonhos estimulado na descoberta da existência do movimento homossexual em torno de nomes como o *Gay Liberation Front* e o *Stonewall*. Quem fala? Um Mascarenhas conhecedor de outros mundos, de outras possibilidades que lamentava “contudo, que meu interesse sobre o tema não fosse compartilhado por meus compatriotas homossexuais”¹⁷⁹. Isso, antes do surgimento do *Lâmpião*.

A passagem acima, das razões do *assumir-se*, é ainda muito sugestiva porque indica a organização de um discurso através de um sistema de hierarquias¹⁸⁰. Isto é, o *Lâmpião* passava a elaborar uma distinção entre o homossexual que se assume e aquele que não o faz. “Evidentemente quem teme defender-se, pelo receio de identificar-se não se encontra preparado para fazer-se respeitar”, diz a nona razão apontada por Mascarenhas. Associa-se confissão com respeito porque os editores, homossexuais assumidos, talvez lembrassem de si, dos seus conflitos particulares e acionassem a escrita sabendo do desejo dos homossexuais em serem aceitos e respeitados¹⁸¹ em virtude da sua sexualidade.

São nessas razões elencadas, visando ao fim da “vida nas sombras”, que o assumir-se foi se configurando. Passa a denominar, delimitar e definir, por existências e exclusões, afirmações e negações, uma nova identidade homossexual, subjetivada na publicização daquilo que foi construído como sua intimidade. Assumir-se significa colocar em questão uma identidade homossexual, identidades que estão, conforme destaca Hall, ligadas “às posições-de-sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem-sucedida articulação ou ‘fixação’ do

¹⁷⁹ Idem

¹⁸⁰ Ver: FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

¹⁸¹ Esse processo é explicado em TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. São Paulo: Editora Record, 2012.

sujeito aos fluxos do discurso”¹⁸². Consequentemente, as identidades elaboradas no *Lampião* estão ligadas e construídas no discurso, engendrando indivíduos, transformando-os em sujeitos que confessam os seus desejos.

Ao lançarmos mão do conceito de confissão, estamos dialogando com o pensamento de Michel Foucault, que em entrevista declarou: “Por confissão entendo todos estes procedimentos pelos quais se incita o sujeito a produzir sobre sua sexualidade um discurso de verdade que é capaz de ter efeitos sobre o próprio sujeito”¹⁸³. A confissão em Foucault¹⁸⁴ está relacionada com a criação de subjetividades.

Durante a Modernidade, a confissão leva em consideração a intensa e crescente proliferação de discursos a respeito do sexo¹⁸⁵. Tanto em tratados de diversas áreas (biologia, medicina, psicologia, demografia), quanto em pesquisas quantitativas, o sexo se tornaria a grande preocupação desse momento; em tese contrária ao que se pensava: a modernidade como uma época de repressão típica da moral burguesa. Passa a haver uma “polícia dos enunciados” a proibir ou permitir quando e onde o tema vem à tona. E o que vem à tona? A confissão por meio de discursos a revelar o mais profundo de si, a sexualidade¹⁸⁶.

¹⁸² HALL, S. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomás Tadeu da. (org.) Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes - RJ, 2006, pp.103-133, p.112.

¹⁸³ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2010, p. 264.

¹⁸⁴ Sabe-se que o pensamento de Foucault passou por um deslocamento teórico. Seus estudiosos mencionam razões diferentes para isso. Ortega dirá que foi necessário para o Foucault, tocado pela AIDS e estabelecendo relações com as comunidades gays dos Estados Unidos, onde passa a fazer palestras nos anos 1970, enxergar novas possibilidades de levar a vida, de colocá-la no eixo da existência. Foi uma dimensão ética por excelência e viu com isso a necessidade de estudar as sociedades antigas. Com esse deslocamento, a confissão adquire outros significados devido à alteração no plano de estudo e evidentemente nos eixos teóricos, metodológicos e nos tipos de fontes. A confissão passa a ser pensada também no cristianismo com diferenças significativas no modo como era pensada na antiguidade. A confissão é perpassada pela questão do sujeito com a verdade. Foucault percebeu que na Antiguidade esta prática estava relacionada a uma coação da verdade no indivíduo, usando por razão a salvação cristã. O cristianismo é uma confissão, dizia Foucault, ao perceber que, exigindo uma relação particular com a verdade, “cada cristão deve se sondar para verificar quem ele é, o que se passa em seu próprio interior, as faltas cometidas, as tentações as quais ele se expôs” (FOUCAULT, 2010; p.95-96). Estudos de alguns documentos, como os livros *Cidade de Deus de Agostinho* e *Instituições Cenobíticas e Conferências* de Cassiano, contribuem para a formação do sexo em discurso.

¹⁸⁵ Essa digressão foi retirada de FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade volume 1: A vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2012.

¹⁸⁶ Contar, falar sobre si mesmo se torna uma preocupação constante. Fala-se aos psicólogos, aos padres, fala-se também nas páginas em branco, lugar, por sinal, escolhido por Herculane Barbin, uma hermafrodita estudada por Michel Foucault, para narrar suas aventuras e desventuras num convento. Escrever se torna mecanismo perspicaz no reconhecimento de si como sujeito portador de uma sexualidade. A principal diferença entre a confissão da

Ao pesquisar as práticas de assumir-se homossexual no Brasil da passagem das décadas de 1970-1980, vemos como o discurso de confissão se arquiteta nos textos do *Lampião*. Em fins do período militar, um movimento editorial cunhado por homossexuais assumidos, colocou em questão o dizer a sexualidade. O assumir se converte, diante do que vem se colocando nesta narrativa, em dispositivo a gerir a vida daqueles que se relacionam sexualmente com pessoas do mesmo sexo. Coube a tais discursos construir um lugar positivo, digno de respeito e realização para os homossexuais que se assumiam; aos demais, coube a tristeza e a solidão. Giorgio Agambem esclarece, reportando-se ao dispositivo penitencial, que a emergência da confissão na subjetividade ocidental ocorre na negação do velho, encontra-se a sua verdade na não-verdade do que se pretende superar ou avultar do passado.

Entretanto, esse movimento de *assumir-se* não ocorreu originariamente aqui no Brasil, mas nos Estados Unidos. Após os estudos de Kinsey, por exemplo, mencionados no capítulo anterior, surgia uma série de grupos, nos quais é possível perceber uma preocupação com esse tema. A *Mattachine Society*, por exemplo, uma das primeiras organizações de defesa dos direitos homossexuais, criada nos Estados Unidos em 1950, foi uma delas porque preocupada com uma visão pública atrativa da homossexualidade, sugeria “uma versão positiva do modelo médico de classificação da sexualidade, que contestava o estigma de anormalidade ou doença atribuído à homossexualidade”¹⁸⁷

Após o movimento de Stonewall, em 1969, alguns grupos desejaram romper com as divisões sexuais entre sujeitos, isto é, homossexuais e heterossexuais. Em vez de “ser homossexual”, era preciso ser *gay*, que naquele momento significava uma maneira de ser eroticamente subversiva, aponta os antropólogos Júlio Simões e Regina Facchini. Passam a aflorar outras maneiras de exercer um comportamento “gay”. Podia-se,

modernidade e a cristã é o uso do discurso científico em detrimento do religioso, da clínica médica em vez do confessionalário; na ótica do momento, a ciência passa a ser a execução do poder.

¹⁸⁷ SIMÕES, Júlio Assis e FACCHINI, Regina. Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT; São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, p.44.

por exemplo, ter trejeitos tipicamente masculinos, pêlos, bigodes, corpo definido.

Se a atmosfera cultural dos Estados Unidos naquela época possibilitou a emergência desses novos corpos performáticos, também construiu um discurso acerca do assumir a homossexualidade. O editorial do jornal *Out: the alternative lifestyle*, em 1979, destacou: “por um longo tempo, os homossexuais viveram em constante medo de que qualquer pessoa descobrisse que eles eram gays (...). A sobreposição de emoções na maioria dos gays era uma mistura de medo e culpa”¹⁸⁸. Esse divisor de águas evoca uma história dessa preocupação, “desde aquele tempo, o indivíduo gay tem lutado com uma decisão muito pessoal sobre “sair do armário” e para quem fazer isso, e o que acontecerá se eles fizerem isso”¹⁸⁹.

Na ordem do dia, eis os assuntos da maioria dos textos destinados aos homossexuais nos Estados Unidos, especialmente pós o Maio de 1968, o assumir das homossexualidades. As vozes daquele momento traziam ao debate o direito do gay de viver e de ser feliz. O editorial ainda coloca uma preocupação constante na vida homossexual, se sairá ou não do armário, para quem e o que acontecerá se o assumir vier à tona. Só saberão os “corajosos”.

Contemporaneamente, questões relativas ao amor e à sexualidade sofriram rupturas Ocidente afora, capturados inclusive pela ótica do consumo, conforme apontou Gérard Vincent¹⁹⁰. O orgasmo torna-se produto de uma boa transa. Uma escritora da revista *Marie Claire*, Marcelle Auclair, escreve um texto instigante sobre as novas concepções de amor que surgiam na época: “o amor que se deve ter a coragem de chamar de físico”. Outra revista conhecida por publicar escritos relativos ao tema da

¹⁸⁸ Do original em Inglês: for a long time homosexuals lived in constant fear of anybody finding out they were gay (...). The overring emotion in most gay people was a mixture of fear and guilt. In: *OUT*, Edição de número 24, May 1979.

¹⁸⁹ Do original em Inglês: ever since that time, individual gay people have struggled with the very personal decision of wheter to ‘come out’ and to who, and what will happen to them if they did in.: *Ibidem*.

¹⁹⁰ VINCENT, Gérard. Uma história do segredo? In.: PROST, Antoine; Vincent, Gérard. História da vida privada, 5: da Primeira Guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das letras, 1992. Pp.155-389.

sexualidade foi a *Unions*, que recebia centenas de cartas por mês abordando temas diversos, dentre os quais o da homossexualidade.

Essa maneira norte-americana de abordagem das sexualidades influenciou sobremaneira o Brasil. Com a decretação do AI-5 numa sexta-feira, 13, de dezembro de 1968, muitos brasileiros viram-se obrigados a deixar o país. Dentre as várias possibilidades, alguns migraram para os Estados Unidos, que já possuíam um embrionário movimento gay e feminista. Mas esses exilados não encontravam amparo legal nos Estados Unidos devido aos laços que a administração Nixon mantinha com o governo militar brasileiro, motivo pelo qual o governo norte-americano não reconhecia os migrantes brasileiros como presos políticos.

Ainda assim, muitos intelectuais escolheram viver nos Estados Unidos naquele período. Este é o caso do escritor João Silvério Trevisan que, como sabemos, viu nesse país uma possibilidade para sua própria alforria. “Enquanto morou em Berkley, estabeleceu contatos estreitos com o emergente movimento de gays e lésbicas da baía de San Francisco, experiência que fortaleceu sua decisão de fundar uma organização semelhante no Brasil”, de acordo com Green¹⁹¹. Isso parece explicar o modo como Trevisan conduziu uma importante entrevista que circulou no *Lâmpião*.

De acordo com Jorge Caê Rodrigues¹⁹², a produção impressa norte-americana dos anos 1960 tinha entre seus objetivos trabalhar para difundir o assumir da sexualidade. E parece que esta problemática percorre o *Lâmpião*, especialmente nos primeiros números. Não sem razão, ainda no primeiro ano, na edição de julho de 1978, foi publicada uma entrevista com Winston Leyland, cujo título define um lugar de engajamento do homossexual: *Leyland fala de atuação política*¹⁹³ – falaremos mais sobre ela a seguir. Na mesma edição constava outra entrevista, com Lenine, diretor de teatro, na qual João Antônio Mascarenhas perguntava, *você chegou a*

¹⁹¹ GREEN, James Naylor. *Apesar de vocês: oposição à ditadura brasileira nos Estados Unidos, 1964 -1985*. São Paulo: Companhia das Letras. 2009, p.246.

¹⁹² RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil*. Niterói: UFF, 2010.

¹⁹³ LEYLAND, Wiston. Uma entrevista que ninguém ousou publicar: Leyland fala sobre atuação política. *Lâmpião da Esquina*, Rio de Janeiro, junho de 1978, p.10,11.

participar do movimento de libertação guei nos Estados Unidos? Em seguida, Maurício Domingues, responsável pelos créditos das fotografias, pergunta objetivamente, *o que é que você acha da possibilidade de um surgimento da libertação homossexual no Brasil, como nos Estados Unidos? No mesmo estilo?*

Sem dúvida houve uma assimilação das ideias norte-americanas de assumir pelo movimento homossexual no Brasil. Em parte, o que se via nos anos 1970 era um prolongamento das discussões colocadas pelo Maio de 1968. O historiador John Lukacs destacou que as pessoas que saíram às ruas na década de 1960, exigindo direitos democráticos e dando voz a movimentos das minorias, difundiram ideias e padrões mais aceitos na década seguinte¹⁹⁴.

Debatia-se adultério, homossexualidade, aborto, liam-se revistas eróticas que passavam a contar com maior difusão. Se antes do Maio de 1968 a Playboy era utilizada e escondida, alguns anos depois já era possível serem encontradas em poltronas de avião, após serem lidas. Fatos como esses, indicam mudanças significativas na forma como a sociedade passava a tolerar essas manifestações. Com relação a isso Lucaks (2006; p.89), esclareceu: “O uso generalizado da expressão ‘estilo de vida’ era em si só um sintoma da dissolução da vida familiar tradicional”.

A preocupação política com a questão homossexual nos Estados Unidos ganhava ares de atuação social. Em 1970, o *Grupo de Libertação Gay de Chicago* formulou o *Documento de trabalho para a convenção constitucional revolucionária*¹⁹⁵. Em suas páginas havia uma preocupação com a ausência de uma voz homossexual em partidos políticos que pudesse incentivar a defesa de questões relativas ao grupo. Sem serem homossexuais, explícita a carta, não poderiam representar seus interesses. Os movimentos homossexuais, tanto norte-americanos quanto brasileiros,

¹⁹⁴ Para maiores informações, ver: LUKACS, John. *Uma nova república: história dos Estados Unidos no século XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

¹⁹⁵ É possível encontrar reprodução desse documento no livro: JIMENÉZ, Rafael M. Mérida (org). *Manifestos gays, lesbianos y queer: testimonios de una lucha (1969-1994)*. Barcelona Icaria Editorial, 2010, p.83.

nesse sentido, não seriam diferentes, pois ambos precisaram da construção do assumir-se para se efetivar.

O texto aponta argumentos no sentido da atuação política do homossexual e do livre fluir da sua identidade, da sua homossexualidade, sem que precise pagar o preço por isso, afinal com as “formas habituais de opressão, nós, como homossexuais, somos forçados a esconder nossas identidades para mantermos nossos empregos e evitar a marginalização social; para o fazer numa América hétero”¹⁹⁶.

Essa digressão a respeito da cultura homossexual estadunidense é cara neste texto porque editores e colaboradores do *Lampião* ou viajaram ou tiveram contato com publicações destinadas ao público homossexual norte-americano.

O caráter militante do *Lampião* apareceu já na primeira edição. Fry¹⁹⁷, MacRae¹⁹⁸, Simões¹⁹⁹ destacam em alguns textos com temáticas homossexuais nas décadas de 1970 e 1980 o editorial da edição número zero do *Lampião*. Especialmente a questão sobre a função do jornal anteriormente mencionada. Sair do gueto constituiu um importante objetivo.

Mais adiante na análise do primeiro editorial, abril de 1978, e nas demais edições recortadas nesta pesquisa fica claro o quanto o *Lampião* preocupou-se desde sua fundação, com a imagem negativa do homossexual à época. Refém dos discursos oriundos da medicina, da psicologia e do direito, o objetivo do *Lampião* era lançar luz nos guetos, esclarecendo, informando, buscando construir um discurso que refletisse uma imagem positiva dos homossexuais. Mas esse discurso só frutificaria a partir do momento em que os próprios homossexuais assumissem publicamente

¹⁹⁶ Fizemos uma tradução do seguinte trecho em espanhol: “formas usuales de opresión, nosotros, como homosexuales, nos vemos forzados a esconder nuestras identidades para mantener nuestros trabajos y evitar ser marginados sociales; para ‘harcelo’ en una América hetero”. Ver: In.: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida (ed). *Manifiestos gays, lesbianos y queer: testimonios de una lucha (1969-1994)*. Barcelona: Icaria Editorial, 2009.

¹⁹⁷ FRY, Peter; MacRAE, Edward. **O que é homossexualidade?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

¹⁹⁸ MacRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”**. Campinas: EDUNICAMP, 1990.

¹⁹⁹ SIMÕES, Júlio. Antes das letrinhas: homossexualidade, identidades sexuais e política. In: TORNQUIST, Carmen Susana; COELHO, Clair Castilhos; LAGO, Mara Coelho de Souza; LISBOA, Teresa Kleba. (Org.). *Lutas de resistência. Corpo, violência e poder*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2009, p. 215-242.

suas sexualidades. Não foi por outro motivo que abraçaram a prática do assumir-se.

Não é por acaso que ainda nesse editorial aparece o termo “sair das sombras”, convidando os leitores a perceberem os modos de vida do público naquele período. Trata-se, acrescenta o editorial, de uma minoria oprimida, mas “uma minoria, é elementar nos dias de hoje, precisa de voz”²⁰⁰. Pouco se sabia da homossexualidade no Brasil até então, pelo simples fato de que pairava profundo silêncio sobre tudo que dissesse respeito ao tema. O problema só poderia ser contornado ao se proporcionar a possibilidade de esclarecimento “sobre a experiência homossexual em todos os campos da sociedade e da criatividade humana”.

As edições do *Lampião* foram tecendo uma nova esfera discursiva sobre a prática homossexual que se contrapunha aos manuais de medicina, que se referia a eles como uranistas (uma outra maneira pejorativa de se referir aos homossexuais) e doentes, e ganhava novos coloridos nos textos produzidos pelos editores do jornal. O objetivo dos editores era produzir um “conteúdo”, um estilo, um modo positivo de ser e de se comportar homossexual. E, sobretudo, apontar o caminho da confissão, do assumir-se, como uma forma de sair do gueto.

Portanto, ia se constituindo, em paralelo, ao fim do regime militar brasileiro e ao movimento pela anistia que empolgou e envolveu parte significativa da sociedade civil, o dispositivo de confissão da homossexualidade no Brasil. Um dispositivo, de acordo com Foucault²⁰¹, é persuasão, é a construção de novas subjetividades, um conjunto heterogêneo de discursos que criam outros mundos através das relações de poder. Na perspectiva do filósofo, uma rede que intercruza instituições, regras, tratados, enunciados e discursos da filosofia à ciência e se organizam de

²⁰⁰ Conselho Editorial. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, Edição número zero, abril de 1978, p. 2.

²⁰¹ Giorgio Agamben desenvolveu uma genealogia do termo dispositivo em Foucault e identificou que o uso do conceito se dá nos anos 1970, mesma época em que passa a se ocupar do governo dos homens. Na realidade, Foucault teria feito uma apropriação da leitura operada por Jean Hyppolite do conceito de positividade na filosofia de Hegel, termo pensado num conjunto de regras sociais datadas historicamente. Seria com este movimento que Foucault compreendeu a relação próxima entre os indivíduos e a história, especialmente na efetivação das relações de poder, bem como da produção de subjetividades.

modo a produzir algo diferente; a produção de verdades caracteriza um dispositivo.

É notório esclarecer que o dispositivo numa perspectiva foucaultiana não compreende uma tecnologia de poder trabalhando verticalmente. O dispositivo, tal como se pode afirmar através do *Lampião*, “parece remeter a um conjunto de práticas e mecanismos (ao mesmo tempo linguística e não linguística, jurídicas, técnicas e militares) que tem o objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito mais ou menos imediato”²⁰².

Ao empreender uma pesquisa em torno do termo grego *oikonomia* nos primeiros séculos da Igreja, Agamben identificou a apropriação dessa ideia pelos latinos, devendo se referir a um governo divino, encarregado de administrar o lar da geografia cristã. Os padres latinos traduzem a *oikonomia* grega por dispositivo.

Desse modo, o dispositivo está associado à teologia cristã romana e é usado na execução de uma “atividade do governo sem nenhum fundamento no ser. Por isso os dispositivos devem sempre implicar um processo de subjetivação, isto é, devem produzir os seus sujeitos”²⁰³. As subjetividades tecidas por meio do dispositivo estão costuradas num novelo de saberes e normas, cuja finalidade é controlar as ações humanas, dar-lhes regras, quase um manual de conduta ensinando como viver.

Um dos espaços em que mais se assistiu no *Lampião* enunciados a respeito da confissão foi nas entrevistas. A equipe do jornal soube chamar atenção do seu público de diversas maneiras, trouxe dicas de literatura e de filmes, trouxe conversas agradáveis, amistosas e descontraídas com alguns nomes conhecidos para além do meio homossexual da época. Nesses espaços, através de questionamentos e exibição do ponto-de-vista dos editores, buscou-se configurar uma matriz a respeito da confissão.

Clodovil Hernandez (1937-2009), já conhecido estilista e figura famosa no eixo Rio-São Paulo, foi um dos entrevistados pelo jornal. Apesar de não ser nada simpático com atrasos, recebeu com simpatia Peter Fry,

²⁰² AGAMBEM, Giorgio. **O que é um dispositivo**. Chapecó: Argos, 2012, p.34-35.

²⁰³ Idem, *ibidem*, p.38.

João Silvério Trevisan e Darcy Penteado na sua Maison na Avenida Cidade Jardim. Entre as várias questões que lhe foram apresentadas, Peter Fry perguntou como havia sido *o seu “desenrustimento”*.

Bom, eu vivo lá até os 18 anos. Nunca tive problemas. Quando eu tinha 18 anos meu pai falou sobre o assunto comigo pela primeira vez. Eu tinha vindo da fazenda, estávamos na cidade, e à mesa, eu, ele e minha mãe, para o jantar. Ainda hoje me lembro: tinha salada de agrião. Aí meu pai perguntou: “Então meu filho é fresco?” Eu quase caí duro. Imagine: minha mãe sentada com a cara dentro do prato, acho que ele tinha falado antes com ela. Aí eu perguntei: “mas quem foi que disse isso?” Ele disse o nome da pessoa, e eu comentei “mas então você acredita num estranho?” Ele continuou: pouco importa que seja um estranho, porque é verdade. Então eu lhe disse: “verdade ou não, o meu afeto por você não muda nada. Agora se o seu afeto por mim mudar, o problema é só seu”²⁰⁴.

O estilista escolhe as maneiras de falar sobre esse processo estruturante da sua subjetividade. Primeiro, o pai diz saber pelo falar alheio, o “disse me disse”, da boca do povo, as fofocas, como se dizia popularmente sobre a sexualidade de alguém. Na cena, a mãe estava aparentemente imóvel, sugerindo o que se dá com frequência, a mãe é mais silenciosa que o pai, cabe a ela, na sua histórica função de mãe, arquiteta da família, evitar quaisquer desavenças, preferindo o silêncio. Há ainda a presença de outro conceito utilizado na referência à homossexualidade do filho, *fresco*²⁰⁵, termo usado naquele tempo para designar comportamentos femininos. Mais uma palavra com a qual o homossexual precisa aprender a levar a vida e ir tocando em frente.

Clodovil menciona que conheceu a vida social noturna do público gay, mas não lhe agradou, “não gosta”, diz ele de modo categórico. Em São Paulo, uma noite de diversão poderia começar na Galeria Metrôpole. Havia

²⁰⁴ HERNANDEZ, Clodovil. Entrevista. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, agosto de 1978; p.11.

²⁰⁵ Esta palavra, possivelmente, foi usada pela primeira vez em 1894 pelo médico José Viveiro de Castros no livro: *Attentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual*. In.: PRIORI, Mary del. *História do amor no Brasil*. São Paulo: Contexto: 2008.

os que preferiam outros ambientes. Não era problema, os espaços eram diversos: praça Roosevelt; largo do Arouche; rua Vieira de Carvalho.

No decorrer da tarde, o entrevistado parecia distante do que os entrevistadores almejavam, uma fala política, convidativa a tratar a visibilidade da sexualidade. A construção da importância do entrevistado é formulada numa pergunta de Trevisan, *quer dizer que você se acha um intérprete do seu tempo?* Um intérprete, uma voz, alguém que fale por muitos, com posições e tendências definidas. De que maneira o estilista se coloca a partir dessa pergunta? É um ousado, sobretudo por desmunhecar, usar gestos próximos aos corpos femininos, dotar seu corpo de uma estilística feminina, desmunhecar, termo usado naquele tempo para designar comportamentos semelhantes aos femininos, e emplaca, *Porque hoje em dia você assumir determinadas posições por aí até que é muito fácil, não? Mas na época em que era proibido assumir essas posições eu já assumia.*

Enquanto a tarde caía lá fora e a tímida lua começava a aparecer a entrevista toma outros rumos e novamente Trevisan interveio com relação a uma fala do estilista de quem eles esperavam retirar alguma coisa, uma decifração, uma confissão. *Espera aí um pouquinho, Clodovil: você então se sente um pouco culpado em ser homossexual?* Categórico e com tom levemente sarcástico, *Não, absolutamente, imagina. Eu não sou culpado de ter nascido, não pedi para nascer... Os senhores do conselho se entreolham, um silêncio se coloca logo rompido por Darcy Penteado, Mas é que o problema...*

Eis o que nos interessa. Clodovil se sente desapontado e pretende não falar de sexualidade e os temas que daí derivam, *porque não gosto de dar bandeiras*. Sobretudo, Clodovil naturalizou a homossexualidade, tratando-a como natural ou biológica. Durante a entrevista é possível perceber que simultaneamente o cuidado de falar e a vontade de saber pairavam sobre o tema da homossexualidade. Não apenas da opinião do autor sobre o assunto mas, às vezes, uma incitação a falar de si, colocar-se personagem do enredo que por hora o ocupava.

O jornal traz caminhos seguidos por um periódico preocupado em exercer discursivamente a confissão da sexualidade ou pelo menos o desejo de falar dela, seja de que forma for. Importava trazê-la à tona e isso deve ser feito em primeira pessoa. Por isso, Peter Fry direciona a pergunta do *desenrustimento*. Não é apenas saber sobre, é também dizer que ele, o conhecido estilista, viveu essa experiência, saiu do segredo, disse ser homossexual. Colocar em questão temas referentes à confissão e visibilidade da sexualidade em entrevistas, sobretudo com uma figura homossexual famosa, aparece como outra estratégia de mencionar o assunto com uma linguagem descontraída e coloquial, semelhante a uma conversa, como se percebeu na entrevista com Clodovil.

Movimento semelhante ocorre ainda na mesma edição na entrevista que João Silvério Trevisan realiza com Wiston Leyland, o editor do jornal norte-americano *Gay Sunshine*, do qual falamos no começo deste livro. Atentemos para as perguntas colocadas por Trevisan:

O Gay Sunshine tem publicado inúmeras entrevistas com artistas homossexuais. Em geral eles se mostram receptivos à ideia de se exporem publicamente como homossexuais? (...)

Você acha que assumir a homossexualidade implica em mudanças profundas na vida pessoal? (...)

A opressão (velada ou não) da sociedade heterossexual muitas vezes gera ódio surdo nos homossexuais. Você não acha que esse sentimento poderia evidenciar uma primeira tomada de consciência enquanto ser oprimido? (...)

A verdade é que certos heterossexuais – sobretudo os que se consideram politicamente progressistas – não acham necessário um movimento especial de liberação dos homossexuais. Isso não seria já em si uma forma velada de opressão aos homossexuais? (...)

Gostaria de perguntar-lhe algo mais pessoal, se isso não o molesta: como é que você assumiu sua homossexualidade? Foi um processo difícil? Que problemas você encontrou?²⁰⁶

²⁰⁶ TREVISAN, João Silvério. Leyland fala sobre atuação política. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, junho de 1978, p.9-10.

As questões pontuadas na entrevista acima levam diretamente à problemática do assumir a sexualidade. A terceira pergunta feita a Leyland indaga como os homossexuais famosos reagem à ideia de assumir a sexualidade e, em seguida, se, na opinião de Leyland, o assumir-se produziria uma transformação na vida pessoal.

Na mesma edição, com intervalo de duas páginas, aparece mais um texto sobre o assumir-se. Ficamos sabendo que numa outra geografia, não qualquer uma, mas a difusora do padrão *american way of life*, existia um movimento homossexual organizado. E havia um jornal com cerca de uma década com 25 mil leitores não apenas norte-americanos; existia uma literatura organizada produzindo ficção com a temática homossexual, passava a ser conhecida a opinião do autor acerca do assumir e também de que modo se assumiu.

Há a importância de Leyland e do que a sua presença significava. Ele é aquele que tinha direito à fala, que respondeu, aquele cujo depoimento não era interrompido. O jornal informava a importância de Leyland no movimento homossexual americano e o modo como ele falava de si indica uma aceitação da homossexualidade e a capacidade de falar dela sem medos, sem temores. Seu depoimento apareceu no *Lâmpião* como uma forma de superação.

Era um momento de insatisfação, divulgado no jornal, com o silêncio da sexualidade, com o gueto e as demais informações circunscritas ao segredo. Era o momento de fazer falar, efetuando para isso estratégias com fins de tornar reais as confissões. O lugar de visibilidade construído na experiência do se dizer homossexual foi revestido de experiências no sentido de contar narrativas de si próprio, semelhante ao modo como Walter Benjamin²⁰⁷ entendeu o conceito, pensando-o nos moldes de uma transmissão.

Trevisan parece inquieto querendo ouvir experiências de confissão? Aquele que pergunta parecia cioso em tentar extrair determinados

207 BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: *Obras Escolhidas 1. Magia e Técnica. Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 2010.

argumentos. O entrevistador fala pelo jornal e, portanto, o enunciante das perguntas é a voz de alguém, mas também de certa ideia que se quer defender. Assumir traria modificações à vida pessoal? A resposta é dada pelo próprio jornal na mesma edição. Lá se colocavam as razões do assumir que vimos anteriormente. A arquitetura estava bem articulada, projetava-se maneiras e formas de tocar no assunto, de fazer do silêncio de si e sobre o tema, a homossexualidade, entrar na ordem do dia, de maneira positiva.

Sugerir rupturas na biografia do indivíduo com o assumir-se aparecia como uma tentativa de aglutinar essa ideia, circunscrevendo-a com argumentos positivos; rompia-se com o ontem num presente que garantirá um futuro melhor, ou seja, explicitar a homossexualidade sugere o fim de um passado triste e a garantia de um futuro sincero, honesto, digno. Dizer-se, finalmente, homossexual traria modificações e atribuições de novos sentidos à vida. Percebe-se o ordenamento e a estrutura do dispositivo com uma raiz onde há “um desejo demasiadamente humano de felicidade, e a captura e a subjetivação deste desejo, numa esfera separada, constituem a potência específica do dispositivo”²⁰⁸.

As notícias que circulavam a respeito dos ganhos culturais e sociais nos Estados Unidos faziam-se sentir nas edições do *Lampião*, cujos editores estavam sempre atentos para noticiar os fatos mais significativos como a passeata gay em San Francisco, as principais casas noturnas, em especial as mais badaladas, que contavam com celebridades, como o filósofo Michel Foucault.

Parece haver igualmente uma alteração considerável no sentido de lidar com os preconceitos da sociedade machista. Se há certo ódio desencadeado em virtude do preconceito, este “sentimento poderia evidenciar uma primeira tomada de consciência enquanto ser oprimido?”, como coloca Trevisan para Leyland. Talvez o ódio deixe o sujeito em inércia, mas a indagação sugere tomá-lo como razão para efetuar um trabalho que modifique essa visão e vá de encontro à luta contra o preconceito.

²⁰⁸ AGAMBEM, Giorgio. Op, cit.

Indagar sobre a sexualidade numa entrevista que toma duas das dezesesseis páginas do jornal tem suas razões. Primeiro, formular a pergunta já indica que há uma preocupação por parte dos editores em tratar do tema. Segundo, selecionar, após a entrevista, o que deve ou não constar no impresso é outra escolha efetuada no que precisa ganhar destaque, virar assunto problemático e passível de discussão. Por último, de novo, pela terceira vez numa mesma edição, insistia-se na questão do assumir, o que comprova a preocupação do *Lampião* com esse assunto.

Nessa entrevista feita por Trevisan estão presentes pelo menos dois movimentos se projetando paralelamente. De um lado, colocar-se homossexual; do outro, uma preocupação com atuação política. O primeiro movimento se apresenta com muitos desdobramentos sobre a história da homossexualidade: o assumir permitiu que certo passado fosse lido, pensado, dado a pensar através de narrativas de autores que se aproximam dos objetos que o *Lampião* visava divulgar.

O ato de se assumir inaugurou a possibilidade de um novo caminho para os homossexuais, sem o peso da patologia que lhes era imputada pelo discurso médico-religioso. O *Lampião* procurava divulgar uma nova forma de ser e de se ver o mundo, agora sob o ponto de vista dos próprios homossexuais. O ponto de inflexão dessa nova forma de viver passava necessariamente pelo *assumir-se*.

O que esses discursos do *Lampião* parecem ignorar é que nunca um homossexual será completamente assumido. Haverá situações, com maior ou menor frequência, dependendo do grupo e local ao qual pertence, nas quais, mesmo assumido, será oportuno disfarçar, não dar pinta, ocultar-se, enrustir-se, ainda que durante algumas horas da manhã em visita a um parente distante. Ao diagnosticar que o armário é a instituição formadora das subjetividades homossexuais no Ocidente do século XX, Eve Kosofsky Sedgwick, teórica queer, especificou:

Mesmo num nível individual, até entre as pessoas mais assumidamente gays há pouquíssimas que não estejam no armário com alguém que seja pessoal, econômica ou institucionalmente importante para elas. (...) Cada encontro

com uma nova turma de estudante, para não falar de um novo chefe, assistente social, gerente de banco, senhorio, médico, constrói novos armários cujas leis características de ótica e física exigem, pelo menos da parte de pessoas gays, novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição. Mesmo uma pessoa gay assumida lida diariamente com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante²⁰⁹.

De acordo com nossas pesquisas, a historiografia brasileira ainda não conta com nenhum trabalho que tenha como temática o assumir-se gay. O tema da confissão apareceu em outras áreas, como na literatura mencionada acima, ou em estudos recentes do sociólogo Richard Miskolci²¹⁰. O silêncio sobre temas como esses na historiografia é evidente e mesmo nos estudos de gênero, os trabalhos sobre as homossexualidades ainda são relativamente recentes. A produção intelectual-acadêmica brasileira voltada aos estudos de gênero esteve, por muito tempo, circunscrita à Antropologia, à Sociologia e à Etnografia, mas raramente ao campo da História. Para construir uma história nesses moldes é necessário entender o termo gênero.

Construído em torno do movimento de mulheres, feministas, gays e lésbicas, o termo surge em meio às lutas de contestação enfrentadas por esses grupos. Foi em debates, reuniões, discussões teóricas que se refletiu sobre o termo gênero, levando em consideração a desigualdade sócio-cultural do feminino em relação ao masculino.

Na História, a categoria gênero é inaugurada com historiadoras que vinham realizando uma história das mulheres. Segundo Joana Maria Pedro, esse movimento foi inspirado pelo texto *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, de Joan Scott, para quem o “gênero é um elemento

²⁰⁹ SEDGWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. In.: MISKOLCI, Richard; SIMÕES, Júlio. *Cadernos Pagu*, Quereses, Campinas, 2007. p.22.

²¹⁰ Trata-se de uma pesquisa etnográfica realizada em sites de relacionamento entre homens. O objetivo é entender como eles lidam com o segredo da sexualidade. Ver: MISKOLCI, Richard. Machos e Brothers: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas on-line. *Revista Estudos Feministas* (UFSC. Impreso), v. 21, p. 301-324, 2013. Para ver mais: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v21n1/16.pdf>. Consultado em 10 de março de 2014.

constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre o sexo e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”²¹¹

No entanto, embora a história venha fazendo estudos importantes e significativos em torno da questão do feminino, o mesmo não se pode dizer sobre a homossexualidade. Talvez haja um preconceito não apenas na área da história em estudar essas relações, há igualmente uma exclusão dentro da área da *história das relações de gêneros*. Quase constantemente falar de gênero é falar de mulheres. Não queremos com isso desmerecer a importância daquelas que foram pioneiras nesse tipo de discussão, mas situar certo descrédito com relação aos estudos da homossexualidade. Afinal, não apenas as relações entre pessoas do mesmo sexo estão baseadas numa discussão de gênero, mas também o ser homem e a masculinidade de modo geral podem ser importantes objetos de estudo de gênero.

Nos trabalhos sobre o *Lampião*, até onde alcançamos, nenhuma pesquisa procurou pensar na construção de um modelo que reflita o verbalizar da homossexualidade como confissão. Autores como Júlio Simões²¹², James Green²¹³, Peter Fry²¹⁴, Edward MacRae²¹⁵, Regina Facchini²¹⁶, Almerindo Cardoso Simões Júnior²¹⁷, Cláudio Roberto Silva²¹⁸,

²¹¹ SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol 16. Porto Alegre, jul/dez. 1990, pp.5-22.

²¹² Ver: SIMÕES, Júlio Assis. Antes das letrinhas: homossexualidade, identidades sexuais e política. In.: COELHO, Clair Catilhos, LAGO, Mara Coelho de Souza, LISBOA, Teresa Kleba, TORNQUIST, Carmen Susana (orgs). *Leituras de resistência: corpo, violência e poder*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2009.

²¹³ GREEN, James. Op, cit.

²¹⁴ Ver: FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1985.

²¹⁵ Ver: MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: Identidade sexual e Política no Brasil da “abertura”*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

²¹⁶ Ver: FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

²¹⁷ SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. *E havia um lampião na esquina: memórias, identidades e discursos homossexuais*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO, 2006.

²¹⁸ Ver: SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil Contemporâneo*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, 1999.

Marcio Leopoldo Bandeira²¹⁹, João Silvério Trevisan²²⁰, Muriel Emídio Pessoa do Amaral²²¹, Carlos Ferreira²²², Miguel Rodrigues de Souza Neto²²³, Leonardo Shultz e Gabriela Mesquita²²⁴, Carolina Maria Moreira Alves e Renata Rezende Ribeiro²²⁵ preocuparam-se em escrever uma história sobre o *Lampião* ou refletir alguns temas, utilizando-o como fonte, sem, no entanto, analisar ou prestar maior atenção ao assumir-se.

Os estudos realizados sobre esse periódico colaboram na compreensão das identidades dos homossexuais no Brasil. Estes trabalhos tornaram-se possíveis não somente porque há uma documentação, mas porque essas páginas foram escritas por homossexuais, conferindo-lhe outro lugar na produção historiográfica brasileira que só recentemente tem pensado com mais vagar temáticas homossexuais.

Esse jornal, tido por muitos como o início da conscientização homossexual no país, deixou registros de vários aspectos sobre masculinidades, movimento feminista e demais minorias, corpo, campanha pela anistia e embates em torno do assumir a identidade sexual. Discursos estes, lidos nesta pesquisa com o auxílio do conceito de confissão, que se produzia constantemente no desenrolar das edições deixando, sem dúvida, um testemunho de pertencimento a uma realidade cultural e política no país. Parte considerável dos estudiosos sobre o *Lampião* consideraram as

²¹⁹ Ver: BANDEIRA, Márcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?: Sobre quando Lampião da Esquina colocou as cartas na mesa*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da PUC-São Paulo, 2006.

²²⁰ Ver: TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. São Paulo: Editora Record, 2007.

²²¹ Ver: AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. *Comunicação alternativa, Ideologia e Pós-Modernidade: a perspectiva do Jornal Lampião*. Disponível em: <http://celacom.fclar.unesp.br/pdfs/73.pdf>. Consultado em 22/02/2014.

²²² Ver: FERREIRA, Carlos. *Imprensa homossexual: surge o Lampião da Esquina*. *Revista Altegor*; volume 01, pp.1-13.

²²³ Ver: SOUZA NETO, Miguel Rodrigues de. *Movimento gay e imprensa homossexual no Brasil contemporâneo: o Lampião da Esquina (1978-1981)*. Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História da ANPUH, 2013. Disponível em: http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364954035_ARQUIVO_MovimentogayempressanoBrasilcontemporaneo-MiguelRodriguesdeSouzaNeto.pdf. Consultado em 23/02/2014.

²²⁴ Ver: SHULTZ, Leonardo e GARCIA, Gabriel Mesquita. *O Lampião da Esquina: discussão de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1189-1.html>. Consultado em 23/02/2014.

²²⁵ ALVES, Carolina e REZENDE, Renata. *Análise do conteúdo dos editoriais do jornal Lampião da Esquina*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-2643-1.pdf>. Consultado em 23/02/2014.

modificações culturais dos anos 1960 no Ocidente eventos fundamentais na emergência do jornal e dos assuntos que ele colocava em discussão. Apesar de o aparecimento público das homossexualidades no Brasil ter se tornado mais explícito nos anos 1970, em parte do Ocidente, na década anterior, o processo já ocorria.

Não por acaso, alguns historiadores, como Gérard Vincent, entendem que foi no transcorrer das décadas de 1960/70 que a homossexualidade passou a ser discutida publicamente. O historiador destaca a questão da visibilidade da homossexualidade, apesar de quase naturalizá-la. É o que se dá quando menciona duas pesquisas, uma alemã (intitulada *O homossexual comum*, de 1974), outra estadunidense (nomeada de *Homossexualidade, um estudo da diversidade entre homens e mulheres*, 1978), e delimita que o momento decisivo na vida de um homossexual seria o *coming out*²²⁶, “primeiro ato homossexual”. Trata-se de um processo que pode levar anos e, dado o medo de não o fazer, poderia acarretar o suicídio. Para Vincent, a experiência do *coming out* não significa o fim do sentimento de culpa.

Houve no Brasil um outro sentido para os homossexuais encabeçarem um projeto de assumir a sexualidade: ter direito a uma história. Mas na construção desse passado era necessário criar um modelo identificador. Desse modo, o assumir veio classificar o homossexual:

não é possível considerar imoral a luta de um determinado grupo – discriminado sexualmente – para sair do gueto que lhe foi imposto e assumir seu lugar na sociedade, deixando de ser, dessa forma, cidadãos de segunda classe. (...). Por causa deste silêncio é que se criaram, e vêm sendo mantidos, muitos mitos em relação ao homossexualismo. Um deles, que este jornal desde o começo pretende desmoralizar, é aquele segundo o qual os homossexuais são criaturas pervertidas, sempre dispostas a corromper e a aliciar; se o homossexual vive grande parte de sua vida nas sombras, não é que ele goste disso; é que lhe foi imposto; se ele compensa sua insegurança e sua instabilidade transformando-

²²⁶ Expressão norte-americana utilizada para se referir ao assumir-se homossexual. Ela pode ser traduzida por sair do armário. Na época em estudo, fim dos anos 1970, nas páginas do *Lâmpião da Esquina* ainda não havia menção ao termo “sair do armário”, mas, sim, ao “assumir”.

se às vezes em uma caricatura do que a sociedade lhe apresenta como padrões ideais – é o caso do sapatão e da bicha-louca –, não é porque isso lhe seja natural, mas sim, porque nem sempre ele é capaz de resistir às pressões, sucumbindo aos que rejeitam sua preferência sexual como apenas mais uma das formas através das quais se manifesta o esforço humano.²²⁷

Através da narrativa acima, o assumir se relaciona a uma questão política. Os homossexuais foram vistos comumente como cidadãos de segunda classe. Próximo das prostitutas e não muito distante dos crimes e da pedofilia, as pessoas deviam ter cautela com pessoas chegadas a esses afetos, sinaliza o texto de Aguinaldo Silva. Como já foi dito aqui, tanto a justiça quanto a medicina envolveu a homossexualidade nos seus discursos, fazendo-a existir entre a delinquência e a doença.

Dizer-se homossexual significava o rompimento com muitos medos que a decisão poderia ocasionar, mas simultaneamente evidenciava um abalo de como a intimidade era vista na sociedade, ou seja, algo que deveria ser publicizado. Sair do lugar tido e construído como errado para estes grupos provavelmente era um processo difícil e os editores sabiam disso. Não por acaso, enunciados veiculados a esse assunto falaram de uma vida digna, sensata e sincera, com a possibilidade de criar amigos, tecer uma rede de amizades²²⁸, de sociabilidade e de felicidade desde que se colocar publicamente homossexual não fosse visto como um problema.

A elaboração de outras ideias relacionadas à homossexualidade se fez presente à medida que o silêncio ia sendo quebrado. A existência de um jornal homossexual preencheu essa lacuna, tanto por colocar opiniões de homossexuais relacionados a temas além dos seus desejos como por estar em reciprocidade com os demais movimentos minoritários, criando com isso espaços de fala. Apesar de que, em entrevista concedida na década de 1990, Aguinaldo Silva reconheceu a dificuldade de o *Lampião* abordar temas das demais minorias. Segundo Aguinaldo, “claro que isso não

²²⁷ SILVA, Aguinaldo. Para o Brasil do ano 2000 os “bons costumes” do século XIX. *Lampião da esquina*, Rio de Janeiro, fevereiro de 1979, p.5.

²²⁸ A relação entre homossexualidade e amizade permeada por processos de subjetivação foi estudada por: ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Michel Foucault*. São Paulo: Graal, 1996.

funciona, porque não existe nada mais desunido que minoria: cada um fica na sua. Conseguimos até lidar bem com as feministas, eventualmente com os movimentos negros”²²⁹. Nesse sentido, as modificações políticas e sociais surgidas na passagem dos anos 1970-1980 acabariam por redefinir o que viria a ser um homossexual, isso a partir dos discursos que modelaram novos corpos homossexuais e daqueles que o demarcavam pelo dispositivo de assumir.

Aprendemos com o texto de Silva a ter posição, quebrar os silêncios, demarcar outro espaço, reinventar novas possibilidades para a homossexualidade, lançando mão do se dizer, do não mais se esconder, semelhante aos editores do *Lampião*, não só por assinarem seus nomes verdadeiros – e não pseudônimos – mas de se colocar dentro de um discurso. Esse movimento acabaria por fundar um discurso sobre o corpo homossexual, discutido no capítulo anterior, que necessitou, para existir, de clamar o seu direito de ter uma voz. Os corpos homossexuais desejosos de aceitação necessitaram da confissão de si para se legitimarem.

Corpo este constituindo-se em meio à construção de discursos repletos de convicções, conforme sugere o título do texto, *Para o Brasil do ano 2000 os “bons costumes” do século XIX*. Colocar-se participante ativo desse outrora tempo presente sugere uma relação amistosa de quebras com os arcaísmos do passado, ou seja, os “bons costumes”, fundados em preconceitos que minavam as possibilidades de lidar positivamente com a sexualidade, aceitando-a. Fazer dizer os desejos desse corpo configura uma modificação de si, mas também um afetar daquele que a ouve “porque as incoerências e contradições da identidade homossexual na cultura do século XX respondem – e, portanto, evoca – as incoerências e contradições da heterossexualidade compulsória”²³⁰

Mais uma vez, trata-se do corpo homossexual em questão. Observando na continuidade do texto de Aguinaldo Silva, percebe-se como o

²²⁹ SILVA, Aguinaldo. Entrevista. *G Magazine*, São Paulo, agosto de 1999, p.59.

²³⁰ SEGDWICK, Eve Kosofsky. A epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, n^o 28, Campinas: SP, 2007. pp.19-54, p.40.

direito à linguagem é uma proposta do jornal, que se aproxima de várias outras publicações destinadas a esse público no Ocidente, bem como no Oriente, pois o texto faz menção à China²³¹. O jornalista acrescenta que *Lampião* está cumprindo o seu papel “na onda de liberalização” vivida no Brasil.

No entanto, não devemos perder de vista o que se passava contemporaneamente a esses corpos homossexuais. Precisamos alertar que, embora a existência do *Lampião* seja marcada pelo abrandamento da censura em relação à imprensa, isso não significa dizer o fim da violência por parte dos militares que ainda perseguiram grupos contrários à ditadura.

O governo do presidente João Batista Figueiredo, presidente em exercício entre 1979-1985, foi praticamente forçado a conceder a anistia aos exilados e presos políticos. Esse fato demonstrou a insatisfação de militares de baixa patente com os rumos do regime e, principalmente, de quase toda sociedade civil. Em resposta, alguns atentados à bomba ocorrem no país nos anos 1980. O objetivo? Inibir os exilados em regresso ao país. Finalmente, a canção de Chico Buarque se concretizava para muitos exilados: “vou voltar, sei que ainda vou voltar”²³².

A situação se complicava ao passo que o movimento de distensão política avançava. Além das explosões à banca de revistas, tornou-se conhecido o livro-bomba e a carta-bomba, ferindo várias pessoas. Situação que colaborou na constituição, em 14 de agosto de 1979, em Brasília, na Câmara dos Deputados, da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), responsável por apurar a violência política no país.

Um dos alvos dos revoltosos foram as livrarias, algumas das quais sediavam reuniões de intelectuais de esquerda. Boa parte do alvo dessas organizações criminosas foram as bancas de revista e jornal, segundo pesquisa de Gonçalo Júnior, para quem “seus membros agiram, inicialmente,

²³¹ Trecho em que se menciona a China “há outros jornais como o nosso sendo consumido não apenas no Ocidente, e não é à toa que, em plena onda de liberalização na China, um jornalista ocidental tenha lido num dazibão, um dos jornais murais que atualmente enfeitam os muros de Pequim, a seguinte frase: ‘O que pretendemos é obter o direito de praticar sexo com quem, quando e como quisermos’”. Ibidem, p.108.

²³² Referência à canção Sabiá . Disponível em: <http://letras.mus.br/chico-buarque/86043/>. Acesso em 02-10-2014.

por meio de ameaças anônimas contra jornalheiros que vendessem jornais alternativos e revistas de sexo. Numa segunda etapa, passaram a incendiar ou jogar bombas durante a madrugada”²³³

A sede do *Lâmpião* sofreu ataque, mas a sua trajetória não chegou a ser afetada. Em paralelo, crescia o número de cartas enviadas ao jornal, algumas selecionadas e publicadas na seção *cartas na mesa*. Cartas que falavam do confessar como se verá adiante, cartas que falam de como se vai ganhando coragem para se assumir, cartas escritas após a leitura de vários discursos ao longo das edições abordando a temática do assumir-se.

“Eles estão ousando dizer o seu nome”, eis o título de uma matéria abordando o Somos-SP, grupo de militância homossexual criado pouco depois do *Lâmpião*. As correspondências enviadas ao Somos vinham de diferentes lugares do exterior e parte delas menciona o conhecimento daquela caixa postal na leitura do *Lâmpião*. Essas cartas foram estudadas por Pedro de Souza²³⁴, preocupado em entender de que maneira se dava a enunciação da homossexualidade.

Souza constatou que, durante sua trajetória, o Somos funcionou como um veículo para falar da sexualidade, inclusive, esclarece, os remetentes das cartas “serem incitados a falar publicamente de si como homossexuais”²³⁵. Mas de onde vem essa incitação, da qual o linguista faz alusão? Dos discursos veiculados no *Lâmpião*.

Souza enfatizou que a confissão no Somos se dava em reuniões, ou seja, publicamente e, por isso, através da prática confessional com caráter afirmativo. O binômio que recorta a prática, *assumir-se* ou *enrustir-se*, esteve fundado numa relação direta entre o público e o privado. Fruto de muitas tensões, o assumir-se exigia não apenas a aceitação da particularidade sexual, da compreensão dos desejos, exigia a coragem de colocá-la

²³³ JÚNIOR, Gonçalo. *Maria Erótica e o clamor do sexo - imprensa, pornografia, comunismo e censura na ditadura militar 1964/1985*. São Paulo: Editoractiva Produções Artísticas, 2010, p.398.

²³⁴ SOUZA, Pedro de. *Confidências da carne: o público e o privado na enunciação da sexualidade*. Campinas - SP: Editora da UNICAMP, 1997.

²³⁵ Idem, *ibidem*, p. 47.

em evidência, saber viver com a prática da confissão, da não negação, da vida fora do segredo. Quando a homossexualidade alcançava o público, especialmente com a afirmação homossexual, estava entrando em cena novas configurações sociais, a existência de uma outra identidade sexual, aquela que procurará existir no espaço público.

Esse movimento de organização de grupos de minorias já ocorria no Brasil no período anterior ao surgimento do grupo Somos. Os estudos da historiadora Joana Maria Pedro situam que no contexto de abertura da ditadura militar muitas mulheres voltaram do exílio com certas experiências, semelhantes ao que ocorreu com alguns homossexuais. Uma vez em países como França e Estados Unidos, suas bagagens traziam livros discutindo o feminismo e propondo a modificação de atitudes preconceituosas e hierarquizantes da sociedade brasileira. Para isso, recorreram à formação de grupos de conscientização da situação das mulheres na sociedade, bem como da discussão de teóricos que pudesse colaborar no debate pelo fim do preconceito.

Um dos resultados dessas ações afirmativas foi a criação do Centro da Mulher Brasileira (CMB). As feministas brasileiras além de lutarem contra o patriarcado já discutiam a questão do aborto e métodos contraceptivos. Tais lutas se davam em meio a muito preconceito. “Os partidos políticos que estavam na clandestinidade, por exemplo, estranharam a emergência do novo feminismo. Achavam um ‘absurdo’ que os grupos feministas pudessem atuar como movimento autônomo”²³⁶. Então, a organização de grupos de discussão com fins também de atuação política foi característico de certos grupos homossexuais na época, característica que talvez tenha se dado por influência das feministas.

Somos e o *Lampião* eram muito próximos. João Silvério Trevisan, por exemplo, integrava ambos os grupos. O casamento entre ambos se fez notar tanto nas notícias sobre o Somos veiculadas no impresso quanto nas correspondências enviadas ao Somos que mencionavam o *Lampião*.

²³⁶ PEDRO, Joana Maria. O feminismo de “segunda onda”: Corpo, prazer e trabalho. In.: PEDRO, Joana Maria e PINSKY, Carla Bassanezi. *Novas história das mulheres*. São Paulo: Editora Contexto, 2013, p.252.

A relação amistosa é nítida quando numa mesma página do *Lampião* constavam dois textos a respeito do Somos, uma sobre o processo de assumir-se e a outra entrevistava os responsáveis e membros do grupo. Ainda nessa página, um poema atraente de Doug Youngblood se aproxima na composição de mais um enunciado a respeito do imperativo de assumir: “você nada tem a perder/ além da vergonha/ Levante-se e saia/ desses cantos/ escuros cheios de mentiras./ Deixe a noite/ Para trás”²³⁷. Os títulos das matérias são diretas e a segunda parece complemento da primeira. “Eles estão ousando dizer o seu nome”, a referência ao sujeito é dada no texto seguinte, “O pessoal do Somos (um debate)”.

“De repente começaram a surgir em São Paulo vários grupos de homossexuais discutindo seus problemas”, diz o *Lampião* a respeito do momento político que se configura pelo aparecimento do Somos e demais grupos no anoitecer dos anos 1970. Aqui, percebe-se a mirada deleuzeana do acontecimento, conforme defendida no capítulo anterior. “Um acontecimento, mesmo breve, mesmo instantâneo, se prolonga”, pontuou Deleuze. Trazendo para o nosso debate, o *Lampião* ocasionou efeitos no campo das homossexualidades, sobretudo o movimento de colocar o privado no público.

Além disso, existem os entraves externos, que se apresentam diretamente, ou se refletem indiretamente no autodesprezo, nas escamoteações e no desânimo dos próprios homossexuais.

Perguntas metafísico-políticas do tipo “é válido que os homossexuais se reúnam?” já começam a ficar no limbo do passado repressor – o mesmo que não permitia que os negros se encontrassem, por estarem molestando vários dogmas político-sociais. Válido ou não para os outros, a verdade é que os homossexuais estão se encontrando.

Em seguida, na entrevista, é concernente destacar:

Como é o processo de identificação atualmente?

²³⁷ YOUNGBLOOD, Doug. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, setembro de 1979, p.7.

Ricardo III – O que se chama de processo de identificação do homossexual, dentro do Somos, se dá a partir do indivíduo desreprimido, com suas experiências pessoais. Nós vivemos numa sociedade heterossexual e, portanto, na maior parte do tempo não manifestamos nosso ponto-de-vista homossexual. Nos sub-grupos de identificação temos a chance de pensar, ou melhor, de repensar nossos pontos-de-vistas, novos e comuns e todos, surgindo daí eles bem fortes entre as pessoas, o que leva a vencer preconceitos que nós mesmo temos contra o homossexualismo. Identificação é também questionamento, mudança de valores. A libertação do indivíduo parte do momento em que ele conhece outro com os mesmos problemas, que sofreu a mesma barra pesada. Não podemos ainda definir o processo de identificação na sua totalidade. Não existe uma resposta pronta. Repito, sabemos apenas que o identificado questiona²³⁸.

Esse fragmento da entrevista com um dos participantes do Somos e a informação que a precede revelam a teia do dispositivo de sexualidade se alastrando e chegando a outras instâncias para além do jornal. Porque o Somos não é apenas um grupo em paralelo, é uma organização com objetivos semelhantes aos veiculados no *Lampião*. Devido a essa proximidade é preciso destacar como temas próximos do assumir eram pensados pelo grupo.

O encontro de homossexuais parte do pressuposto de que se sabe, ou se suspeita, da sexualidade do outro. Possivelmente em decorrência da constituição de uma rede de sociabilidade, homossexuais podiam saber uns sobre os outros. Nas reuniões daqueles grupos a floravam histórias de vida certamente marcada por dores e angústias, as quais foi preciso saber vencer e atuar no grupo como um “indivíduo desreprimido”. Sensibilidade vivida no “momento em que ele conhece outros com os mesmo problemas, que sofreu a mesma barra pesada”.

Ler esse relato de um dos integrantes do *Somos* é aprender com ele a importância da descrição das experiências, dos significados que um falar sobre, um simples falar de si, uma confissão, pode oferecer. Há acima mais

²³⁸ Entrevista: O pessoal do Somos (um debate). *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, setembro de 1979, p.8.

uma cena do imperativo do assumir-se na história brasileira, a da luta constante entre se perceber, se identificar e se expor.

O estigma da homossexualidade trouxe uma separação entre sexualidade e tendências afetivas. Passando a não ter o reconhecimento dos seus desejos, coube aos homossexuais levarem seu cotidiano temendo os riscos de olhares de fúria e estranhamento, dizeres de baixo calão ou até mesmo agressões físicas. Michael Pollak²³⁹ elenca o peso negativo dessa clandestinidade, inclusive no ato sexual sem preparação, sem um ritual, geralmente o fim do sexo coincidindo com o fim da relação, tendo durado apenas alguns minutos.

A homossexualidade é também aprendida culturalmente. É um processo marcado pelo reconhecimento de desejos homossexuais, o que Pollak caracteriza de *coming out*, experiência que, segundo sua pesquisa, data entre dezesseis e trinta anos. Antes disso, a maioria dos homossexuais “já está convencida de sua preferência sexual”, aponta o sociólogo.

Assistimos, através dessa fonte, a uma proliferação de discursos sobre a confissão que aparecia no jornal através do verbo assumir-se. A enunciação é a de que os homossexuais precisam, necessariamente, assumir-se e sair do lugar do segredo, do esconderijo, visando à elaboração de uma identidade homossexual. Aliás, nesse movimento minoritário, as mulheres passam a enfrentar igualmente uma questão de se assumir feministas. Dizer-se feminista significava romper com um passado de submissão, opressão e preconceitos.

Estamos diante dos contornos de como foi gestado no Brasil um dispositivo desejoso de colocar a sexualidade homossexual na esfera do público, retirando-a do privado. Estamos diante de um grito de liberdade caracterizado pelo “sim, eu sou”, e de um discurso do passado ainda atual percorrendo as subjetividades gays. Mas como o dispositivo nasce da tensão, do choque, o assumir-se também parece ter sido algo de disputas na

²³⁹ POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina, ou: a felicidade no gueto? In.: ARI'ES, Philippe; BÉJIN, André. *Sexualidades ocidentais: contribuição para a história e para a sociologia da sexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1987, pp.54-76

redação do jornal. Agora, passaremos, a estudar as divergências internas na redação do *Lampião* e que passava pelas intensões do assumir-se.

2.2) Tensões na ordem dos discursos: Trevisan e Aguinaldo Silva

Num jornal, as reuniões, a redação, a seleção das matérias envolve certos interesses. Com o *Lampião* isso não foi diferente. De um lado, o Rio de Janeiro; do outro, São Paulo. De um lado, o comando centrava-se em Aguinaldo Silva; do outro, em João Silvério Trevisan, respectivamente. De todo modo, as escolhas de Aguinaldo Silva, recorda Trevisan²⁴⁰, costumeiramente eram mais respeitadas e prevaleciam sobre as demais, talvez pelo fato de ele ter mais trabalho em organizar a edição para a impressão. Antes dos discursos do jornal invadirem as bancas, parte da equipe se reunia para decidir o que devia ou não constar do jornal. Longe de ser apenas uma prática, a confissão ou não da homossexualidade publicamente foi alvo de divergências entre as paredes da redação.

Na dissertação “*Reinventando o sonho: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil Contemporâneo*”, o historiador Cláudio Roberto Silva narra uma história da constituição do movimento homossexual brasileiro, valendo-se de relatos de alguns militantes. O autor realizou um conjunto de entrevistas com alguns protagonistas do início do movimento, parte deles paralelamente ligados ao *Lampião*, seja como editores, seja como colaboradores. Serão essas as entrevistas utilizadas como fonte para este tópico²⁴¹.

²⁴⁰ TREVISAN, João Silvério. Entrevista a Cláudio Roberto Silva. In.: SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho: História Oral de Vida Política e Homossexualidade no Brasil Contemporâneo*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo, 1998.

²⁴¹ Neste momento do texto. aproximar-nos-emos das reflexões do testemunho propostas por Paul Ricoeur. Daí, reflete-se que o testemunho não encerra sua trajetória com a constituição dos arquivos. Ele ressurge no fim do percurso epistemológico como uma representação do passado, por narrativas, artifícios retóricos, colocação em imagens. Ricoeur fala das possibilidades de conhecimento trazidas pelo testemunho, da ligação com as “coisas do passado”. Para ele, há uma relação direta entre testemunho, arquivo e documento, ou, conforme indica, “com o testemunho inaugura-se um processo epistemológico que parte da memória declarada, passa pelo arquivo e pelos documentos e termina na prova documental” (RICOEUR, 2012; p.170). Nas possibilidades colocadas pelo fenomenólogo, o testemunho possui um valor declarativo e direto que resultará no arquivo. Esse processo ensina que um fato não é o que ocorreu, mas, sim, o que é dito sobre ele, o que nós historiadores afirmamos a respeito de algum resquício do passado.

Em quase todas entrevistas, é possível encontrar menções ao assumir, a disputas internas no interior do jornal, a conflitos de ideias, de conteúdo de textos para constar nas edições. Descortinam-se nas entrevistas possibilidades para entendermos como um dispositivo nasce igualmente de choques de discursos que, ora excluindo ora incluindo, ora constando ora ficando fora da edição, acabam por constituir uma formação discursiva sobre o *assumir-se*. Com relação a esses conflitos, Trevisan esclarece:

O Lamião teve uma vida muito difícil, por causa de problemas financeiros, mas também começou a ter problemas de divergência interna. Houve várias rupturas, e no final de sua existência ele começou a apresentar problemas entre a equipe de São Paulo e a equipe do Rio de Janeiro (...).

Meu ponto-de-vista a respeito da questão homossexual obviamente começou a se chocar com o do Aguinaldo. Em São Paulo eu era a pessoa mais ativa e no Rio de Janeiro, indiscutivelmente, era o Aguinaldo. Ele tomou o papel de editor do jornal. Havia vários editores, mas na prática ele acabou sendo o editor-chefe. Profissionalmente, mandava e desmandava, já pelo fato de ser jornalista profissional²⁴².

A fala de Trevisan pode parecer fria, distante e talvez deixe transparecer certa mágoa. O que a teria motivado? Afinal, acima, imbricam-se dois sujeitos. Temos um emissor demarcado denotativamente em “meu

Portanto, irá vencer nessa operação historiográfica um discurso que, escrito na esteira do presente, ocupará o lugar do ontem. O “outro” só existe com as palavras a modelar-lhe.

Atentamos ao leitor de que os fragmentos de entrevista reproduzidos no segundo momento deste capítulo foram, na maioria, recortados de todas entrevistas escritas e arquivadas por Cláudio Silva. Evidentemente, ao capturá-las, efetuando deslocamentos analíticos, tais entrevistas ficaram órfãs dos seus depoentes, perderam a relação com quem deu o testemunho e estão à disposição do mundo, podendo ser capturada e utilizada em distintas ocasiões e infundáveis propósitos. Frisamos a retirada dos fragmentos da entrevista completa porque isso permite situar outra relação com a fonte, esmiuçando toda narrativa e não apenas parte dela. Alertamos ainda que o contato com essas entrevistas é uma relação com um arquivo. Constar num trabalho acadêmico já prova, por si só, que foi arquivado.

Essa digressão é necessária porque esses relatos irão ganhar o lugar do passado na história a ser tecida. A narrativa neste trabalho se tornará o que existiu do passado, aproximando-se do que Walter Benjamin chamou de legibilidade, quando o passado alcança o presente. Este texto está se apoiando em documentos que, neste momento, partiram de relatos orais e exigem outros modos de leitura e, embora tais documentos tenham uma autoridade, porque sem dúvida são registros, entendemos que o nosso discurso direciona o trabalho historiográfico.

²⁴² TREVISAN, João Silvério. Entrevista a Cláudio Roberto Silva. In.: SILVA, Cláudio Roberto. *Reinventando o sonho: História Oral de Vida Política e Homossexualidade no Brasil Contemporâneo*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de São Paulo, 1998, p.251.

ponto de vista” e que ao mesmo tempo se vale de argumentos para se opor ao “ele”, Aguinaldo Silva. O argumento de Trevisan apresenta tensões. Sobretudo, é preciso destacar, a entrevista ocorre com um dos protagonistas do movimento homossexual brasileiro, um escritor e intelectual, alguém que é lido especialmente pelo público homossexual, mas não somente, e sabe o poder que tem em direcionar suas palavras.

No que acabamos de ler, Trevisan se coloca na narrativa, isto é, faz existir um testemunho devido à evidência de que estava lá. Do que lemos, constatamos que o próprio depoente se declara testemunha, ou, como pontuou Paul Ricoeur numa reflexão oportuna para este momento, “ela nomeia a si mesma. Um triplo dêitico pontua a autodesignação: a primeira pessoa do singular, o tempo passado do verbo e a menção ao lá em relação ao aqui”²⁴³.

Com a narrativa de Trevisan colocada anteriormente nos é dito o lugar ocupado por Aguinaldo Silva. Se o cargo de editor-chefe era realmente voz sobre os demais ou voz final, fica uma sugestão de que esse posto implicava alguns conflitos. No correr da entrevista, também ficamos sabendo de alterações nas matérias, partes de textos cortadas ou complementadas. Uma das razões disso era a arquitetura do jornal que precisava se adequar para caber em 20 páginas²⁴⁴.

Na tentativa de compreender as razões dessa tensão é digno estudar alguns momentos da trajetória pessoal e política de João Silvério Trevisan e de Aguinaldo Silva, a fim de entender as diferenças de opinião em torno do *assumir-se*.

O autor de *Devassos do Paraíso* conheceu um movimento homossexual organizado quando se autoexilou nos Estados Unidos. Aguinaldo Silva, por sua vez, não se exilou, mas se mantinha informado com os eventos culturais dos anos 1960-70, sobretudo na França e nos Estados Unidos. Como lembrou em entrevista anos mais tarde, “Nós todos, uns mais, outro

²⁴³ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013, p.172-173.

²⁴⁴ Inicialmente, o jornal continha dezesseis páginas. Mas, logo de início, devido às vendas, a arquitetura do *Lampião* passou a contar com vinte páginas.

menos, sabíamos o que estava acontecendo lá fora quanto aos movimentos sociais”²⁴⁵.

Exilar-se significa criar uma fronteira tanto no mundo interno, da subjetividade do indivíduo, quanto no mundo externo, nas condições pelas quais essa ação política se efetiva. O exílio não é um corte definitivo entre um antes e um depois. Em vez disso, é o contato com o inusitado, um hiato que separa o que se passou daquilo que está por vir. Numa palavra, o exílio é intermediar-se. Isto é, acostumar-se com a distância de parentes, amigos, hábitos culturais, trabalho, projetos e intermediar essas (in)certezas com um novo lugar, uma nova cultura, novos hábitos e costumes; intermediar estratégias de sobrevivência²⁴⁶.

Um brasileiro no exterior, transitando nos Estados Unidos e no México. Nos Estados Unidos, Trevisan fixou estadia em Berkeley, Califórnia, uma cidade já com histórico de lutas homossexuais e estudantis. O ano de 1969 é conhecido dos homossexuais norte-americanos. Em junho daquele ano, lembremos, ocorreu em Nova York o levante/rebelião de Stonewall, marcando definitivamente a ação do movimento político de gays e lésbicas nos Estados Unidos. Os desdobramentos desse acontecimento serão vistos nas ruas com manifestações e passeatas organizadas, bem como em universidades, onde professores passaram a oferecer cursos cujo tema de estudo eram questões gays.

O ano de 1973, em Berkeley, adquire importância decisiva para o futuro engajamento político de Trevisan. Naquela época, ele entrou em contato com o movimento homossexual, movimento negro, movimento feminista, além dos debates ecológicos que emergiam naquele momento. No ano anterior, em 1972, havia sido realizada em Estocolmo, na Suécia, a Primeira Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente, altura em que os países começaram a perceber que os recursos necessários à vida eram finitos. A partir disso e com a presença de 113 países e mais de 400

²⁴⁵ SILVA, Aguinaldo. À luz do Lampião. Entrevista. *Revista Júnior*. São Paulo, Ano 2, número 10. p.40.

²⁴⁶ SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

organizações, passaram a discutir questões como a chuva ácida e a poluição do ar.

Simultaneamente, algumas reflexões teóricas, vindas do feminismo, especialmente, passavam a incrementar o pensamento de Trevisan. De um lado, assistia à construção e ao fortalecimento da contestação de gays e lésbicas, em busca de igualdade de direitos civis; do outro, percebeu, segundo ele, que posteriormente o movimento homossexual nos Estados Unidos mudou os objetivos e pretendeu conquistar o poder. Para Trevisan, essa prática lembrava algo que deveria ser destruído, o poder, e aumentava sua simpatia pelo anarquismo. O que vinha acontecendo levou Trevisan a “tomar consciência não apenas de ser o que eu era, mas de batalhar para poder ser o que eu era”²⁴⁷.

A efervescência cultural deixava espaço para a vivência de afetos que eram na grande maioria fugazes e fugidios nos Estados Unidos. O escritor experimentou dificuldades nas experiências afetivas. Apaixonando-se por um aqui, outro ali, nunca conseguiu ter um namorado americano. Trevisan recorda “eles (os americanos) não tinham ideia do que era ternura, tanto que demorei muito em descobrir a palavra na língua inglesa para ternura”.

Em seguida, migrou para o México. Lá, possivelmente, tenha sido mais feliz. Percebe-se como “o exilado vê as coisas tanto em termos do que deixou para trás como em termos do que de fato acontece aqui e agora (...). Cada cena ou situação no novo país aproxima-se necessariamente da sua contrapartida no país de origem”²⁴⁸.

Após o México, o retorno ao Brasil foi um encontro com a solidão em meados dos anos 1970. “O meio homossexual já era e se tornou mais ainda um lugar basicamente de pegação, um grande açougue. (...). A minha vivência enquanto homossexual passa pela minha cama, mas não fica nisso, nunca foi assim e nunca será”, confia Trevisan que encontrou como alternativa para a sua solidão a militância homossexual no país.

²⁴⁷ SILVA, Claudio Roberto. Op, cit, p. 237.

²⁴⁸ SAID, Edward. Op, cit, p.67.

Cioso de poder viver a homossexualidade no Brasil livre do sentimento de culpa ou de não aceitação, Trevisan sentia falta do que conhecera, especialmente na Califórnia, em termos de luta por igualdade de direitos e de combate ao preconceito. Isso explica o engajamento que ele tomaria a partir daquele momento.

Em entrevista a Silva (1998), Trevisan esclarece que no retorno ao Brasil desejava encontrar pessoas com quem trocasse ideias sobre política, homossexualidade, cultura e engajamento. Na época, ele, que antes era mais simpático à esquerda, vinha tecendo críticas a essa posição política porque alimentavam um forte preconceito contra os homossexuais.

Enquanto Trevisan se aventurava pela América do Norte, fugindo da ditadura, Aguinaldo a vivia no Rio de Janeiro, cidade para onde se mudou por volta de 1964, trabalhando em redações de jornais. A carreira de escritor começou cedo e publicou o seu primeiro livro aos dezesseis anos, *Redenção para Jó*. Do sucesso desse livro, resultou o convite para trabalhar no jornal *Última hora Nordeste*, com sede em Recife, de Samuel Wainer (1910-1980). A partir de então, Aguinaldo deixava o trabalho no banco e se entregava ao ofício contínuo com as palavras e com outros jornalistas homossexuais. Em decorrência do golpe de 1964, a unidade do *Última hora* fechou em Recife e Aguinaldo foi convidado a continuar na empresa só que no Rio de Janeiro. Portanto, desde a década de 1960, Aguinaldo exercia a atividade de jornalista. Essa experiência acaba por explicar o porquê de ele ter tomado à frente do *Lampião* algum tempo depois.

Mas, enquanto isso, Aguinaldo continua publicando outros livros e escrevendo sem cessar. Em 1965, publicou *Cristo partido ao meio*, três anos depois veio *Canção de Sangue*. Mais tarde, em 1972, lançou *Geografia do Ventre* e com mais cinco anos, em 1977, *O crime antes da festa: a história de Ângela Diniz e seus amigos*. Porém, não só de trabalho vivia Aguinaldo. Nas horas vagas, ia passear pela Cinelândia, área de sociabilidade dos homossexuais desde o início do século XX. Aguinaldo gostava de se divertir e jogar conversa fora no entorno da praça Floriano,

perambulando às vezes pela avenida Rio Branco ou em outras ruas, como a Senador Dantas ou a Evaristo da Veiga.

Não foram poucas às vezes em que Aguinaldo foi preso durante a ditadura. No momento, a polícia prendia a ele e a outros sob a acusação de vadiagem. Muitas vezes, era preciso andar com carteira profissional, porque a ocupação poderia minar as conclusões de que aqueles indivíduos andassem em busca de sexo pelas esquinas da cidade. E talvez, conforme indicou o próprio Aguinaldo, o seu jeito feminino podia facilitar a apreensão. Quando preso, ele e vários outros homossexuais, eram colocados num camburão e levados para a delegacia, onde, além de humilhação, precisavam lavar a privada do local.

A leitura das fontes a respeito de Trevisan indica a sua assimilação pela importância política do *assumir-se*. Porém, em virtude da reedição do seu livro *Devassos no Paraíso*, ele concedeu uma entrevista ao portal online da *Istoé*, em 2000, onde lhe foi perguntado: “Você concorda com o *outing*, atitude política de grupos gays americanos radicais que revelam a homossexualidade de pessoas em postos-chaves ou daquelas que têm atitudes homofóbicas, apesar de homossexuais?”²⁴⁹. Responde Trevisan: “Sou contra o *outing*. As pessoas têm o direito absoluto de não tornar pública a sua homossexualidade ou qualquer coisa que não queiram”. Mas, logo emenda: “É claro que se um deputado pentecostal tem atitudes homofóbicas e uma vida homossexual secreta, acho importante revelar isso como ato político para mostrar que homossexual não é besta”.

Porém, o que teria motivado essa fala em aparente oposição ao *assumir-se*? Queria ele lutar contra a associação comumente evocada quando se fala no seu nome de militante das causas gays, um conhecido escritor gay brasileiro, como se sua literatura fosse reduzida a isso? Pode parecer que essa hipótese seja válida porque em outros textos do escritor, compilados em *Pedaço de mim*, há uma nítida crítica dessa identidade a ele atribuída, a de escritor gay.

²⁴⁹ Disponível em: http://www.terra.com.br/istoe-temp/1628/artes/1628_pelo_direito_de_ser.htm. Consultado em 20 de abril de 2014.

Em entrevista mais recente, concedida a Flávia Péret, para constar no livro *Imprensa Gay no Brasil: entre a militância e o consumo* (2012), Trevisan sustenta a ideia da visibilidade homossexual: “Desde o começo nós colocamos os nossos nomes, justamente para lutar pela visibilidade, que era um de nossos pontos. A invisibilidade já era um dos grandes dramas da comunidade homossexual”²⁵⁰. Aqui, por sua vez, já há uma aproximação com relação ao discurso do jornal. Possivelmente existe uma dicotomia do assumir em Trevisan. Parece que, em termos pessoais, ele se coloca contrário, mas, na elaboração dos discursos a favor da homossexualidade e de construção de um movimento homossexual, ele reconhece que esse discurso seria necessário. De mais a mais, essas opiniões invadiam toda a redação, conforme aparece em outros relatos da dissertação de Claudio Silva.

Trevisan realizou uma completa defesa do caráter mais ativista do *Lâmpião*. Prova disso é que ele se colocou indignado com a minguada venda de uma edição que trazia uma matéria sobre a homossexualidade em Cuba. Na edição seguinte, porém, aparecia o primeiro homem pelado na capa do periódico. Foi um dos números que mais venderam. O jornalista conta seu ponto de vista:

Eu já vinha fazendo a crítica do meio homossexual. E isso foi mais uma evidência de que o meio homossexual, tal como acabou sendo socialmente constituído, foi feito para consumir sexo e nada mais. Infelizmente, não há espaço para outra coisa que não seja a putaria. (...) Propus ao Aguinaldo Silva que encerrasse a carreira do Lâmpião. Fui para o Rio de Janeiro e fiz uma reunião com as pessoas. Aproveitei que o jornal estava em má situação financeira, usei esse argumento e fiz de tudo para acabar com o Lâmpião, antes que ele se tornasse um *Notícias populares* de viado... o que para mim seria a pior coisa do mundo. A ideia do Lâmpião era outra e assim deveria permanecer. Quem quisesse fazer outra coisa que fizesse. Tanto que Aguinaldo tentou criar em seguida a revista *Playguei*, mais próxima de suas ideias voltadas para o comercial²⁵¹ (in Silva, 1998, p. 252-253).

²⁵⁰ PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil: entre a militância e o consumo*. São Paulo, Publifolha, 2012, p.127.

²⁵¹ SILVA, Claudio Roberto. Op.cit., p.252-253.

O texto acima vai deixando claro um clima de desavenças no ar. De um lado, uma vertente mais militante; do outro, uma visão menos politizada e mais focada no entretenimento. Essa fala destaca a importância de criticar e elaborar questionamentos a respeito do lugar das homossexualidades na sociedade. As tensões entre Trevisan e Aguinaldo Silva ficaram mais evidentes. De fato, o jornal, no seu último ano, intensificou discursos falando muito mais em entretenimento do que em questões destinadas à militância. Os nus masculinos no interior do jornal passaram a constar com maior frequência e as informações ligadas a grupos homossexuais, reuniões, congressos iam cedendo lugar a notícias de *sexshops* e muitas propagandas, o que indica a situação de crise financeira vivida pelo periódico. O “eu” no texto anterior tem uma carga significativa na constituição do movimento homossexual brasileiro, nas disputas em torno da origem, de quem começou, quem empreendeu. Não por acaso, Trevisan conta, na mesma entrevista: “então, decidi fundar o movimento homossexual no Brasil”²⁵².

É possível ler, no trecho acima, a situação não apenas financeira, mas, sobretudo, as disputas ideológicas. Para Trevisan, era inaceitável que o *Lampião* fosse concebido como um “*Notícias populares de viado*”. O *Notícias populares*, publicado pelo Grupo Folha, da *Folha de São Paulo*, foi um jornal fundado em São Paulo, em 1963, e findado em 2001, caracterizado por manchetes de cunho sexual e sensacionalista. Dessa forma, aproximar-se dele significaria se afastar do ideal militante, no qual se inclui o assumir, afinal, a política homossexual daquele momento, conforme aparece na documentação do *Lampião*, era sustentada pela ideia de expressar a homossexualidade.

Vai se percebendo as tensões no trecho: “Quem quisesse fazer outra coisa que fizesse. Tanto que Aguinaldo tentou criar em seguida a revista *Playguei*, mais próxima de suas ideias voltadas para o comercial”. Essa publicação chegou às bancas ainda em 1981, auto intitulava-se “o filho do

²⁵² Idem, *ibidem*.

Lampião". Nas suas páginas há textos que originalmente pertenciam ao *Lampião* e a presença de nus masculinos foi uma novidade. Pelo que pesquisei, ainda não há um estudo sobre a publicação.

É preciso considerar que a entrevista foi concedida em 1994. Nesse momento, a culpabilização da homossexualidade em virtude da aids já não tinha mais a mesma força que teve em meados dos anos 1980 e, pelo contrário, passou a haver outras publicações destinadas aos homossexuais. Houve, igualmente, a emergência de eventos conhecidos, com destaque na cidade de São Paulo. No ano anterior à entrevista foi realizado, em São Paulo, o primeiro festival Mix Brasil, evento direcionado ao público GLS (gays, lésbicas e simpatizantes), que contribuiu para mostrar elementos da emergente cultura homossexual, ao reunir diretores, autores e produtores de cinema abordando a situação dos homossexuais, em um momento em que tentavam reconstruir sua imagem após a culpabilização sofrida em decorrência do vírus HIV.

Por que a data da entrevista é importante? Porque o discurso é endereçado e tem historicidade. Ele é fruto das questões do momento. Indiscutivelmente, Trevisan percebia as modificações pelas quais os discursos sobre as homossexualidades vinham passando desde o *Lampião*, enfrentando os preconceitos efeito da epidemia de aids, e chegando aos anos 1990. Mas ele sabia também que seria lido não apenas porque a sua entrevista era necessária para a pesquisa de Cláudio Roberto Silva, mas, porque, em fins do século XX, era conhecido tanto pelos seus romances quanto pela sua função de militante homossexual. Com isso, cada um dos entrevistados é extremamente seletivo com o que pretende falar, ocultar, lembrar ou esquecer de lembrar daquela época.

As divergências em torno do assumir aparecem também no depoimento de João Antônio Mascarenhas que não simpatizava com a posição de Aguinaldo sobre o tema. Ele recorda:

Desde o início, já vi que o jornal nunca seria um órgão do movimento... por causa do papel predominante do Aguinaldo. Ele não sabia sobre o assunto, nem se importava com isso. (...). Imaginava que o *Lampião* poderia agir como

um catalisador... o que acabou acontecendo! Os grupos começaram a surgir. (...)

O *Lampião* ajudou, especialmente, a haver o despertar... de mostrar a muita gente que os homossexuais podiam fazer alguma coisa. Eles também poderiam atuar num outro campo, visto que o grupo do *Lampião* estava fazendo... então, acho que foi isso: auxiliou. Porém, depois os grupos brigaram com o Aguinaldo. Nem me lembro direito porque foi, mas... em linhas gerais, era porque queriam que o *Lampião* desse apoio numa forma e num grau que o Aguinaldo não estava disposto. E o jornal era o Aguinaldo. Como já disse, ele nunca deu importância ao movimento como uma questão de ordem social. Nunca conversei com ele a esse respeito... assim não sei dizer precisamente, mas tenho a impressão que para ele era mais importante a afirmação individual. É um pensamento radicalmente contrário ao meu... acho que o estamento social é mais importante²⁵³.

Para compreendermos as motivações de tal declaração, é cômodo pensarmos a história como costuma fazer o historiador Antônio Torres Montenegro²⁵⁴. Ele, influenciado por Foucault, Gilles Deleuze e Paul Veyne, aconselha-nos a atribuir atenção aos fios, às ligações entre acontecimentos; só assim poderá haver novas formas de compreensão que desassociem o que está dado.

Percebe-se a conexão entre o dispositivo de assumir-se e o movimento político. Descortinam-se, aqui, os conflitos sobre o imperativo de assumir-se entre a equipe editorial. Aguinaldo Silva preferia uma afirmação individual, centrada em si, nas particularidades e peculiaridades do indivíduo com o seu mundo privado. Além disso, era contrário à obrigação de ter que se dizer; em contraponto a Trevisan e Mascarenhas, preocupados com o tornar pública a homossexualidade.

De que modo Aguinaldo lidava com a questão social da homossexualidade no jornal? Nos três anos de jornal é possível que tenha havido alterações. No entanto, fica clara, nos seus textos, especialmente no primeiro ano de circulação do *Lampião*, a importância de uma atuação pública das “minorias” na defesa e luta por seus direitos.

²⁵³ SILVA, Cláudio Roberto. Op.cit., p.273-274.

²⁵⁴ MONTENEGRO, Antônio Torres. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2010, p.31.

Na fala de Mascarenhas, encontramos a sua versão sobre a história do jornal. Sua fala é politicamente construída e não pode ser entendida apenas por uma reflexão do ver/ouvir, ao estilo de “eu estava lá”. O seu depoimento merece ser pensado a partir do que se quer contar e constar. Há um conjunto de relações de força no fragmento anterior e que são motivados pela rápida saída de Mascarenhas do jornal, devido a motivos pouco claros até aqui, mas supõe-se que houve divergências entre ele e outros membros da redação. Apesar disso, foi um dos firmes advogados do assumir-se e de outras questões do movimento homossexual brasileiro, que refletia sob influências da leitura de periódicos gays norte-americanos e correspondências com alguns desses ativistas, a exemplo de Wiston Leyland, editor do *Gay Sunshine*.

Nota-se a aproximação entre Mascarenhas e Trevisan quando da crítica a Aguinaldo Silva. Com relação a isso, é dito que Aguinaldo entende de imprensa, já trabalhava nesse meio, mas não entende de movimento. Eis a falta, a lacuna, o problema.

Segundo Mascarenhas, houve divergências entre Aguinaldo e grupos de militantes homossexuais. Ora, isso pode ter ocorrido devido à força de circulação do *Lampião* e das ideias que veiculava. Os grupos entendiam que, uma vez associados ao jornal, poderiam tornar seus objetivos mais relevantes e alcançar um público maior. Mas não foi o que aconteceu.

As razões da pouca importância dada por Aguinaldo ao movimento são ditas por Mascarenhas. O editor-chefe preferia, pensa o entrevistado, uma afirmação mais individual. Assim, seria contrário ao que colocavam especialmente Mascarenhas e Trevisan. Mascarenhas declara que “acho que o estamento social é mais importante” e, ao mesmo tempo, faz questão de distinguir as influências das suas posições das de Trevisan.

“O Trevisan possuía a ideia do *Gay Liberation*... que é uma atitude filosófica de contestação plena, completa e radical”, destaca Mascarenhas. O *Gay Liberation Front* foi um grupo homossexual que surgiu em 1969 nos Estados Unidos no clima de movimentação e contestação cultural pós-Stonewall. Alguns integrantes desse grupo fundaram um periódico

chamado *ComeOut* e cujo primeiro número trazia uma preocupação emblemática: “Saia do armário para a liberdade! Saia do armário agora! Poder para o povo! Poder gay para o povo gay! Saia do seu armário antes que a porta esteja pregada”²⁵⁵.

Na primeira matéria do seu primeiro número, a *Come-out* evoca para si o título de jornal da comunidade homossexual. Deixa claro: “A revista *Come-out* tem saído em luta pela liberdade para os homossexuais: para dar voz para a crescente militância gay juntamente com nossa comunidade(...)”²⁵⁶. Se a afirmação de Mascarenhas é pertinente, provavelmente Trevisan travava contato com leituras que apontam nesse sentido, do assumir-se. Reconhecemos, no entanto, que quando esse editorial aparece, Trevisan ainda morava no Brasil e talvez não tivesse contato com o grupo nem com o jornal, mas seria, segundo o relato acima, tocado por ideias semelhantes.

É considerável, ainda, na entrevista dada por Mascarenhas a Cláudio Silva, a constatação de algo que viemos especulando até aqui: as divergências entre Trevisan e Aguinaldo. “(...), o Aguinaldo vivia brigando... não sei se o Trevisan fala a esse respeito? Inclusive uma das pessoas com quem ele brigou foi o Trevisan... parece até que foi com quem ele mais brigou!”. Posteriormente, Edward MacRae, que não pertencia diretamente ao jornal, mas frequentava o grupo *Somos*, grupo de reivindicação dos direitos homossexuais que surgiu também em 1978, coloca, “depois de algum tempo, o Trevisan brigou com Aguinaldo Silva e o *Lampião* acabou”²⁵⁷

Aguinaldo inquietava devido à sua vertente menos militante. Como já era jornalista, além de escritor conhecido, Aguinaldo pressupunha o que o público desejava ler e talvez possuísse uma ideia mais comercial do periódico. Deve ter constatado uma das preferências do público quando a

²⁵⁵ Como consta no original: Come out for freedom! Come out now! Power to the people! Gay Power to gay people! Come out of the closet before the doo ris najled shut. Disponível em: <http://paganpressbooks.com/jpl/GLF.HTM>. Consultado em 22 de abril de 2014.

²⁵⁶ Tradução nossa do original: COME-OUT has COME OUT to fight for the freedom of the homossexual: to give voice to the rapidly gowing militancy within our community (...) Disponível em: <http://paganpressbooks.com/jpl/GLF.HTM>. Consultado em 22 de abril de 2014.

²⁵⁷ SILVA, Claudio Roberto. Op.cit., p.346.

edição com um nu masculino na capa atingiu um recorde de vendas em toda a história do *Lâmpião*.

Disputa de opiniões. Disputas de ter direito à voz. Disputa de colocar dado assunto em circulação. Disputas que caracterizam a ordem do discurso. Disputas no periódico que também foram mencionadas por Peter Fry:

Em São Paulo, havia todo um processo de dizer aos michês que deveriam assumir uma identidade gay... não tem nada a ver!!! Eram rapazes ganhando dinheiro, talvez gostando... não sei!?... não me importa! Então, não gostava dessa imposição programática de dizer aos outros o que eles têm de decidir (...).

Havia duas posições... digamos: uma mais light que era Aguinaldo, junto com o pessoal do Rio; e uma mais pesada que eram algumas pessoas de São Paulo... não todas!!! Havia muita suspeita mútua. O pessoal de São Paulo sempre foi muito acusatório. Coitado do Aguinaldo! Uma vez ele teve de cortar uma frase e foi acusado de censura, mas não era nada disso... ele tinha de botar o jornal na rua! O Aguinaldo tinha – ainda tem – um grande senso de humor. Não sei ao certo, mas a briga era entre um interesse mais popular que explorasse a coisa brasileira, contra um interesse mais sisudo, mais intelectualizado²⁵⁸.

A fala de Peter Fry faz pensar nas divergências existentes entre os membros do periódico com relação à constituição da confissão da sexualidade. Fry traz a imagem de um Aguinaldo Silva quase perseguido por seus colegas de redação. Talvez por estar ligado à academia, talvez pela condição de estrangeiro – entrou em contato com movimentos de sexualidade na Europa e nos Estados Unidos nos anos 1960 –, Fry se deixou influenciar pelo estudo acerca das identidades, o que o levou a ver o assumir-se com outros olhos que apontam na não obrigação desse ato. Peter Fry parece se aproximar da opinião de Aguinaldo Silva. Essas concordâncias e discordâncias com relação ao assumir-se contribuíram na criação do dispositivo de confissão das homossexualidades no Brasil.

²⁵⁸ Idem, *ibidem*, p.286.

O episódio narrado por Fry alude às ranhuras das experiências humanas nos bastidores do *Lampião*. Peter Fry, antropólogo atento às reações sociais, especialmente de grupos estigmatizados, vai, com esse relato, deixando um pouco da sua experiência, retirando-a por meio dos fragmentos de memória e construindo sentidos para ela. Da sua recriação, podemos urdir como o assumir vinha à tona implicando uma divergência de opiniões.

Por essa razão, as entrevistas realizadas por Cláudio Silva conectam-se não somente por terem sido fruto de um encontro numa época importante na vida desses entrevistados e da história das homossexualidades no Brasil; elas se conectam porque estão, nos seus prós e contras, determinando a construção de uma nova sensibilidade homossexual, o assumir a homossexualidade.

No entanto, Fry escreveu pouco para o jornal, não sendo uma presença muito atuante. Edward MacRae destaca: “as coisas ficaram mais fáceis. E o jornal começou a perder leitores. Havia membros do *Lampião* que queriam torná-lo uma revista Gay, de homem pelado... a essa altura o Peter saiu”²⁵⁹.

Um pouco após o fim do *Lampião*, em artigo publicado na *Folha de São Paulo*, Fry diferencia abordagens da homossexualidade ao sugerir a substituição de “Fulano é ou não homossexual?” por “Sicrano transa ou não com mulher?”²⁶⁰. O antropólogo sustenta o caráter excludente das identidades homossexual e heterossexual porque atuariam num controle da sexualidade.

O depoimento de Aguinaldo Silva à Flávia Péret indica algumas tensões no jornal. Na realidade, a entrevistadora parece já ter ouvido algum murmúrio em torno dos conflitos ideológicos dentro do jornal, o que a faz direcionar a pergunta “existia uma cisão ideológica dentro do conselho editorial?” e Aguinaldo disparar:

²⁵⁹ Idem, *ibidem*, p.345.

²⁶⁰ MACRAE, Edward. *A construção da igualdade: Identidade sexual e Política no Brasil da “abertura”*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990, p.57.

Exatamente. Havia um grupo, mais paulista, que achava que o jornal deveria ser panfletário e não se preocupar em ter uma linguagem jornalística. Queriam que ele fosse puramente dedicado ao ativismo. E isso era um problema, porque um jornal só ativista acaba limitado. Nas reuniões de pauta, sempre havia discussões em torno dessa questão. E eram muito cansativas.

Foi por isso, na verdade, que depois de trinta números, um belo dia, cansado de tudo, eu disse: “Não edito mais”. O jornal acabou porque ninguém quis editar. Eu tinha a experiência anterior no *Opinião*. Por causa dos meus artigos e dos de meia dúzia de colaboradores, ele se tornou um jornal muito comentado e muito lido. É algo que ele não teria conseguido se fosse apenas um jornal panfletário, um jornal político. Eu achava que o *Lâmpião* tinha que seguir o mesmo caminho. Ele só funcionaria se fosse além do público gay, se saísse do gueto²⁶¹.

Aguinaldo esclarece, como se vê, o seu lugar profissional; é um jornalista, ou seja, ele entende o papel da mídia em construir realidades, em esboçar contornos ora próximos ora quase sempre distantes do que, *efetivamente*, veio a acontecer. Há aí o motivo claro de conceder a entrevista. Longe de situar capítulos da história do periódico, ele deseja situar o seu nome nessa história. Motivo para isso? “O jornal acabou porque ninguém quis editar”. Leia-se: ele editava.

A fala de Aguinaldo se conecta com outros depoimentos colocados até aqui por tentar esboçar um lugar de si na produção do jornal. O relato foi concedido porque se entende que seria lido. Não por acaso, o título do livro onde consta a entrevista já é, por si só, sugestivo: *Imprensa gay no Brasil*. Ao confirmar a divergência de posições num categórico “exatamente”, o editor-chefe explica o porquê desses conflitos, segundo suas convicções particulares. Ele quer realçar um capítulo que parece ganhar destaque, quando se lembra do *Lâmpião* e o faz se valendo dos *contrários*. Semelhante ao discurso de Trevisan, do qual nos ocupávamos há pouco, há um “eu” de um lado, de outro, e um “eles”, no caso, o pessoal de São Paulo,

²⁶¹ PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil: entre a militância e o consumo*. São Paulo, Publifolha, 2012, p.117.

onde se dizia que Trevisan estava à frente, com uma postura mais próxima da militância e do ativismo.

Observa-se, no relato, o caráter dos embates, combates, prós e contras, acordos, intrigas, com destaque para a menção feita das discussões nas reuniões que entram na constituição do dispositivo de confissão da homossexualidade. Aguinaldo esclarece o seu papel decisivo na elaboração do jornal. Ainda com as intrigas, *Lampião* continuava, mas, quando ele largou a editoração, o jornal terminou. Recordemos que esse fim difere do que colocou Trevisan. Ganha lugar uma outra versão para o término do jornal.

De todo modo, se tangencia o papel basilar ocupado pelo jornalista. Aguinaldo não apenas tinha experiência jornalística, mas contava com ideias, ferramentas, formação oportuna para criar um jornal com matérias e artigos atrativos, versando sobre diversos temas. Desprovido de modéstia, declarou: “Por causa dos meus artigos e dos de meia dúzia de colaboradores, ele se tornou um jornal muito comentado e muito lido. É algo que ele não teria conseguido se fosse apenas um jornal panfletário, um jornal político”. Aqui, é claramente desmerecido o papel decisivo de alguns outros integrantes do periódico que colaboraram efetivamente na produção do jornal. Visitando a produção acadêmica a respeito do *Lampião*²⁶², quase sempre se falará do seu caráter militante, fundador de uma consciência homossexual, algo que não teria sido possível sem as presenças de todos os escritores, com destaque nos nomes de Trevisan.

Indiscutivelmente, Aguinaldo Silva entende que, ao conceder a entrevista a Flávia Péret, estava afirmando noções a serem lidas por um público leigo e especializado. Por isso, deve-se esmiuçar a resposta dada à pergunta de Péret: “Você era criticado por causa desse posicionamento?”. Constate:

²⁶² Fry e MacRae (1985); MacRae (1990); Facchini (2005); Simões Júnior (2006); Silva (1998); Bandeira (2006); Trevisan (2007); Amaral (2011); Ferreira (2010); Souza Neto (2013).

Sim. Acho que até hoje algumas pessoas do Conselho Editorial de São Paulo me consideram um traidor da “classe”. Mas, vejo isso, com muita descontração, porque, realmente acho que o ativismo é muito restritivo. E, além disso, você não pode classificar as pessoas pela preferência sexual. Não existe nada mais diferente de um homossexual do que outro homossexual. Cada ser humano é único, e é conversa fiada essa história de que todos são iguais por serem homossexuais²⁶³.

São os conflitos editoriais ganhando novos espaços. Narra-se uma intriga e alude-se a possíveis conflitos na redação. Seja como for, Aguinaldo nos diz ver com descontração esse desentendimento, apesar de mencioná-lo. Quando essa história é narrada, Aguinaldo logo explica o seu ponto de vista do ativismo. Estaria se defendendo? Talvez, especificando os efeitos do ativismo. Por quê? Ora, o ativismo poderia desvincular o *Lampião* dos objetivos de um jornal que pretendia chegar a um número significativo de leitores, como, por exemplo, falar de diversos temas, trazer notícias variadas, capas chamativas com fotos que o leitor deseja consumir, porque um meio de comunicação é também produto que convida ao consumo.

A fala de Aguinaldo é uma autodefesa de quem deseja entrar na história, ser marcado como um dos fundadores, não de um movimento homossexual no Brasil, mas, talvez, mais importante para ele, de um jornal destinado a esse público. Seria uma “vitória conseguir transformar aquele pequeno jornal gay, que queria se limitar a um público restrito, em uma publicação que hoje em dia é tida como uma das mais importantes da imprensa alternativa na época da ditadura”. A sua defesa existe devido a essa acusação de traidor da classe. Acusação que tem por razão o fato de ter barrado a tentativa de outros jornalistas em divulgar mais matérias ligadas à militância.

Há outras características e menções, no depoimento, que são sugestivas na compreensão da miríade de pelepas em torno do assumir-se. Adentrando mais diretamente no tema, Aguinaldo coloca duas frases convenientes versando sobre o assunto: “E, além disso, você não pode

²⁶³ PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil: entre a militância e o consumo*. São Paulo, Publifolha, 2012, p.118.

classificar as pessoas pela preferência sexual”. Eis a constatação notória da luta travada em torno do assumir-se homossexual. Um pouco mais adiante, respondendo a outra pergunta, a frase ganha uma complementação: “não acredito que as pessoas tenham obrigatoriamente que manifestar publicamente que são isso ou aquilo”.

Essas colocações de Aguinaldo estão atravessadas por questões políticas, julgadas pelo jornalista dignas de constar nas narrativas sobre o passado. Diz ser contra a obrigação de se assumir, coloca-se efetivamente oposto à obrigação de se assumir, porque possui outras crenças, partilha de diferentes discursos ideológicos. Além do mais, Aguinaldo contrapõe-se à existência de uma identidade homossexual. Ele demarca sua posição no presente da entrevista. Fato alusivo, porque o faz seguindo critérios de seleção, olhando para o passado e separando o que fica e o que sai do que lega sobre o *Lampião*. Do presente das entrevistas, é útil atentar para o que é dito, e, mais ainda, do como, do por quê e de que modo é dito.²⁶⁴

Esses foram alguns dos caminhos pelos quais o dispositivo de confissão da homossexualidade pôde se configurar. A preocupação deste capítulo foi analisar como a emergência desse discurso ainda urgente no meio gay e fora dele se relacionou à noção de que é preciso assumir a homossexualidade. Essa prática adveio de acontecimentos, datadas historicamente a partir de 1978.

Entre Aguinaldo e Trevisan oscilam dois mundos. O primeiro parece estar mais preocupado com o livre fluir da sexualidade, sem que estivesse preso a uma campanha que extraísse a *verdade* da sexualidade. Pelo contrário, ele deseja não se contentar com o que querem ensinar sobre uma identidade homossexual que deva ser assumida, sem que seja preciso qualificar e dizer a sexualidade. O segundo, por sua vez, almeja, com suas

²⁶⁴ Daí, por exemplo, alguns estudiosos da história oral advertem para as questões do presente da entrevista no momento da narrativa. Com relação a isso, o historiador Antônio Montenegro destaca que “a seletividade de quem narra, como narra, quando narra e o que narra é indissociável de valores e princípios que constituem e instituem a trama do relato a partir do presente”. Ver: 2 MONTENEGRO, Antônio Torres. História e memória de lutas políticas. In: MONTENEGRO, Antônio Torres, RODEGHERO, Carla S., ARAUJO Maria Paula (Orgs.). *Marcas da memória: história oral da anistia no Brasil*. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2012, p. 30.

opiniões, uma visibilidade da sexualidade certamente associada a uma necessidade do emergente movimento homossexual do qual fez parte.

Essa é uma história das disputas editoriais que envolveram a emergência do discurso de assumir-se homossexual no Brasil e que foi fabricado com o propósito de levar o indivíduo a fazer falar a sua homossexualidade. O que foi dito aqui, sobretudo nas tensões da relação entre Aguinaldo Silva e João Silvério Trevisan, foi baseado em seus depoimentos e em entrevistas, bem como nos seus textos e em entrevistas concedidas por outros colaboradores do *Lampião*. Enfim, a interpretação apoia-se no que as fontes permitem compreender.

Capítulo III

O volume do silêncio: As cartas e as subjetivações diante do assumir-se

Pretendemos estudar nesse capítulo os processos de subjetivação do imperativo de assumir-se, ou seja, as maneiras como os leitores do *Lampião* criavam, recriavam e modificavam sua relação consigo mesmos a partir da leitura do jornal. Elegemos como material de análise as cartas enviadas por leitores ao jornal, presentes na seção Cartas na mesa, procurando entender de que modo eles se sentiam diante da confissão da homossexualidade, conferindo destaque especial às estratégias do por que e como se confessavam para o jornal.

Da leitura da seção Cartas na mesa percebe-se que o assumir é um processo que coloca em evidência a constituição das subjetividades homossexuais, aciona um conjunto de emoções que, no campo historiográfico, é compreendido por sensibilidades. Compete, igualmente, à historiografia: a) tentar entender, como gosta de dizer Alain Corbin (2005), de que modo as pessoas de outrora se sentiam diante de determinadas práticas sociais; b) compreender as sensibilidades de outros tempos, ou seja, a possibilidade de estudar “as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparando como um reduto de representação da realidade através das emoções e dos sentidos”²⁶⁵

A carta escrita por R. C. faz pensar nas edições do *Lampião* como acontecimentos emblemáticos na sua história, uma vez que instauram modificações com outras maneiras, pouco simpáticas, em tratar as

²⁶⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & história cultural*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 57.

homossexualidades, suscitando novas maneiras de refleti-las, conceituá-las e experienciá-las. Um emaranhado de emoções o invadiu ao romper a virgindade da folha em branco, narrando a si mesmo. Escrever é se inscrever. Por isso, R.C. escreveu para sentir ou se sentir. Escreveu para fugir ou residir em outro lugar. Escreveu para viver ou deixar-se morrer no exercício da escritura. Ora, o que este sujeito escreveu?

Meus irmãos, acabo de ler o n°5 dessa maravilhosa publicação que, embora impressa em preto e branco, para nós, gays, é ilustrada em cores maravilhosas e cintilantes, como a vida parece ser. Pelas belezas e verdades que o LAMPIÃO nos mostra, mesmo aqueles que estão privados de visão poderão sentir tudo o que digo. Vibro de satisfação quando vou à banca de jornal para comprar as minhas verdades: para mim é como se fosse um novo dia mesmo que está nascendo. Sinto-me realmente feliz de poder ler algo que se refira à minha condição de vida neste planeta terra tão cagado pelos arcaicos e medieval preconceito que o homem espalhou no mundo. Não me faltam forças para lutar por um ideal de vida comum e consciente de que estamos no caminho certo, pois é uma merda ter de passar o resto da podre vida com esse peso nas costas de não poder se assumir, com medo da sociedade que, com suas ideias, consegue nos atrofiar. Meus casos são como a lua cheia, que só aparece quando se cansa de estar vazia. Não me realizei ainda por temor de ter de assumir minha homossexualidade quando todos pensam que sou heterossexual. Se vocês soubessem o sacrifício que é para mim me fazer notar como gay, tenho certeza que chorariam de tristeza de saber que têm um amigo que vive frustrado. Meus pensamentos são sempre os mesmos: O que será que os outros vão dizer? No meu trabalho não, no curso de jeito algum poderei ser notado²⁶⁶.

R. C. deixou à tona marcas para uma história das sensibilidades – “Ter de se fazer passar por heterossexual”, mencionou. Possivelmente, o que percorre o fragmento acima seja o silêncio, o silêncio dos desejos e afetos homossexuais. Essa frase é a voz de uma cultura homossexual construída sob os moldes de uma sociedade erigida a partir da ideia da heterossexualidade compulsória,⁵ que considera como correto e naturalizado o modelo heterossexual de relação entre os indivíduos. Assim, a

²⁶⁶ R.C. Fortíssimo babado. *Lamião da Esquina*, Rio de Janeiro, novembro de 1978, p. 15.

homossexualidade era condenada. Ainda no século XIX, quando o conceito de homossexualidade foi gestado, a prática já era vista como incorreta, suja, insalubre, fétida, doente, anormal, uma prática desqualificada²⁶⁷. Parte desses significados persistia em um contexto de ditadura civil-militar, e, talvez, por esse conjunto de razões, R. C. ainda não havia se assumido. Esses motivos são suficientes para identificar – entre as experiências dos homossexuais no final dos anos 1970 – uma cultura da solidão.

À medida que a heterossexualidade ganhava destaque como prática correta e socialmente aceita, emergiam processos de subjetivações permeados de dor, de culpa, de ódio de si e dos outros, de (res)sentimentos, de uma vontade incansável de procurar se tornar o oposto de um martírio constante que seria o de desejar alguém do mesmo sexo. É o que se percebe com R. C., esse sujeito autodeclarado homossexual, cuja fala poderia, igualmente, conforme lemos em outras cartas enviadas ao *Lampião*, expressar a visão e os sentimentos de vários outros homossexuais.

A carta em questão remete a um tempo em que os homossexuais precisavam ter cuidados e cautelas, não se fazer notar, não oferecer pistas que culminassem na descoberta das homossexualidades. R. C. vive essa pressão no ambiente de trabalho. Nota-se como o *assumir-se* era construído como arriscado, mas, ainda assim, o rapaz parecia crer na realização pessoal apenas quando fosse possível se assumir, “pois é uma merda ter de passar o resto da podre vida com esse peso nas costas de não poder se assumir”.

Aprendemos com R. C. que parte dos malefícios da vida advinha do ato de não se assumir. Havia uma valorização significativa da ideia de se assumir – é o que se verifica em outras cartas publicadas no *Lampião*. O depoimento indica, ainda, que, após esse ato, seria possível se realizar como homossexual, afinal, “não me realizei ainda por temor de ter de assumir minha homossexualidade quando todos pensam que sou heterossexual”. Há, aqui, a montagem de uma operação estruturante da

²⁶⁷ SPENCER, Collin. *Homossexualidade: uma história*. São Paulo: Record, 1996.

subjetividade homossexual que emergiu no Brasil na passagem dos anos 1970-1980: a crença na ideia de que assumir a homossexualidade traria resultados promissores para a vida e que era preciso aprender a nomear o desejo por pessoas do mesmo sexo.

Escrever cartas é um exercício de ler o que se escreve. “A carta que se envia age, por meio do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como, pela leitura e releitura, ela age sobre aquele que a recebe”²⁶⁸. Foucault advoga que as correspondências constituem não apenas um simples adestramento; elas são manifestação, aproximam quem escreve daquele que o lê. E, aqui, quem lê, além da redação do *Lâmpião*, são, no caso das cartas selecionadas, todos os demais leitores do jornal, em contato com a presença encenada em relatos de diferentes rincões do país.

A escrita de si que R.C. ofereceu ao jornal ganhou forma de confissão, conceito que se dissemina em inúmeras práticas sociais: na escola, na família, no hospital, na prisão.

Quando R. C. escreve na primeira pessoa, falando de um campo estigmatizado, colocando-se, oferece a si próprio como instrumento de leitura, executa uma confissão de si, deixa-se capturar pelo dispositivo de sexualidade, pois coloca em discurso, externaliza uma característica do seu mundo privado, dá ao espaço público o direito de saber sobre a sua sexualidade. Aqui, no campo da história, a carta de R. C. tornou-se um texto útil para esclarecer os usos que os leitores faziam dos conteúdos divulgados no *Lâmpião*. Mas, como R. C. se disse?

Ele se disse gay, homossexual e escreveu essa declaração porque parecia entender que o seu lugar no mundo foi encontrado. Seria ali, nas páginas do *Lâmpião*, nas quais era possível se reinventar constantemente pela linguagem. Apesar de a sua identidade ficar oculta no uso das iniciais, ele existia porque tormentos e fragmentos da vida migraram do privado para o público. No momento em que R. C. colocou trechos de si e conjugou verbos referindo-se a si próprio, realizou um ato narrativo que procurava

²⁶⁸ FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In: MOTTA, M. B. da (Org.). *Ética, Sexualidade, Política*: Michel Foucault. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 144-162.

a existência de si por meio da carta. Era uma tentativa de reconhecer-se homossexual.

Essa tensão é perceptível quando ele afirma: “Se vocês soubessem o sacrifício que é para mim me fazer notar como gay, tenho certeza (de) que chorariam de tristeza de saber que têm um amigo que vive frustrado”. Provavelmente, a preocupação era a de *se fazer notar como heterossexual*, dado o cuidado para que os demais, inclusive no ambiente de trabalho, não o percebessem como homossexual.

A escrita da carta é uma forma de subjetivação²⁶⁹ efetuada por R. C. O sujeito da escritura se coloca no lugar de homossexual, que entra no movimento difundido no *Lampião* de dar publicidade à homossexualidade. A sua carta é, simultaneamente, resistência ao silêncio imposto aos homossexuais, uma tentativa de produzir murmúrios e sussurros no interior desse silêncio, mas, também, uma maneira de se sujeitar ao dispositivo de confissão das homossexualidades promovido pelo jornal.

A carta de R. C. não foi escolhida aleatoriamente para constar no periódico. Ela constituía um elemento importante na arquitetura desse dispositivo que necessitava de casos de confissões para se prolongar e alcançar os objetivos pretendidos pelo jornal: tornar pública a homossexualidade.

Quando se discutia solidão, contudo, havia um grande aporte em referências literárias e filosóficas relacionadas ao campo amoroso. A solidão homossexual estava associada ao que Erving Goffman²⁷⁰ chamou de *estigma*, ou seja, uma ação sofrida por aqueles que fogem dos padrões considerados normais numa sociedade.

²⁶⁹ Neste texto, entendemos subjetividade a partir de Foucault e Deleuze. A subjetividade, na esteira aberta por esses autores, tem a ver com um processo que os sujeitos efetuam sobre si mesmos, modificando suas práticas e atitudes quando do contato com saberes que circulam na sociedade. Esses processos de subjetivação são transitórios, estão constantemente se modificando, atualizando-se e são significativos das atitudes dos sujeitos. Portanto, o uso desse conceito estará atrelado notadamente ao modo como os leitores do *Lampião*, através de suas cartas enviadas à redação, modificavam-se diante dos discursos do assumir-se divulgados no periódico. Ver: DELEUZE, Gilles. *Empirismo e subjetividade*: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. São Paulo: Editora 34, 2012; FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade* (v. III: O cuidado de si). Rio de Janeiro: Graal, 2010; FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

²⁷⁰ GOFFMAN, Erving. *Estigma*: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

Entre os discursos veiculados no *Lâmpião* e o conteúdo das cartas, se constata que o homossexual vivia a vida entre emoções binárias, felicidade ou tristeza, ser ou não ser aceito, calar ou falar sobre o que seria a sua sexualidade, assumir-se ou não se assumir. A solidão advém das agressões verbais e/ou físicas sofridas na escola, ou no ambiente de trabalho, grande temor identificado na narrativa de R. C. Mesmo falando de uma cidade como o Rio de Janeiro, destino preferido dos homossexuais no fim dos anos 1970, além de São Paulo, dada certa liberdade conferida a essas práticas, R. C. parece ter aprendido a conviver com uma fluidez constante de identidades²⁷¹, um fluir necessário à vida desses sujeitos: fazer-se passar por heterossexual.

O fragmento da carta de R. C. mostra que a solidão homossexual na época necessitou da constante (re)construção de identidades performáticas, rapidamente modificáveis, dependendo da situação. Tais identidades eram criadas em meio à imposição de um modelo hegemônico de exercício da sexualidade. Isso porque a heterossexualidade foi legitimada como uma identidade sexual considerada correta e, em oposição, desmerecia as outras por meio de estereótipos e preconceitos. Com isso, a carta parecia esclarecer que os homossexuais passavam a se preocupar com o futuro. Um futuro que se projetava como uma temporalidade de menos preconceito, uma vez rompidos os laços com as tristezas do passado, comumente representadas pelo ambiente familiar, o que poderia ser obtido com a coragem de se assumir.

Cumprir observar que a carta de leitor efetiva um espaço democrático na arquitetura do jornal. Segundo José Marques de Melo, a carta de leitor “obedece a critérios de educação que coadunam com a política editorial da empresa. Como nem todas as cartas recebidas podem ser publicadas há uma triagem, uma seleção”²⁷² Ainda assim, os efeitos dessa escolha se encontram com os demais leitores, podendo causar-lhes alegria, tristeza,

²⁷¹ HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

²⁷² MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3.ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003, p. 175.

surpresa, modificando, enfim, as subjetividades de quem lê. Destaco que vejo o leitor não como um consumidor passivo diante dos produtos culturais, mas como alguém que pode se deixar tocar e se modificar.

A partir da carta de R. C., bem como das demais cartas presentes no *Lampião*, as práticas homossexuais fogem da mera descrição que tenta conceituá-las. Tais práticas constituem-se no ato da escrita, da descrição do que ela possa significar, isto é, as homossexualidades – à medida que falam de si mesmas, que tentam se inscrever em uma dada realidade cultural – contribuem para uma existência sexual que se afirma no e pelo discurso. Esse enunciado, esse dizer de si ou sobre si, é uma atitude performativa, na qual o sujeito é constituído pela linguagem que o molda e o performa, uma encenação do gênero, semelhante à abordagem bluteriana de performatividade²⁷³. No caso de R. C., em questão, conforme ele escreve, opera uma encenação sobre si mesmo, na qual aprende a se tornar homossexual.

Cartas desse tipo, estreitando o laço entre o jornal e os leitores, emergem em um momento em que a produção literária nacional passa a investir em metáforas. Isso porque, com a repressão advinda da ditadura militar, essa produção precisou usar mecanismos que disfarçassem o que se desejava passar.

É por isso que os textos de literatura infantil dos anos 1970 produziram e discutiram questões como o exílio de artistas e intelectuais, o golpe de 1964, a censura, a luta armada, não deixando de lado as modificações nas configurações familiares e sociais. Ao lançar mão de metáforas com intuito de representar a realidade, a literatura passou a fazer uso de gêneros marginais, poesia de mimeógrafo, letras de canções e literatura infantil, recorda a escritora Ana Maria Machado²⁷⁴.

²⁷³ BUTLER, Judith. Atos corporais subversivos. In: BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

²⁷⁴ MACHADO, Ana Maria. Da Resistência à Transição. In: SCHARTZ, Jorge e SOSNOWSKI, Saúl (orgs). *Brasil: o trânsito da memória*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994, p.81.

Naquele cenário houve um marcante aparecimento de contistas e de escritores que oscilavam entre um realismo cru e atuante e outros optavam por uma linguagem de moldes conotativos. Além dos já conhecidos Clarice Lispector, Autran Dourado, Lygia Fagundes Teles, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, Ferreira Gullar e João Cabral, surgem nos anos 1970 outros autores como Rubem Fonseca, Raduan Nassar, Moacyr Scliar e José Louzeiro, autor de *O estranho hábito de viver*, romance que traz reflexão sobre a vida dos homossexuais, bem como das prostitutas nas grandes cidades através de um aparato realista. Simultaneamente, a MPB despontava com canções que falavam de um tempo no qual “debaixo do pano a gente comete o engano sem ninguém saber”²⁷⁵.

Apesar de a literatura não ter sofrido uma censura nos moldes e intensidade da que atingiu a música, em 1977 escritores protestaram contra o governo. No Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro, os participantes conseguiram destituir os dirigentes que apoiavam a Ditadura e retomaram o órgão, dando a ele um novo direcionamento político, notadamente sob a direção de Antônio Houssais, Darcy Penteado, Rubem Fonseca.

Percebe-se nas páginas do *Lâmpião* que o mercado editorial brasileiro passava a investir na tradução de livros homossexuais, tanto livros acadêmicos quanto romances ou poesias. Essa divulgação aparecia numa seção do jornal chamada *biblioteca guei* que existiu em quase toda a circulação do periódico. É dessa época a tradução de *Homossexualidade em perspectiva*²⁷⁶, um estudo clínico realizado nos Estados Unidos, no qual William H. Masters e Virginia E. Johnson abordam a homossexualidade no campo da psicologia, tentando desvincular a prática de olhares estereotipados e preconceituosos. São obras que no seu conjunto colaboram para a modificação do modo como a homossexualidade era concebida socialmente.

Em 1976, foi traduzido por Fernando de Castro Ferro o romance americano *Mãe, sou homossexual*. A ideia do livro era mostrar, conforme o

²⁷⁵ Referência à canção Galeria do Amor de Aginaldo Timóteo: <http://letras.mus.br/agnaldo-timoteo/319955/>. Acesso em 25-09-2014.

²⁷⁶ MASTERS, William H.; JOHNSON, Virginia E. *Homossexualidade em perspectiva*. São Paulo: Artes Médicas, 1979.

título indica, a história de alguém que se assumiu e os dilemas da aceitação. Ora, deve-se lembrar que a tradução dessas obras aparecem porque provavelmente havia um público desejoso de consumi-las e, um pouco mais tarde, o número de vendas das edições do *Lampião* colaborou para constatar que o interesse no tema era crescente. Esse romance tem como protagonista não o filho que se assume, mas a mãe e a relação que tentou construir após a passagem que inicia o romance, uma carta na qual Jeff, seu filho, diz-lhe: “tenho de lhe dizer que sou homossexual. Lutei contra isso durante meses e talvez até mesmo anos, mas é algo cada vez mais verdadeiro”.

Esse livro integra uma coleção da Editora Brasiliense, a Biblioteca do Leitor Moderno, que publicou outros livros sobre a temática da homossexualidade. A orelha da obra informa ao leitor que o tema vem sendo abordado em meios de comunicação com destaque para o cinema. Além do teatro, o mercado de livros e matérias impressos relacionados aos temas da sexualidade cresce assustadoramente nos Estados Unidos. A editora justifica a importância do livro devido ao seu aspecto familiar, porque o protagonista é a mãe. Assim, a questão familiar aparece como estruturante na subjetividade homossexual.

No Brasil não faltaram mães em apoio aos filhos homossexuais. “‘Abaixo ao preconceito!’ (É a mãe de um homossexual quem escreve)”, é um desses casos. Noticiada na capa da edição 9 e transcrita em *cartas na mesa de Lampião*, Dona Maria escreveu:

Tenho lido *Lampião* desde o nº4. Ele me interessa particularmente, pois tenho um filho homossexual, o qual, aliás, é quem traz o jornal para casa todos os meses. Muita gente fica chocada comigo, porque eu, como mãe, encaro com naturalidade essa particularidade do meu filho: ele é homossexual. Eu soube disso há cinco anos, quando ele completou 18 anos e houve um pequeno escândalo na rua onde moramos, pois rapazes de sua idade descobriram que ele frequentava lugares gays e passaram a hostilizá-lo. Não vou dizer que não tenha sido um choque para mim – foi, sim, porque eu fui criada no seio de uma tradicional família pernambucana, que acha coisas como essas condenáveis. O problema é que, neste caso, era meu filho, e aí as coisas mudaram de figura.

Bom, o que eu queria dizer a vocês é que o número de mães que passam por experiências igual à minha, e que procuram aceitar seus filhos como eles são, é bem maior do que se pensa. Mesmo que, perante a sociedade, essas mulheres assumam uma atitude hipócrita, o fato é que, no fundo, elas torcem para que seus filhos homossexuais sejam felizes à sua maneira. Afinal, quando o homossexualismo invade nossas casas – mesmo sem ser convidado –, a gente descobre que ele não é o monstro que se pinta. Eu adorava meu filho, e não deixei de amá-lo quando lhe perguntei se era verdade o que os rapazes da rua gritavam à nossa porta, e ele, no auge do desespero, me respondeu que sim²⁷⁷.

Medo, pânico, tristeza foram alguns dos sentimentos experimentados pelo filho de Maria das Graças. Ali, no forte calor de alguma rua do Recife, um jovem sofria preconceito na porta da sua casa; os vizinhos pareciam tirar-lhe o sossego. Também naquela casa, os dilemas do assumir apareciam revestidos do medo de estar no segredo, de ter o seu desejo homossexual posto em questão, enfim, o temor circulava em torno do momento da confissão.

A atitude de Maria das Graças é aplaudida pelo jornal porque na resposta os editores deixam claro, “seu filho pode dizer a todo mundo que é um homem de sorte”. Percebe-se como a subjetividade do homossexual se construía em torno do receio de ser descoberto, de ter que se confessar como um sujeito homossexual. O aposto colocado pela mãe no trecho anterior destaca uma profusão de emoções, “no auge do desespero”.

Essa experiência se ancora em outros casos da cultura homossexual no século XX. Em texto provocativo, *Dizer ou não dizer*, Didier Eribon²⁷⁸, chama a atenção para o receio dos homossexuais de serem descobertos e de como auto-vigiam atentamente seus atos, de modo a não deixar vestígios. Práticas desse tipo podem levar o indivíduo ao isolamento da vida social, seja nas relações profissionais ou familiares seja nas dificuldades de estabelecer relações com os “normais”.

Eribon dirá que a literatura gay do século XX, preocupada em se expressar ainda que metaforicamente, viveu a tensão entre “a vontade de

²⁷⁷ ABREU, Maria das Graças. Mães contra o preconceito. *Lampião da Esquina*, fevereiro de 1979, p.14.

²⁷⁸ Consultar: ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Companhia de Freud, 2008.

dizer e a obrigação de calar”²⁷⁹. E, continua o autor, o problema, na maioria dos casos, não é ser homossexual, mas dizê-lo. O silêncio adquire corporeidade na dissimulação de si, nas batalhas cotidianas de se fazer passar por qualquer outro que não seja o gay.

Pelo que esse trabalho vem delineando, o assumir passa a ser fundamental nas subjetividades homossexuais a partir de 1978. E Maria das Graças foi sensível a esse imperativo do seu tempo. A pergunta que ela dirigiu ao filho cessou uma indagação no ambiente familiar: dizer-se ou não homossexual? Restaria para o seu filho outras indagações: para quem mais dizer? Quem deveria saber? Quando e como falar?

Geralmente, no caso da família, parecia ser menos difícil tratar desses assuntos com a mãe do que com o pai. A carta foi escrita por uma mãe que em momento algum menciona a figura paterna. Uma pesquisa realizada por Marie-Ange Schiltz aponta as porcentagens de aceitação da homossexualidade e da bissexualidade por pessoas mais próximas. Os números são: 43% pela mãe; 27% pelo pai; 49% pelos irmãos²⁸⁰.

É oportuno colocar ainda que “dizer” a homossexualidade não significa que esta seja aceita. E essa dimensão do segredo, que o *Lampião* ajudou a romper, é exclusivo dos homossexuais porque os heterossexuais são o “normal” e a “maioria”. É essa dimensão que construirá subjetividades ciosas de confessar o que seria a sua sexualidade, porque isso, ato de coragem como já vimos, traria a felicidade, a realização e, passado certo tempo, a aceitação.

Parece ter circulado uma ideia na época de que a família não costuma aceitar a homossexualidade dos filhos, chegando, em alguns casos, a tomar atitudes mais severas. A carta de Maria das Graças convida a ler algo nesse sentido. “Bom, o que eu queria dizer a vocês é que o número de mães que passam por experiências iguais à minha, e que procuram aceitar seus filhos como eles são, é bem maior do que se pensa”, diz a mãe. Há aqui duas informações consideráveis: primeiro, muitas mães passam por essas

²⁷⁹ Idem, *ibidem*, p.68.

²⁸⁰ Idem, *ibidem*.

experiências; segundo, muitas mães passam a aceitar o seu filho. Ocorre que essa aceitação só pode vir após a revelação e a descoberta. A confissão dupla da mãe e do filho na carta anterior, ao destacar que essas experiências vêm se tornando frequentes, possivelmente acabaram por incentivar os seus leitores a realizarem esse movimento.

Depreende-se que o filho compra o jornal e a mãe também faz a leitura. Assim, o jornal não apenas cumpria o papel de informar, ele instruía, porque, através de suas várias matérias, artigos, reportagens, dicas de livros, tentava construir um terreno tanto para tornar pública uma prática sexual que nada tinha de anormal quanto para preparar os demais leitores para lidar com essa realidade. Tal atitude colaborava na desconstrução do preconceito com relação ao tema, abordando-o reflexivamente. Portanto, instruindo e esclarecendo o leitor.

Essas cartas circulavam na seção *Cartas na Mesa* e acompanharam toda a existência do jornal. Durante boa parte da trajetória do *Lampião*, ela ocupou cerca de duas páginas da publicação, número sugestivo, sobretudo porque, no começo, o mensário circulava com 16 páginas. Porém, quando se aproximava do fim do periódico, a partir de dezembro de 1980, edição 31, a seção passou a ter direito a apenas uma página, o que se dava na medida em que crescia o número de propagandas no *Lampião*, possivelmente presente por causa da crise financeira intensificada no periódico no seu último ano de publicação.

O estudo do conteúdo dessa seção foi alvo de reflexões de Márcio Leopoldo Bandeira na dissertação “*Será que ele é? Sobre quando o Lampião colocou as Cartas na Mesa*”²⁸¹. O historiador situa o jornal inserido numa época de enfraquecimento da ditadura militar e surgimento dos movimentos de minorias. Márcio Bandeira chama a atenção para os discursos de assumir-se no jornal, chamado por ele de assunção da homossexualidade. Embora o autor situe parcialmente os discursos dos editores a respeito do

²⁸¹ BANDEIRA, Márcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é? Sobre quando o Lampião colocou as Cartas na Mesa*. Dissertação de mestrado em História defendida da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006. Disponível em: http://www.sapientia.pucsp.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3067. Acessado em 01-12-2014.

assumir, o foco da análise se descortina na reflexão do material de *Cartas na Mesa*.

Segundo o historiador, essa seção “era a costura de coisas ditas que emergiam como efeitos da leitura do jornal, cumprindo a função de criticar, elogiar, sugerir, opinar... Mas era também a publicação de relatos, de pedidos de ajuda e de desabaços”²⁸². Sua função conferia um valor democrático para o jornal ao trazer opiniões de seus leitores, mas também era perpassado por uma relação de poder, porque cabia aos editores escolher quais cartas deveriam aparecer, quais trechos. Além disso, a equipe editorial fornecia um título a cada carta.

De todo modo a intenção de assumir ou não constava na assinatura das cartas. Alguns não assinavam, outros colocavam pseudônimos, outros ainda fizeram uso apenas de iniciais. Para Márcio Leopoldo, tratava-se não somente de se assumir, mas também de estar inserido numa discussão sobre a homossexualidade. O ato da leitura e discussão do jornal se fazia sentir na seção *Cartas na Mesa*. Inclusive “Lampião procurava convencer os leitores de que a prática da leitura não era prova de uma homossexualidade enrustida, mas um sinal de coragem, de modernidade, de liberdade”²⁸³.

Ao contribuir para a construção de um lugar para a homossexualidade na historiografia brasileira, Bandeira recorre a um foco teórico baseado em Foucault. A dissertação focaliza a questão da identidade homossexual e das denúncias de casos de violência sofridos por homossexuais, utilizando como fonte principal as cartas publicadas no jornal.

Por meio de algumas provocações suscitadas pelo texto “*Será que ele é?*” é possível perceber que o assumir também foi necessário à venda do jornal. O homossexual enrustido não tinha coragem de ir à banca comprá-lo ou poderia ter medo de ser pego em casa com um material que denunciava a homossexualidade. Pensando nisso, uma das alternativas

²⁸² Idem, *ibidem*, p. 75.

²⁸³ Idem, *ibidem*, p.86.

colocadas por *Lampião* desde o começo da sua circulação foi o envio do jornal disfarçado para a casa dos leitores. Havia uma diferença no valor do envelope aberto e fechado (veja a imagem 05), e a venda do jornal era imprescindível para que continuasse circulando.

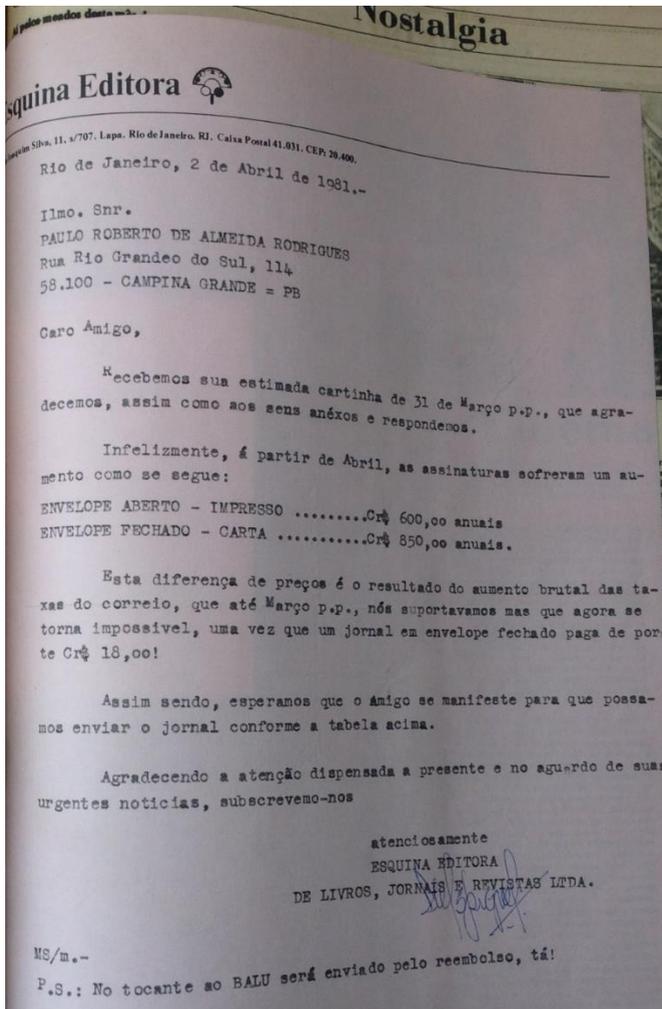


Imagem 05. Acervo pessoal do autor.

A foto é de uma carta enviada pela Editora da Esquina – uma editora fundada dentro da redação do jornal e que chegou a publicar alguns livros,

especialmente de caráter ficcional. Há um agradecimento por alguma carta enviada à redação²⁸⁴.

A carta enviada nunca foi publicada no jornal. Assim, nada se sabe do seu conteúdo. Seria um cumprimento, um apoio, uma curiosidade sobre locais de sociabilidade? Ou poderia se aproximar de um sopro de vida em forma de desabafo como sugere a correspondência a seguir:

Amigo: infelizmente não sei como começar a escrever corretamente uma carta; então, começo diretamente no assunto; o que quero lhes pedir é um grande favor para uma (sic) carinha que está quase perdendo toda a esperança de viver. Estou contando com a sua colaboração, você que estará lendo essas palavras, que, por incrível que pareça, estão saindo lá do fundo do peito de quem se agarra ao último sinal de forças que encontra-se ainda dentro da minha pessoa. (...)

Aqui no interior é muito difícil ser diferente, as pessoas com quem a gente convive vive cobrando atitudes de você. Eu não posso assumir que eu não gosto de mulheres (que eu nunca gostei), que eu prefiro os corpos masculinos. Não podendo assumir, vou vivendo, deixando o tempo passar, para ver no que tudo vai acabar; eu adoraria poder curtir as boates de São Paulo, mas não posso.

Por isso, gostaria que vocês publicassem um convite para que os carinhas me escrevessem, para fins de amizade profunda. Se puderem publicar este convite, puxa, eu vou ficar feliz paca.

Talvez eu não tenha conseguido me expressar corretamente, mas se eu receber pelo menos uma carta, puxa, vai ser incrível. Acho que vou conseguir forças para lutar contra esse preconceito das pessoas contra nós. Para mim, é muito importante neste momento alguém com quem conviver intimamente, e se eu não conseguir arrumar alguém de mim, então, alguém de longe mesmo é quem vai me ajudar²⁸⁵.

O que está em jogo no fragmento acima são cacos de um passado, dos momentos de tristeza e de esperança colocados em ação pelo desejo de E.D. procurar modificar um pouco de si. Essa modificação passa pela necessidade de uma amizade, de estabelecer relações com pessoas do mesmo

²⁸⁴ Provavelmente o jornal recebia várias cartas, mas não temos informações se agradecia a todas. Esse caso da correspondência acima é particular, por se tratar de um assinante.

²⁸⁵ D. E. Na solitária. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, setembro de 1979, p.19.

sexo. O trecho acima é um fragmento de uma história das sensibilidades homossexuais no Brasil do começo dos anos 1980.

Uma história das sensibilidades quer “capturar as razões e os sentimentos que qualificam a realidade, que expressam os sentidos que os homens, em cada momento da história, foram capazes de dar a si próprios e ao mundo”, ensinava Sandra Pesavento²⁸⁶. É chegada a hora de abrir as cortinas para o modo como estas vidas, perdidas no amarelado gasto de um jornal finalizado há algumas décadas, sentiam e lidavam com as emoções de se assumir ou não.

Mas quais sensibilidades são possíveis de serem lidas na carta de E.D.? Durante a escrita desse texto a homossexualidade passava por alterações de significados, conforme se via no *Lâmpião*, em estudos organizados e matérias em revistas, tais como a divulgada na Revista *Istoé* destacada no capítulo 1. O *Lâmpião* tentava combater os discursos de preconceito com relação à homossexualidade, tratando o tema com respeito e esclarecimentos. Sem dúvida, esse movimento se refletiu melhor nos grandes centros urbanos ou nas capitais dos estados, segundo estudo de Durval Muniz e Rodrigo Ceballos²⁸⁷, do que em cidades do interior do país. E.D. mostra que viver os receios do assumir é uma experiência difícil e mais ainda se vivida em cidades do interior.

Os sentimentos que identificamos no depoimento de E.D. são relativos à dupla dificuldade de ser homossexual e de sê-lo no interior. Há na carta a possibilidade de refletir como as homossexualidades se inscrevem e se escrevem quase sempre num local de silêncios e de solidão. Segundo a sociologia de Richard Senet e Foucault, há três tipos de solidão²⁸⁸: a

²⁸⁶ A historiadora Sanda Jatahy Pesavento se preocupou sobremaneira com uma história das sensibilidades. Talvez atendendo ao clamor de Lucien Febvre que lamentava não haver uma história do amor, da alegria dentre outras lacunas. No texto “Sensibilidades: leitura e escrita da alma”, a autora faz uma defesa desse campo de pesquisa na historiografia. Ver: PESAVENTO, Sandra Jatahy e LANGUE, Frédérique (orgs). *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007, p.10.

²⁸⁷ ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de; CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: A construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In.: SCHPUN, Mônica Raisa. *Masculinidades*. São Paulo: Bointempo Editorial, 2004.

²⁸⁸ Ver: SENET, Richard e FOUCAULT, Michel. *Sexualidade e solidão*. Disponível em: http://historiacultural.mpb-net.com.br/pos-modernismo/Sennett-Foucault-Sexualidade_e_Solidao.pdf. Acesso 02-11-2014.

solidão por isolamento e imposta pelo poder, semelhante aos exilados na ditadura militar; a solidão do contestador que desencadeia a ira nos poderosos; diferença que vai além do poder, ela coloca a dubiedade “estar só” e “sentir-se só”. A solidão de E.D. se aproxima da terceira solidão, do sentir-se sozinho mesmo na companhia dos outros, só que os outros são os “normais”, os opostos ao ser isolado, o diferente.

Esta solidão parece ter chegado a um limite máximo. E.D. estava “perdendo toda a esperança de viver” e, então, recorreu ao único meio que, talvez numa tentativa desesperada, o poderia salvar, ainda que momentaneamente. Recorre, portanto, à folha em branco e ao poder das “palavras, que, por incrível que pareça, estão saindo lá do fundo do peito de quem se agarra ao último sinal de forças que encontra-se dentro da minha pessoa”.

A solidão se ameniza com as palavras, mas também com a leitura. Inegavelmente, o *Lampião* se torna um amigo para muitas vidas, como a de E.D. É o meio pelo qual alguém fala de problemas muito próximos do leitor, o medo de não ser aceito, a falta de amizade e a tristeza que resulta desse processo. Embora a leitura tenha se desenvolvido na modernidade como atividade solitária e criadora de um elo silencioso entre leitor e livro, o contato de E.D. com outro mundo, o do texto, vem dizer que há uma certa companhia. Uma companhia com a qual se pode sonhar com amizades com outros homossexuais e, com isso, possivelmente, reunir forças para se assumir e enfrentar a sociedade preconceituosa que cobra de E.D. gostar de pessoas do sexo oposto.

A figura do outro é importante na reflexão desse processo de solidão. Com isso, o grau da solidão pode vir a aumentar. Estreitar relações com o outro, o heterossexual, provavelmente após várias tentativas de se tornar um deles, podia funcionar como uma barreira para a visibilidade. Estar na companhia de um heterossexual poderia configurar para E.D. um turbilhão de emoções que interferisse nos seus sentimentos, inclusive o de não pertencer à parcela sexual “normal” da sociedade. Isso se justifica no desespero trazido na carta. O remetente parece estar sozinho há um tempo

considerável. Possivelmente isso se deu quando optou por se afastar daqueles que lhe faziam mal em não lidarem bem com sua sexualidade.

Para amenizar o seu martírio, E.D. finalmente executa algo que o *Lampião* tanto precisava: assume o que seria sua sexualidade. Coloca-se como homossexual, inscreve-se, partilha sua experiência com tantos outros, os leitores. Leu depoimentos semelhantes ao dele, histórias próximas da sua e chegava a hora de ele se fazer presente para os seus pares. As tramas do dispositivo de confissão da homossexualidade evidenciam que só se torna sujeito do dispositivo aquele que se coloca no plano do discurso. Escrever-se é para esse dispositivo o meio de grafar a existência.

Percorrer as páginas do *Lampião*, especialmente a seção *Cartas na Mesa* é se deparar com experiências da confissão da sexualidade. Sérgio Rodrigues também fez questão de deixar seu depoimento:

Querido LAMPIÃO. Sou leitor assíduo deste gostoso jornal desde o nº1, mas só agora resolvi escrever para vocês. Puxa como é bom saber que existe alguém lutando pelos nossos direitos, pela afirmação do homossexual dentro da nossa sociedade depois de tanto tempo que vivemos na sombra e nos guetos. A hora é essa, agora mais do que nunca precisamos nos unir para que esta luta não seja em vão; eu acho que não deve existir divisões dentro do mundo guei, pois somos todos um pouco marginalizados, seja a bicha louca, o enrustido, o travesti, o sapatão, a entendida, enfim toda essa turma que sente a cada dia que se passa que está chegando o dia da nossa total aceitação na sociedade, independente de nossas preferências sexuais, mas sim como seres humanos que somos, com a nossa grande sensibilidade que cada guei trás dentro de si.

Tenho 25 anos, sou profissional liberal, e me assumi desde os 17 anos. Devo confessar que o início não foi fácil, o preconceito e a repressão são elementos que ainda existem dentro das pessoas mesmo em ambientes como a universidade, sabem, foi uma barra mas não me arrependo, todas as pessoas que me criticavam hoje me aceitam numa boa, pois eu mostrei a elas que um homossexual é uma pessoa como outra qualquer que ama, sofre, tem sentimentos, e não temos nenhum “desvio”, seja psíquico ou orgânico.

O ideal seria que todos os gueis fizessem o que eu fiz, independente da posição social, pois sei que muitos tem medo de perder uma posição ou um emprego, mas eu acho que para sermos aceitos temos que **primeiro nos aceitarmos**,

pois como alguém vai nos dar valor se nós mesmos nos envergonhamos do que somos?²⁸⁹

Vidas imaginadas. É o que parece ser a vida homossexual antes do assumir-se. Vidas constantemente lamentando o tormento de passar o tempo atuando como um estranho consigo mesmo, ou seja, sem desfrutar dos seus desejos. Vidas pensando sempre em um futuro, porque parece haver uma pilha de sonhos a continuar na expressão “quando eu me assumir”. Vidas ansiosas esperando o próximo exemplar do *Lampião*. Vidas dadas a sonhar com os depoimentos de pessoas se assumindo. Vidas lamentando um espaço pouco dado a protagonizar esses afetos. Vidas, finalmente, dispostas a se amargurarem do passado e sonharem com o dia da atitude de coragem para os demais. Vidas a se modificarem constantemente, de uma performance para a outra, visando a se adequar à determinada situação. Assim, o assumir não é a retirada de uma máscara do homossexual revelando uma suposta identidade única e verdadeira, por ser a primeira. Assumir-se, isto sim, é colocar uma outra máscara, é realizar uma outra performance, é aprender o que significa ser um homossexual assumido.

É importante prestar atenção no discurso acima na maneira pela qual o indivíduo vem a assumir a identidade homossexual, posto que Sérgio não se revelou apenas aos dezessete anos, revelou-se no momento em que realizou uma *escrita de si*, aprendendo o que significava e implicava se tornar sujeito pela escritura. Mas, certamente, Sérgio não se revelou todo tempo nem da mesma forma, a cada situação. Ele precisou de uma performance diferente. Desse modo, as identidades não são estáticas, permanentes. Pelo contrário, de acordo com o que pensou a filósofa Judith Butler²⁹⁰, elas são transitórias e se dão por meio da linguagem. Pensando dessa maneira, a figura do homossexual confidente é efeito de uma série de discursos escritos e consumidos por esse público, por meio do *Lampião*

²⁸⁹ RODRIGUES, Sérgio. Cantora fresca. *Lampião da Esquina*, Rio de Janeiro, janeiro de 1980, p.18.

²⁹⁰ Para maiores detalhes, verificar BUTLER, Judith. Op.cit.

da *Esquina*. A carta em questão, de Sérgio Rodrigues, semelhante a que a antecede, de E.D., e de tantas outras em circulação no periódico, são *efeitos*²⁹¹ do dispositivo de confissão da homossexualidade.

A temática do assumir que percorre as cartas não é, portanto, algo da “natureza” do sujeito homossexual. Em vez disso, é uma prática em construção e que se faz pela linguagem. Quando um homossexual se assume, não apenas expressa um aspecto do seu desejo, ele realiza uma performance, uma modificação indentitária, uma performance que naquele momento o insere numa interpelação de que se é alguma coisa e de que é preciso cada vez mais aprender a sê-lo. Podendo, eventualmente, após a escrita da carta, modificar sua performance no momento em que a presença do pai sai do quarto e a sonoridade dos passos pesados corta o silêncio no corredor da casa.

Assim, a identidade homossexual, semelhante a tantas outras, consiste numa frequente teatralização de si próprio, de acordo com determinadas situações. Por isso, muitas cartas alertam para a dificuldade de se assumir na vida cotidiana, para os familiares e amigos, por exemplo, diferentemente da performance do assumir num jornal que recepiona esse público.

Curiosamente, certo debate historiográfico, preocupado em pensar esse tema, parece se aproximar da ideia cara ao movimento homossexual de que o assumir traz uma verdade escondida prestes a se manifestar. Didier Eribon, por exemplo, advoga que as vidas homossexuais “só começam quando um indivíduo reinventa a si mesmo, ao sair de seu silêncio, de sua clandestinidade vergonhosa”²⁹². Trata-se de uma prática que estrutura as subjetividades homossexuais.

Assumir a homossexualidade é um corte na biografia do indivíduo, permite pensar a carta de Sérgio. Corte que lembra as razões colocadas

²⁹¹ Ao usar o termo efeito, estamos recorrendo ao modo como Judith Butler o entende. Segundo Salih, “as análises genealógicas de Butler vão se concentrar no modo como o efeito-sujeito, como ela o chama, se dá, e ela sugere, além disso, que há outros modos pelos quais o sujeito poderia se ‘efetuar’.” (“efetuar”) Ver: SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

²⁹² ERIBON, Didier. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008, p.44.

por João Antônio Mascarenhas no texto *Assumir-se: por quê?*, discutido no capítulo anterior. A carta lembra o modo como textos de jornalistas e colaboradores do *Lampião* se referiam à questão do *assumir-se*.

Essa carta possivelmente teria sido escolhida para publicação desde a sua chegada à redação. Ela corrobora os objetivos do dispositivo de confissão da homossexualidade e mostra como esse dispositivo vem atingindo a vida de vários homossexuais, constituindo subjetividades inéditas ante o binarismo de calar ou falar da homossexualidade. Trazer a carta era atentar para o fato de que mais do que nunca chegava o momento de quem ainda não o fez, executar o ato de assumir-se. Há “alguém lutando pelos nossos direitos, pela afirmação do homossexual dentro da nossa sociedade depois de tanto tempo que vivemos na sombra e nos guetos”. Parece não ter havido antes algum órgão de luta pelos direitos dos homossexuais e essa equipe, o jornal, deseja e luta por uma afirmação que se contrapõe ao gueto, ao silêncio e ao segredo. A valorização do *Lampião* no texto em questão é outro elemento útil para compreender porque a equipe editorial o escolhe para constar na edição.

Esse tempo, da escrita da carta, motivado pelo avanço dos movimentos de minorias e o sucesso da circulação do mensário, traria uma confissão menos complicada do que a realizada por Sérgio nos seus dezesseis anos. Aparece em questão a ideia da experiência, de relatos de vida que passam de uma geração a outra. Trazer depoimentos como o mencionado anteriormente coloca a confissão como *experiência* e há casos onde os mais velhos podem contar os deslocamentos e travessias que culminaram na visibilidade da homossexualidade. Elencar tais experiências também funciona como um vocativo chamando os leitores a entrar nesse movimento, porque, embora haja reações negativas, passada algumas primaveras, há mudanças positivas, afinal, “os que criticavam hoje me aceitam numa boa”.

Rer ler essa carta é visitar de que modo as sensibilidades e emoções dos homossexuais se colocavam naquele momento, sendo boa parte delas atravessada por um desejo quase comum, segundo os discursos do

Lampião, de realizar a confissão do que seria seu desejo. Para os leitores do jornal, só era possível adentrar na história daquelas páginas se assumindo publicamente, ou, pelo menos, desabafando um pouco de si.

Lendo essa carta entramos em contato com a experiência individual do dispositivo de confissão da homossexualidade. Como vimos no capítulo anterior, esse dispositivo seria um conjunto de estratégias que ocorre em diversos segmentos das sociedades, para o nosso caso os que circularam no *Lampião*, e têm um objetivo claro: construir uma sensibilidade em torno da publicidade da homossexualidade. Um tema comum e frequente é a questão do assumir, que vem à tona e é selecionado porque constituía uma visão do jornal. Nas cartas, está presente confissões no sentido de uma escrita de si característica, conforme destaca a historiadora Teresa Malatian, do uso da primeira pessoa por meio da qual o remetente oferece uma posição reflexiva da sua vida particular e do mundo. Assim, são cartas, todas abordadas até aqui, sobre a vida privada do indivíduo, suas emoções e afetos e dadas a um público predominantemente homossexual, os leitores.

Receber o *Lampião* da Esquina era mesmo uma emoção inusitada. Em texto recentemente publicado, o professor Jorge Caê Rodrigues confidencia:

Apesar do passar do tempo, ainda é forte na minha memória a lembrança do dia no qual recebi o envelope pardo contendo o número zero do jornal *Lampião* da Esquina. Foi uma mistura de medo, ansiedade e curiosidade. Eu conhecia algumas pessoas envolvidas no lançamento do jornal, daí meu nome ter ido parar na mala direta dos produtores que estavam escolhendo as pessoas que iriam receber o número experimental. Lembro-me que corri para o quarto, tentando disfarçar a ansiedade e ocultar o medo de ser pego com um jornal gay. O que seria um jornal gay? Que tipo de matérias eu encontraria? Homens nus?

O jornal foi lido ao longo de semanas. Não podia lê-lo depois do almoço ou no fim da tarde: o ato de lê-lo era algo secreto e quase sagrado. Depois comprei o número 1, o número 2 e assim por diante. Mas durante todo esse tempo o jornal era lido escondido. Não havia fotos de sexo, nem de homens nus, mas eu pensava: “O que diriam meus pais se encontrassem o jornal? Será que o

fato de ter um jornal gay na minha casa indicaria a minha orientação sexual ou seria visto como mais um jornal dos muitos que eu comprava?²⁹³.

Muitos anos se passaram e Rodrigues se tornou conhecido por estudar impressos destinados a homossexuais no Brasil. O que fica do seu depoimento é a novidade do jornal em si e todos os seus conteúdos, o medo e o risco de fazer a leitura, assinar o periódico equivalia a arriscar-se. E era com esse risco que várias vidas homossexuais rumavam para bancas do país em busca de ler um pouco sobre os seus desejos.

Enquanto essas cartas eram escritas, no país, com destaque para a cidade de São Paulo, integrantes das “minorias” tomavam a voz com o objetivo de refletir sobre questões afeitas às práticas sexuais e ao preconceito. Os debates ocorriam em reuniões, associações e geravam reportagens e notícias. *Lampião* não cansava de trazer informações nesse sentido.

Em 1979, era lançado o livro *Sexo e Poder*, organizado por Guido Mantega. O conjunto de textos segue um debate acerca da sexualidade sob o olhar de Hebert Marcuse, notadamente pelo sucesso da obra *Eros e Civilização* na década anterior. Na apresentação do livro, Mantega comenta que a obra aparece graças ao enfraquecimento da censura sexual. Era o que se via, sobretudo, na televisão onde “já se fala em aborto, necessidades sexuais, educação sexual na escola e outros assuntos ‘apimentados’”, o que para o autor traz uma certeza: “‘a moral’, ‘os bons costumes’, e principalmente os ‘mau’ continuam sendo uma questão de Estado, uma ameaça à segurança nacional e um risco à ordem e manutenção da família”²⁹⁴.

Em meio a esse clima foi organizado em São Paulo um debate preocupado em discutir os movimentos minoritários característicos da segunda metade dos anos 1970. O debate contou com a participação dos lampiônicos, maneira como os jornalistas do *Lampião* eram identificados, Jean-Claude Bernadet e João Silvério Trevisan, além de Inês Castilho,

²⁹³ RODRIGUES, Jorge Caê. Um Lampião iluminando esquinas escuras da Ditadura. In.: GREEN, James N. QUINALHA, Renan (orgs). *Ditadura e homossexualidades: Repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCAR, 2014.

²⁹⁴ MANTEGA, Guido (org). *Sexo e poder*. São Paulo: Círculo do livro, 1979, p.5.

jornalista do *Nós, mulheres*; Edélcio Mastaça, ator e diretor teatral; Raquel Moreno, militante feminista; e Cesar Augusto de Carvalho, professor de teoria política.

O debate começou com uma reflexão acerca do significado dos movimentos minoritários e dos programas de ação social. Bernadet, inclusive, pontua o equívoco do termo minorias, referindo-se a negros, homossexuais e mulheres; com relação ao “homossexualismo” não se trata de uma questão somente dos homossexuais, mas da sociedade em seu conjunto, ou seja, era uma questão social e cultural. Segundo o crítico de cinema, “o próprio fato de se usar a palavra ‘minorias’, baseada num critério quantitativo e não num critério de processo social, já é uma maneira de isolar grupos estigmatizados da sociedade global”²⁹⁵.

As questões do operariado e da luta de classes, que já levava como destaque o nome de Luiz Inácio Lula da Silva na região do ABC paulista, passava a ceder lugar a outras questões, notadamente ao debate sobre sexualidade e direitos civis, levantadas pelas “minorias”. Inclusive a atuação homossexual no cenário nacional parece ter sido uma das últimas dentre esses grupos. Ora, antes do *Lampião*, havia grupos e associações tanto das feministas quanto dos negros.

O debate que aproximou o movimento de mulheres com os homossexuais se deu na luta pela liberdade sexual. Viver as práticas sexuais sem estigmas era uma característica estruturante numa sociedade democrática, como pontuava Inês Castilho. No debate feminista, discutir a heterossexualidade se tornou ferramenta importante de luta, porque passou a questionar os estereótipos do homem agressivo com sua mulher passiva e inferior na hierarquia social.

O tema exclusivo da homossexualidade foi debatido numa mesa-redonda organizada por Flávio Aguiar com membros do grupo Somos, em março de 1979, na cidade de São Paulo. Os debatedores se apresentaram

²⁹⁵ Idem, *ibidem*, p.122.

apenas com o primeiro nome, de modo a não comprometer seus empregos nem suas vidas pessoais.

Começava um debate em defesa da homossexualidade, levando em conta os malefícios do padrão heterossexual na sociedade. Emanuel, membro do grupo Somos, assim se expressou: “um homossexual é fruto de uma relação heterossexual; então, o único padrão de sexualidade a que ele vai ter acesso é o padrão heterossexual”²⁹⁶.

Outros questionamentos emergiram. Nessa discussão colocava-se como o homossexual era pensado nos estereótipos sociais. Tratava-se de questionamentos de características da homossexualidade no Brasil de 1979 que colaboraram na aceitação e publicação da homossexualidade como “algo que existe dentro de mim e que de algum modo tem que aflorar e entrar em atividade”, destacava Emanuel, que ainda afirmava: “na medida em que sou reprimido e não posso me expor, no momento em que há condições para eu me manifestar publicamente, evidentemente vou considerar isso uma conquista”. Esse conjunto de opiniões está carregado da experiência de se assumir, da tensão entre fazê-lo ou não.

Nas configurações sociais da passagem dos anos 1970-80, assumir era também vencer o sentimento de culpa por estar no espaço “diferente” e “anormal”, característico da homossexualidade. Mencionávamos anteriormente uma tentativa de organização de um grupo para discutir homossexualidade feita por Trevisan em 1976, que não havia dado certo porque boa parte dos poucos integrantes se sentiam culpados por “ser” homossexuais.

Não por acaso, o sentimento de culpa diante da homossexualidade era um dos sentimentos vividos por homossexuais daquela época. Na mesa-redonda anteriormente mencionada, a fala de Jorge reporta a esse sentimento: “acho que o homossexual só vai atingir uma forma total de prazer na medida em que ele eliminar seu sentimento de culpa pelo fato de ser homossexual”²⁹⁷.

²⁹⁶ Idem, *ibidem*, p.135

²⁹⁷ Idem, *ibidem*, p.142

Não só as falas da mesa mencionam o sentimento de culpa em virtude da homossexualidade. Cartas que circularam no *Lampião* produziam relatos a respeito do tema. Tais narrativas foram trazidas ao periódico como fragmentos de histórias de vida, podendo ser pensadas como escritas de si. Aliás, o jornal, por seu turno, constituía uma escrita de si permeada de outras falas de si. As cartas, por vezes curtas biografias, funcionavam como “o próprio corpo daquele que, transcrevendo suas leituras, delas se apropriou e fez sua a verdade delas: a escrita transforma a coisa vista ou ouvida em forças e sangue”²⁹⁸.

Escrever os problemas de se aceitar como homossexual era, sobretudo mostrar para um outro, o destinatário, particular ou coletivo, um sentimento: angústia. Mas a intenção de colocar a narração dessa angústia era situar uma preocupação de uma maioria. A edição de dezembro de 1979 traz duas cartas sobre o assunto:

Essas qualidades me afetam muito, porque durante quase toda minha vida fui uma pessoa muito insegura, como se o fato de ser homossexual fosse a pior desgraça do mundo. Eu me dividia muito e vivia muito angustiada, até que resolvi procurar uma psicoterapia que tem me ajudado muito. Após tantos anos de sofrimento, já consigo curtir mais a vida, já consegui fazer amigos homossexuais. Já não soffro tanto e tenho uma imensa vontade de escrever e criar coisas²⁹⁹.

Mais:

Querido amigo Lampião: escrevo esta porque estou me sentindo muito só. Não importa se choveu e se agora está fazendo sol, se o que sinto é tempestade. Estou com vontade de escrever, talvez assim eu me sinta melhor. Desde que conheci esse jornal tem sido uma ansiedade esperar por esse número. De ver o carinho e a seriedade com que vocês tratam todos os problemas, de ler as cartas, de saber que não sou só eu. Vivo praticamente em casa, com meu violão, discos, livros e a televisão. Se não fosse a faculdade não sei se suportaria

²⁹⁸ FOUCAULT, Michel (2004) *apud* KLINGER, Diane Irene. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007, p.28.

²⁹⁹ ANDRADE, R. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, dezembro de 1979, p.18.

essa solidão. Às vezes chego a sentir que solidão é meu feminino singular e vai ser sempre assim. Fico pensando como é que posso ser e estar só numa cidade como essa (...).

É um sufoco, sabe? Tenho vontade de largar tudo e sumir mas sei que não vale a pena, não tenho condições financeiras para assumir meus atos e ser dona do meu nariz. Enquanto isso estou armazenando forças, tomando conhecimento através de vocês, que são uns amores. Meus queridos não deixem que nenhuma força cale as nossas vozes através desse jornal. Sabe, já estou me sentindo melhor e por isso morrendo de vergonha por contar o que sinto, mas só desse jeito é que eu poderia desabafar meu enrustimento, essa timidez e essa vergonha de tudo³⁰⁰.

Possivelmente a escrita dessas cartas tenha se dado em uma solidão semelhante ao modo como a sociedade dos anos 1970 também percebia os homossexuais, como seres solitários. Nessa descrição da solidão do homossexual percebemos os receptores das razões do assumir-se colocados por *Lampião*. Assim, temos depoimentos que permitem conexões com a confissão da sexualidade, porque se aproximam dos conjuntos de práticas discursivas, construídas na cultura ocidental para extrair dos sujeitos a verdade sobre o seu sexo.

O tempo que se encerra nessa edição, a década de 1970, deveria trazer maneiras de vencer a tristeza, é o que se vê nas cartas. O escrever sobre si para o jornal vem preencher uma lacuna, a falta de um receptor. O constante monólogo travado por homossexuais nessas cartas, caracterizado pela situação de estigma diante da sociedade, podia se tornar um diálogo aberto ao grande público. Cartas como essas, refletindo sentimentos e emoções, ao serem colocadas no *Lampião* pareciam deixar uma mensagem aos leitores: vocês não estão sozinhos.

Tanto na carta de Penny quanto na de R. Andrade percebe-se a necessidade da amizade, função que foi preenchida com o *Lampião*. O jornal funcionou como um outro disposto a escutar, a conferir destaque a uma voz visível nas cartas, um outro que ouve e torna possível a fala, o desabafo.

³⁰⁰ PENNY. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, dezembro de 1979, p.19.

A amizade entre o leitor e o jornal, estabelecida através das cartas, possibilitava compreender sentimentos dos homossexuais brasileiros no fim da ditadura militar e o modo como esses sujeitos foram afetados por um presente opressor, no qual restava sonhar ou projetar linhas de fuga, criando outros espaços, outras possibilidades de resistir a condições de preconceito e exclusão presentes no dia a dia. Talvez restasse ainda a esperança num futuro melhor.

É por isso que a gratidão ao *Lampião* se dá pelas condições adversas de vulnerabilidade social e preconceito vivida por homossexuais naquele período. Esses leitores se deixam afetar por um conjunto de enunciados úteis à criação de um lugar para eles no mundo, lugar este que parecia estar destinado àqueles que assumissem a homossexualidade. Não foi à toa a seleção por parte do jornal de cartas escritas, tratando desse tema ou o abordando de maneira sutil.

É o que parece ocorrer na linguagem das cartas, ao remeter para uma característica estruturante na arquitetura do assumir-se: o homossexual seria triste e solitário. Ao falar de si, daria voz a tantos outros que pela leitura se sentiriam motivados a também se constituir como homossexuais pela escrita. Afinal, já mencionamos que escrever para o jornal é se identificar com as práticas discursivas do mensário.

Desse modo, o jornal colaborava na constituição de subjetividades e era igualmente o canal que as ofereciam para a leitura. Entretanto, essas cartas representavam a fixação de uma identidade, a de homossexual. Esse desejo retirado do “interior do indivíduo” era deslocado do particular para o público, obedecendo à estratégia de um dispositivo que necessitava de emoções e subjetividades na sua constituição. As narrativas dessas cartas possuíam uma função genuína porque procuravam demarcar as modificações de um processo de negação para a aceitação e publicização da homossexualidade.

Ambas as cartas anteriormente apresentadas compartilham elementos que definem aspectos de sentimentos homossexuais, enquanto a política do país vivia os efeitos da anistia. Os dois fragmentos estão na

primeira pessoa porque se trata de uma carta particular; é apenas “um” quem escreve, ambas se destinam a um coletivo que, devido à seleção do jornal, se identifica com o conteúdo das páginas. Ao assinar seus nomes, os autores ultrapassam a fronteira cultural do silêncio e do gueto e se colocam como homossexuais. Confluem, assim, duas perspectivas com relação à homossexualidade: a tentativa de dar voz a um sentimento e a divulgação dos receios de tornar pública a identidade sexual.

Os anseios das escritas de si nas cartas de Andrade e Peny refletem, além de um registro do eu, a constituição do próprio sujeito. O ato de escrever a respeito desses sentimentos relaciona-se numa performatividade da identidade, uma modificação de si efetuada com a escrita do texto.

A mídia, ao eleger cartas com essas temáticas, acaba por funcionar como um canal de desabafos, espaço para narrar lembranças muitas vezes tristes. Nos fragmentos dessas cartas, são frequentes espaços de recordação, a fim de romper com a tristeza de outrora e buscar, através das promessas do assumir, a felicidade de lidar com a homossexualidade.

Se o *Lampião* representou a voz das crenças dos homossexuais, suas cartas trouxeram escritas que lutavam contra o poder, contra o silêncio, visando ao acesso à palavra e, paralelamente, à configuração de outra relação de poder: a de impor a seus leitores que visibilizassem a sua homossexualidade. É o que se confirma na seleção de cartas que trazem esses sentimentos de insegurança e tristeza relacionados aos desejos dos seus autores, dentre eles o de não se assumir.

A seleção dessas cartas pelo *Lampião* estava a serviço de um dispositivo de escrita que legitimasse as negatividades de não se assumir, de ver na homossexualidade uma prática anormal. Quando *Lampião* escolhia cartas da aceitação de si como homossexual, ele conferia outra ramificação ao dispositivo de confissão: superar os problemas relacionado à sexualidade para daí se assumir.

Inegavelmente um elo é criado: recordação e identidade. O jornal incrementa o quadro do dispositivo de confissão da homossexualidade, ao difundir um conjunto de discursos sobre quem é o *guei*, quem é o

homossexual. Ao tentar criar uma identidade, eles buscam introjetá-la nos seus leitores. A construção dessa identidade - o estudo das fontes desta pesquisa permite esclarecer - exige a superação de uma visão negativa que os homossexuais tinham de si mesmos para, finalmente, ser possível adotar a identidade de homossexual. A recordação do passado nas correspondências, quando o autor fala das práticas sexuais de maneira angustiada, ao mesmo tempo traz a operacionalização de uma dobra³⁰¹ sobre si significada na aceitação da homossexualidade e aberta aos ganhos e conquistas do assumir-se.

Acreditamos que boa parte da edição de dezembro de 1979 esteve preocupada com esses discursos de solidão e superação do que consideravam ser a repressão sexual. O *Lampião* seria um amigo à distância, o retrato de que havia um outro mundo, a representação, portanto, de que era possível sonhar com lugares heterotópicos, a experiência de se colocar sujeito de uma escritura, por exemplo. O jornal se valia, em cada edição, desde a capa, da aceitação da sexualidade, desse espaço de solidão perante os demais. Vejamos uma fotografia que constou na capa da edição em questão.

³⁰¹ De acordo com Gilles Deleuze a dobra está relacionada com o que Foucault descobriu nos gregos antigos no que se refere a uma arte de viver (subjetivação). A dobra é a capacidade de subjetivação, ou seja, “curvando sobre si a força, colocando a força numa relação consigo mesma, os gregos inventam a subjetivação. Não é mais o domínio das regras codificadas do saber (relação entre as formas), nem o das regras coercitivas do poder (relação da força com outras forças). São regras de modo algum facultativas (relação a si): o melhor será aquele que exercer um poder sobre si mesmo. Os gregos inventam o modo de existência estético. É isso a subjetivação: dar uma curvatura à linha, fazer com que ela se retorne sobre si mesma, ou que a força afete a si mesma. Teremos então os meios de viver o que de outra maneira seria invivível. O que Foucault diz é que só podemos evitar a morte e a loucura se fizermos da existência um ‘modo’, uma ‘arte’”. Para mais informações, consulte: DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2010, p.145;



Imagem 06: Lâmpião da Esquina. Foto da capa, edição 19, dezembro de 1979.

A fotografia acima é digna de atenção porque afirma um laço familiar, é o irmão de um homossexual quem segura a faixa. A fotografia foi produzida na Parada Gay do México ainda em 1979. Talvez por se tratar de uma realidade exterior, a imagem delineia bem os rostos dos rapazes e, sobretudo, ambos não se definem como homossexuais. Mesmo que um deles seja, não é possível saber qual. As imagens de homossexuais brasileiros trazidas no periódico raramente permitia uma representação clara de quem seja, observa Jorge Caê Rodrigues:

Apesar de o jornal propor um “assumir-se”, naquele momento ainda era muito difícil (e ainda hoje o é, aliás) as pessoas se deixarem fotografar, pois a exposição individual podia trazer problemas de ordem pessoal ao fotografado. Desta forma, em todas as reportagens sobre os encontros gays, as fotos são pequenas, as pessoas estão de costas, ou reproduzidas em alto contraste. Os meios-tons são apagados, criando uma imagem de contrastes em que não se reconhecem rostos. É claro que existiam aqueles que não tinham problemas em aparecer, mas a maioria ainda estava “no armário”. O uso da máquina

fotográfica nos eventos era sempre um ponto importante de discussão nos debates das organizações³⁰².

Pedro de Souza estudou a confissão da homossexualidade através das cartas enviadas ao Somos³⁰³. O linguista destaca dois espaços dos quais o interlocutor pode estruturar a confissão: um, a autoridade à qual se destina; dois, a confissão entendida como uma maneira de falar de si, objetivando uma afirmação coletiva.

De acordo com o estudo de Souza, o ritual de publicação da sexualidade ocorre numa confissão pública. Há um coletivo de homossexuais que propicia “a afirmação de uma certa subjetividade”. Mas esses homossexuais estavam inseridos numa política do silêncio, à medida que solicitavam uma confidência do ato que os identificava como homossexuais: a escrita das cartas.

Não por acaso solicitavam o ocultamento do nome Somos em caso de responderem às cartas enviadas. Na condição de remetentes, esses homossexuais se nomeavam com pseudônimos ou ocultavam o nome no domicílio do remetente. Em carta de 1981, citado por Souza, vê-se: “quando vocês responderem esta carta usem a sigla SOMOS-GAH, porque se a palavra Homossexual aparecer por extenso o pessoal do correio passará a me encarar de uma maneira especial”. Na realidade, seu trabalho deixa claro, na escrita dessa carta que “o remetente aceita a proposta de assumir, mas sob a condição do sigilo”³⁰⁴.

Há, acreditamos, semelhanças entre a escrita de cartas enviadas aos Somos e ao *Lâmpião*. Elas falavam de si, dos traumas, das dores, das alegrias, dos sentimentos, porque, provavelmente, não havia no cotidiano um espaço para essa prática. A escrita das cartas afirma uma subjetividade construída em torno da confissão e mostra a dificuldade de falar de si, a não ser em certos casos, por meio da escrita.

³⁰² RODRIGUES, Jorge Caê. *Impressões de identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil*. Niterói: Ed.UFF, 2010, p.89.

³⁰³ SOUZA, Pedro de. *Confidências das carnes: o público e o privado na enunciação da sexualidade*. Campinas, Editora da UNICAMP, 1997.

³⁰⁴ Idem, *ibidem*, p.47.

No conjunto das *Cartas na mesa* houve relatos de pessoas que não compravam o jornal por medo de serem reconhecidas como homossexuais ou, simplesmente, por terem receio de se assumir. Foi o caso de Carlos N., de Curitiba:

Lampião, cordiais saudações. Escrevo-lhe para expressar minha satisfação em ter descoberto a existência desse jornal. Não o conhecia, fiquei muito feliz pelas reportagens do nº13 – junho de 1979. Agora, o que eu não sei é se o jornal é exclusivamente para os viados e para as lésbicas. Fiquei feliz, porque sou guei. Só não posso assinar o jornal porque ainda não assumi. Isso, porque correria o risco de ser descoberto pelas pessoas daqui de casa, que são muito preconceituosas e cheias de tabus. E ainda por cima, pertenço a uma congregação religiosa, daí a minha situação crítica. Sou muito tímido, por isso não tenho muitos amigos. Os poucos que tenho não sabem que sou viado. E se souberem, a amizade morre, pois Curitiba é uma cidade provinciana. Estou lhe escrevendo para lhe pedir ajuda. Se fosse possível me mandar por carta os endereços de algumas pessoas que são homossexuais ativas ou passivas para que eu possa ter com quem me abrir. Eu disse que não assino o jornal por precaução, mas agora passarei a comprá-lo sempre nas bancas. É menos arriscado. Se souber do endereço por carta de algumas pessoas daqui de Curitiba e me enviar, muito grato ficarei³⁰⁵.

A expressão “sou guei”, parece um grito ecoando em uma época em que os homossexuais eram tolhidos pela falta de direitos, de leis que assecurassem prerrogativas ao seu favor; um grito de um momento na história do Brasil, marcado por um profundo preconceito contra esses indivíduos, embora tal situação estivesse passando por modificações, conforme se percebe nos discursos de instrução veiculados no jornal.

Os editores do *Lampião* sabiam bem perceber o seu tempo, pois investiram, o quanto puderam, numa série de discursos a esclarecer os preconceitos contra homossexuais, mas também contra as mulheres e os negros. Esses dois últimos grupos sociais tiveram importância significativa e estratégica em toda a vida do mensário, ocuparam capas, grandes

³⁰⁵ N. Carlos. *Lampião da Esquina*. Rio de Janeiro, agosto de 1979, p.18.

reportagens na tentativa de inserir a questão homossexual no conjunto dos debates sobre as minorias.

“Sou guei” na carta anterior não é a negação da heterossexualidade, mas o desejo de se incluir, de fazer parte, de somar-se a um conjunto de modificações que vinha ocorrendo no período. O debate em torno da anistia, a volta de exilados políticos, o abrandamento da censura desenhavam um cenário a ser ocupado por novas questões, inclusive aquelas que, em certo lugar do passado, foram construídas como indignas de importância e atenção social.

Carlos, ao identificar-se, deseja ser aceito. Porém, ele não compra o jornal com frequência. Assinar o jornal, na escrita de Carlos, é uma atitude de assumir, ter uma correspondência mensal chegando em casa poderia despertar atenção, olhares de curiosidade, bisbilhotices do quarto do rapaz quando este se encontrasse ausente. Há aí um medo característico das vidas homossexuais: os receios de a família descobrir. Receios percebidos pelo mensário e trabalhados na tentativa de encorajar os homossexuais a entrarem em ação por meio de se auto-afirmarem homossexuais. Assinar e assumir são dois verbos que se casam no tornar pública a homossexualidade. Eles caminham juntos. Ainda que o *Lampião* seja trazido em envelope lacrado e disfarçado, o uso de disfarces até chegar a mãos ansiosas em adquiri-lo, sua simples leitura se configura como ato de assumir a si mesmo, para si e para a equipe do jornal, que, como destacou Bandeira (2006), julgava interessante essa campanha também devido ao número de vendas do jornal.

Ah, Carlos, quanto sofrimento atravessa a carta. Poucos amigos, que se afastariam ao descobrir... Imaginamos a necessidade constante de se fazer passar por heterossexual, a fim de que nenhuma dúvida aparecesse. A homossexualidade precisava residir num espaço sólido, firme. Do contrário, as conseqüências podiam ser desagradáveis. Tanta solidão que Carlos esperava que fosse amenizada por meio de correspondências trocadas entre seus semelhantes. Por isso, fez esse pedido ao jornal. Não se solicitava apenas um endereço, procurava um amigo, ainda que distante,

alguém que se fizesse presente por meio da escritura, quando os olhos percorressem frases de ajuda, de colaboração, de atenção, ou simplesmente de escuta. Mas quer também libertar e colocar em prática seus desejos, inventar novos usos para os corpos.

Parte desses leitores possivelmente queriam contatos com outros parceiros, numa mesma cidade ou numa localidade próxima, para relações sexuais. A presença no *Lampião* da coluna Bixórdia permite essa análise, pois tratava-se de uma coluna na qual os leitores escreviam se descrevendo fisicamente, deixando seus atributos e o que lhes agradava, como destacamos no primeiro capítulo.

Esse turbilhão de emoções só ocorre porque, por meio da seção *Cartas na Mesa*, o *Lampião* conseguiu dar voz e expressar o que leitores de diversos locais do país consideravam importante. Essa seção no jornal foi canal de emoções e sentimentos mas, igualmente, da possibilidade de colocar em discussão a homossexualidade através das várias biografias de vida que vinham em pedaços nessas correspondências. Pouco a pouco, percebe-se que as cartas são o espaço por excelência da recepção das ideias do assumir veiculadas pelo jornal.

É com muita ansiedade e tensão que lhes escrevo. Sou alguém levado pela curiosidade e necessidade de me conhecer como ser humano, que, em junho/80 me tornei um assinante do *Lampião*. Tenho a lhes dizer que só ganhei alegrias, desde quando os descobri, e daí passei a me liberar e ainda estou em transição de mudança. Tudo que vocês possam imaginar em matéria de ignorância e desrespeito ao ser humano homossexual por aqui existe. Foi preciso eu pensar muito antes de assinar *Lampião* e tenho andado amedrontado pois minha cabeça mudou muito em relação a sociedade e o perigo por aqui é ser marginalizado. A gente é pobre, vive com a família reprimido de todos os lados; não foi à toa que já fiquei dois meses internado em um sanatório de doentes mentais aqui. Foi terrível, já faz um ano e meio, mas as marcas deixadas e enraizadas dentro de mim estão muito vivas.

Olha gente, nem sei se deveria escrever coisas assim, mostrando uma inocência e ingenuidade que talvez possa até me prejudicar, porém, confio nesse jornal e espero estar sendo correto e julgá-los positivamente. Queria sugerir ao jornal que publicasse matérias nos informando e esclarecendo sobre o

trabalhador homossexual. Partindo de mim, tenho a dizer que o principal obstáculo que me impede de tornar-me declarado e assumido perante a sociedade é a questão do mercado de trabalho. Eu sobrevivo dependente do trabalho, não sou mão de obra qualificada e meu emprego atual posso dizer ser meu cativo. Dependente dele para o arroz com feijão de todo dia, fico sujeito a aceitar as regras machistas e moralistas que praticamente podam toda expressão liberatória que ora nasce dentro de mim.

Lendo Lâmpião, meu interior se libertou, mas ficou preso ao mundo que me cerca, condenado a gaiola repressora da sociedade. Sou como um pássaro que nasceu cativo; de repente lhe dão a liberdade e ele, sem conhecer o mundo e as leis de sobrevivência da natureza, estaria condenado à morte.

Sou uma pessoa medrosa, porém admiro os corajosos como os redatores do Lâmpião, como os homossexuais que tem a liberdade de se amarem e não se incomodam com a marginalização que lhes cai as costas, porque são fortes e sábios, conquistaram sua independência financeira e por isso não devem satisfação a ninguém. Infelizmente eu devo satisfação ao meu local de trabalho, as pessoas que convivem diariamente comigo, que, se soubessem da minha realidade me atirariam ao lixo. (...).

(...). Admiro este jornal, leio escondido de todos que me cercam, e às vezes me sinto um idiota por ser diferente de todos que me cercam. Há oito meses atrás eu vivia me violentando para ser igual a eles, mas agora, por esse tempo todo que li esse jornal criei coragem de me olhar como sou e me aceitar diferente do resto, e a criar esperança de num futuro próximo sair à luz do mundo como muitos homossexuais já fizeram. Fica aqui minha admiração pelo trabalho de vocês. Irei sempre que puder divulgar esse jornal porque vocês falam pela minha garganta muda, e que está louca para gritar mas não pode³⁰⁶.

Em primeiro lugar, há o encontro com mais um caso do assumir-se e da impossibilidade de fazê-lo. O assumir no caso de L.P. se estabelece com o corpo. Acima, tem-se a escrita de uma experiência de dores protagonizadas por um corpo homossexual no começo dos anos 1980.

Embora a recordação de momentos difíceis da vida de L.P venha com doses de tristeza, é justamente daí que advém a razão da escolha da sua carta. A partir de mais essa carta, vemos como uma sociedade se estrutura por meio dos discursos que a atravessam. Mas uma escrita de si é

³⁰⁶ P. L. Amparo-SP. *Lâmpião da esquina*. Rio de Janeiro, março de 1981, p.2.

igualmente permitida devido ao contato com um mundo de textos que irão ressignificar ideias e noções acerca da homossexualidade.

A produção do jornal preenche um local jamais pensado por nenhum periódico gay precedente. Eles, os editores, parecem tocar em um assunto estruturante da subjetividade homossexual, romper com o estigma da sociedade. A história de L.P. é uma narrativa de modificação da vida, é um indício de alguém que modifica a si mesmo pelo exercício da escritura.

É com a escrita que L.P. pode expressar a alegria de viver influenciado por seu contato com o jornal. O conjunto de textos do *Lampião*, ao falar e abordar criticamente uma realidade pouco conhecida, colaborou na modificação dos modos de atuação homossexual. L.P. é um leitor que viveu um movimento de transformar a si mesmo³⁰⁷, ele se modifica desde junho de 1980, ultrapassa a si próprio para criar um outro L.P., “meu interior me libertou”.

Mesmo “preso ao mundo que me cerca, condenado a gaiola represora da sociedade”, ele pode criar linhas de fuga, permitir inventar a si mesmo, recriando os conceitos de si para descrever a noção de homossexualidade. Ele se elabora, efetua rupturas consigo mesmo ante o *Lampião*.

Esse recriar ocorre quando “passei a me libertar e ainda estou em transição de mudança”. Embora L.P. integre a rede do dispositivo de confissão da homossexualidade, ele rompeu com o desejo de ser igual aos heterossexuais.

Entende-se na leitura da carta as razões desse esforço, ele foi internado para ser curado, tornou-se o estranho da família e, como se não bastasse, foi fisgado como *vida nua* nas técnicas da biopolítica de regular e corrigir os desviados sexualmente. O espaço de tanto sofrimento é o interior do estado de São Paulo, cidade de Amparo. No mesmo estado, lá na capital, grupos voltados à mobilização dos homossexuais, organizavam congressos e mesas-redondas, espaço onde parte do *Lampião* ganhava existência.

³⁰⁷ Sobre os processos de subjetivação ver: DELEUZE, Gilles. *Empirismo e subjetividade*: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume. São Paulo: Editora 34, 2012.

Com L.P. confirmamos que as condições para a prática da homossexualidade deveriam ser menos fáceis em regiões interioranas. Por isso, aqui, *acolá*, cartas pediam informações sobre pontos de sociabilidade gay nas capitais.

A pedra angular a modificar a trajetória da sua existência é barrada pela questão profissional, “o principal obstáculo que me impede de tornar-me declarado e assumido perante a sociedade é a questão do mercado de trabalho”. Nesse ambiente, “fico sujeito a aceitar as regras machistas e moralistas que praticamente podam toda a expressão libertária que ora nasce dentro de mim”.

O que essas cartas permitem ler é a modificação de si, a reformulação de uma subjetividade homossexual no fim dos anos 1970 que passava a tomar como categoria fundamental o assumir a homossexualidade.

Por fim, as cartas escolhidas para constar no *Lampião* passavam por uma seleção estratégica que somava os objetivos e pressupostos do assumir-se homossexual, um dos principais objetivos do jornal. Divulgá-las era uma maneira de comprovar as ideias do periódico que circulava pelo país e, como bem vimos, modificando e modelando os sujeitos leitores que foram reconstruindo processos de subjetivações em torno do imperativo do assumir-se. Portanto, a seleção dessas cartas, em detrimento de várias outras recebidas na redação, confirma que a ideia do dispositivo de assumir a sexualidade emergia com força no fim dos anos 1970, na história do Brasil, a partir do jornal *Lampião da Esquina*.

Considerações finais

Nesta dissertação nos preocupamos em estudar a emergência histórica do dispositivo de confissão da homossexualidade no Brasil. Acreditamos que ele preenche uma lacuna na historiografia de modo geral e notadamente na historiografia ocupada em pensar a ditadura civil-militar. Afinal, procura atentar para as artes de fazer e para os dispositivos relacionados aos homossexuais, num período difícil da história do país. Esclarecendo, o que propomos foi um estudo da formação de um saber, o de se expressar como homossexual.

A leitura que fazemos da emergência do imperativo de se assumir homossexual baseia-se em uma história cultural que privilegia o entendimento do mundo por meio dos discursos e da relação entre eles. Trata-se de um trabalho preocupado com a força das palavras, suas relações, ramuras e condições de emergência. Assim, a história cultural da qual nos ocupamos se relaciona ao modo como Michel Foucault procurou pensar o campo historiográfico, desnaturalizando práticas do presente, por meio de uma abordagem arqueogenealógica, ou seja, atenta às relações entre enunciados e as relações de poder que os engendram.

O destaque para o *lugar de fala*, conforme alerta Michel de Certeau, desse trabalho tem sua importância especialmente por situar que o que realizamos constitui uma leitura dentre várias outras possíveis. Uma leitura ancorada em determinados aportes teóricos e metodológicos, movida por determinadas questões. Evidentemente, outros historiadores possivelmente recorram ao *Lampião* e munidos de outros olhares e reflexões poderão efetuar novas leituras.

Certamente, poderá haver discordâncias da leitura que efetuamos aqui, pelo fato de parte significativa dos participantes do *Lampião* estarem vivos e terem um respaldo social. Assim, nas entrevistas, como vimos,

lutam para passar uma determinada visão do passado, ainda que seus textos de outrora apontem em outra direção.

Não se quis aqui desqualificar em momento algum quaisquer jornalistas do *Lampião*, especialmente em torno da questão do assumir-se, temática que é nuclear a este trabalho. Queremos, isto sim, compreender, criar redes de sentido e conexões que permitam um entendimento sobre o passado. Mas o trabalho da história é violador, despedaçador, abalador. Uma análise historiográfica pressupõe que nada permanece como antes, passa a ter outros sentidos, transforma-se em alguma outra coisa, uma narrativa que oportunamente ganhará o lugar do passado, para usar uma expressão da professora e historiadora Regina Beatriz Guimarães Neto³⁰⁸.

Portanto, apesar do estranhamento operado sobre a questão do assumir-se, registramos que compreendemos a sua importância histórica, sobretudo como estratégia de elaboração de um discurso identificador, visando, sem dúvida, à constituição do movimento homossexual brasileiro. E foi em torno desse objetivo que o *Lampião* figurou e continua a figurar como fonte obrigatória para aqueles preocupados em compreender as questões do movimento e da luta homossexual no Brasil.

Ao “dar voz” aos homossexuais, permitindo-lhes falar por conta própria, o periódico inventou um corpo homossexual, conforme defendemos no primeiro capítulo. Ao romper com muito do que se sabia sobre a homossexualidade no país, *Lampião* deu o direito aos homossexuais de significar suas práticas, tornarem-se donos dos seus corpos, lutarem por eles e modelarem novas formas de subjetividades, especialmente devido ao discurso militante de contestação e luta contra o preconceito.

No segundo capítulo, por sua vez, tratamos de discutir a emergência do dispositivo de confissão da homossexualidade em textos que circularam no jornal, desmistificando seus significados aparentes, atentando para a sua função específica e a importância de constarem na edição. Também

³⁰⁸Durante o curso de mestrado em História na UFPE, cursamos três disciplinas com a professora Regina Guimarães, nas quais podemos prestigiar suas reflexões teóricas em diversos assuntos, com destaque para a narrativa historiográfica.

tratamos de compreender as disputas geradas pelo assumir-se na redação do mensário, com destaque para os conflitos entre Aguinaldo Silva e João Silvério Trevisan.

Já no terceiro capítulo estivemos atentos às cartas endereçadas ao *Lampião da Esquina*. Pretendemos mostrar como a seleção criteriosa dessas cartas, bem como o modo como os leitores nelas se expressavam, vazando seus sentimentos por parte dos leitores do jornal, comprovam a ideia de que o dispositivo de confissão da homossexualidade abrangia e ia modificando as subjetividades dos leitores.

Não foi nosso objetivo, em momento algum repudiar a campanha em torno do assumir-se promovida pelo jornal nem no modo como hoje ela ainda é concebida. Estivemos preocupados em mostrar que o assumir não é só uma palavra, mas funcionou e funciona como categoria estruturante e um dispositivo que moveu e move as subjetividades de muitos homossexuais em todo o país, principalmente por se sentirem pressionados a afirmar sua sexualidade. O assumir-se é um acontecimento histórico, sua emergência é datada num espaço e tempo. É, portanto, uma construção que atende a determinados objetivos. Ressaltamos ainda a importância do assumir-se para a constituição do movimento homossexual brasileiro.

Que este texto possa mostrar o papel decisivo do dispositivo de assumir no Brasil e evidenciar que a confissão da homossexualidade tem uma história, ou seja, surge em determinado momento, é uma construção que foi bem moldada e ainda hoje perdura na nossa sociedade. Nesse sentido, resta clara a importância decisiva do *Lampião da Esquina* como fonte que possibilita inventariar outras formas de ver o mundo, o passado e o presente.

Referências

- ABDALA, Guilherme de Andrade Campos. *O estado de exceção em Giorgio Agamben: contribuição ao estudo da relação direito e poder*. São Paulo: USP, 2010. (Dissertação de mestrado em Direito).
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- _____. *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua I*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002.
- _____. *Estado de exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Grito, logo Existo!: corpo, violência e Estado de exceção. In.: COELHO, Clair Catilhos, LAGO, Mara Coelho de Souza, LISBOA, Teresa Kleba, TORNQUIST, Carmen Susana (orgs). *Leituras de resistência: corpo, violência e poder*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2009.
- _____. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- _____. Discursos e Pronunciamentos: a dimensão retórica da historiografia. In.: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (orgs). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012.
- _____. ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. O Tecelão dos Tempos: o historiador como artesão das temporalidades. In: Lígia Bellini, Antônio Luigi Negro e Everton Sales Souza. (Org.). *Tecendo Histórias: Espaço, política e identidade*. Salvador: EDUFBA, 2009, v. 1, p. 13-26
- _____.; CEBALLOS, Rodrigo. Trilhas urbanas, armadilhas humanas: A construção de territórios de prazer e de vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro dos anos 1970 e 1980. In.: SCHPUN, Mônica Raissa. *Masculinidades*. São Paulo: Boitempo Editorial; Santa Cruz do Sul, Edunisc 2004.

- ALVES, Carolina e REZENDE, Renata. *Análise do conteúdo dos editoriais do jornal Lâmpião da Esquina*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-2643-1.pdf>. Consultado em 23/02/2014.
- ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil (1964-1984)*. Petrópolis: Editora Vozes, 1989.
- AMARAL, Muriel Emídio Pessoa do. *Comunicação alternativa, Ideologia e Pós-Modernidade: a perspectiva do Jornal Lâmpião*. Disponível em: <http://celacom.fclar.unesp.br/pdfs/73.pdf>. Consultado em 22/02/2014. Consultado em 24 de abril de 2014.
- ARAÚJO, Inês Lacerda. *Foucault e a crítica do sujeito*. Curitiba: Editora da UFPR, 2001.
- ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. Lutas democráticas contra a ditadura. In.: FERREIRA, Jorge e REIS, Daniel Aarão. *Revolução e democracia (1964...)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- ARFUCH, Leonor. Cronotopías de la intimidad. In.: ARFUCH, Leonor. *Pensar este tempo: espacios, afectos, pertenencias*. Buenos Aires: Paidós, 2005.
- AYMARD, Maurice. Amizade e Convivialidade, In ARIÈS, Philippe & CHARTIER, Roger (orgs.). *História da Vida Privada 3. Da Renascença ao Século das Luzes*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.
- BANDEIRA, Márcio Leopoldo Gomes. *Será que ele é?: Sobre quando Lâmpião da Esquina colocou as cartas na mesa*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da PUC-São Paulo, 2006.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. *Obras Escolhidas volume 1: Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 2010.
- BERUTTI, Eliane Borges. Queer studies: algumas ideias e uma análise. In.: *Gays, lésbicas, transgenders: o caminho do arco-íris na cultura norte-americana*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2010.

BERNARDO, Tanis. *Circuitos da Solidão: entre a clínica e a cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo: FAPESP, 2003.

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BRAIDOTTI, Rosi. Diferença, Diversidade e Subjetividade Nômade. Tradução Roberta

Barbosa. *Labrys*, estudos feministas, n. 1-2, julho/dezembro 2002. Disponível em: www.unb.br/ih/his/gefem/labrys. Acesso em fevereiro 2003.

BREMER, Jan e ROODENBURG, Herman (orgs). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.

BURROUGHES, William S. COLLISSON, Laurence e BAKER, Roger. In.: LEYLAND, Wiston. *Sexualidade & Criação Literária*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

CAPRIO, Frank S. *Aberrações do comportamento sexual: estudo psicodinâmico dos desvios de várias expressões do comportamento sexual*. São Paulo: IBRASA (Instituição Brasileira de Difusão Cultural), 1968.

CASTRO, Edgardo. *Introdução a Giorgio Agamben: uma arqueologia da potência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

CERTEAU, Michel de. "A operação historiográfica". In: *A escrita da história*. Rio de Janeiro, Editora Forense Universitária, 2010.

_____. *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Petrópolis, RJ, 2010.

CHARTIER, Roger. El pasado en el presente. Literatura, memoria e historia. In: *Historia, Antropología y fuentes orales. Revista semestral del seminario de historia oral del Departamento de Historia Contemporánea de la Universidad de Barcelona, Arxiu Històric de la Ciutat de Barcelona y Universidad de Granada Barcelona*. Asociación

Historia y Fuente Oral/Arxiu Històric de la Ciutat de Barcelona y Editorial Universidad de Granada, n.º. 37, Año 2007.

_____. Conversar com Chartier (Barcelona, 5 de junio de 2007). Historia, Antropología y fuentes orales. *Revista semestral del seminario de historia oral del Departamento de Historia Contemporânea de la Universidad de Barcelona, Arxiu Històric de la Ciutat de Barcelona y Universidad de Granada Barcelona*. Asociación Historia y Fuente Oral/Arxiu Històric de la Ciutat de Barcelona y Editorial Universidad de Granada, n.º. 38, Año 2007, p. 53 a 79.

COHN, Sergio e PIMENTA, Heyk (orgs). *Maio de 68*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2008.

CORBIN, Alain. O prazer do historiador. *Revista Brasileira de História*. V.25; n.º 49,p. 11-31. São Paulo, 2005.

DAMATTA, Gasparino (org). *Antologia da Lapa*. Rio de Janeiro: Desiderata, 2007.

DELEUZE, Gilles. *A dobra: Leibniz e o barroco*. Campinas, SP: Papirus, 2012.

_____. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, 2010.

_____. *Um novo cartógrafo*. In.: Foucault. São Paulo: Civilização Brasileira, 1998.

_____. *Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. ; GUATARRI, Felix. *Mil platôs, Capitalismo e Esquizofrenia (volume 3)*. São Paulo: Editora 34, 2012.

DEL PRIORE, Mary. A história do Corpo e a Nova História: Uma autópsia. *Revista de História (USP)*, 1994, p.48-55. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26974>. Acessado em 01/01/2004.

DONZELOT, Jacques. *A Polícia das Famílias*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DOURADO, Luiz Ângelo. *Homossexualismo e Delinquência*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

DOSSE, François. *Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador: entre Esfinge e Fênix*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

_____. *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

DOYLE, Iracy. *Contribuições ao Estudo da Homossexualidade Feminina*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

EIZIRIK, Marisa. Ética e Cuidado de Si: Movimentos de Subjetividade. *Revista Educação, Subjetividade e Poder*. Núcleo de Estudos sobre Subjetividade, Poder e Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, n. 4, v. 4, março/dezembro 1997.

ELLIS, Havelock. *Inversão Sexual*. São Paulo: Companhia Nacional, 1933.

ERIBON, Didier. *Michel Foucault e seus contemporâneos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

_____. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

FACCHINI, Regina. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERREIRA, Carlos. *Imprensa homossexual: surge o Lampião da Esquina*. Revista Alteor; volume 01, pp.1-13.

FICO, Carlos. Represión durante la ditadura militar brasileña (1964-1985): violência y pretensión pedagógica. *Revista de Estudios Latinoamericanos*. Volume 1, p. 17-41, 2009.

_____. *Reinventando o otimismo: Ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997.

FIGUEIREDO, Lucas. *Ministério do silêncio: a história do serviço secreto brasileiro de Washington Luís a Lula 1927-2005*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

FOUCAULT, Michel. Nietzsche, a genealogia e a história. In.: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal.

_____. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

- _____. *História da Sexualidade. Volume 1: A vontade de saber*. São Paulo: Graal, 2009.
- _____. *Vigiar e punir*. São Paulo: Editora Vozes, 2011.
- _____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- _____. Sexo, poder e a política da identidade. *Verve: Revista Semestral do Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária*. Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP, (2004).
- FRY, Peter e MACRAE, Edward. *O que é homossexualidade?* São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 1985.
- GOFFMAN, Evering. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988.
- GOMES, Angela de Castro. Abertura política e controle sindical: trabalho e trabalhadores no Arquivo Ernesto Geisel. In: CASTRO, Celso e D'ARAÚJO, Maria Celeina (orgs). *Dossiê Geisel*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.
- GREEN, James e TRINDADE, Ronaldo. *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.
- _____. *Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- GUATTARI, Félix. Trois milliards de pervers. *Recherches*, nº:12, p.2-3, 1973.
- GUIMARÃES, Carmem Dora. *O homossexual visto por entendidos*. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2004.
- GUIMARÃES NETO, Regina B. . Historiografia, diversidade e história oral: questões metodológicas. In: Robson Laverdi; Méri Frotscher; Geni Rosa Duarte; Marcos F. Freire Montysuma; Antônio Torres Montenegro.. (Org.). *História Oral, desigualdades e diferenças*. Florianópolis, SC; Recife, PE: EdUFSC; Ed.Universitária UFPE, 2012.
- _____. Historiografia & narrativa: do arquivo ao texto. *Clio: Série História do Nordeste (UFPE)*, v. 28, p. 140-156, 2010.

HALPERIN, David. *San Foucault: Para uma hagiografia gay*. Buenos Aires: El cuenco de plata, 2007.

HAMBURGER, Esther Imperio. A expansão do “feminino” no espaço público brasileiro: novelas de televisão nas décadas de 1970 e 80. *Revista Estudos Feministas*. Volume 15, nº:1, 2007. pp.153-175.

_____. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: SCHWARCZ, Lília Moritz (org). *História da vida privada no Brasil volume 4: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

HAUSER, Richard. *The homosexual society*. London: Tinling & Company, 1962.

HECKMAN, Gert. Uma história da sexologia: aspectos sociais e históricos da sexualidade. In.: BREMMER, Jan. *De safo a sade: momentos da história da sexualidade*. Campinas: Papyrus, 2005

HOCQUENGUEM, Guy. *A contestação homossexual*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1980.

HUNT, Lynn (org.). *A invenção da pornografia: Obscenidade e as origens da modernidade 1500-1800*. São Paulo. Hedra: 2000.

ISAY, Richard A. *Tornar-se gay: o caminho da auto aceitação*. São Paulo: Edições GLS, 1998.

JOYEUX, Maurice HERNANDEZ, Hélène LENOIR, Hugues DUTEUIL, Jean-Pierre. *Maio de 1968, os anarquistas e a revolta da juventude*. São Paulo: Imaginário, 2008.

KLINGER, Diana. *Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

KURLANSKY, Mark. *1968, o ano que abalou o mundo*. Rio de Janeiro: José Olympo, 2005.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. In.: LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

LAURETIS, Teresa de. *Théorie queer et cultures populares: De Foucault à Cronenberg*. Paris: La Dispute, 2007.

- LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LEMOS, Renato. Anistia e crise política no Brasil pós-1964. *Revista Topoi*, n°: 5, p.287-313, 2002. Disponível em: http://www.lemp.ifcs.ufrj.br/imagens/textos/Anistia_e_crise_politica_no_Brasil_pos-64.pdf. Consultado em 05/01/2014.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2005.
- MACHADO, Ana Maria. Da Resistência à Transição. In.:SCHARTZ, Jorge e SOSNOWSKI, Saúl (orgs). *Brasil: o trânsito da memória*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- MACRAE, Edward. *A construção da igualdade*: Identidade sexual e Política no Brasil da “abertura”. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- _____. A homossexualidade. In.: COSTA, Ronaldo Pamplona e GAIARSA, José Angelo. *Macho, masculino, homem*. São Paulo: LP&M, 1986.
- MAIOR JÚNIOR, Paulo R. Souto e AGRA DO Ó, Alarcon. *Por que o passado existiu?* História, ressentimento, homofobia. Disponível em: <http://www.itaporanga.net/genero/3/06/22.pdf>.
- MAIOR JÚNIOR, Paulo Roberto Souto e ALMEIDA, Kyara Maria. “Onde a gente que é gente se entende”: rastros da homosociabilidade masculina no Rio de Janeiro (1960-1970). *Anais do Seminário Nacional de Fontes e Pesquisa Histórica* realizado na Universidade Federal de Campina Grande em 2010. Disponível em: http://www.ufcg.edu.br/~historia/iisnfdph/index.php?option=com_content&view=article&id=89:anais&catid=34:publicacoes&Itemid=38. Consultado em 10/01/2014.
- MAIOR JÚNIOR, Paulo R. Souto; MAIA, Jaiana dos Santos; NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes. *A vida secreta das palavras*: colaborações de Michel Foucault para a historiografia. *Revista de História da Universidade Estadual de Goiás*. Volume 2, n°:3.
- MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In.: PINSKY, Carla Bassanezi e LUCA, Tania Regina de (orgs). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2012

MARCUSE, Herbert. *Eros e a civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud*. São Paulo: Jorge Zahar Editor, 1975.

MARMOR, Judo (orgs). *A inversão sexual: as múltiplas raízes da homossexualidade*. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1973.

MASTERS, Willian H.; JOHNSON, Virginia E. *Homossexualidade em Perspectiva*. Artes Médias, 1979.

MISKOLCI, Richard. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. In: *Revista de Estudos Feministas*. Volume 14, nº:3, 2006, pp. 681-693.

_____. *O desejo da nação: masculinidade e branquitude no Brasil de fins do XIX*. São Paulo: Annablume, 2012.

_____. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

MONTENEGRO, Antônio Torres. *História, metodologia, memória*. São Paulo: Contexto, 2010.

NAIR, Tom e QUATTROCCHI, Angelo. *O começo do fim*: França, maio de 1968. São Paulo: Editora Record, 1998.

NAPHY, William. *Born to be gay: história da homossexualidade*. Liboa: Edições 70, 2004.

NAPOLITANO, Marcos. MPB: a trilha sonora da abertura política. *Revista Estudos Avançados*, USP. Volume 69, p.389-404, 2010.

_____. *Cultura Brasileira: utopia e massificação (1950-1980)*. São Paulo: Contexto, 2006.

NUNAN, Adriana. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

ORTEGA, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

PASSOS, Izabel C. Ficher (org). Situando a analítica do poder em Michel Foucault. In.: *Poder, normalização e violência: Incurções foucaultianas para a atualidade*. Belo Horizonte: Autentica, 2008.

PEDRO, Joana Maria. Mulheres. In.: PINSKY, Jaime (org). *O Brasil no contexto: 1987-2007*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. Relações de gênero como categoria transversal na historiografia contemporânea. *Topoi - Revista de História*, v. 12, p. 270-283, 2011.

_____. WOLFF, Cristina Scheibe . As dores e as delícias de lembrar a ditadura no Brasil: uma questão de gênero. *História*. Unisinos, v. 15, p. 398-405, 2011.

PÉRET, Flávia. *Imprensa gay no Brasil: entre a militância e o consumo*. São Paulo, Publi-folha, 2012.

PERLONGHER, Nestor. *O negócio do Michê: A prostituição em São Paulo*: Fundação Perseu Abramo, 2008.

PORTER, Roy. História do corpo. In.: BURKE, Peter. *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

POWER, Samantha. *O homem que queria salvar o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In.: PESAVENTO, Sandra Jatahy e LANGUE, Frédérique. *Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2013.

REVEL, Jacques e PETER, Jean-Pierre. O corpo: o homem doente e sua história. In: LE GOFF, Jacques NORA, Pierre (orgs). *História: novos objetos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1974.

REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. Cidade e modernidade: Registros Históricos do Amor e da Solidão no Recife dos anos 1930. In.: MONTENGRO, Antônio Torres et al (org).

História, cultura e sentimento: outras histórias do Brasil. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. Da UFMT, 2008.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

ROSA, Susel Oliveira da. *Mulheres, ditaduras e memórias*: “não imagine que precise ser triste para ser militante”. São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2013, p.241.

RODRIGUES, Jorge caê. *Impressões de identidade: um olhar sobre a imprensa gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 2010.

_____. RODRIGUES, Jorge Caê. Um Lampião iluminando esquinas escuras da Ditadura. In.: GREEN, James N. QUINALHA, Renan (orgs). *Ditadura e homossexualidades: Repressão, resistência e a busca da verdade*. São Carlos: EdUFSCAR, 2014.

SAID, Edward. *Representações do intelectual*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SANTANA, Denise Bernuzzi de. É possível realizar uma história do corpo? In.: SOARES, Carmem Lúcia(org). *Corpo e história*. Campinas: Autores Associados, 2004.

SIMÕES, Júlio Assis. Antes das letrinhas: homossexualidade, identidades sexuais e política. In.: COELHO, Clair Catilhos, LAGO, Mara Coelho de Souza, LISBOA, Teresa Kleba, TORNQUIST, Carmen Susana (orgs). *Leituras de resistência: corpo, violência e poder*. Florianópolis. Ed. Das Mulheres, 2009.

SARTI, Cynthia Andersen. *O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória, violência e poder*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2009.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do armário. In: MISKOLCI, Richard e SIMÕES, Júlio (org). *Cadernos Pagu*: “Quereres”, V.28, p. 19-36, 2007.

SHULTZ, Leonardo e GARCIA, Gabriel Mesquita. *O Lampião da Esquina: discussão de gênero e sexualidade no Brasil no final da década de 1970*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-1189-1.html>. Consultado em 23/02/2014.

- SILVA, Antônio de Pádua Dias da. Especulações sobre uma história da literatura brasileira de temática gay. In.: SILVA, Antônio de Pádua Dias da. *Aspectos da Literatura Gay*. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB – autor associado, 2008.
- SILVA, Claudio Roberto. *Reinventando o sonho*: história oral de vida política e homossexualidade no Brasil Contemporâneo. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da USP, 1999.
- SIMÕES JÚNIOR, Almerindo Cardoso. *E havia um lampião na esquina*: memórias, identidades e discursos homossexuais. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social da UNIRIO, 2006.
- SOARES, Carmem Lúcia (org). *Corpo e História*. Campinas, SP: Editora Autores Associados, 2004.
- _____ (org). Prefácio à segunda edição. *Políticas do corpo*: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- SOUZA NETO, Miguel Rodrigues de. Movimento gay e imprensa homossexual no Brasil contemporâneo: o Lampião da Esquina (1978-1981). *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História da ANPUH*, 2013. Disponível em: http://snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364954035_ARQUIVO_MovimentogayeimprensanoBrasil_contemporaneo-MiguelRodriguesdeSousaNeto.pdf. Consultado em 23/02/2014.
- SOUZA, Pedro de. *Confidencias da carne*: o Público e o Privado na Enunciação da Sexualidade. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.
- SOTAG, Susan. *Sobre Fotografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.
- SPENCER, Colin. *Homossexualidade*: uma história. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SWAIN, Tania Navarro. Desfazendo o “natural”: a heterossexualidade compulsória e o continuum lesbiano. In.: Revista Bagoas, n.º.:5, pp.45-56.
- TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: CORBIN, Alain, COURTINE, Jean-Jacques, VIGARELLO, Georges(orgs). *História da virilidade 3*: A virilidade em crise séculos XX-XXI. Petrópolis: Vozes, 2013.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. São Paulo: Editora Record, 2007.

VEIGA-NETO, Alfredo. *Foucault e a educação*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2008.

VEYNE, Paul. Só há o apriori histórico. In.: *Foucault: seu pensamento, sua pessoa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

WHITE, Hayden. Historiography and Historiophoty. *The American Historical Review* Vol. 93, No. 5 (Dec., 1988), pp. 1193-1199.

WINSKY, Norman. *A revolta dos homossexuais*. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editôra, 1969.

WITTIG, Monique. El pensamiento heterosexual. In: JIMÉNEZ, Rafael M. Mérida. *Manifestos gays, lesbianos y queer: testimonios de una lucha (1969-2004)*. Barcelona: Icaria Editorial, 2009.

WOLFF, Cristina Scheibe. Jogos de gênero na luta da esquerda armada no Brasil: 1968-1974. In.: WOLFF, Cristina Scheibe FÁVERI, Marlene de RAMOS, Tânia Regina de Oliveira (orgs). *Leituras em rede: gênero e preconceito*. Florianópolis: Editora das Mulheres, 2007.

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



www.editorafi.org
contato@editorafi.org